Machine Translated by Google

A Plenitude de Deus

Frithjof Schuon sobre o Cristianismo

Prefácio de Antoine Faivre.

Selecionado e editado por James S. Cutsinger.

Machine Translated by Google

Sobre este livro

“O maior elogio que posso fazer aos escritos de Frithjof Schuon é que eles são dignos do seu tema — os ensinamentos das grandes tradições espirituais. Quer as opiniões de alguém sejam apoiadas ou desafiadas por esses escritos, qualquer pessoa séria se sentirá grata por ser confrontada por um intelecto tão generosamente perspicaz e por testemunhar o surgimento de um pensamento contemplativo autêntico nesta época de trevas.”

—Jacob Needleman, Universidade Estadual de São Francisco, autor de *Cristianismo Perdido*

“O professor Cutsinger reuniu um verdadeiro florilégio das percepções esclarecedoras de Schuon sobre o cristianismo; suas notas editoriais serão discretamente úteis para muitos leitores. *A Plenitude de Deus* é uma leitura obrigatória para qualquer pessoa que sinta que algo essencial está faltando na maior parte do que é rotineiramente considerado cristianismo hoje em dia.”

—Patrick Laude, Universidade de Georgetown, autor de *The Way of Poetry: Essays on Poetics and Contemplative Transformation*

“A obra de Frithjof Schuon significou muito para mim, e ele influenciou minha música talvez mais do que qualquer outra pessoa nos últimos anos. Aliás, qualquer artista que se preocupe com o sagrado deveria lê-lo.”

—Sir John Tavener, compositor e autor de *A Música de Silêncio: O Testamento de um Compositor*

“A Plenitude de Deus: Frithjof Schuon sobre o Cristianismo é um livro fascinante e estimulante para estudantes (de todos os níveis) de teologia e filosofia, além de uma fonte de reflexões profundas e disciplina ascética para aqueles que buscam orientação espiritual. O fato de um único livro oferecer tamanha diversidade demonstra a habilidade não só de Schuon, cuja obra inspirou gerações de buscadores da verdade em todas as culturas, mas também do editor, James Cutsinger. Seus acréscimos e explicações editoriais fornecem um verniz essencial aos escritos instigantes deste autor, resultando em uma leitura acessível e, ao mesmo tempo, erudita.”

—Hannah Hunt, pesquisadora independente em Patrística e Estudos Antigos História da Igreja

Machine Translated by Google

Em " *A Plenitude de Deus",* o Professor Cutsinger faz um trabalho magistral ao nos apresentar as profundas reflexões de Frithjof Schuon sobre a natureza do cristianismo. Schuon parte de uma compreensão metafísica da realidade teândrica de Cristo e, através desse prisma crístico, conduz o leitor por uma ampla gama de temas cristãos. Parece que Schuon não deixou pedra sobre pedra; suas reflexões e sua abordagem são, sem dúvida, revigorantes, desafiadoras e inspiradoras para todos os buscadores sérios. Pessoalmente, fui profundamente tocado por sua obra e me lembrei, mais uma vez, de que o objetivo da vida cristã é viver em "toda a plenitude de Deus".

—Reverendo Padre Mark T. Mancuso, sacerdote da Igreja Ortodoxa

“Frithjof Schuon é, sem dúvida, um dos mais perspicazes defensores da relação entre religião e metafísica. Cutsinger prestou-nos um grande serviço ao reunir os comentários dispersos de Schuon sobre o cristianismo. As ideias contidas neste livro maravilhoso são essenciais para qualquer pessoa que deseje penetrar nas profundezas da tradição cristã.”

—Rama Coomaraswamy, autor de *A Invocação do Nome de Jesus: Como Praticada na Igreja Ocidental*

Machine Translated by Google

Sabedoria Mundial
A Biblioteca da Filosofia Perene

A Biblioteca de Filosofia Perene dedica-se à exposição da Verdade atemporal que subjaz às diversas religiões. Essa Verdade, frequentemente referida como *Sophia Perennis — ou* Sabedoria Perene — encontra sua expressão nas Escrituras reveladas, bem como nos escritos dos grandes sábios e nas criações artísticas dos mundos tradicionais.

A Filosofia Perene fornece os princípios intelectuais capazes de explicar tanto as contradições formais quanto a unidade transcendente das grandes religiões.

Abrangendo desde os escritos dos grandes sábios do passado até os autores perenialistas de nossa época, cada série de nossa Biblioteca tem um foco diferente. Em conjunto, elas expressam a unanimidade intrínseca, o brilho transformador e os valores insubstituíveis das grandes tradições espirituais.

A Plenitude de Deus: Frithjof Schuon sobre o Cristianismo aparece como uma de nossas seleções. na série Escritos de Frithjof Schuon.

Os Escritos de Frithjof Schuon

Os escritos de Frithjof Schuon constituem a base de nossa biblioteca, pois ele é o expoente preeminente da Filosofia Perene. Sua obra ilumina essa perspectiva de maneira essencial e abrangente como nenhuma outra.

Machine Translated by Google

Livros de Frithjof Schuon

A Unidade Transcendente das Religiões

Perspectivas Espirituais e Fatos Humanos

Gnose: Sabedoria Divina

A linguagem do eu

Estações da Sabedoria

Entendendo o Islã

Luz sobre os Mundos Antigos

Nos passos do budismo

Tesouros do Budismo

Lógica e Transcendência

Esoterismo como princípio e como caminho

Castas e Raças

Sufismo: Véu e Quintessência

Do Divino ao Humano

Cristianismo/Islã: Ensaios sobre Ecumenismo Esotérico

Panorama da Metafísica e do Esoterismo

Diante do Absoluto

O Sol Emplumado: Os Índios das Planícies na Arte e na Filosofia

Ter um centro

Raízes da Condição Humana

Imagens de beleza primordial e mística: pinturas de Frithjof Schuon

Ecos da Sabedoria Perene

O Jogo das Máscaras

Caminho para o Coração: Poemas

A Transfiguração do Homem

O Olho do Coração

Canções para um Viajante Espiritual: Poemas Selecionados

Forma e substância nas religiões

Adastra e Stella Maris: Poemas de Frithjof Schuon

Obras editadas de Frithjof Schuon

Os Escritos Essenciais de Frithjof Schuon, ed. Seyyed Hossein Nasr; A Oração Molda o Homem: Frithjof Schuon sobre a Vida Espiritual, ed. James S. Cutsinger (no prelo).

Machine Translated by Google

A Plenitude de Deus

Frithjof Schuon sobre o Cristianismo

Selecionado e editado

***por* James S. Cutsinger**

Prefácio de
Antoine Faivre

World Wisdom

Machine Translated by Google

A Plenitude de Deus: Frithjof Schuon sobre o Cristianismo © 2004
World Wisdom, Inc.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de
qualquer forma sem autorização por escrito, exceto
em artigos e resenhas críticas.

Traduzido do francês por Mark Perry em colaboração com Jean-Pierre
Lafouge, Deborah Casey e James S. Cutsinger.

Para as edições francesas nas quais a presente tradução se baseia, veja a lista de
fontes, páginas 221-223.

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Schuon, Frithjof, 1907-1998
A Plenitude de Deus: Frithjof Schuon sobre o Cristianismo / seleção e edição
Por James S. Cutsinger; prefácio de Antoine Faivre.
p. cm. -- (A biblioteca da filosofia perene) (Os escritos de Frithjof Schuon) Inclui referências
bibliográficas e índice.
ISBN 0-941532-58-5 (brochura: papel alcalino)
1. Cristianismo. I. Cutsinger, James S., 1953- II. Título. III.
Série.
BR121.3.S38 2004
230--dc22

2003026499

Arte da capa: Pintura de Frithjof Schuon

Impresso em papel isento de ácido no Canadá.

Para obter informações, contate a World Wisdom, Inc.
Caixa Postal 2682, Bloomington, Indiana 47402-2682

www.worldwisdom.com

Machine Translated by Google

Eu me ajoelho perante o Pai de nosso Senhor Jesus
Cristo, de quem toda a família nos céus e na terra
recebe o nome, para que, segundo as riquezas da
sua grande glória, vos conceda que sejais fortalecidos
com poder pelo seu Espírito no homem interior; para
que Cristo habite pela fé em vossos corações; para
que, estando arraigados e alicerçados em amor,
possais compreender, com todos os santos, qual seja
a largura, e o comprimento, e a altura, e a
profundidade; e conhecer o amor de Cristo, que
excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude

Efésios 3:14-19

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

CONTEÚDO

Prefácio de *Antoine Faivre.* *xi*

Introdução de *James S. Cutsinger.* *XVII*

1. Esboço da Mensagem Crística 2. A Natureza Particular e a Universalidade da tradição cristã 1 7

3. “Pai Nosso que estais nos céus” 31

4. Algumas observações 39

5. Delimitações do Pecado Original 6. O Diálogo entre Helenistas e Cristãos 61 55

7. A Complexidade do Dogmatismo 75

8. Divergências Cristãs 9. Chaves da Bíblia 10. Evidência e Mistério 11. Um Enigma do Evangelho 12. A Sede da Sabedoria 13. O Mistério das Duas Naturezas 14. Mistérios Crísticos e Virginais 15. A Cruz 81 101 105 133 137 145 155 161

Apêndice: Uma amostra de cartas e Outros materiais não publicados 167

Notas do editor 189

Fontes 221

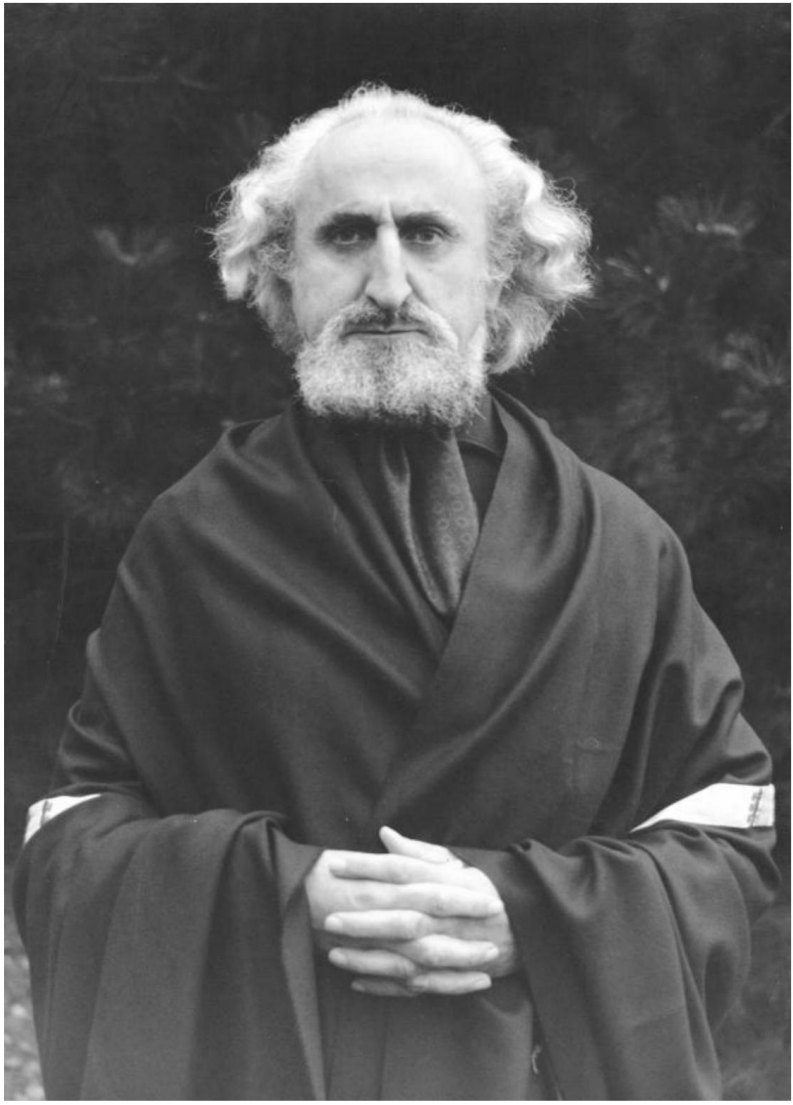
Glossário de termos e expressões estrangeiras 225

Índice 237

Notas Biográficas 249

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google



Frithjof Schuon em 1965

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

PREFÁCIO

Indiscutivelmente, Frithjof Schuon figura entre os principais representantes da corrente perenialista. Ele é certamente o maior porta-voz dessa escola nos Estados Unidos, enquanto seu principal predecessor, que anunciou o movimento e o levou ao seu auge, foi René Guénon (1886-1951), o escritor perenialista mais conhecido na Europa, especialmente na França. O que é comum aos proponentes do ponto de vista perenialista, também chamado de "escola tradicionalista", é a crença na existência de uma "tradição primordial", que permeia a aparente diversidade de religiões, e em uma "unidade transcendente das religiões", que se entende como abrangente para as diversas tradições espirituais do mundo. Derivado da expressão latina *philosophia perennis,* ou “filosofia perene”, o perenialismo remonta ao Renascimento, mas foi somente no século XIX, e principalmente no século XX, que se desenvolveu a ponto de se tornar uma abordagem difundida para a história e a essência da(s) “religião(ões)”. Nas últimas décadas, tem sido objeto de debate entre diversas pessoas com orientação religiosa, bem como entre filósofos e historiadores das religiões, tanto seculares quanto não seculares.

No final da década de 1980, tive o privilégio de participar de uma série de debates com James S. Cutsinger e outros estudiosos, incluindo Seyyed Hossein Nasr e Huston Smith. Essas discussões, realizadas no âmbito da Academia Americana de Religião, proporcionaram-me a oportunidade de familiarizar-me com as obras desses autores e de desenvolver uma amizade duradoura com o Professor Cutsinger. Ao me convidar para escrever o prefácio desta antologia, ele me honra ainda mais, pois sabe que, como historiador com uma abordagem secular ao estudo das religiões, eu mesmo não sou um defensor do perenialismo. Aceitei seu convite como um sinal de sua honestidade intelectual e vejo nele uma oportunidade de expor as razões pelas quais acolho esta publicação.

Esta não é a primeira antologia da obra de Schuon — a coletânea do Professor Nasr, " *Os Escritos Essenciais de Frithjof Schuon",* é indispensável.

Machine Translated by Google

para qualquer biblioteca que afirme possuir as principais publicações perenialistas — mas é a primeira a se concentrar em uma religião específica. Essa escolha é feliz, especialmente porque a religião em questão é uma que é historicamente e teologicamente carregado de elementos dogmáticos. Isto O fato nos permite indagar com mais facilidade se, e em caso afirmativo, como. Até agora, a visão de Schuon sobre uma unidade transcendente das religiões é compatível. com a especificidade do cristianismo — e, por extensão, com a de qualquer outra religião monoteísta. Essa questão tem ampla repercussão, não pelo menos tendo em vista a posição privilegiada de Schuon dentro do tradicionalismo escola.

Que a “unidade” perenialista honra a diversidade é um fato geralmente admitido. Na verdade, “honrar” pode ser uma forma meramente passiva de tolerância. Na verdade, porém, uma leitura atenta dos textos aqui reunidos revelou que o efeito, confesso, de me ajudar a perceber que Schuon está interessado em mais do que apenas “homenagear” — que ele não se contenta com simplesmente demonstrando uma atitude tolerante em relação a várias tradições ou ao encontrar semelhanças ou pontos em comum entre o cristianismo e outras religiões. Para ele, é mais uma questão de compreensão e experimentando, a partir de sua própria alma e em seu intelecto, o núcleo interior. do que é específico do cristianismo. Curiosamente, apesar do presença de certas observações que estão fora do escopo do cristianismo propriamente dito — como sua crença na “decadência cíclica do "Raça humana" — algumas páginas desta coleção dão a impressão de tendo sido escrito por um cristão que desejava apresentar argumentos em favor da verdade de sua fé. Uma comparação O estudo das abordagens de Guénon e Schuon a esse respeito seria provariam ser recompensadoras e levariam, sem dúvida, a uma apreciação mais clara. ção de suas diferenças.

Uma avaliação confiável do lugar que o cristianismo realmente ocupa na obra de Schuon exigiria, sem dúvida, ir além do... páginas apresentadas pelo Professor Cutsinger, e colocando-as no contexto dessa obra considerada em sua totalidade. Ao fazê-lo, e tendo em vista O fato de Schuon abordar outras religiões de maneira semelhante torna possível que descubramos uma visão ligeiramente diferente de sua compreensão do cristianismo em comparação com a que parece surgir de... estas páginas. Seja como for, e por mais interessante que seja a natureza de Qual seja o panorama geral, o que fica claro é que Schuon se destaca. como um notável “contextualizador”, e nesse aspecto ele difere de muitos outros perenialistas, na medida em que ele se empenha em destacar e comparar as várias orientações que uma determinada religião seguiu ao longo do tempo.

Machine Translated by Google

a abrangência dos séculos. Leitores interessados no estudo comparativo.
Igrejas e denominações cristãs não podem deixar de apreciar sua presença.
capacidade de lidar com os vários ramos dessa religião. Embora
Alguns historiadores podem contestar certas interpretações dele, como por exemplo...
Isso inevitavelmente acontece quando um escritor se propõe a abranger um campo tão vasto.
Amplas e variadas, essas interpretações são sempre documentadas de forma convincente.

Schuon se concentra no que torna essas igrejas e denominações...
ações tão diferentes umas das outras e presta homenagem à maioria de
eles, e ele o faz de uma maneira que não parece ser influenciada por—
ou subordinado a—a ideia de um princípio transcendente que une
eles invisivelmente por trás do véu de suas múltiplas diferenças.
O mesmo se aplica quando ele compara, não apenas ramos dentro de uma religião,
mas religiões "grandes" entre si, sejam elas quais forem.
do “Livro” ou do Extremo Oriente, e nisso ele se mostra — pelo menos — como tal.
na presente antologia, e talvez mais do que Guénon—um
Comparativista que deve ser levado a sério pela academia. Dentro do
Na história da História das Religiões, Schuon parece pertencer ao
escola fenomenológica, exemplificada por estudiosos como Rudolf
Otto e Mircea Eliade. Assim como eles, ele está comprometido com a defesa.
uma ideia essencialista do que é a “religião” *em si* , quanto a
exemplo no presente volume quando ele escreve que “a essência de
"Todas as religiões são a verdade do Absoluto". É claro que a abordagem
fenomenológica também recebe críticas por parte dos pesquisadores.
envolvidos em outras orientações — os proponentes das várias escolas historicistas,
por exemplo. Mas isso não deve impedir um acadêmico
com a mente aberta para admitir que tal abordagem, dentro de
O campo geral dos estudos religiosos tem sido e continua sendo frutífero, ainda que
apenas em vista do aspecto esclarecedor, embora frequentemente...
arriscado, paralelos que às vezes são traçados, e nos quais o de Schuon
Há muito trabalho a fazer.

Em certa medida, isso se deve à minha pesquisa na história de
“correntes esotéricas na Europa moderna e contemporânea” (décimo quinto)
até o século XX) que o Professor Cutsinger me pediu para
contribuir com este prefácio, e pode, portanto, ser oportuno para
Apresento algumas observações relevantes a essas correntes, que incluem o perenialismo.

Com exceção de uma breve referência aos “Cabalistas”, a ausência de
A Cabala judaica e cristã neste volume é notável, e uma
observa também que as especulações de Schuon sobre números são estritamente limitadas.

Machine Translated by Google

mencionado — notavelmente, nos parágrafos 2, 3 e 6 — serve apenas para ilustrar conceitos metafísicos. “Alquimia” permanece um termo puramente metafórico para ele — como quando usa a expressão “alquimicamente falando” — e, embora diga que está empregando a palavra “teosofia” no “sentido antigo e verdadeiro da palavra”, a corrente teosófica exemplificada por Jacob Böhme e seus sucessores obviamente não é objeto de seus interesses.

Entretanto, as passagens que Schuon dedica a Sophia, que para ele é equivalente à “Verdade absoluta” e a quem ele conecta de forma reveladora à *sophia perennis,* permanecem deliberadamente fora do escopo da tradição bohmiana. Essas diferenças, é claro, não são exclusivas de Schuon, mas típicas dos perenialistas em geral. Enquanto outros esoteristas — alquimistas, cabalistas cristãos, rosacruzes, hermetistas, teósofos e assim por diante — vêm se influenciando mutuamente há séculos, acumulando assim um corpus referencial quase obrigatório, os perenialistas, seguindo os passos de Guénon, preferiram manter-se afastados dessas correntes. Significativamente, para se diferenciarem, preferiram usar o termo “esoterismo” em vez de “esoterismo”. Embora estejam empenhados em separar o joio do trigo, demonstram consistentemente uma acentuada tendência a lidar com “princípios metafísicos” em vez de com o que, de outra forma, constitui a essência do esoterismo ocidental. Refletindo isso,

A questão central é que, como Schuon nos diz aqui, “esoterismo” é para ele sinônimo de *gnose.*

Pelo menos dois motivos explicam essa perspectiva: uma atitude negativa em relação à modernidade, por um lado, e o lugar relativamente menor atribuído à Natureza, por outro. Em primeiro lugar, como a modernidade é entendida pelos perenialistas como uma “Idade das Trevas”, as correntes esotéricas que surgiram nela já no Renascimento frequentemente são alvo de suspeita. Não podemos deixar de pensar que os questionadores ataques que Schuon lança contra o barroco nestas páginas atingem, da mesma forma, certas correntes esotéricas — incluindo a maioria das produções alquímicas e teosóficas — que são parte integrante desse mesmo barroco. Em segundo lugar, para os perenialistas, a natureza é mais ou menos uma ilusão. De fato, para Guénon, ela tem “ainda menos realidade do que a sombra do nosso corpo numa parede”. Schuon admite aqui que, ao contrário da visão de Calvino, “a transcendência pode tolerar a imanência”, mas também nos informa — no Capítulo 10, “Evidência e Mistério” — que “nosso mundo nada mais é do que uma coagulação furtiva e quase acidental de um imenso além, que um dia irromperá e no qual o mundo terrestre

Machine Translated by Google

será reabsorvido quando completar seu ciclo de coagulação material". Dificilmente alguma afirmação poderia estar mais distante das correntes esotéricas mencionadas, nas quais a Natureza desempenha um papel primordial.
dentro da economia de uma concepção holística da relação
entre Deus, o Homem e a Natureza. Existem, sem dúvida, outros lados a considerar.
Os ensinamentos de Schuon, que vêm à tona quando ele está discutindo,
Por exemplo, a espiritualidade dos nativos americanos, mas o que nós
O que se pode afirmar, pelo menos em relação a este volume, é que os interesses de
Os Schuon são muito diferentes dos paracelsianos. Daí a sua...
marcada preferência por teólogos, que geralmente são mais adequados ao seu propósito. As páginas deste livro estão, portanto, repletas de
citações de Agostinho, Tertuliano, Tomás de Aquino e
outros, e claro, de metafísicos do Extremo Oriente.

É desnecessário dizer que esses comentários não têm a intenção de julgar.
Eles visam simplesmente contextualizar a visão de mundo de Schuon.
dentro de seu contexto cultural e histórico ocidental. Nem são eles mesmos.
não tinha a intenção de diminuir em nada a qualidade da sua escrita em si, que é tão...
Um alívio agradável em comparação com tantos tratados esotéricos, teológicos ou metafísicos. A clareza de seu estilo, desprovido de jargões, é incomparável.
estar divorciado da clareza de seu pensamento. Além disso, ele nos encanta.
com metáforas originais bem adequadas para estimular nossas reflexões, como quando, por exemplo, ele apresenta o catolicismo como uma "estrela" e o protestantismo como um "círculo", ou quando imagina a missa católica como um "Sol", e a Comunhão Luterana como um "raio" do sol.

Uma última observação. Foi um prazer ler e contribuir.
A esta coleção é enriquecida pelo trabalho editorial do Professor.
Cutsinger, o que fica evidente em toda parte. O aparato acadêmico que ele...
A obra apresentada nos poupa da tarefa de buscar diversas referências, ao mesmo tempo que nos incita a aprofundar a filosofia de Frithjof Schuon.

Antoine Faivre

Professor Emérito da
École Pratique des Hautes Études, Sorbonne

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

INTRODUÇÃO

É um fato curioso na história das religiões que o cristianismo, que assumiu a forma de um "caminho" espiritual (Atos 24:22) desde o seu início, e que continua a oferecer aos seus iniciados os meios de ver "a glória de Deus" (João 11:40) e de se tornarem "participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4), tenha se tornado tão hábil em ocultar o significado de suas verdades mais profundas e transformadoras, "mantidas em segredo desde o princípio do mundo" (Romanos 16:25), que buscadores cristãos sérios em nossos dias muitas vezes abandonam sua religião em favor de tradições como Yoga e Zen, onde as promessas de realização podem ser discernidas mais facilmente e onde os métodos de desenvolvimento espiritual são frequentemente mais acessíveis. Escrevendo no século VII, São Máximo, o Confessor, explicou que “os seguidores e servos de Cristo foram iniciados diretamente por ele na *gnose* das coisas existentes, transmitindo, por sua vez, esse conhecimento àqueles que vieram depois deles”[1], e um bispo ortodoxo grego testemunhou recentemente ter encontrado um dos últimos elos dessa corrente no Monte Atos, a quem descreveu como tendo aparecido aos seus olhos maravilhados “como um relâmpago na noite” e como possuindo “tudo o que Deus tem”[2]. A maioria dos cristãos, no entanto, parece desconhecer completamente o fato de que tais coisas ainda são possíveis e que a conquista de um nível tão elevado de conhecimento e união é precisamente o propósito de sua tradição.

Isso se deve, em parte, à mera familiaridade — embora sem dúvida agravado pelo fideísmo e sentimentalismo que passaram a dominar certos setores dessa antiga religião. Séculos de repetição fizeram com que os cristãos agora possam recitar os credos da Igreja e participar de seus mistérios sacramentais sem o frescor e o deslumbramento dos primeiros catecúmenos cristãos, que

1. *Ambigua,* 91.
2. Hierotheos Vlachos, *Uma Noite no Deserto da Montanha Sagrada,* trad. Effie Mavromichali (Levadia, Grécia: Mosteiro do Nascimento da Theotokos, 1991), p. 31.

Machine Translated by Google

foram ensinadas em segredo e com grande solenidade, e somente depois
longos períodos de exame e disciplina espiritual, que Deus
nasceu como homem, morreu numa cruz e ressuscitou dos mortos, e isso
por meio de uma assimilação consciente do corpo e do sangue deste Deus-Homem
— a "medicina da imortalidade", nas palavras de Santo Inácio.
de Antioquia — os homens poderiam ser atraídos para a vida interior da Divindade,
tendo adquirido o "poder de se tornarem filhos de Deus" (João 1:12).
Nenhum ensinamento espiritual é mais esotérico do que este, nem existe um
caminho iniciático ou mistagógico que ofereça um objetivo mais elevado ou qualquer outro.
maior promessa de realização, porém negligente por parte de muitos cristãos.
podem ser alguns dos tesouros mais íntimos de sua tradição e, por mais difícil que
tenha se tornado para eles, recuperar o temor e
a expectativa com que os primeiros cristãos embarcaram em sua jornada.
novo caminho.

Esta coleção de escritos, selecionados a partir das obras de um dos
Frithjof Schuon, um dos maiores mestres espirituais de nosso tempo, é o tema central desta reflexão.
Para auxiliar nessa recuperação, removendo os véus da familiaridade, da indiferença
e do esquecimento, nosso objetivo é ajudar o leitor a obter uma
uma nova percepção do cristianismo e uma compreensão mais aguçada do
significado subjacente e do poder transformador de suas doutrinas e símbolos,
e métodos espirituais. O autor está singularmente qualificado para nos guiar em
este empreendimento. Amplamente reconhecido como uma das maiores autoridades
do século XX em religiões mundiais e o principal
porta-voz da escola tradicionalista ou perenialista de filosofia religiosa comparada,[3]
Schuon foi autor de mais de vinte
livros, bem como inúmeros artigos, cartas, textos de instrução espiritual e outros
documentos inéditos; a profundidade de suas percepções
e a qualidade magistral de seus primeiros escritos lhe trouxera reconhecimento
internacional quando ele ainda estava na casa dos vinte anos, e por volta dos
Na época de sua morte, em 1998, aos noventa anos, sua reputação entre
muitos estudiosos do misticismo, do esoterismo e das tradições contemplativas
foi insuperável.

Frithjof Schuon era muito mais do que um acadêmico, no entanto.
Artista e poeta talentoso,[4] ele era acima de tudo um homem de oração,

3. René Guénon, Ananda Coomaraswamy e Titus Burckhardt também foram figuras importantes
nessa escola.
4. A pintura na capa do presente volume é de Schuon. Várias de suas obras são de sua autoria.
Outras obras foram reunidas em *Imagens de Beleza Primordial e Mística: Pinturas.*
por Frithjof Schuon, ed. Michael Pollack (Bloomington, Indiana: Abodes, 1992).

Machine Translated by Google

cuja mensagem fundamental, qualquer que fosse o seu enfoque específico em qualquer artigo ou capítulo, estava sempre ligada à importância da fé e da prática espiritual. “Mesmo que os nossos escritos não tivessem, em média, outro resultado senão a restituição de alguma parte da barca salvadora que é a oração”, escreveu ele certa vez, “deveríamos a Deus considerar-nos profundamente satisfeitos”.5 Nos anos que se seguiram à sua morte, vários dos seus colaboradores próximos começaram a publicar memórias biográficas e, como resultado, é agora amplamente conhecido que a própria prática de Schuon se dava no contexto do Sufismo e que ele próprio era

Schuon se considerava um mestre da linhagem tradicional Shadhiliyyah-Darqawiyyah.ÿ

Contudo, ele próprio não mencionou esse papel em seus escritos publicados, pois desejava distinguir cuidadosamente entre sua função como mestre espiritual, por um lado, e seu ensinamento como metafísico e filósofo, por outro — um ensinamento universalista em seu alcance e intenção, completamente alheio a qualquer objetivo proselitista ou autoritário. Nascido na Suíça em 1907, onde foi criado como protestante antes de se converter ao catolicismo romano, ele sabia que aqueles que conheciam sua origem poderiam concluir erroneamente que ele havia renunciado ao cristianismo e se “convertido” ao islamismo. Na verdade, porém, sua filiação sufi foi simplesmente uma questão de oportunidade e vocação, resultado de sua busca, quando jovem, por uma espiritualidade que ele não conseguira encontrar na Igreja Ocidental, e não entrou em conflito com o fato de ele ter permanecido, ao longo de sua longa vida, um defensor intransigente da doutrina cristã tradicional e de outras verdades cristãs essenciais, nem com sua afinidade especial pelo Oriente cristão e pelo método de oração hesicasta. “Sendo *a priori* um metafísico”, escreveu ele, “desde a minha juventude tive um interesse particular no *Advaita Vedanta,* mas também no método de realização que *o Advaita Vedanta* aprova.”

Como não consegui encontrar esse método—em sua forma estrita e esotérica—

Durante os últimos três anos de sua vida, Schuon compôs quase três mil e quinhentos poemas líricos em alemão; quatro volumes desses poemas foram publicados até o momento: *Glück, Leben, Sinn* e *Liebe* (Freiburg-im-Breisgau, Basel, Viena: Herder, 1997). Edições bilíngues da poesia — em alemão com tradução para o inglês — incluem *Songs for a Spiritual Traveler: Selected Poems* (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 2002) e *Adastra and Stella Maris: Poems by Frithjof Schuon* (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 2003).

5. *O Jogo das Máscaras* (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 1992), p. vii.

6. Esta é uma sucessão ininterrupta de mestres sufistas tradicionais que traça sua origem.

tem suas origens no século XIII, com o mestre Abu al-Hasan al-Shadhili (1196-1258), e inclui entre seus ramos subsequentes uma ordem fundada no início do século XIX por Mawlay al-Arabi al-Darqawi (1760-1823).

Machine Translated by Google

na Europa, e como me era impossível recorrer a um guru hindu devido às leis das castas, tive que procurar em outro lugar; e como o Islã contém *de fato* esse método, no Sufismo, finalmente decidi procurar um mestre sufi; a forma externa não me importava."7 Embora Schuon tenha se estabelecido dentro dessa estrutura espiritual, ele não era de forma alguma um apologista da tradição sufi, mas manteve laços estreitos ao longo de sua longa vida com autoridades e viajantes de uma ampla variedade de religiões ortodoxas, cada uma das quais, insistia ele, é uma expressão salvadora de uma única Verdade, à qual se referia de várias maneiras como *sophia perennis* ou *philosophia perennis,* isto é, a "sabedoria perene" ou "filosofia perene". Até seus últimos anos, ele viajou muito, da Índia ao Norte da África e à América, e suas amizades pessoais variavam de swamis hindus a chefes e xamãs nativos americanos, enquanto milhares de correspondentes e visitantes, de quase todas as origens religiosas, o procuravam para

conselho.

Por razões óbvias, ele tinha um interesse especial pelo cristianismo e, como em todas as religiões sobre as quais escreveu, sua compreensão da mensagem essencial e intrínseca da religião era profunda; imerso nas Escrituras e na vida dos santos, e bem familiarizado com as obras dos Padres da Igreja e outras autoridades cristãs, Schuon fala com pleno conhecimento das tradições artísticas e litúrgicas da Igreja, bem como de suas controvérsias históricas e divergências denominacionais, e demonstra repetidamente em seus escritos uma extraordinária capacidade de trazer à luz o significado subjacente e a validade daquilo que, de outra forma, poderia parecer afirmações teológicas conflitantes e mutuamente excludentes. Seu conhecimento não provinha apenas de livros; seu próprio irmão era um monge trapista, e seus numerosos outros contatos incluíam o *starets* atonita Sofrônio, notável discípulo de São Silouan do Monte Atos; o metropolita Anthony Bloom, um popular e muito publicado escritor ortodoxo russo sobre oração; e o conhecido monge católico romano e autor contemplativo Thomas Merton, que, perto do fim de sua vida, escreveu a Schuon na esperança de estabelecer uma correspondência espiritual privada.

7. De uma carta datada de janeiro de 1996.

Machine Translated by Google

Não há necessidade de descrever a perspectiva do autor em nenhum momento.
detalhes neste contexto; as páginas seguintes fornecerão uma explicação clara e
Ele tem uma visão ampla de seus pontos de vista, e faz mais sentido deixá-lo em paz.
falar por si mesmo. Por outro lado, talvez seja útil se nós
Diga apenas uma palavra sobre como Schuon imaginava o relacionamento.
entre a religião cristã e a *sophia perennis.* Cristianismo
É bem conhecida, afinal, por seu exclusivismo generalizado — pela convicção de
que não pode haver salvação fora de uma consciência,
fé explícita e ativa em Jesus Cristo e participação em seu corpo visível, a Igreja —
e alguns leitores podem, portanto, hesitar, por mais extenso que seja o conhecimento
deste autor e por mais
suas numerosas amizades com cristãos fervorosos, para confiar
suas ideias e para se beneficiar plenamente de suas observações, dada sua
doutrina universalista. Se Cristo é verdadeiramente Deus encarnado, dirão eles, então
Certamente é impossível para um cristão tolerar essas religiões.
que ignoram ou rejeitam a Sua Divindade, e por isso é inaceitável.
para um cristão aderir à filosofia perene.

Está além do escopo da presente introdução abordar este tema.
Uma resposta completa a essa crítica; o que se pode dizer, no entanto, é que uma
Vários cristãos inquestionavelmente ortodoxos, incluindo santos canonizados,
foram eles próprios "perenialistas". De acordo com São
Agostinho, por exemplo, disse: “Aquilo que hoje é chamado de cristão”.
A religião existia entre os antigos e nunca deixou de existir.
desde a origem da raça humana até o tempo em que o próprio Cristo veio e os
homens começaram a chamar o cristianismo de a verdadeira religião, que
já existia antes.”8 São Justino Mártir concorda plenamente
com este ditado: “Fomos ensinados que Cristo é o Primogênito de Deus e
testemunhamos que ele é o *Logos* de quem
Todas as raças humanas participam. Aqueles que viveram de acordo com o
Os Logos são cristãos, embora tenham sido chamados de ímpios, como,
Entre os gregos, Sócrates, Heráclito e outros como eles.
Aqueles que viveram segundo este *Logos,* e aqueles que assim vivem agora, são
cristãos, destemidos e imperturbáveis.”ÿ Estes testemunhos antigos têm
foi ecoado em nossos dias por São Nicolau Velimirovich, um Ser-

8. *Reconsiderações,* I.13.3; veja o Capítulo 2, “A Natureza Particular e a Universalidade de a tradição cristã”, nota 4.

9. *Primeiro pedido de desculpas,* 46.

Machine Translated by Google

Bispo ortodoxo biano e sobrevivente de Dachau, que ensina que o *Logos* ou Palavra de Deus, manifesto em toda religião autêntica, é a verdadeira e salvadora fonte de "dádivas preciosas no Oriente": "Glória à memória de Lao Tzu", ele pode, portanto, exclamar, "o mestre e profeta de seu povo! Glória à memória de Krishna, o mestre e profeta de seu povo! Bendita seja a memória de Buda, o filho real e mestre inexorável de seu povo!"10

Como ficará evidente nas páginas seguintes, essas articulações da *sophia perennis* fornecem uma sinopse útil do ponto de vista fundamental de Schuon. Não pretendemos sugerir que ele tenha pensado deliberadamente ou conscientemente em categorias patrísticas ou outras categorias cristãs; o autor destas páginas era um metafísico e esoterista, não um teólogo ou historiador das religiões, e seria, portanto, um erro supor que seu objetivo era fornecer uma hermenêutica para interpretar textos ou fenômenos religiosos, ou que sua doutrina derivasse de considerações empíricas. Pelo contrário, seu ponto de partida era sempre a natureza subjacente das coisas, tal como percebida pelo Intelecto, não as doutrinas exotérmicas de qualquer religião específica ou as opiniões piedosas de suas autoridades tradicionais. Não obstante, o que podemos afirmar é que ele estava em plena concordância, partindo de seu próprio ponto de vista metafísico, com a ideia essencial expressa por esses santos; Assim como eles, ele ensinava que a encarnação do Verbo como Jesus Cristo (João 1:14) conferiu uma forma particular a uma Verdade preexistente e eterna, e que a substância dessa forma — o coração vivo da mensagem crística11 — é, portanto, perene e universal em seu significado interior ou essencial. Essa é uma chave para toda a abordagem de Schuon ao cristianismo e ajuda a explicar o que ele quis dizer ao escrever que "todas as religiões genuínas são cristãs",12 que "toda verdade se manifesta necessariamente em termos de Cristo e segundo o seu modelo",13 e que "não há verdade ou sabedoria que não venha de Cristo".14

10. *Orações à Beira do Lago* (Grayslake, Illinois: Diocese Ortodoxa Sérvia Livre dos Estados Unidos, s.d.), Capítulo 48.
11. Veja o Capítulo 1, "Esboço da Mensagem Crística".
12. *Gnose: Sabedoria Divina,* trad. GEH Palmer (Londres: Perennial Books, 1959), p. 67.
13. *Estações da Sabedoria* (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 1995), p. 49.
14. Ver Capítulo 4, "Algumas Observações", p. 39.

Machine Translated by Google

Os capítulos a seguir foram selecionados do conjunto de vinte e três livros publicados por Schuon. Originalmente escritos em francês, esses trechos são apresentados aqui em uma tradução para o inglês totalmente revisada; detalhes bibliográficos, incluindo informações sobre edições anteriores em inglês, podem ser encontrados no final deste volume. Acontece que a maioria dos livros de Schuon são antologias, que ele compilou periodicamente a partir de artigos publicados inicialmente, de 1933 a 1997, em diversos periódicos europeus, persas e americanos, incluindo *Le Voile d'Isis, Études Traditionnelles, Studies in Comparative Religion, Sophia Perennis, Connaissance des Religions* e *Sophia: A Journal of Traditional Studies.* Muitos desses artigos eram de natureza “ocasional”, tendo sido compostos em resposta a um amplo espectro de questões e problemas, frequentemente apresentados a Schuon por aqueles que buscavam seu conselho espiritual. Como resultado, seus escritos são frequentemente mais meditativos e maiêuticos do que discursivos, com cada ensaio abrangendo uma série de tópicos fascinantes e incluindo ilustrações extraídas de uma variedade surpreendente de fontes. As seleções incluídas neste volume visam destacar essa variedade e transmitir tanto o alcance quanto a profundidade das percepções de Schuon sobre a tradição cristã. Certamente não pretendemos ser exaustivos; vários capítulos pertinentes, alguns deles focados em questões mais "especializadas", como o significado da *epiclese* na liturgia bizantina e o misticismo de Teresa de Ávila e João da Cruz, não foram incluídos. Já se disse que o editor de Schuon é como um artista que esculpe figuras em folha de ouro: as formas que se conservam são todas de ouro, mas o que resta também o é.

Devido à natureza abrangente da obra de Schuon e à sua qualidade poética — poderíamos dizer “musical” —, uma categorização precisa de seus escritos é impossível; ele próprio falou da “maneira descontínua e esporádica” de suas exposições, reconhecendo que, embora “não haja grande doutrina que não seja um sistema”, também não há nenhuma que “se expresse de maneira exclusivamente sistemática”.[1ÿ] No entanto, existe uma ordem, senão um sistema, na organização deste livro; em linhas gerais, os capítulos foram organizados de forma a guiar o leitor desde questões de princípios metafísicos até...

15. *Panorama da Metafísica e do Esoterismo,* trad. Gustavo Polit (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 1986), p. 1.

Machine Translated by Google

princípio, através de várias questões teológicas e hermenêuticas, para
questões um pouco mais "operacionais" da prática espiritual e
método. Os tópicos específicos incluem a relação entre o cristianismo e outras
religiões; a distinção ou divergência dentro
O cristianismo entre seus principais ramos, ortodoxo, católico e
Protestante; o lugar da razão e da fé e sua conexão com
conhecimento espiritual ou *gnose;* os princípios e aplicações de um
exegese anagógica ou mística das Escrituras; o central
dogmas da Trindade e da Encarnação, bem como da Eucaristia e
Doutrina mariana; e iniciação cristã, prática contemplativa,
e "oração do coração", especialmente a Oração de Jesus. O livro conclui com um
breve apêndice de escritos inéditos.
incluindo trechos da correspondência de Schuon com Christian
buscadores.

A amplitude da erudição do autor pode ser um tanto...

intimidante, especialmente para aqueles que não estão acostumados a ler obras
filosóficas e religiosas; suas páginas frequentemente contêm alusões.
a ideias, figuras ou eventos históricos e textos sagrados que iluminam
ou ampliar seu significado, mas uma citação ou outra referência geralmente não é
fornecida. Com isso em mente e como auxílio aos interessados
Leitor, adicionamos uma série de Notas do Editor a este volume; em
Para sermos o mais discretos possível, optamos por não interromper a prosa de
Schuon com asteriscos ou outros símbolos, deixando isso a cargo do próprio autor.
O leitor deve consultar as notas quando necessário. Deve-se entender.

que este aparato editorial não pretende oferecer uma interpretação do próprio
ensinamento de Schuon; como observado acima, preferimos
Deixar que seus escritos falem por si mesmos. Organizado por capítulo e
As notas, vinculadas aos números de página correspondentes, são elaboradas de forma simples.
Para fornecer alguns recursos úteis para aqueles que podem não estar familiarizados
com os detalhes do dogma cristão e da história intelectual ou com outros ensinamentos
tradicionais. Citações de capítulos e versículos.
são fornecidas citações da Bíblia e de outros textos sagrados; datas
São fornecidos breves resumos biográficos de figuras históricas; explicações são
oferecidas sobre os detalhes das controvérsias teológicas e as principais doutrinas
de várias escolas.
de pensamento.

Um último ponto deve ser mencionado. É costumeiro que
Schuon utiliza diversos termos "técnicos" em seus escritos, conforme descrito.
provenientes de uma infinidade de tradições e envolvendo diversas línguas clássicas-

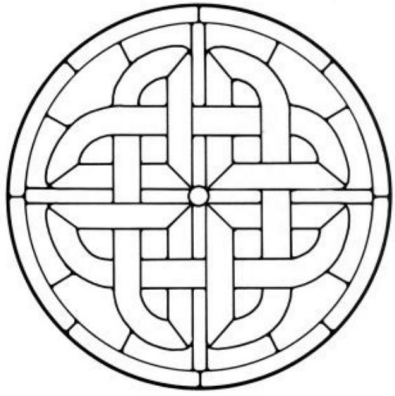
Machine Translated by Google

Medidores, incluindo sânscrito, árabe, latim e grego, e um glossário.
Assim, também foi disponibilizado; aqui se encontram, em transliteração, palavras e frases
estrangeiras que aparecem tanto no texto de Schuon quanto no original.
e em nossas notas editoriais, juntamente com breves traduções e definições.

James S. Cutsinger

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google



Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

1

Esboço da Mensagem de Cristo

Se partirmos da ideia incontestável de que a essência de toda religião...

Se considerarmos que a verdade do Absoluto, com suas consequências humanas, tanto místicas quanto sociais, reside na sua essência, surge a questão de como a religião cristã satisfaz essa definição; pois seu conteúdo central parece ser não Deus em si, mas Cristo — ou seja, não tanto a natureza do Ser divino, mas sua manifestação humana. Assim, uma voz patrística proclamou apropriadamente: "Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus"; esta é a maneira cristã de dizer que *"Brahma* é real; o mundo é aparência". O cristianismo, em vez de simplesmente justapor o Absoluto e o contingente, o Real e o ilusório, propõe desde o início uma reciprocidade entre um e outro: vê o Absoluto *a priori* em relação ao homem, e o homem — correlativamente — é definido em conformidade com essa reciprocidade, que não é apenas metafísica, mas também dinâmica, voluntária e escatológica. É verdade que o judaísmo procede de maneira análoga, mas em menor grau: não define Deus em relação ao drama humano, partindo, portanto, da contingência, mas estabelece uma relação quase absoluta entre Deus e o seu povo: Deus é "o Deus de Israel"; a simbiose é imutável; contudo, Deus permanece Deus e o homem permanece homem; não existe um "Deus humano" ou um "homem divino".

Seja como for, a reciprocidade postulada pelo cristianismo é metafisicamente transparente, e o é necessariamente, sob pena de ser um erro. Inquestionavelmente, uma vez que temos consciência da existência da contingência ou da relatividade, devemos saber que o Absoluto se interessa por ela de uma forma ou de outra, e isso significa, antes de tudo, que a contingência deve ser prefigurada no Absoluto, e que o Absoluto deve se refletir na contingência; este é o fundamento ontológico dos mistérios da Encarnação e da Redenção. O resto é uma questão de modalidade: o cristianismo propõe, por um lado, uma oposição abrupta entre a "carne" e o "espírito", e, por outro lado — e este é o seu lado esotérico —, a sua opção pela "interioridade".

Machine Translated by Google

"ness" em contraposição à exterioridade das prescrições legais e em contra
a "letra que mata". Além disso, opera com esse centro e
Sacramento profundamente característico que é a Eucaristia: Deus
Ele não se limita a promulgar uma Lei; Ele desce à Terra.
E faz para Si mesmo o Pão da vida e a Bebida da imortalidade.

Em relação ao judaísmo, o cristianismo compreende um aspecto de esoterismo
através de três elementos: interioridade, quase incondicionalidade.
caridade, os sacramentos. O primeiro elemento consiste em mais ou menos
Desconsiderando as práticas externas e enfatizando a atitude interior: o que
importa é adorar a Deus "em espírito e em verdade"; o segundo elemento
corresponde ao *ahimsa hindu,* "não violência".
o que pode chegar ao ponto de renunciarmos aos nossos direitos legítimos, portanto
deliberadamente sair da teia de interesses humanos e sociais
justiça; é oferecer a face esquerda àquele que golpeou a direita.
e sempre dar mais do que o necessário. O Islã marca um retorno a
O "realismo" mosaico, ao mesmo tempo que integra Jesus à sua perspectiva como um
profeta da "pobreza" sufi; seja como for, o próprio cristianismo, em
Para poder assumir a função de religião mundial, era necessário...
atenuar seu rigor original e apresentar-se como socialmente realista
legalismo, pelo menos até certo ponto.

* * *

E se "Deus se tornasse homem", ou se o Absoluto se tornasse contingência, ou se
O Ser Necessário tornou-se Ser Possível — se assim for, pode-se...
compreender o significado de um Deus que se fez pão e vinho e
que fizeram da comunhão uma condição *sine qua non* para a salvação; não, para
Tenha certeza, a única condição para a comunhão exige a prática quase
permanente da oração, que Cristo ordena em sua parábola de
o juiz injusto e a importância disso são enfatizados por Santo
Paulo, ao exortar os fiéis a "orarem sem cessar". Um
Pode-se conceber um homem que, impedido de comungar, seja
salvo somente pela oração, mas não se pode conceber um homem que...
ser impedidos de orar e que seriam salvos somente pela comunhão; de fato,
alguns dos maiores santos, no início
do cristianismo, viveram em solidão sem poder comungar, pelo menos durante
vários anos. Isso se explica pelo fato de que
A oração precede tudo, consequentemente contendo comunhão à sua maneira e
necessariamente, visto que em

Machine Translated by Google

O princípio que carregamos em nós tudo o que podemos obter de fora é: “o reino de Deus está dentro de vós”. Os meios são relativos; não o é a nossa relação fundamental com o Absoluto.

No que diz respeito ao rito eucarístico, a seguinte especificação parece admissível: o pão parece significar que “Deus entra em nós”, e o vinho que “nós entramos em Deus”; presença da graça, por um lado, e extinção unitiva, por outro. Deus é o Sujeito absoluto e perfeito, que ou entra no sujeito contingente e imperfeito, ou assimila esse sujeito, libertando-o das amarras da subjetividade objetificada, tendo esta se exteriorizado e, portanto, paradoxalmente, se multiplicado. Poder-se-ia também dizer que o pão se refere mais particularmente à salvação e o vinho à união, o que evoca a antiga distinção entre os mistérios menores e maiores.¹

Na Eucaristia, o Absoluto — ou o Ser divino[2] — tornou-se Alimento; em outros casos, tornou-se Imagem ou Ícone; em outros ainda, Palavra ou Fórmula: aí reside todo o mistério da assimilação concreta da Divindade por meio de um símbolo propriamente sacramental: visual, auditivo ou outro. Um desses símbolos, e até mesmo o mais central, é o próprio Nome de Deus, quintessência de toda oração, seja o Nome de Deus como tal ou o Nome de Deus feito homem.[3] A intenção dos Hesicastas é que “o coração beba o Nome para que o Nome beba o coração”: assim o coração liquefeito, que, devido ao efeito da “queda”, foi “endurecido”, daí a frequente comparação do coração profano com uma pedra.

“Por causa da dureza do vosso coração, ele (Moisés) vos escreveu este preceito”;

1. Em um sentido mais geral, diríamos que os sacramentos cristãos são exotéricos para os exoteristas e esotéricos ou iniciáticos para os esoteristas; no primeiro caso, seu fim é a salvação pura e simples, e no segundo, a união mística.
2. Uma vez que o Princípio Supremo se torna interlocutor do homem, ele entra na relatividade cósmica pelo próprio fato de sua personificação; contudo, permanece o Absoluto em relação ao homem, exceto do ponto de vista do intelecto puro.
3. Citemos São Bernardino de Siena, o grande promotor — hoje esquecido — da invocação do Nome de Jesus: “Coloquem o Nome de Jesus em suas casas, em seus aposentos, e guardem-no em seus corações.” “A melhor inscrição do Nome de Jesus é aquela no coração, depois aquela na palavra e, finalmente, aquela no símbolo pintado ou esculpido.” “Tudo o que Deus criou para a salvação do mundo está oculto no Nome de Jesus: toda a Bíblia, de Gênesis ao último livro. A razão disso é que o Nome é origem sem origem. O Nome de Jesus é tão digno de louvor quanto o próprio Deus.”

Machine Translated by Google

Cristo pretendia criar um novo homem através de seu corpo sacrificial como Deus-Homem, partindo de uma antropologia moral particular. Esclareçamos que uma possibilidade de salvação se manifesta não por ser necessariamente melhor que outra, mas porque, sendo possível, precisamente, não pode deixar de se manifestar; como disse Platão, e depois dele Santo Agostinho, é da natureza do Bem desejar comunicar.
Em si.

Não desprovido de relação com o mistério da Eucaristia está o do Ícone; também aqui se trata de uma materialização do celestial e, portanto, de uma assimilação sensível do espiritual.
Essencialmente, o cristianismo compreende dois ícones: a Sagrada Face e a Virgem com o Menino, sendo o protótipo do primeiro o Santo Sudário e o do segundo, o retrato de Maria pintado por São Lucas. É dessas duas fontes que brotam, simbolicamente falando, todas as outras imagens sagradas, culminando em cristalizações litúrgicas como o iconostásio bizantino e o retábulo gótico; é também necessário mencionar o crucifixo — pintado ou esculpido — no qual um símbolo primordial se combina com uma imagem posterior. Acrescentemos que a estatuária — estranha à Igreja Oriental — está mais próxima da arquitetura do que da iconografia propriamente dita.ÿ

* * *

"Deus feito homem": este é o mistério de Jesus, mas é também, e por conseguinte, o de Maria; pois, humanamente, Jesus nada possuía que não tivesse herdado de sua Mãe, que foi justamente chamada de "Corredentora" e "divina Maria". Assim, o Nome de Maria é como uma extensão do de Jesus; certamente, a realidade espiritual de Maria está contida em Jesus — o inverso também é verdadeiro —, mas a distinção entre os dois aspectos tem sua razão de ser; a síntese não exclui a análise. Se Cristo é "o Caminho, a Verdade e a Vida", a Virgem Santíssima, feita da mesma substância, possui graças que facilitam o acesso a esses mistérios, e é para

4. O judaísmo e o islamismo, que proíbem imagens, substituem-nas, de certa forma, pela caligrafia, uma expressão visual do discurso divino. Uma página iluminada do Alcorão, um nicho de oração decorado com arabescos, são "ícones abstratos".

Machine Translated by Google

Ela percebeu que este dito de Cristo se aplica em primeiro lugar: "O meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

Poder-se-ia dizer que o Cristianismo não é *a priori* uma verdade metafísica específica, mas sim Cristo, e é a participação em Cristo através dos sacramentos e da santidade. Sendo assim, não há como escapar da quintessência da Realidade divina: no Cristianismo, como em todas as outras religiões, há fundamentalmente duas coisas a considerar, abstrata e concretamente: o Absoluto, ou o absolutamente Real, que é o Bem Soberano e que dá sentido a tudo, e a nossa consciência do Absoluto, que deve tornar-se uma segunda natureza para nós e que nos liberta dos meandros, impasses e abismos da contingência. O resto é uma questão de adaptação às necessidades de determinadas almas e sociedades; mas as formas também têm o seu valor intrínseco, pois a Verdade deseja a beleza, tanto nos seus véus como na Beatitude final.

* * *

A metafísica intrinsecamente cristã, não helenizada, se expressa nas afirmações iniciais do Evangelho de São João. “No princípio era o Verbo”: obviamente, o que se quer dizer não é uma origem temporal, mas uma prioridade principiológica, a da Ordem divina, à qual pertence o Intelecto universal — o Verbo —, estando, contudo, ligado à Manifestação cósmica, da qual é o centro transcendente e imanente. “E o Verbo estava com Deus”: com relação à Manifestação precisamente, o *Logos* se distingue do Princípio, embora esteja “com” ele por meio de sua essência. “E o Verbo era Deus”: com relação à Ordem divina, o *Logos* não se distingue do Princípio; a distinção entre as duas naturezas de Cristo reflete a inevitável ambiguidade da relação *Âtmâ-Mâyâ.* “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele”: nada foi criado que não tenha sido concebido e prefigurado no Intelecto divino. “E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam”: é da natureza de *Âtmâ* penetrar em *Mâyâ,* e é da natureza de uma certa *Mâyâ* resistir a isso,5 caso contrário o mundo

5. O que está em questão aqui é a dimensão negativa própria da *Mâyâ* subcelestial , que é feita de escuridão na medida em que se distancia do Princípio e

Machine Translated by Google

deixar de ser o mundo; e “é necessário que ocorram ofensas”.

A vitória de Cristo sobre o mundo e sobre a morte reconta ou antecipa... a vitória — atemporal como tal — do Bem sobre o Mal, ou de Ohrmazd sobre Ahriman; uma vitória que é ontologicamente necessária porque resulta da própria natureza do Ser, apesar das aparências iniciais para Pelo contrário. As trevas, mesmo vencendo, perdem; e a luz, mesmo perdendo, vence; Paixão, Ressurreição, Redenção.

da luz na medida em que manifesta aspectos do Princípio. É o domínio da imperfeição e da impermanência, mas também do teomorfismo potencialmente libertador.
enquanto que *Mâyâ* celestial é o domínio dos arquétipos e *hipóstases.*

Machine Translated by Google

2

A natureza particular e a universalidade da tradição cristã.

O que, na falta de um termo melhor, somos obrigados a chamar de “exoterismo cristão” não é, em sua origem e estrutura, estritamente análogo aos exoterismos judaico e islâmico; pois enquanto o lado exotérico das duas últimas tradições foi instituído como tal desde o princípio, no sentido de que fazia parte da Revelação e era claramente distinguível de seu aspecto esotérico, o que hoje conhecemos como exoterismo cristão dificilmente figurava como tal na Revelação cristã, exceto de maneira puramente incidental. É verdade que em alguns dos textos mais antigos, particularmente os de São Paulo, há indícios de um modo exoterista ou dogmático. Tal ocorre, por exemplo, quando a principal conexão hierárquica existente entre esoterismo e exoterismo é representada como uma espécie de relação histórica entre a Nova Aliança e a Antiga, sendo a primeira identificada com o “espírito que dá vida” e a segunda com a “letra que mata”[1], uma comparação que deixa de lado a realidade integral inerente à própria Antiga Aliança, ou seja, aquele elemento nela que é identificado principalmente com a Nova Aliança e da qual esta última é simplesmente uma nova forma ou adaptação. Este é um bom exemplo de como o ponto de vista dogmático ou teológico[2], em vez de abraçar uma verdade em sua totalidade, seleciona apenas um aspecto como questão central.

1. A interpretação dessas palavras em um sentido exotérico é, na verdade, um ato suicida, pois elas inevitavelmente se voltarão contra o exoterismo que as anexou. A veracidade disso foi demonstrada pela Reforma Protestante, que se apropriou avidamente da frase em questão (2 Coríntios 3:6) para fazer dela sua principal arma, usurpando assim o lugar que normalmente deveria pertencer ao esoterismo.

2. O cristianismo herdou esse ponto de vista do judaísmo, cuja forma coincide com a própria origem dessa perspectiva; é quase supérfluo ressaltar o fato de que seu

Machine Translated by Google

de conveniência e pretende conferir-lhe um caráter exclusivo e absoluto.
valor; não se deve esquecer, porém, que sem esse caráter dogmático a verdade
religiosa seria ineficaz em relação a
ao fim específico que lhe é imposto pelos motivos da conveniência.
já mencionado. Existe, portanto, uma dupla restrição imposta a
verdade pura: por um lado, um aspecto da verdade é investido de
o caráter da verdade integral e, por outro lado, um absoluto
O caráter é atribuído ao parente. Além disso, este ponto de vista
A conveniência acarreta a negação de todas aquelas coisas que,
não sendo acessíveis nem indispensáveis a todos indistintamente, situam-se, por
essa razão, além do âmbito da perspectiva teológica e devem ser deixadas de
fora dela — daí as simplificações e
sínteses simbólicas peculiares a cada exoterismo.3 Por fim, podemos
Mencionam também, como uma característica particularmente marcante dessas doutrinas,
a identificação de fatos históricos com verdades fundamentais e a

A presença no cristianismo primitivo de modo algum invalida a essência iniciática do último. “Existem”, diz Orígenes, “diversas formas da Palavra sob as quais Ela se revela “Ele mesmo se conforma aos seus discípulos, adaptando-se ao grau de luz de cada um, de acordo com o grau de progresso deles na santidade” *(Contra Celsum* 4:16).

3. Assim, os exoterismos semíticos negam a transmigração da alma e, consequentemente, a existência de uma alma imortal nos animais; e também negam a dissolução cíclica total que os hindus chamam de *mahâpralaya,* uma dissolução que implica a aniquilação de toda a criação *(samsâra).* Essas verdades não são de forma alguma indispensáveis para salvação e envolvem certos perigos, mesmo para as mentalidades às quais os religiosos estão sujeitos As doutrinas são abordadas; portanto, um exoterismo é sempre obrigado a deixar algo sem mencionar. quaisquer elementos esotéricos que sejam incompatíveis com sua própria forma dogmática, ou mesmo negá-los. No entanto, a fim de evitar possíveis objeções aos exemplos.
Apresentado recentemente, é necessário fazer duas ressalvas. Em primeiro lugar, no que diz respeito a Quanto à imortalidade da alma no caso dos animais, deve-se dizer que a negação teológica se justifica no sentido de que um ser não pode, de fato, alcançar a imortalidade.
enquanto ligado ao estado animal, visto que este estado, assim como o vegetal e o mineral, também está ligado a este. estados, é periférico, e a imortalidade e a libertação só podem ser alcançadas a partir do ponto de partida de um estado central como o humano. Veremos, a partir deste exemplo, que uma negação religiosa de caráter dogmático nunca é totalmente desprovida de sentido. Em segundo lugar, no que diz respeito à recusa em admitir o mahâpralaya ,
Deve-se acrescentar que essa negação não é estritamente dogmática e que o ciclo total é A dissolução, que completa uma “Vida de *Brahmâ”,* é claramente atestada por formulações como a seguinte: “Pois em verdade vos digo, até que o céu e a terra passem, um só "Nem um jota ou um til se omitirá da lei, até que tudo seja cumprido" (Mateus 5:18).
“Eles permanecerão lá *(khâlidîn)* enquanto existirem os céus e a terra.” suporta, a menos que teu Senhor queira o contrário” (Alcorão, *Sûrah* “Hûd” [11]:107).

Machine Translated by Google

Daí resultam inevitáveis confusões. Por exemplo, quando se diz que todas as almas humanas, desde a de Adão até as almas dos contemporâneos de Cristo, devem aguardar sua descida ao inferno para serem libertadas, tal afirmação confunde o Cristo histórico com o Cristo cósmico e representa uma função eterna do Verbo como um fato temporal, pela simples razão de que Jesus foi uma manifestação desse Verbo, o que é outra forma de dizer que, no mundo onde essa manifestação ocorreu, Jesus foi verdadeiramente a encarnação única do Verbo. Outro exemplo pode ser encontrado nas visões divergentes do cristianismo e do islamismo sobre a morte de Cristo: além do fato de o Alcorão, ao negar aparentemente a morte de Cristo, simplesmente afirmar que Cristo não foi morto na realidade — o que é óbvio não apenas em relação à natureza divina do Deus-Homem, mas também em relação à sua natureza humana, visto que ressuscitou —, a recusa dos muçulmanos em admitir o fato histórico

A redenção, e consequentemente os fatos que são a única expressão terrestre da Redenção universal no que diz respeito à humanidade cristã, simplesmente denota que, em última análise, Cristo não morreu por aqueles que são “íntegros”, que neste caso são os muçulmanos na medida em que se beneficiam de outra forma terrestre da única e eterna Redenção. Em outras palavras, se é verdade em princípio que Cristo morreu por todos os homens — da mesma forma que a Revelação Islâmica se dirige principalmente a todos — na verdade, ele morreu apenas por aqueles que devem e se beneficiam dos meios de graça que perpetuam sua obra de Redenção;ÿ portanto, a distância tradicional que separa o Islã do Mistério Cristão está fadada a aparecer exotericamente na forma de uma negação, exatamente da mesma forma que a exoteriologia cristã...

4. Na mesma linha de raciocínio, podemos citar as seguintes palavras de Santo Agostinho: “Aquilo que hoje se chama religião cristã existia entre os antigos e nunca deixou de existir desde a origem da raça humana até o tempo em que o próprio Cristo veio e os homens começaram a chamar de cristã a verdadeira religião que já existia antes” *(Reconsiderações* I.13.3). Esta passagem foi comentada da seguinte forma pelo Abade P.-J. Jallabert em seu livro *Le Catholicisme avant Jésus-Christ:* “A religião católica nada mais é do que uma continuação da religião primitiva restaurada e generosamente enriquecida por Aquele que conheceu Sua obra desde o princípio.” Isso explica por que São Paulo Apóstolo não se considerava superior aos gentios, exceto pelo conhecimento de Jesus crucificado. Na verdade, tudo o que os gentios precisavam adquirir era o conhecimento da Encarnação e da Redenção, consideradas como um fato consumado; pois eles já haviam recebido o depósito de todo o restante da fé.

Machine Translated by Google

O dogmatismo deve negar a possibilidade de salvação fora da Redenção realizada por Jesus. Seja como for, embora uma perspectiva religiosa possa ser contestada *ab extra,* isto é, à luz de outra perspectiva religiosa derivada de um aspecto diferente da mesma verdade, ela permanece incontestável *ab intra ,* na medida em que sua capacidade de servir como meio de expressão da verdade total a torna uma chave para essa verdade. Além disso, nunca se deve esquecer que as restrições inerentes ao ponto de vista dogmático expressam, à sua maneira, a Bondade divina, que deseja impedir que os homens se desviem e que lhes dá o que é acessível e indispensável a todos, levando-se em conta as predisposições mentais da coletividade humana em questão.ÿ

Pelo que foi dito, fica claro que qualquer aparente contradição ou depreciação da Lei Mosaica que possa ser encontrada nas palavras de Cristo ou nos ensinamentos dos Apóstolos é, na realidade, apenas uma expressão da superioridade do esoterismo sobre o exoterismoÿ e, portanto, não se aplica no mesmo nível que esta Lei.ÿ

verdades reveladoras... É bom considerar que esta Revelação divina, que a idolatria tornara irreconhecível, fora, no entanto, preservada em sua pureza e talvez em toda a sua perfeição nos mistérios de Elêusis, Lemnos e Samotrácia."
Este "conhecimento da Encarnação e da Redenção" implica, antes de tudo, o conhecimento da renovação operada por Cristo de um meio de graça que é em si mesmo eterno, como a Lei que Cristo veio cumprir, mas não destruir. Este meio de graça é essencialmente sempre o mesmo e o único meio que existe, embora seus modos possam variar de acordo com os diferentes contextos étnicos e culturais em que se manifesta; a Eucaristia é uma realidade universal como o próprio Cristo.

5. Em sentido análogo, diz-se no Islã que "a divergência dos estudiosos é uma bênção" *(Ikhtilâf al-'ulamâ'i rahmah).*

6. Isso fica particularmente claro nas palavras de Cristo a respeito de São João Batista. De um ponto de vista exotérico, é óbvio que o Profeta que está mais próximo de Cristo-Deus é o maior entre os homens, e, por outro lado, que o menor entre os Bem-aventurados no Céu é maior do que o maior homem na Terra, sempre em razão dessa mesma proximidade com Deus.

Metafisicamente, as palavras de Cristo expressam a superioridade do que é principiológico sobre o que é manifesto, ou, de um ponto de vista iniciático, do esoterismo sobre o exoterismo, sendo São João Batista considerado, neste caso, o ápice e a plenitude deste último, o que explica, além disso, por que seu nome é idêntico ao de São João Evangelista, que representa o cristianismo em seu aspecto mais íntimo.

7. Na Epístola de São Paulo aos Romanos, encontramos a seguinte passagem: "Porque a circuncisão, na verdade, aproveita-se, se guardares a lei; mas, se fores transgressor da lei, a tua circuncisão torna-se incircuncisão. Portanto, se os incircuncisos guardarem a lei,

Machine Translated by Google

pelo menos não *a priori,* isto é, enquanto essa relação hierárquica não for concebida em modo dogmático. É perfeitamente óbvio que os principais ensinamentos de Cristo transcendem esse ponto de vista, e essa é, de fato, a razão de sua existência. Eles, portanto, também transcendem a Lei; de nenhuma outra forma se poderia explicar a atitude de Cristo em relação à lei da retaliação, ou em relação à mulher apanhada em adultério, ou ao divórcio. De fato, oferecer a outra face não é algo que qualquer coletividade social possa praticar com o objetivo de manter seu equilíbrio,ÿ e não tem significado a não ser como uma atitude espiritual; somente o homem espiritual se posiciona firmemente fora da cadeia lógica das reações individuais, visto que para ele a participação na corrente dessas reações equivale a uma queda da graça, pelo menos quando tal participação envolve o centro ou a alma do indivíduo, embora não quando se trata puramente de um ato exterior e impessoal de justiça, como

A justiça da lei, porventura a sua incircuncisão não será imputada como circuncisão? E não te julgará a incircuncisão, que é natural, se cumprir a lei, a ti que, pela letra e pela circuncisão, transgredis a lei? Porque não é judeu aquele que o é exteriormente, nem é circuncisão a que é exterior, na carne. Mas é judeu aquele que o é interiormente; e a circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus" (Romanos 2:25-29). A mesma ideia reaparece de forma mais concisa na seguinte passagem do Alcorão: "E eles dizem: Tornai-vos judeus ou nazarenos, para que sejais guiados. Respondei: Não, seguimos o caminho de Abraão, que era puro (ou 'primordial', *hanîf)* e que não era dos que associam (criaturas a Deus, efeitos à Causa ou manifestações ao Princípio). (Recebei) o batismo de Deus (e não o dos homens); e quem, em verdade, batiza melhor do que Deus?" E é a Ele que adoramos."
(Sura "A Vaca" [2]:135, 138). O "batismo" aqui referido expressa a mesma ideia fundamental que São Paulo expressa pela palavra "circuncisão".

8. Isso é tão claramente verdade que os próprios cristãos nunca transformaram essa injunção de Cristo em uma obrigação legal, o que prova mais uma vez que ela não se situa no mesmo nível da Lei Judaica e, consequentemente, não se destina nem é capaz de substituí-la. Há um *hadith* que demonstra a compatibilidade existente entre o ponto de vista espiritual afirmado por Cristo e o ponto de vista social, que é o da Lei Mosaica. Conta-se que o primeiro ladrão da comunidade muçulmana foi levado perante o Profeta para que sua mão fosse cortada de acordo com a lei corânica; mas o Profeta empalideceu. Perguntaram-lhe: "Tens alguma objeção?" Ele respondeu: "Como poderia eu não ter nada a objetar!"
Devo ser aliado de Satanás na inimizade contra meus irmãos? Se você deseja que Deus perdoe seu pecado e o oculte, também deve ocultar o pecado dos outros. Pois, uma vez que o transgressor tenha sido levado perante o rei, o castigo deve ser cumprido.

Machine Translated by Google

aquela prevista pela Lei Mosaica. Mas foi precisamente porque esse caráter impessoal da lei da retaliação se perdeu e foi substituído pelas paixões que se tornou necessário que Cristo expressasse uma verdade espiritual que, embora condenasse apenas uma falsa pretensão, parecia condenar a própria Lei. Tudo isso fica claramente evidente na resposta de Cristo àqueles que queriam apedrejar a mulher apanhada em adultério e que, em vez de agirem impessoalmente em nome da Lei, teriam agido pessoalmente em nome da sua própria hipocrisia. Cristo, portanto, não falou do ponto de vista da Lei, mas do ponto de vista das realidades interiores, suprassociais e espirituais; e seu ponto de vista era exatamente o mesmo na questão do divórcio. Talvez a prova mais impressionante, encontrada nos ensinamentos de Cristo, do caráter puramente espiritual e, portanto, suprassocial e extramoral de sua doutrina, esteja contida na seguinte passagem: “Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:26). É claramente impossível contrapor tal ensinamento à Lei Mosaica.

Assim, o cristianismo não possui nenhuma das características normais de um exoterismo instituído como tal, mas apresenta-se como um exoterismo de fato, e não como um existente em princípio. Além disso, mesmo sem recorrer a passagens bíblicas, o caráter essencialmente iniciático do cristianismo se manifesta em certas características de suma importância, como a doutrina da Trindade, o sacramento da Eucaristia e, mais particularmente, o uso do vinho nesse rito, ou ainda no uso de expressões puramente esotéricas como “Filho de Deus” e, especialmente, “Mãe de Deus”. Se o exoterismo é “algo que é ao mesmo tempo indispensável e acessível a todos”,ÿ o cristianismo não pode ser exotérico no sentido usual da palavra, visto que, na realidade, não é de modo algum acessível a todos, embora, de fato, em virtude de sua aplicação religiosa, se aplique a todos. Essa inacessibilidade dos dogmas cristãos se expressa ao chamá-los de “mistérios”, palavra que possui um significado positivo apenas no domínio iniciático ao qual, aliás, pertence, mas que, quando aplicada na esfera religiosa, parece tentar justificar ou ocultar o fato de que os dogmas cristãos não carregam consigo nenhum significado intelectual direto.

9. Definição dada por René Guénon no seu artigo “Création et Manifestation” *(Études Traditionnelles,* outubro de 1937).

Machine Translated by Google

prova, se tal modo de falar for permitido. Por exemplo, o
A Unidade divina é uma verdade imediatamente evidente e, portanto,
capaz de formulação exotérmica ou dogmática, pois essa ideia, em sua expressão
mais simples, é acessível a todo homem cuja mente
é sólido; por outro lado, a Trindade, na medida em que corresponde
para um ponto de vista mais diferenciado e representa um ponto de vista particular
O desenvolvimento da Doutrina da Unidade, entre outras igualmente possíveis,
não é, a rigor, passível de formulação exotérmica.
pela simples razão de que uma metafísica diferenciada ou derivada
A concepção não é acessível a todos. Além disso, a Trindade corresponde
necessariamente a um ponto de vista mais relativo do que o de
Unidade, da mesma forma que "Redenção" é uma realidade mais relativa.
do que "Criação". Qualquer homem normal pode conceber a Unidade divina.
Em certa medida, sim, porque este é o mais universal e, portanto, em
em certo sentido, o aspecto mais simples da Divindade; por outro lado,
A Trindade só pode ser compreendida por aqueles que são capazes de
concebendo a Divindade sob outros aspectos mais ou menos relativos,
isto é, por aqueles que são capazes, através da participação espiritual no
Intelecto divino, para se mover, por assim dizer, na dimensão metafísica;
Mas essa é precisamente uma possibilidade que está muito longe de ser acessível
a todos, pelo menos no atual estado da humanidade neste aspecto.
terra. Quando Santo Agostinho disse que a Trindade era incompreensível, ele
estava necessariamente falando — sem dúvida em conformidade com
As tendências do mundo romano — do ponto de vista racional
do indivíduo, um ponto de vista que, quando aplicado a verdades transcendentes,
não pode deixar de revelar sua própria inadequação. A única coisa
Isso é completamente incompreensível, do ponto de vista da pureza.
A intelectualidade é aquilo que é totalmente irreal, ou seja, puro.
o nada, que é a mesma coisa que a impossibilidade e que,
Sendo nada, não pode se tornar objeto de compreensão.

Acrescente-se que a natureza esotérica dos dogmas cristãos
e os sacramentos são a causa subjacente da reação islâmica.
contra o cristianismo. Porque este último havia misturado os
haqîqah (Verdade esotérica) e *sharî'ah* (Lei exotérmica), carregava
Com isso, certos perigos de desequilíbrio que, de fato, se manifestaram ao longo
dos séculos, contribuindo indiretamente para a terrível subversão representada
pela modernidade.

mundo, em conformidade com as palavras de Cristo: "Não dês o que não tens em mente; não dês aos outros o que não tens em mente."

é sagrado para os cães, e não lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não sejam sacrificadas a eles.
Eles os pisoteiam e, voltando-se, os despedaçam."

Machine Translated by Google

* * *

Visto que o cristianismo parece confundir dois domínios que normalmente deveriam permanecer separados, assim como confunde as duas espécies eucarísticas que representam respectivamente esses domínios, pode-se perguntar se as coisas poderiam ter sido diferentes e se essa confusão é simplesmente o resultado de erros individuais? Certamente que não, e pelas seguintes razões. A verdade interior e esotérica deve, necessariamente, manifestar-se por vezes à luz do dia, em virtude de uma possibilidade definida de manifestação espiritual e independentemente das limitações de um ambiente humano específico; em outras palavras, a "confusão" em questão[1]ÿ é apenas a consequência negativa de algo que em si mesmo é positivo, ou seja, a própria manifestação crística. É a essa manifestação, bem como a todas as outras manifestações análogas da Palavra, qualquer que seja o seu grau de universalidade, que se referem as seguintes palavras inspiradas: "E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam". Era necessário que Cristo, por definição metafísica ou cosmológica, por assim dizer, rompesse a casca representada pela Lei Mosaica, embora sem a negar; Sendo ele próprio o cerne vivo desta Lei, tinha todo o direito de fazê-lo, pois era "mais verdadeiro" do que ela, e este é um dos significados de suas palavras: "Antes de Abraão existir, eu sou". Pode-se também dizer que, se o esoterismo não diz respeito a todos, é porque, analogicamente, a luz penetra em algumas substâncias e não em outras; mas, por outro lado, se o esoterismo deve se manifestar abertamente de tempos em tempos, como aconteceu no caso de Cristo, e em menor grau de universalidade no caso de al-Hallaj, é, ainda por analogia, porque o sol ilumina tudo sem distinção. Assim, se a "Luz brilha nas trevas" no

10. O exemplo mais geral dessa "confusão", que também poderia ser chamada de "flutuação", é a mistura, nas Escrituras do Novo Testamento, dos dois graus de inspiração que os hindus denotam respectivamente pelos termos *Shruti* e *Smriti,* e os muçulmanos pelos termos *nafas ar-Rûh* e *ilqâ ar-Rahmâniyah:* a última expressão, assim como a palavra *Smriti,* denota uma inspiração derivada ou secundária, enquanto a primeira expressão, assim como a palavra *Shruti,* refere-se à Revelação propriamente dita, isto é, à Palavra divina em sentido direto. Nas Epístolas, essa mistura aparece explicitamente em diversas ocasiões; o sétimo capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios é particularmente instrutivo a esse respeito.

Machine Translated by Google

O sentido principal ou universal que nos interessa aqui é o que demonstra que, ao fazê-lo, manifesta uma de suas possibilidades, e uma possibilidade, por definição, é algo que não pode deixar de ser, sendo um aspecto da absoluta necessidade do Princípio divino.

Essas considerações não devem nos levar a negligenciar um aspecto complementar, embora mais contingente, da questão. Deve existir também, do lado humano, isto é, no ambiente em que tal manifestação divina se produz, uma razão suficiente para a sua ocorrência; ora, para o mundo ao qual a missão de Cristo se dirigia, essa manifestação aberta de verdades que normalmente deveriam permanecer ocultas — pelo menos sob certas condições de tempo e lugar — era o único meio possível de promover a reorientação de que aquele mundo necessitava. Isso basta para justificar aquele elemento na irradiação espiritual de Cristo, como a definimos, que seria anormal e ilegítimo em circunstâncias mais comuns. Essa revelação do "espírito" oculto na "letra" não poderia, contudo, eliminar completamente certas leis inerentes a todo esoterismo sem alterar por completo a natureza deste último: assim, Cristo falou somente por parábolas, "para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: 'Abrirei a minha boca em parábolas e proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo'" (Mateus 13:35). Não obstante, uma irradiação dessa natureza, embora inevitável no caso específico em questão, constitui "uma espada de dois gumes", se é que se pode usar tal expressão aqui. Mas há outro aspecto a ser considerado, a saber, que o caminho cristão é essencialmente um "caminho da Graça", sendo, nesse aspecto, análogo aos caminhos "bhaktic" da Índia e a certos caminhos encontrados no budismo. Em métodos como esses, devido à sua própria natureza, a distinção entre um aspecto externo e um interno é atenuada e às vezes até ignorada, no sentido de que a "Graça", que é iniciática em seu núcleo ou essência, tende a se doar na maior medida possível, o que lhe é possível em virtude da simplicidade e universalidade do simbolismo e dos meios que lhe são próprios.

Pode-se também dizer que, embora a diferença que separa o "caminho do Mérito" do "caminho do Conhecimento" seja necessariamente muito grande, visto que esses dois caminhos se referem respectivamente à ação meritória e à contemplação intelectual, o "caminho da Graça" ocupa, em certo sentido, uma posição intermediária entre os dois; as aplicações internas e externas caminham juntas na mesma irradiação de Misericórdia, enquanto na esfera da realização espiritual as diferenças

Machine Translated by Google

será de grau e não de princípio; toda inteligência e
Toda vontade é capaz de participar de uma mesma Graça, de acordo com a
medida de suas possibilidades, da mesma forma que o sol.
Ilumina tudo sem distinção, embora aja de forma diferente.
em diferentes substâncias.

Agora, além do fato de que um modo sintético de radiação tal
pois aquilo que acabamos de descrever — com sua exposição das coisas que um
exoterismo normal deve manter sob um véu — era a única maneira possível de dar
efeito na reorientação espiritual da qual o mundo ocidental
Em situações de necessidade, é preciso acrescentar que esse modo também
possui um aspecto providencial em relação à evolução cíclica, no sentido de ser
incluído no Plano divino referente ao desenvolvimento final de
o ciclo atual da humanidade. De outro ponto de vista, pode-se...
também reconhecemos, na desproporção entre o puramente espiritual
qualidade do Dom Crístico e a natureza excessivamente heterogênea de
o ambiente em que foi recebida, a marca de um modo excepcional de Misericórdia
divina, que se renova constantemente para o
Em prol das criaturas: para salvar uma das partes “doentes” da humanidade, ou
melhor, “uma humanidade”, Deus consente em ser profanado; mas no
Por outro lado — e esta é uma manifestação de Sua Impessoalidade, que
Por definição, está além da perspectiva religiosa — Ele faz uso
dessa profanação, visto que “é necessário que venham as ofensas”, em
para provocar a decadência final do atual ciclo da humanidade, necessária para o
esgotamento de todas as possibilidades incluídas em
este ciclo, necessário, portanto, para o equilíbrio do ciclo como um
a totalidade e a realização da gloriosa e universal irradiação de Deus.

O ponto de vista dogmático é compelido, sob pena de ter que admitir que as
ações de seu Deus pessoal, o único que ele...
leva em consideração, contradizem-se mutuamente, para definir o
atos aparentemente contraditórios da Divindade impessoal—quando
não pode negá-los pura e simplesmente como faz no caso do
diversidade de formas tradicionais—como “misteriosas” e “insondáveis”,
atribuindo naturalmente esses “mistérios” à Vontade do Deus pessoal.

* * *

Machine Translated by Google

A natureza particular e a universalidade da tradição cristã.

A existência de um esoterismo cristão, ou melhor, o caráter eminentemente esotérico do cristianismo primitivo, transparece não apenas nos textos do Novo Testamento, nos quais certas palavras de Cristo não possuem significado exotérico, ou na natureza dos ritos cristãos — para falar apenas daquilo que é mais ou menos acessível "de fora" na Igreja Latina —, mas também no testemunho explícito de autores antigos. Assim, em sua obra sobre o Espírito Santo, São Basílio fala de uma "tradição tácita e mística mantida até os nossos dias e de uma instrução secreta que nossos pais observaram sem discussão e que seguimos habitando na simplicidade do seu silêncio".

Pois eles compreendiam a necessidade do silêncio para manter o respeito e a veneração devidos aos nossos Santos Mistérios. E, de fato, não era apropriado divulgar por escrito uma doutrina que contivesse coisas que os catecúmenos não podiam contemplar". Novamente, segundo São Dionísio, o Areopagita, "a salvação só é possível para as almas deificadas, e a deificação nada mais é do que a união e a semelhança que buscamos ter com Deus. As coisas que são concedidas de forma uniforme e simultânea, por assim dizer, às Essências benditas que habitam o Céu, são transmitidas a nós como que em fragmentos e através da multiplicidade dos variados símbolos dos oráculos divinos. Pois é sobre esses oráculos divinos que se fundamenta a nossa hierarquia." E com estas palavras não queremos dizer apenas o que os nossos Mestres inspirados nos deixaram nas Sagradas Epístolas e nas suas obras teológicas, mas também o que transmitiram aos seus discípulos por meio de uma espécie de ensinamento espiritual e quase celestial, iniciando-os de pessoa para pessoa, sem dúvida de forma corporal, pois falavam, mas, atrevo-me a dizer, também de forma imaterial, visto que não escreviam. Mas, como estas verdades tinham de ser traduzidas para os usos da Igreja, os Apóstolos expressaram-nas sob o véu dos símbolos e não na sua sublime nudez, pois nem todos são santos e, como dizem as Escrituras, o conhecimento não é para todos."[11]

* * *

11. Podemos também citar um autor católico contemporâneo, Paulo Vulliaud: "Defendemos a ideia de que o processo de enunciação dogmática durante os primeiros séculos foi um processo de iniciação sucessiva, ou, em suma, que existia um exoterismo e um esoterismo na religião cristã. Os historiadores podem não gostar, mas encontram-se vestígios incontestáveis da *lex arcani* na origem da nossa religião...". a fim de

Machine Translated by Google

Vimos que o cristianismo é um “caminho da graça” ou um “caminho do amor”.
(o *bhakti-mârga* dos hindus), e essa definição exige alguma coisa
Uma explicação mais aprofundada de caráter geral. A diferença mais pronunciada-

Para compreender com clareza o ensinamento doutrinário da Revelação Cristã, é necessário
admitir, como já insistimos, a natureza dupla da pregação do Evangelho. A regra que determina
que os dogmas devem ser revelados somente aos iniciados
continuou em operação por tempo suficiente para permitir que até os observadores mais cegos
e resistentes detectassem vestígios inegáveis. Sozomen, um historiador, escreveu
referente ao Concílio de Niceia, que ele desejava registrar em detalhes, principalmente
'a fim de deixar para a posteridade um monumento público da verdade'. Ele foi aconselhado a
permanecer em silêncio a respeito daquilo que não deve ser conhecido, exceto pelos sacerdotes e pelos
fiel'. A 'lei do segredo' foi, consequentemente, perpetuada em certos lugares.
mesmo após a promulgação conciliar universal do Dogma. São Basílio, em sua obra
Em "Sobre a Verdadeira e Piedosa Fé", ele relata como evitou usar termos como
'Trindade' e 'consubstancialidade', que, como ele disse, não ocorrem nas Escrituras,
embora as coisas que elas denotam possam ser encontradas lá. . . . Tertuliano diz,
opondo-se a Praxeas, que não se deve falar com tantas palavras da Divindade de
Jesus Cristo e que se deva chamar o Pai de 'Deus' e o Filho de 'Senhor'. . . . Faça
nem mesmo essas expressões, praticadas habitualmente, parecem ser sinais de uma convenção, visto que
Essa reticência da linguagem é encontrada em todos os autores dos primeiros séculos e é de
aplicação canônica? A disciplina primitiva do cristianismo incluía um exame no qual os
'competentes' (aqueles que pediam o batismo) eram admitidos.
eleição. Esse exame era chamado de 'escrutínio'. O Sinal da Cruz era
feito nas orelhas do catecúmeno com a palavra *ephpheta,* razão pela qual isto
A cerimônia passou a ser chamada de 'o escrutínio da abertura dos ouvidos'. Os ouvidos eram
Aberto à 'recepção' *(cabâlâh)* ou 'tradição' das verdades divinas. . . O
O problema sinóptico-joanino... não pode ser resolvido senão recordando a existência de um
ensinamento duplo, exotérico e acromático, histórico e teológico-místico... Existe uma teologia
parabólica. Ela fazia parte daquela herança que
Teodoreto chama, no prefácio de seu *Comentário ao Cântico dos Cânticos,* o 'paternal'.
herança', que significa a transmissão do sentido aplicável à interpretação das Escrituras. . . . O
dogma, em sua parte divina, constituía a revelação.
reservado aos Iniciados, sob a 'Disciplina do Segredo'. Tentzelius afirmou que
rastrearam a origem dessa 'lei do segredo' até o final do século II. . . . Emmanuel Schelstrate,
bibliotecário do Vaticano, observou-a com razão nos tempos apostólicos. Na realidade, a
maneira esotérica de transmitir as verdades divinas
e a interpretação de textos existia tanto entre judeus quanto entre gentios, como existiu posteriormente.
entre os cristãos. . . . Se alguém se recusar obstinadamente a estudar os processos iniciáticos de
Revelação: jamais se chegará a uma assimilação inteligente e subjetiva do dogma.
As liturgias antigas não são suficientemente utilizadas, e da mesma forma o hebraico
A pesquisa acadêmica é absolutamente negligenciada. . . Os Apóstolos e os Padres preservaram em
segredo e silêncio a 'Majestade dos Mistérios'; São Dionísio
Areopagita, com um propósito definido, cultivou o uso de palavras obscuras; como Cristo
Assumiu o título de 'Filho do Homem', por isso chama o batismo de 'Iniciação à *Teogênese'. . .* ·
A disciplina do segredo era plenamente justificada. Nem os profetas nem o próprio Cristo...

Machine Translated by Google

A natureza particular e a universalidade da tradição cristã.

A diferença entre a Nova Aliança e a Antiga é que nesta última...

o aspecto divino do Rigor predominava, enquanto no anterior
Pelo contrário, é o aspecto da Misericórdia que prevalece. Agora, o caminho

O próprio eu revelou os segredos divinos com tamanha clareza que os tornou compreensíveis a
todos" (Paul Vulliaud, *Études d'Ésotérisme catholique).* Por fim, gostaríamos de
Citação: para fins de documentação e apesar da extensão do texto, um autor
do início do século XIX: "No início, o cristianismo era uma iniciação."
comparáveis às dos pagãos. Ao falar dessa religião, Clemente de
Alexandria exclama: 'Ó mistérios verdadeiramente sagrados! Ó luz pura! Em meio ao brilho de
As tochas derrubam o véu que cobre Deus e o Céu. Eu me torno santo a partir disso.
No momento em que sou *iniciado.* É o próprio Senhor quem é o hierofante; Ele coloca o Seu *selo.*
sobre o adepto a quem ele ilumina; e para recompensar sua fé, ele o recomenda.
eternamente ao Seu Pai. Essas são as orgias dos Meus mistérios. *Venham e busquem admissão*
a elas.' Essas palavras podem ser interpretadas em um sentido meramente metafórico, mas
Os fatos comprovam que devem ser interpretados literalmente. Os Evangelhos estão repletos de
reticências calculadas e de alusões à iniciação cristã. Assim, pode-se ler: 'Aquele que
"Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça." Jesus, ao se dirigir à multidão, sempre fazia uso de...
parábolas. 'Buscai', disse ele, 'e achareis; batei, e a porta vos será aberta.'
você.' As reuniões eram secretas e as pessoas só eram admitidas sob condições declaradas
condições. A compreensão completa da doutrina só era alcançada após a passagem por três
graus de instrução. Os iniciados eram, consequentemente, divididos.
em três classes. A primeira classe era composta pelos *ouvintes,* a segunda pelos *catecúmenos.*
ou os *competentes,* e o terceiro, os *fiéis.* Os ouvintes eram noviços, que eram preparados, por
meio de certas práticas e instruções, para a comunicação de
Os dogmas do cristianismo. Uma parte desses dogmas foi revelada aos catecúmenos que, após
as purificações prescritas, recebiam o batismo ou *a iniciação.*
teogênese (geração divina), como São Dionísio a chama em sua *obra Eclesiástica.*
Hierarquia; a partir desse momento, tornaram-se *servos da fé* e tiveram liberdade
acesso às igrejas. Nos mistérios não havia nada de secreto ou oculto.
os fiéis; tudo se realizava na presença deles; eles podiam ver tudo e ouvir tudo;
Eles tinham o direito de estar presentes durante toda a liturgia; isso lhes era imposto.
para que vigiassem atentamente, a fim de que nenhum profano ou iniciado de posição inferior
se infiltrasse entre eles; e o *sinal da cruz* servia-lhes de sinal.
de reconhecimento. Os mistérios foram divididos em duas partes. A primeira foi chamada de
missa dos catecúmenos porque membros dessa classe tinham permissão para assisti-la;
incluía tudo o que é dito desde o início do ofício divino até a recitação.
do credo. A segunda parte era chamada de missa dos fiéis. Incluía o
preparação do *sacrifício,* o próprio sacrifício e a ação de graças que se segue. Quando esta
missa estava prestes a começar, um diácono gritou em alta voz: *Sancta sanctis; foris canes!* 'As
coisas santas são para os santos; que saiam os cães!'
expulsaram os catecúmenos e os penitentes, estes últimos membros da
fiéis que, tendo alguma falta grave em sua consciência, foram submetidos a
as penitências prescritas pela Igreja, e por isso não puderam estar presentes no
Celebração dos *terríveis mistérios,* como os chama São João Crisóstomo. Os fiéis, em particular,
recitavam o símbolo da fé, para garantir que todos os presentes...
tinham recebido iniciação e, assim, podiam conversar com segurança na presença deles.

Machine Translated by Google

O caminho da Misericórdia é, em certo sentido, mais fácil do que o caminho do Rigor, porque, embora corresponda a uma realidade mais profunda, também se beneficia de uma Graça especial: a “justificação pela Fé”, cujo “jugo é suave e o fardo leve”, e que torna desnecessário o “jugo do Céu” da Lei Mosaica. Além disso, essa “justificação pela Fé” é análoga — e todo o seu significado esotérico repousa nisso — à “libertação pelo Conhecimento”, sendo ambas, em maior ou menor grau, independentes da “Lei”, ou seja, das obras.12 A Fé, na verdade, nada mais é do que o modo “bhaktico” do Conhecimento e da certeza intelectual, o que significa que a Fé é um ato passivo da inteligência, cujo objeto imediato não é a verdade em si, mas um símbolo da verdade. Esse símbolo revelará seus segredos em proporção...

abertamente e sem enigmas a respeito dos grandes mistérios da religião, especialmente da Eucaristia. A doutrina e a celebração deste sacramento eram guardadas como um segredo inviolável; e se os doutores se referiam a ele em seus sermões ou livros, faziam-no apenas com grande reserva, por alusão indireta e enigmaticamente. Quando Diocleciano ordenou aos cristãos que entregassem seus livros sagrados aos magistrados, aqueles dentre eles que obedeceram a este édito do imperador por medo da morte foram expulsos da comunidade dos fiéis e considerados traidores e apóstatas. Santo Agostinho nos dá uma ideia da dor da Igreja ao ver as Sagradas Escrituras entregues a incrédulos. Aos olhos da Igreja, era considerado uma terrível profanação quando um homem não iniciado entrava no templo e testemunhava os santos mistérios. São João Crisóstomo menciona um caso semelhante ao Papa Inocêncio I. Alguns soldados bárbaros haviam entrado na Igreja de Constantinopla na véspera da Páscoa. As catecúmenas, que acabavam de se despir para serem batizadas, foram obrigadas pelo medo a fugir nuas; os bárbaros não lhes deram tempo para se cobrirem. Os bárbaros então entraram nos lugares onde as coisas sagradas são guardadas e veneradas, e alguns deles, *que ainda não haviam sido iniciados em nossos mistérios,* viram todas as coisas santíssimas que ali se encontravam. No século VII, o aumento constante do número de fiéis levou à instituição, pela Igreja, das ordens menores, entre as quais se incluíam os porteiros, que sucederam os diáconos e subdiáconos na função de guardar as portas das igrejas. Por volta do ano 700, todos eram admitidos ao espetáculo da liturgia; e de todo o mistério que nos tempos antigos envolvia a cerimônia sagrada, restou apenas o costume de recitar secretamente o cânone da missa. Contudo, ainda hoje, no rito grego, o sacerdote oficiante celebra o ofício divino por trás de uma cortina, que é aberta apenas no momento da elevação; mas nesse momento, os que assistem devem estar prostrados ou inclinados de tal maneira que não possam ver o santo sacramento” (FTB Clavel, *Histoire pittoresque de la Franc-Maçonnerie et des Sociétés secrètes anciennes et modernes).*

12. Uma distinção análoga à que opõe “Fé” e “Lei” encontra-se no próprio âmbito iniciático; à “Fé” correspondem aqui os diversos movimentos espirituais fundados na invocação de um Nome divino.

Machine Translated by Google

ção à grandeza da Fé, que por sua vez será determinada por uma atitude de confiança ou certeza emocional, isto é, por um elemento de *bhakti* ou amor. Na medida em que a Fé é uma atitude contemplativa-

(o *japa hindu,* o budismo *budanusmriti, nien-fo* ou *nembutsu,* e o *dhikr muçulmano);* um exemplo particularmente característico é fornecido por Shri Chaitanya, que descartou todos os seus livros para se dedicar exclusivamente à invocação "bhaktica" de *Krishna,* uma atitude comparável à dos cristãos, que rejeitaram a "Lei" e as "obras" em nome da "Fé" e do "Amor". De maneira semelhante, para citar mais um exemplo, as escolas budistas japonesas chamadas *Jôdo* e *Jôdo-Shinshû,* cuja doutrina, fundada nos *sutras* de Amitabha, é análoga a certas doutrinas do budismo chinês e procede, como elas, do "voto original de Amida", rejeitam as meditações e austeridades das outras escolas budistas para se dedicarem exclusivamente à invocação do sagrado Nome de *Amida:* aqui, o esforço ascético é substituído pela simples confiança na Graça do Buda Amida, uma Graça que ele concede por sua Compaixão àqueles que o invocam, independentemente de qualquer "mérito" da parte deles. "A invocação do santo Nome deve ser acompanhada por uma sinceridade absoluta de coração e pela fé mais completa na bondade de Amida, cujo desejo é que todas as criaturas sejam salvas. Em vez de virtudes, em vez de conhecimento, Amida, tendo compaixão dos homens dos 'Últimos Dias', permitiu que fosse substituída a fé no valor redentor de Sua Graça, para que eles possam ser libertados dos sofrimentos do mundo." "Somos todos iguais pelo efeito de nossa fé comum e de nossa confiança na Graça de Amida Buda." "Toda criatura, por maior pecadora que seja, tem a certeza de ser salva e envolvida pela luz de Amida e de obter um lugar na eterna e imperecível Terra da Felicidade, se tão somente acreditar no Nome de Amida Buda e, abandonando as preocupações presentes e futuras do mundo, refugiar-se nas Mãos libertadoras tão misericordiosamente estendidas a todas as criaturas, recitando Seu Nome com total sinceridade de coração." "Conhecemos o Nome de *Amida* através da pregação de *Shâkya-Muni,* e sabemos que neste Nome está contido o poder do desejo de Amida de salvar todas as criaturas. Ouvir este Nome é ouvir a voz da salvação dizendo: 'Confie em Mim, e certamente Eu o salvarei', palavras que Amida nos dirige diretamente. Este significado está contido no Nome *Amida.* Enquanto todas as nossas outras ações são mais ou menos manchadas pela impureza, a repetição do *Namu-Amida-Bu* é um ato isento de toda impureza, pois não somos nós que o recitamos, mas o próprio Amida que, dando-nos o Seu próprio Nome, nos faz repeti-lo."

"Uma vez despertada e fortalecida a crença em nossa salvação por Amida, nosso destino está selado: renasceremos na Terra Pura e nos tornaremos Budas. Então, diz-se, seremos completamente envolvidos pela Luz de Amida e, vivendo sob sua amorosa orientação, nossa vida será repleta de uma alegria indizível, dádiva do Buda" *(Les Sectes bouddhiques japonaises,* de E. Steinilber-Oberlin e Kuni Matsuo). "O voto original de Amida é receber em sua Terra da Felicidade quem quer que pronuncie seu Nome com absoluta confiança: felizes são aqueles que pronunciam seu Nome! Um homem pode ter fé, mas se não pronunciar o Nome, sua fé não lhe servirá de nada. Outro pode pronunciar o Nome pensando apenas nisso, mas se sua fé não for suficientemente profunda, seu renascimento não ocorrerá."

Machine Translated by Google

atitude, cujo objeto é a inteligência; pode-se, portanto, dizer que constitui um
Conhecimento virtual; mas, como seu modo é passivo, deve compensar essa
passividade com uma atitude ativa complementar, isto é,
para dizer, por uma atitude da vontade cuja substância é precisamente
confiança e fervor, em virtude dos quais a inteligência receberá certezas espirituais.
A fé é, *a priori,* uma disposição natural da alma para
admitir o sobrenatural; é, portanto, essencialmente uma intuição do
O sobrenatural é provocado pela Graça, que se concretiza por meio de
da atitude de confiança fervorosa.13 Quando, pela Graça, Fé
se torna inteiro, terá sido dissolvido no Amor, que é Deus;
É por isso que, do ponto de vista teológico, os Bem-aventurados no Céu
já não têm fé, pois contemplam o seu objeto, a saber, Deus, que

ocorrerá. Mas aquele que crê firmemente no renascimento como objetivo do *nembutsu* (invocação)
e que pronuncia o Nome, esse mesmo, sem dúvida alguma, renascerá.
"Na Terra da Recompensa" *(Ensaios sobre o Budismo Zen,* Vol. 3, de Daisetz Teitaro Suzuki).
Não terá sido difícil reconhecer as analogias às quais desejávamos fazer.
Chamar a atenção: *Amida* nada mais é do que a Palavra divina. *Amida-Buda* pode
portanto, pode ser traduzido, em termos cristãos, como “Deus Filho, o Cristo”, o Nome.
“Cristo Jesus” sendo equivalente ao Nome *Buda Shâkya-Muni;* o redentor
O nome *Amida* corresponde exatamente à Eucaristia e à invocação desse nome.
à comunhão; por fim, a distinção entre *jiriki* (poder individual, ou seja, esforço)
com vistas ao mérito) e *tariki* (“poder do outro”, isto é, graça à parte de
mérito)—sendo este último o caminho do *Jôdo-Shinshû—é* análogo à distinção paulina entre a
“Lei” e a “Fé”. Pode-se acrescentar que se moderno
O cristianismo está sofrendo, em certa medida, com o declínio do elemento intelectual,
precisamente porque sua espiritualidade original era de natureza "bhaktica".
A exteriorização do *bhakti* leva inevitavelmente a uma regressão da intelectualidade em favor de
de sentimentalismo.
13. A vida do grande *devoto* Shri Ramakrishna fornece um exemplo muito instrutivo do modo de
conhecimento “bhaktic”. O santo desejava compreender a identidade entre o ouro e o barro; mas,
em vez de partir de um *dado* metafísico
o que lhe teria permitido perceber a vaidade das riquezas, como um *jnânin* faria
feito isso, ele continuou orando a Kali para que ela o ajudasse a compreender essa identidade por meio de
uma revelação: “Todas as manhãs, durante muitos longos meses, eu segurava em minha mão um pedaço de
dinheiro e um pedaço de barro e repetia: *Ouro é barro, e barro é ouro.* Mas isto
O pensamento não trouxe nenhuma obra espiritual para operar dentro de mim; nada aconteceu.
Prove-me a veracidade dessa afirmação. Depois de não sei quantos meses de
Em meditação, eu estava sentado certa manhã ao amanhecer na margem do rio, implorando
Nossa Mãe para me iluminar. De repente, todo o universo apareceu diante de mim.
Meus olhos envoltos num manto dourado e brilhante... Então a paisagem assumiu uma...
Um brilho mais opaco, da cor de barro marrom, ainda mais encantador que o ouro. E enquanto isso
A visão gravou-se profundamente em minha alma; ouvi um som como o de uma trombeta.
mais de dez mil elefantes, que clamavam em meu ouvido: *Barro e ouro são apenas*

Machine Translated by Google

É o Amor ou a Bem-aventurança. Deve-se acrescentar que, de um ponto de vista iniciático, trata-se de Amor ou Bem-aventurança.
de ponto de vista, como expresso, por exemplo, no ensinamento do Hesicasta.
Segundo a tradição, essa visão pode e até deve ser alcançada nesta vida.

Outro aspecto da fé que pode ser mencionado aqui é a conexão entre fé e milagres, uma conexão que explica a
grande importância dos milagres não apenas no caso de Cristo, mas em
O cristianismo em si. No cristianismo, em contraste com o islamismo, o milagre
desempenha um papel central e quase orgânico, e isso não é dissociado da
natureza "bhaktica" do caminho cristão. Milagres
seria, na verdade, inexplicável, exceto pelo lugar que ocupam em
Fé; não possuindo valor persuasivo em si mesma—pois de outra forma
milagres satânicos seriam um critério de verdade — eles, no entanto,
possuírem esse valor em um grau excepcional em associação com todos.
os outros fatores que entram na Revelação Crística. Em outras palavras.
palavras, se os milagres de Cristo, dos Apóstolos e dos santos são preciosos e
veneráveis, isso se deve unicamente ao fato de estarem associados a
outros critérios que *a priori* permitem que sejam investidos com o
valor dos “sinais” divinos. A função essencial e primordial de um
O milagre consiste em despertar a graça da Fé — que pressupõe uma
disposição natural para admitir o sobrenatural, seja consciente ou inconscientemente.
não, por parte da pessoa afetada por esta graça—ou para aperfeiçoar
uma fé já adquirida. Para definir ainda mais exatamente a função de
o milagre, não apenas no cristianismo, mas em todas as formas religiosas—pois
nenhum deles desconsidera fatos miraculosos — pode-se dizer que um milagre,
além de seu caráter simbólico, o liga ao
O próprio objeto da Fé é capaz de evocar uma intuição que se torna um
elemento de certeza na alma do crente. Por fim, se milagres
pode despertar a Fé, a Fé, por sua vez, pode trazer milagres, pois “a Fé
pode mover montanhas”. Essa relação recíproca também demonstra que
Essas duas coisas estão conectadas cosmologicamente e há

Uma coisa para você. Minhas orações foram atendidas e eu as lancei para longe no Ganges.
o pedaço de ouro e o pedaço de barro.” Nesse mesmo contexto, podemos citar o
Seguindo as reflexões de um teólogo ortodoxo: “Um dogma que expressa uma
A verdade revelada, que nos parece um mistério insondável, deve ser vivida por nós.
por meio de um processo pelo qual, em vez de assimilarmos o mistério ao nosso próprio
modo de compreensão, devemos, pelo contrário, estar atentos a uma mudança profunda, uma
transformação interior do nosso espírito, de modo a nos tornar aptos para a experiência mística”
(Vladimir Lossky, *Essai sur la théologie mystique de l'Église d'Orient).*

Machine Translated by Google

Nesse sentido, não há nada de arbitrário, pois o milagre estabelece um contato imediato entre a Onipotência divina e o mundo, enquanto a Fé, por sua vez, estabelece um contato análogo, porém passivo, entre o microcosmo e Deus; o mero raciocínio, isto é, a operação discursiva da faculdade mental, está tão distante da Fé quanto as leis naturais estão dos milagres, enquanto o conhecimento intelectual verá o milagroso no natural e vice-versa.

Quanto à Caridade, que é a mais importante das três virtudes teológicas, ela possui dois aspectos, um passivo e outro ativo. O Amor Espiritual é uma participação passiva em Deus, que é Amor infinito; mas o amor, ao contrário, é ativo em relação às coisas criadas. O amor ao próximo, na medida em que é uma expressão necessária do Amor de Deus, é um complemento indispensável à Fé. Esses dois modos de Caridade são afirmados pelo ensinamento do Evangelho a respeito da Lei Suprema, o primeiro implicando a consciência de que somente Deus é Bem-aventurança e Realidade, e o segundo a consciência de que o ego é apenas ilusório, sendo o "eu" dos outros identificado na realidade com "mim mesmo";[1]ÿ se devo amar meu "próximo" porque ele é "mim", isso implica que devo amar a mim mesmo *a priori,* não sendo outro senão meu "próximo"; e se devo amar a mim mesmo, seja em "mim mesmo" ou em meu "próximo", é porque Deus me ama e eu devo amar o que Ele ama; E se Ele me ama, é porque ama a Sua criação, ou, em outras palavras, porque a própria Existência é Amor e o Amor é, por assim dizer, o perfume do Criador inerente a cada criatura. Da mesma forma que o Amor de Deus, ou a Caridade que tem como objeto as Perfeições divinas e não o nosso próprio bem-estar, é o Conhecimento da única e verdadeira Realidade divina, na qual a realidade aparente do criado se dissolve — um conhecimento que implica a identificação da alma com a sua Essência incriada,[1]ÿ que é mais um aspecto do simbolismo do Amor —, assim também o amor ao próximo nada mais é do que o conhecimento da indiferenciação diante de Deus de tudo o que foi criado.

14. Essa percepção do "não-eu" explica o papel importante desempenhado pela humildade na espiritualidade cristã; um papel semelhante é desempenhado pela "pobreza" *(faqr)* na espiritualidade islâmica e pela "infantilidade" *(bâlya)* na espiritualidade hindu ; o simbolismo da infância nos ensinamentos de Cristo será relembrado aqui.

15. "Somos inteiramente transformados em Deus", diz Mestre Eckhart, "e mudados nEle. Assim como, no sacramento, o pão se transforma no corpo de Cristo,

Machine Translated by Google

A natureza particular e a universalidade da tradição cristã.

Ao passar do criado para o Criador, ou da manifestação para o Princípio, é necessário, de fato, ter percebido a indiferença, ou melhor, o "nada", de tudo o que se manifesta. É para isso que se dirige a ética de Cristo, não apenas pela indistinção que estabelece entre o "eu" e o "não eu", mas também, em segundo lugar, por sua indiferença em relação à justificação individual e ao equilíbrio social. O cristianismo situa-se, portanto, fora das "ações e reações" da ordem humana; por definição primária, não é, portanto, exotérico. A caridade cristã não tem, nem pode ter, qualquer interesse no "bem-estar" por si só, porque o verdadeiro cristianismo, como toda religião ortodoxa, considera que a única verdadeira felicidade que a sociedade humana pode desfrutar é o seu bem-estar espiritual, cuja flor é a presença do santo, objetivo de toda civilização normal; pois "a multidão dos sábios é o bem-estar do mundo" (Sabedoria de Cântico dos Cânticos 6:24). Uma das verdades negligenciadas pelos moralistas é que, quando uma obra de caridade é realizada por amor a Deus, ou em virtude do conhecimento de que "eu" sou o "próximo" e que o "próximo" sou "eu mesmo" — um conhecimento que implica esse amor —, a obra em questão tem para o próximo não apenas o valor de um benefício externo, mas também o de uma bênção. Por outro lado, quando a caridade não é exercida por amor a Deus nem em virtude do conhecimento supracitado, mas unicamente com vistas ao "bem-estar" humano considerado um fim em si mesmo, a bênção inerente à verdadeira caridade não acompanha o benefício aparente, nem para quem dá, nem para quem recebe.

* * *

Quanto às ordens monásticas, sua presença só pode ser explicada pela existência, tanto na Igreja Ocidental quanto na Oriental, de uma tradição iniciática que remonta — como testemunham São Bento e os Hesicastas — aos Padres do Deserto, aos Apóstolos e a Cristo. O fato de o cenobitismo da Igreja Latina ter suas origens nas mesmas da Igreja Grega — o

Assim, sou transformado nEle, de tal maneira que Ele me torna um com o Seu Ser e não simplesmente semelhante a Ele; pelo Deus vivo, é verdade que não há mais distinção alguma."

Machine Translated by Google

este último, porém, consistindo de uma única comunidade e não de diferentes ordens—prova claramente que a primeira é esotérica em essência, assim como a segundo; além disso, a vida eremítica é considerada por ambos como um marco. o ápice da perfeição espiritual — São Bento o afirmou expressamente em sua Regra — e, portanto, pode-se concluir que o
O desaparecimento dos eremitas marca o declínio do florescimento crístico. A vida monástica, longe de constituir um caminho autossuficiente, é descrito na Regra de São Bento como um "início de

vida religiosa", enquanto para "aquele que apressa os seus passos rumo à perfeição da vida monástica, existem os ensinamentos dos Santos Padres, cuja execução conduz o homem ao fim supremo da religião";16 ora, esses ensinamentos contêm, em forma doutrinária, o próprio
Essência do Hesicasmo.

O órgão do espírito, ou o principal centro da vida espiritual, é o coração; aqui, novamente, a doutrina hesicasta está em perfeita concordância. com os ensinamentos de todas as outras tradições iniciáticas. Mas o que é mais Do ponto de vista da realização espiritual, é importante o ensinamento do Hesicasmo sobre os meios de aperfeiçoar a participação natural do microcosmo humano no Metacosmo divino, ou seja, o

transmutação dessa participação em participação sobrenatural e finalmente em união e identidade: isso significa que consiste em "Oração interior" ou "Oração de Jesus". Esta "oração" supera em princípio todas as virtudes em excelência, pois é um ato divino em nós e para por essa razão, o melhor de todos os atos possíveis. É somente por meio disso oração para que a criatura possa realmente se unir ao seu Criador; a O objetivo desta oração é, consequentemente, o estado espiritual supremo, em que o homem transcende tudo o que diz respeito à criatura e,

16. Gostaríamos de citar o restante desta passagem, que foi extraída de último capítulo do livro, intitulado "Que a prática da justiça não é totalmente "Contido nesta regra": "Em que página do Antigo ou do Novo Testamento se encontra, o que..." A palavra divinamente autorizada nela contida não constitui uma regra segura para a conduta do homem? Novamente, qual livro dos santos Padres católicos não nos ensina resolutamente o correto? Qual o caminho para alcançarmos nosso Criador? Além disso, quais são os Discursos dos Padres da Igreja? Suas instituições e suas vidas (as dos Padres do Deserto), e qual é a Regra. de nosso santo Pai Basílio, se não um modelo para monges que vivem e obedecem como devem, E cartas autênticas das virtudes? Para nós, que somos negligentes, que levamos vidas repreensíveis. e estão repletos de negligência, eis aí, de fato, motivo para corar de vergonha. Quem quer que então poderás ser aquele que avança em direção à pátria celestial, cumprindo primeiro, com a ajuda de Cristo, este humilde esboço de regra que traçamos;
Então, finalmente, com a proteção de Deus, alcançarás essas alturas sublimes de doutrina e virtude, cuja memória acabamos de evocar."

Machine Translated by Google

Ao estar diretamente unida à Divindade, é iluminada pela Luz divina. Este estado supremo é o "silêncio sagrado", simbolizado pela cor preta atribuída a certas Virgens.17

Àqueles que consideram a "oração espiritual" uma prática simples e até supérflua, a doutrina palamita responde que essa oração representa, ao contrário, o caminho mais exigente possível, mas que, em contrapartida, conduz ao mais alto ápice da perfeição, sob a condição — e esta é essencial e reduz a nada as superficiais suspeitas dos moralistas — de que a atividade da oração esteja em harmonia com todas as demais atividades humanas. Em outras palavras, as virtudes — ou a conformidade com a Lei divina — constituem a condição essencial sem a qual a oração espiritual seria ineficaz; estamos, portanto, muito longe da ilusão ingênua daqueles que imaginam ser possível alcançar Deus por meio de práticas meramente mecânicas, sem qualquer outro compromisso ou obrigação. "A virtude" — assim afirma o ensinamento palamita — "nos dispõe à união com Deus, mas a Graça realiza essa união inexprimível". Se as virtudes são capazes, dessa forma, de desempenhar o papel de modos de conhecimento, é porque elas reproduzem por analogia as "atitudes divinas". Na verdade, não existe virtude que não derive de um Protótipo divino, e aí reside seu significado mais profundo: "ser" é "saber".

Por fim, devemos enfatizar o significado fundamental e verdadeiramente universal da invocação do Nome divino. Este Nome, na forma cristã — assim como na forma budista e em certos ramos iniciáticos da tradição hindu — é um nome do que se manifesta.

A palavra,[1]ÿ neste caso o Nome de "Jesus", que, como todo Nome divino revelado quando ritualmente pronunciado, é misteriosamente identificado com a Divindade. É no Nome divino que ocorre o encontro misterioso do criado e do incriado, do contingente e do Absoluto, do finito e do Infinito. O Nome divino é, portanto, uma manifestação do Princípio Supremo, ou, para falar ainda

17. Este "silêncio" é o equivalente exato do *nirvana* hindu e budista e do *fanâ sufi;* a "pobreza" *(faqr)* na qual a "união" *(tawhîd)* é alcançada refere-se ao mesmo simbolismo. A respeito desta união real — ou desta reintegração do finito no Infinito — podemos também mencionar o título de um livro de São Gregório Palamas: *Testemunhas dos Santos: Mostrando que aqueles que participam da Graça Divina se tornam, em conformidade com a própria Graça, sem origem e infinitos.* Podemos também recordar, a este respeito, o seguinte adágio do esoterismo muçulmano: "O sufi não é criado".

18. Estamos pensando aqui na invocação de Amida Buda e na fórmula *Om mani padme hum,* e no que diz respeito ao hinduísmo, na invocação de Rama e Krishna.

Machine Translated by Google

Em termos mais simples, é o Princípio Supremo se manifestando; Não se trata, portanto, em primeiro lugar, de uma manifestação, mas do próprio Princípio.19 “O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”, diz o profeta Joel, mas “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”,20 e podemos também recordar o início da primeira Epístola aos Coríntios, dirigida a “todos os que em todo lugar invocam o nome de Jesus Cristo, nosso Senhor”, e a exortação contida na primeira Epístola aos Tessalonicenses à “oração incessante”, sobre a qual São João Damasceno comenta o seguinte: “Devemos aprender a invocar o Nome de Deus mais vezes do que respiramos, em todos os momentos e em todo lugar e durante todos os nossos trabalhos. O Apóstolo diz: ‘Orai sem cessar’, o que significa que devemos lembrar-nos de Deus em todos os momentos, onde quer que estejamos e o que quer que estejamos fazendo.”21 Não é sem razão, portanto, que os Hesicastas consideram a invocação do Nome de Jesus como tendo sido legada por Jesus aos Apóstolos: “É Assim foi”—segundo a *Centúria* dos monges Calisto e Inácio—“que nosso misericordioso e amado Senhor Jesus Cristo, no momento em que veio à Sua Paixão livremente aceita por nós, e também no momento em que, após a Sua Ressurreição, Se mostrou visivelmente aos Apóstolos, e até mesmo no momento em que

19. Da mesma forma, segundo a perspectiva cristã, Cristo não é, em primeiro lugar, homem, mas Deus.

20. Os Salmos contêm diversas referências à invocação do Nome de Deus: “Clamei ao Senhor com a minha voz, e ele me ouviu desde o seu santo monte.”
“Então invoquei o nome do Senhor; ó Senhor, eu te suplico, livra a minha alma.” “O Senhor está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade.” Duas passagens também contêm uma referência ao modo eucarístico de invocação: “Abre bem a tua boca, e eu a encherei.” “Ele farta a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.” Assim também Isaías: “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome; tu és meu.” “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto.” E assim Salomão no Livro da Sabedoria: “Invoquei a Deus, e veio a mim o espírito da sabedoria.”

21. Neste comentário de São João Damasceno, as palavras “invocar” e “lembrar” são usadas para descrever ou ilustrar a mesma ideia; convém lembrar que a palavra árabe *dhikr* significa tanto “invocação” quanto “lembrança”; no budismo, também “pensar em Buda” e “invocar *Buda”* são expressos pela mesma palavra *(buddhânusmriti;* o chinês *nien-fo* e o japonês *nembutsu).* Por outro lado, vale a pena notar que os hesicastas e os dervixes usam a mesma palavra para descrever a invocação: a recitação da “oração de Jesus” é chamada de

Machine Translated by Google

estava prestes a ascender novamente ao Pai... legou estas três coisas aos seus discípulos (a invocação do seu Nome, a Paz e o Amor, que correspondem respectivamente à fé, à esperança e à caridade). . O início de toda atividade do Amor divino é a invocação confiante do Nome salvador de nosso Senhor Jesus Cristo, como ele mesmo disse (João 15:5): "Sem mim nada podeis fazer". Pela invocação confiante do Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, esperamos firmemente obter a sua Misericórdia e a verdadeira Vida escondida nele. É como outra Fonte divina, que nunca se esgota (João 4:14) e que oferece esses dons quando o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo é invocado, sem imperfeição, no coração. Podemos também citar a seguinte passagem de uma Epístola *(Epistula ad Monachos)* de São João Crisóstomo: "Ouvi os Padres dizerem: Quem é este monge que abandona e menospreza a regra? Ele deveria, ao comer e beber, ao sentar-se ou servir aos outros, ao caminhar ou, de fato, ao fazer qualquer coisa, invocar incessantemente: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim'".22

Os hesicastas chamam de "trabalho", enquanto os dervixes denominam cada forma de invocação como "ocupação" ou "negócio" *(shughl).*

22. Esta fórmula é frequentemente abreviada para apenas o Nome de Jesus, particularmente por aqueles que são mais avançados no caminho. "O meio mais importante na vida de oração é o *Nome de Deus,* invocado na oração. Os ascetas e todos os que levam uma vida de oração, desde os eremitas do deserto egípcio até os hesicastas do Monte Atos... insistem acima de tudo na importância do Nome de Deus. Além dos Ofícios, existe para todos os ortodoxos uma regra de oração, composta de salmos e diferentes orações; para os monges, ela é muito mais abrangente. Mas o mais importante na oração, o que constitui o seu próprio coração, é o que se chama de Oração de Jesus: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador'." A repetição desta oração centenas de vezes, e até indefinidamente, é o elemento essencial de toda regra monástica de oração; ela pode, se necessário, substituir os Ofícios e todas as outras orações, visto que seu valor é universal. O poder da oração não reside em seu conteúdo, que é simples e claro (é a oração do cobrador de impostos), mas no doce Nome de Jesus. Os ascetas testemunham que este Nome contém a força da presença de Deus. Deus não apenas é invocado por este Nome; Ele já está presente na invocação. Isso certamente pode ser dito de todo Nome de Deus; mas é verdade sobretudo do Nome divino e humano de Jesus, que é o Nome próprio de Deus e do homem. Em suma, o Nome de Jesus presente no coração humano comunica a ele a força da deificação que nos foi concedida pelo Redentor" (S. Bulgakov, *A Ortodoxia).* "O Nome de Jesus", diz São Bernardo, "não é apenas luz; é também alimento. Todo alimento é demasiado seco para ser assimilado pela alma se não for primeiro temperado com este condimento; é demasiado insípido a menos que este sal lhe disfarce a falta de sabor. Não tenho gosto pelos teus escritos se não puder ler este Nome."

Machine Translated by Google

Persevera incessantemente em nome de nosso Senhor Jesus, para que teu coração beba do Senhor e o Senhor beba teu coração, a fim de que, desta maneira, os dois se tornem um.

Ali; não há sabor algum em teu discurso se eu não o ouvir ressoar nele. É mel para a minha boca, melodia para os meus ouvidos, alegria para o meu coração, mas também é remédio. Algum de vós se sente tomado pela tristeza? Que então prove Jesus em sua boca e coração, e veja como diante da luz do Seu Nome todas as nuvens se dissipam e o céu se torna sereno novamente. Algum de vós se deixou levar por uma falta e está experimentando a tentação do desespero? Que invoque o Nome da Vida, e a Vida o restaurará" *(Sermão 15 sobre o Cântico dos Cânticos).*

Machine Translated by Google

3

“Pai Nosso que estais nos céus”

No mundo semita monoteísta, Cristo foi o único a chamar Deus de “meu Pai”. Sem dúvida, ele não foi o primeiro a usar esse simbolismo de paternidade, exemplos do qual encontramos, de fato, na Torá: “Eu *(Yahweh)* serei seu Pai, e ele será meu Filho” (2 Samuel 7:14); “como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem” (Salmo 103:13); “tu, Senhor, és nosso Pai” (Isaías 63:16); “mas agora, Senhor, tu és nosso Pai; nós somos o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós somos obra das tuas mãos” (Isaías 64:8); “porque eu *(Yahweh)* sou um Pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito” (Jeremias 31:9); “não temos todos um só Pai? Não nos criou um só D (Mal. 2:10).

Tudo isso de acordo com a Torá;[1] Cristo, porém, fez desse simbolismo uma ideia central — o próprio Nome de Deus, por assim dizer. Ao chamar Deus de “Pai”, Cristo atesta o “Bem Soberano”: refere-se, por um lado, à essencialidade da Bondade divina[2] e, por outro, à reciprocidade entre o Criador e a criatura “feita à Sua imagem”; isso significa que Cristo concede prioridade, não ao Poder divino e ao aspecto de Senhorio, mas ao Amor divino e ao aspecto de Paternidade, precisamente; como resultado, o homem é apresentado, não como um simples escravo, mas como um filho que, em relação ao seu Pai, tem direitos que lhe são concedidos por esse Pai e que decorrem de ser um “interlocutor válido” e “imagem de Deus”.

Na linguagem de Cristo, há claramente uma distinção a ser feita entre “nosso Pai” e “meu Pai”: a relação de filiação é

1. A expressão “Pai Nosso” também pode ser encontrada no Talmud e na liturgia judaica; ela é usada dez vezes por ano na liturgia e em conexão com a expressão “Nosso Rei”.

2. “Em verdade, a minha Misericórdia precede a minha Ira”, segundo um *hadith;* isto indica que a Bondade pertence à Essência. E de forma semelhante, segundo o Alcorão: “O teu Senhor prescreveu para Si a Misericórdia” *(Sura* “Gado” [6]:54).

Machine Translated by Google

Principal e potencial no primeiro caso, e plenamente atual e eficaz no segundo. O homem comum é um "filho de Deus" no aspecto que acabamos de indicar, isto é, pelo simples fato de ser um homem e, portanto, um "interlocutor"; mas Cristo é "filho" ou "filho de Deus" em um outro aspecto, que se sobrepõe ao precedente; é, geometricamente falando, o que a dimensão vertical é para a horizontal, ou o que a esfera é para o círculo: ele é "filho" ou "filho" por sua pessoa e não pelo simples fato de pertencer à espécie humana, nem em virtude de uma iniciação ou uma orientação espiritual capaz de atualizar uma potencialidade de *teose.* Pois o *Avatara* é um fenômeno cósmico que implica, por definição, toda perfeição espiritual — assim como toda perfeição física — mas que nenhuma realização por parte de um homem comum poderia produzir; o *yogi,* o *sannyasin,* o *jnanin* podem "realizar" *Brahma,* mas nunca serão Rama ou Krishna.

Neste ponto, gostaríamos de fazer um parêntese e dizer o seguinte: por um lado, o Evangelho diz da Virgem Santíssima que ela é "cheia de graça", que "o Senhor está contigo" e que "doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada";[3] por outro lado, Cristo herdou da Virgem toda a sua natureza humana, tanto do ponto de vista psíquico quanto físico, de modo que seu corpo e sangue sacramentais são fundamentalmente os da Virgem. Ora, uma pessoa que possui tais prerrogativas — a ponto de ser chamada de "Mãe de Deus" — necessariamente tem um caráter "avatarico", expresso teologicamente pela ideia da "Imaculada Conceição": assim, o culto a Maria não é meramente uma questão de tradição; ele resulta claramente das Escrituras.ÿ A teologia tem razão em reconhecer que em Jesus há uma natureza humana e uma natureza divina e que, em certo aspecto, ambas as

naturezas estão unidas em uma única pessoa, a de Cristo. A distinção, contudo, reside entre uma "natureza" — humana ou divina — que possui vontade própria.

3. O Alcorão diz de Maria: "Em verdade, Deus te escolheu e te purificou, e te preferiu a todas as mulheres do mundo" *(Sura* "A Família de Imran" [3]:42).

4. O protestantismo ignora esse culto porque seu objetivo é se concentrar unicamente em Cristo-Salvador e porque minimiza a importância das passagens que citamos, remetendo-se a outras passagens aparentemente menos favoráveis a Maria. O *upâya,* o "meio de salvação", nem sempre se conforma aos fatos históricos — muito pelo contrário —, como comprovam amplamente as divergências religiosas.

Machine Translated by Google

Ao mesmo tempo que não é uma “pessoa”, mas sim uma “pessoa” única e indivisível, possuindo duas vontades incomensuráveis e, em princípio, divergentes, essa distinção corre o sério risco de ser reduzida, em última análise, a uma questão de terminologia. Seja como for, não temos dificuldade em reconhecer que as armadilhas implícitas na definição de Deus-Homem ultrapassam os recursos de um pensamento que pretende evitar todo mal-entendido em todos os níveis; e a mesma observação se aplica a certas “cláusulas” implícitas — sem dúvida, inutilizáveis dogmaticamente — na teologia trinitária.

* * *

Inquestionavelmente, a noção cristã de “filho de Deus” indica um elemento de esoterismo, que se afirma não em relação a todo exoterismo, visto que a noção também abrange uma aplicação exotérmica, mas — do ponto de vista cristão — em relação à “Antiga Lei”, que parece ser formalista e, em certa medida, social em vez de intrinsecamente moral; isto é, a “Nova Lei” representa, à sua maneira, a perspectiva da “interioridade”, que transcende a perspectiva das prescrições e observâncias formais, ao mesmo tempo que impõe ao homem uma *ascese esotericamente praticável, mas socialmente irrealista.* Além das prerrogativas naturais da deformidade humana, pode-se dizer que é pela atitude espiritual de interioridade ou essencialidade que o “servo” do “Senhor” se torna efetivamente o “filho” do “Pai”, que — como ser humano — ele era potencial ou virtualmente.

Vamos especificar os seguintes pontos: as prescrições alimentares ou as proibições relativas ao sábado são claramente regras externas; por sua própria natureza e quantidade, constituem um “formalismo objetivo” — desejado por Deus em vista de certos temperamentos — mas não necessariamente um “formalismo subjetivo”, sendo este último mais ou menos uma redução da religião a essas observâncias. Seja como for, o Mandamento supremo — em Israel e em qualquer outro lugar — é o amor a Deus; esse amor pode exigir que estejamos sempre cientes das razões profundas e subjacentes às prescrições dadas, assim como pode exigir apenas zelo na obediência à Lei; mas nem nossa compreensão nem nosso zelo conferem uma qualidade de interioridade às próprias prescrições, que por sua natureza são externas. Assim,

Machine Translated by Google

O esoterismo, sobretudo no mundo hindu, está plenamente consciente do caráter relativo e condicional das regras de conduta; negar esse caráter é precisamente "formalismo subjetivo".ÿ O judeu é filho de Deus por causa da Eleição de

Israel; o cristão o é por causa da Redenção. O judeu sente-se filho de Deus em relação aos "pagãos", enquanto o cristão sente-se assim mesmo em relação aos judeus, cuja perspectiva lhe parece "exterior", ou mesmo "carnal". Quanto ao Islã, este não possui a noção de "Pai" nem, portanto, a de "filho", mas possui a de "Amigo" *(Walî),* que se aplica tanto a Deus quanto ao homem: a Deus, que "presta auxílio", e aos santos, que "ajudam" a Deus; mas o Islã não abandona, por tudo isso, a noção de "escravo", visto que para o Islã essa noção é equivalente à de "criatura". Além disso, a primazia atribuída à ideia de "Senhor" — e à ideia complementar de "servo" — também tem seus méritos, por natureza; seu resultado é uma profunda resignação à "Vontade de Deus", uma resignação que se recusa a perguntar a Deus por que Ele permite uma determinada provação ou não concede um determinado favor, e que sabiamente combina a necessidade de explicação com um senso de proporção.6

* * *

"Pai Nosso que estais nos Céus": a especificação "nos Céus" indica transcendência em relação ao estado terreno, considerado primeiro do ponto de vista objetivo e macrocósmico e depois do ponto de vista subjetivo e microcósmico. De fato, a "terra" ou o "mundo" podem ser nossa alma individual e mais ou menos sensorial, bem como o ambiente em que vivemos e que nos determina, assim como o "Céu" pode ser nossas virtualidades espirituais, bem como os mundos paradisíacos; pois "o reino de Deus está dentro de vós".

5. Uma prática pode ser denominada "formalista", não porque se baseia numa forma — caso contrário, toda prática espiritual pertenceria ao formalismo — mas porque seu objeto imediato pertence à ordem externa, portanto, *a fortiori* formal.

6. Se o complemento humano do "Senhor" *(Rabb)* é logicamente o "servo" ou "escravo" *('abd),* o complemento de Allah como tal — e Ele Se apresenta como *um apri-ori* o "Clemento" *(Rahmân)* e o "Misericordioso" (Rahîm) — será o homem como "vigário na terra" *(khalîfah fi'l-'ard).*

Machine Translated by Google

“Santificado seja o Teu Nome”: o verbo “santificar” é quase sinônimo de “adorar” e, consequentemente, de “orar” ou “invocar”.
Adorar a Deus é ter consciência de Sua transcendência, e, portanto, de Sua grandeza.
primazia absoluta no plano humano; e ter essa consciência é
Pensar sempre n'Ele, em conformidade com a parábola do injusto.
juiz, bem como com a injunção da Epístola.7 E isto é crucial: “Mas tu, quando
orares, entra no teu quarto, e quando
"Tu fechaste a tua porta, ora ao teu Pai, que está em secreto."
Segundo os hesicastas, esta câmara é o coração, cuja porta,
Aberto ao mundo, deve ser fechado. Isso é bastante característico do
Mensagem cristã, que é uma mensagem de contemplação interior.
e o amor sacrificial precisamente, sendo a interioridade a consequência—
esotérico em graus variados—da perspectiva do amor.8

“Venha o teu reino”: se a santificação do Nome divino estiver ligada à oração do homem, a vinda do Reino divino se concretizará.
relacionado à resposta de Deus; e podemos parafrasear isso da seguinte forma:
“Que o Teu Nome seja pronunciado de maneira santa, para que a Tua Graça possa descer sobre nós.” Também se poderia dizer que o primeiro dos dois ditos se refere à transcendência e o segundo à imanência: pois assim como
O “reino de Deus” está “dentro de vocês”, nossa primeira preocupação deveria ser
Aguardar onde for mais imediatamente acessível para nós; pois não apenas
Será impossível para nós percebermos isso *hic et nunc* no mundo exterior?
Mas toda obra válida e sagrada deve começar dentro de nós mesmos,
independentemente do resultado externo. E não é por acaso que o dito sobre o Reino vem depois daquele sobre a santificação.
do Nome: a dimensão unitiva pressupõe, de fato, a dimensão devocional; o mistério da transcendência deve preceder e
Introduza a ideia de imanência.

* * *

7. “E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que clamam a Ele dia e noite,
Embora ele os tenha tolerado por muito tempo, eu lhes digo que ele lhes fará justiça prontamente” (Lucas).
18:7). “Orai sem cessar *[sine intermissione]*” (1 Tessalonicenses 5:17).

8. A injunção “não use repetições vãs” reforça ainda mais essa analogia; o
Repetições “vaias” ou “muitas” indicam exterioridade, o que pode ser interpretado em diferentes níveis.

Machine Translated by Google

Este confronto entre as relações de transcendência e imanência leva-nos a especificar um ponto metafisicamente crucial. Deus é um, e, como resultado, o Transcendente compreende uma dimensão de imanência, assim como o Imanente compreende uma dimensão de transcendência: pois, por um lado, a Presença divina nas profundezas de O coração santificado, ou o intelecto puro, não perde sua transcendência pelo fato de sua imanência, visto que o ego não se identifica *tal como* com o Si mesmo; e, por outro lado, o A transcendência do Princípio criativo não impede a imanência objetiva e "existencial" do mesmo Princípio em criação. Em outras palavras: falar de transcendência é falar primeiro. de tudo relacionado ao macrocosmo, e falar de imanência é falar *a priori* sobre o microcosmo; no entanto, cada polo sempre inclui o outro, como é mostrado graficamente pelo símbolo do Extremo Oriente do *Yin-yang,* cujo testemunho nunca nos cansamos de invocar em nossa doutrina. exposições.

Por um lado, não há transcendência sem imanência; pois a própria percepção da transcendência implica imanência, no sentido de que o sujeito cognoscente está situado no nível do objeto conhecido: só se pode conhecer a verdade divina "pelo Santo" Espírito", que é imanente no intelecto;9 caso contrário, o homem não ser "feito à imagem de Deus". Por outro lado, não há imanência sem transcendência, desde o ontológico, e em princípio místico, continuidade entre a Divindade imanente e A consciência individual de forma alguma exclui a descontinuidade. entre esses dois polos, que na verdade são incomensuráveis. Nós Também podemos nos expressar especificando que a união vem de Deus. para o homem, mas não do homem para Deus. Geometricamente falando, o que A relação com o homem reside na perspectiva dos círculos concêntricos, que simbolizam os modos na organização hierárquica de conformidade ao Centro; em contraste, o que se relaciona a Deus é a imagem de os raios, que projetam o Centro na direção do nosso vazio, reintegrando-nos, por esse mesmo fato, à sua Plenitude.

9. Como observou Meister Eckhart, que, para dizer o mínimo, não tinha medo de palavras.

Machine Translated by Google

“Pai Nosso que estais nos céus”

* * *

Mas voltemos, após essa digressão, à ideia do “Pai” divino. Esse termo, como já dissemos, tem um significado que difere conforme se refere ao homem como tal ou somente a Cristo; mas também tem um significado que difere conforme seja concebido “verticalmente” ou “horizontalmente”, isto é, conforme se refere ao “Além do Ser” ou ao Ser. No primeiro caso, o “Pai” é o Absoluto puro, e nada pode ser associado a Ele; as outras duas “Pessoas” já pertencem à Relatividade, da qual representam o ápice; longe de pertencerem ao mundo manifesto, elas constituem, juntamente com o Absoluto puro e simples, o que podemos chamar de “Ordem divina”. No segundo caso — que foi o único retido pela teologia dogmática — o “Pai” situa-se no mesmo nível de realidade ontológica que as outras duas *hipóstases,* daí a Trindade “Poder”, “Sabedoria”, “Amor”, se assim se pode expressar.10 Embora seja verdade que esta Trindade ontológica e “horizontal” não coincide com o “Absoluto puro”, é, no entanto, absoluta do ponto de vista das criaturas; assim, o homem, quando ora, não deve preocupar-se com os “graus de realidade” abrangidos na Ordem principiológica, sob pena de falar ao vazio.

Pode-se objetar que a religião não tem razão para incluir a ideia de “Além do Ser”, visto que seu objetivo é a salvação das almas e não o conhecimento metafísico, e, de fato, no que diz respeito à sua função salvífica, a religião pode prescindir da ideia em questão; mas, em outro aspecto, o de sua pretensão à absolutidade, ela deve incluí-la, para não induzir ao erro — ou excluir — certas almas ou certas inteligências. Portanto, é correto pensar que a palavra “Pai” expressa tudo o que é capaz de expressar, em todos os níveis de doutrina e graus de compreensão. O que explica certos impasses da teologia dogmática e seu recurso à noção insatisfatória de mistério é precisamente uma pluralidade de perspectivas desiguais, sendo essa pluralidade inevitável, uma vez que a religião deve conter tudo, sem, com isso, ter que renunciar à sua função específica.

10. Em termos vedânticos: a Trindade “vertical” corresponde a *Brahma, Îshvara, Buddhi;* e a Trindade “horizontal” — que pode ser encontrada em cada um desses termos — corresponde a *Sat, Chit, Ânanda.*

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

4

Algumas observações

Na perspectiva da *gnose,* Cristo, “Luz do mundo”, é o Intelecto universal, assim como o Verbo é a “Sabedoria do Pai”. Cristo é o intelecto dos microcosmos, assim como o do macrocosmo; ele é assim o Intelecto em nós[1] bem como o Intelecto no Universo e *a fortiori* em Deus; neste sentido, pode-se dizer que não há verdade ou sabedoria que não vem de Cristo, e isso é obviamente independente de qualquer consideração de tempo e lugar.[2] Assim como “a luz” resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam; assim também. O intelecto brilha na escuridão das paixões e ilusões. A relação do Filho com o Pai é análoga à relação do Amor puro com o Ser ou do Intelecto com o “Eu”, e que É por isso que somos, no intelecto ou na graça santificante, “irmãos” de Cristo.

Mas Cristo também está prefigurado em toda a criação; isto também Possui um aspecto de encarnação e outro de crucificação. Em menor escala, a humanidade, e com ela o indivíduo humano, é uma imagem de Cristo abrange ambos os aspectos: o homem é “encarnação” por meio de seu Intelecto e sua liberdade, e “crucificação” por suas misérias.

1. A Palavra “era a verdadeira luz que ilumina a todos” (João 1:9).

2. “Ora, a fé”, diz São Paulo, “é a certeza daquilo que esperamos e a prova daquilo que nos é devido.” de coisas não vistas... Através da fé, compreendemos que os mundos foram criados. pela palavra de Deus, de modo que as coisas que se veem não foram feitas do que é visível. “Aparecem” (Hebreus 11:1, 3); isto prova que a fé, no mínimo, não é contrária. à *gnose;* sem dúvida, nem toda fé é conhecimento metafísico, mas toda fé metafísica O conhecimento, sendo uma “evidência de coisas que não se veem”, pertence ao domínio da fé. *Gnose* é a perfeição da fé no sentido de que combina esse conhecimento com a correspondente realização; é sabedoria e santidade: sabedoria santificadora e sapiencial. santidade. A expressão mais externa do elemento “realização” são as obras, que Por um lado, provar e, por outro, dar vida à fé, e sem a qual ela é... “mortos, estando sós” (Tiago 2:17).

Machine Translated by Google

* * *

Do ponto de vista doutrinal, *a gnose* cristã nada mais é do que a metafísica trinitária,[3] com sua aplicação microcósmica: nossa existência pura corresponde ao Pai, nossa inteligência pura ao Filho e nossa vontade pura ao Espírito Santo. A linha vertical da cruz denota a relação do Pai com o Filho, enquanto a linha horizontal simboliza o Espírito Santo; este último "procede do Pai e é delegado pelo Filho", o que significa que o Espírito, que é ao mesmo tempo Bem-aventurança e Vontade, procede do Pai, e também do Filho *(Filioque)* na medida em que representa o Pai, mas não na medida em que é distinto d'Ele. O Pai é Além-do-Ser, o Filho é o Ser e o Espírito é Bem-aventurança e Manifestação; quando a perspectiva se limita à ontologia, o Pai é o Ser em si mesmo e o Filho a "Consciência" do Ser.

Dizer que o Espírito é Bem-aventurança e Manifestação — seja qual for o nível da perspectiva, ontológica ou supra-ontológica — significa que Ele é, ao mesmo tempo, a "vida interior" e a "projeção criativa" da Divindade: é, portanto, uma "expansão" ou "inspiração" *in divinis,* ao mesmo tempo que um "brotar" *ex divinis;* é, por um lado, Bem-aventurança "interna" ou "contemplativa" e, por outro, Bem-aventurança "externa" ou "ativa". É por isso que, no sinal da cruz, o Espírito Santo "ocupa" toda a linha horizontal; poder-se-ia até dizer que, na elaboração deste sinal, as palavras *Spiritus Sanctus* designam o Espírito *in divinis,* e a palavra *Amém* o Espírito "na criação", se tal expressão for permitida.

O Espírito "como criação" nada mais é do que a Virgem em três aspectos: macrocósmico, microcósmico e histórico. Primeiro, é a Substância Universal; depois, é a alma em estado de graça santificante; e, finalmente, é a manifestação humana desses aspectos, a Virgem Maria. Nesse sentido, pode-se dizer que a palavra *Amém* é um nome da Virgem, criatura perfeita — ou criação perfeita — e que, se a linha vertical do sinal da cruz denota a relação entre o Pai e o Filho, a linha horizontal denotará a relação entre o Espírito e o Filho.

3. Analogamente, a metafísica do Islã é unitária no sentido de que procede por reduções principiais à Unidade, enquanto a metafísica do Judaísmo é simultaneamente unitária e denarária (Decálogo, *Sephiroth).*

Machine Translated by Google

De marido e mulher. Toda a alma da Virgem é um grande *Amém;* não há nada nela que não seja uma aquiescência à Vontade de Deus.

* * *

A arte cristã compreende essencialmente três imagens: a Virgem com o Menino, a Crucificação e a Santa Face: a primeira imagem relaciona-se com a Encarnação, a segunda com a Redenção e a terceira com a Divindade de Cristo. O homem recapitula esses três símbolos ou mistérios respectivamente pela pureza, que é o veículo de "Cristo em nós", pela morte para o mundo e pela santidade ou sabedoria.

Em termos estritos, a arte faz parte da liturgia — no sentido mais amplo — pois, assim como a liturgia, é uma "obra pública" (ÿÿÿÿÿÿÿÿ);4 portanto, não pode ser deixada ao arbítrio dos homens. A arte, assim como a liturgia propriamente dita, constitui a "veste" terrena de Deus; ela tanto envolve quanto revela a Presença divina na terra.5

* * *

A Igreja de Pedro é visível e contínua como a água; a de João — instituída no Calvário e confirmada no mar de Tiberíades — é invisível e descontínua como o fogo. João tornou-se "irmão" de

4. Segundo Santo Agostinho, a liturgia é essencialmente simples, de modo que essa simplicidade é quase um critério de autenticidade; se fosse diferente, diz o Bispo de Hipona, a liturgia seria inferior à Lei Judaica, que, afinal, foi dada por Deus e não pelos liturgistas; além disso, ele destaca o fato de que as festas cristãs são poucas em número.

5. Já tivemos ocasião de sublinhar, em diversas ocasiões, o caráter sagrado, e portanto imutável, da arte religiosa: ela não é algo puramente humano e, sobretudo, não consiste em buscar mistérios impossíveis em profundidades inexistentes, como é a intenção da arte moderna, que, em vez de adaptar "nosso tempo" à verdade, visa adaptar a verdade "ao nosso tempo". Em relação à expressão artística ou artesanal — portanto também "litúrgica" —, os termos "cristão" e "medieval" são, na verdade, sinônimos; repudiar a arte cristã sob o pretexto de que o cristianismo está acima das "culturas" é não compreender o contexto e o valor dessa arte; é repudiar elementos da verdade e, por conseguinte, da santidade.

Machine Translated by Google

Cristo e "filho" da Virgem, e além disso, o Profeta do Apocalipse; Pedro é incumbido de "apascentar as minhas ovelhas", mas a sua Igreja parece ter herdado também as suas negações, donde surgiu o Renascimento e as suas consequências diretas e indiretas; contudo, "as portas do inferno não prevalecerão contra ela". João "espera até que eu venha", e este mistério permanece oculto a Pedro;ÿ pode-se ver aqui uma prefiguração do cisma entre Roma e Bizâncio. "Apascenta as minhas ovelhas": nada há nessas palavras que exclua a interpretação que lhes foi dada pelos gregos, ou seja, que o Bispo de Roma é *primus inter pares* e não *pontifex maximus.*

* * *

O Espírito Santo é dado pela Confirmação, por meio do fogo, pois o óleo nada mais é do que uma forma de fogo líquido, assim como o vinho; a diferença entre o Batismo e a Confirmação poderia ser definida dizendo que o primeiro tem uma função negativa — ou "negativamente positiva" —, já que "remove" o estado da queda, enquanto o segundo sacramento tem uma função puramente positiva, no sentido de que "dá" uma luz e um poder divinos.7

Essa transmissão adquire uma nova "dimensão" e recebe sua plena eficácia por meio dos votos que correspondem aos "conselhos evangélicos"; esses votos — verdadeiro fermento iniciático — denotam ao mesmo tempo uma morte e um segundo nascimento, e são de fato acompanhados por ritos funerários simbólicos; a consagração de um monge é uma espécie de bur-

6. É significativo que a Igreja Celta, esse misterioso mundo primaveril que surge como uma espécie de último prolongamento da era de ouro, se considerasse ligada a São João.

7. Segundo Tertuliano, "A carne é ungida para que a alma seja santificada; a carne é marcada para que a alma seja fortalecida; a carne é mergulhada na sombra pela imposição de mãos para que a alma seja iluminada pelo Espírito Santo". Quanto ao Batismo, o mesmo autor afirma que "a carne é lavada para que a alma seja purificada". De acordo com São Dionísio, Batismo, Eucaristia e Confirmação referem-se, respectivamente, aos caminhos da "purificação", da "iluminação" e da "perfeição"; segundo outros, é o Batismo que é chamado de "iluminação"; isso claramente não contradiz a perspectiva anterior, visto que toda iniciação "ilumina" por definição: a remoção do "pecado original" abre o caminho para uma "luz" preexistente no Éden.

homem.

Machine Translated by Google

ial.8 Pela pobreza, o homem se separa do mundo; pela castidade, ele se separa da sociedade; e pela obediência, ele se separa de si mesmo.9

* * *

Toda a base do cristianismo reside nestas palavras: Cristo é Deus. Da mesma forma, no plano sacramental: o pão "é" o seu corpo e o vinho "é" o seu sangue.10 Existe, além disso, uma ligação entre os mistérios eucarísticos e onomatológicos: o Nomeado está "realmente presente" no seu Nome; isto é, ele "é" o seu Nome.

A Eucaristia é, em certo sentido, o meio "central" da graça no Cristianismo; deve, portanto, expressar integralmente o que caracteriza essa tradição, e o faz recapitulando não apenas o mistério de Cristo em si, mas também sua dupla aplicação aos mistérios "maior" e "menor"; o vinho corresponde ao primeiro e o pão ao segundo, e isso é claramente demonstrado não apenas pelas respectivas naturezas dos elementos sagrados, mas também pelos seguintes fatos simbólicos: o milagre do pão é "quantitativo", no sentido de que Cristo multiplicou o que já existia, enquanto o milagre do vinho é "qualitativo", pois Cristo conferiu à água uma qualidade que ela não possuía, a saber, a de vinho. Ou ainda, o corpo do Redentor crucificado teve que ser transpassado para que o sangue pudesse jorrar; o sangue representa, assim, o aspecto interior do sacrifício, o que é ainda sublinhado pelo fato de o sangue ser líquido, portanto "não formal", enquanto o corpo é sólido, portanto "formal". O corpo de Cristo teve que ser transpassado porque, para usar as palavras de Meister Eckhart, "se você quer o miolo, precisa quebrar a casca".

8. Esses ritos funerários lembram a cremação simbólica que, na Índia, inaugura o estado de *sannyasa.*

9. O homem casado pode ser casto "em espírito e em verdade", e o mesmo se aplica necessariamente à pobreza e à obediência, como comprovam o exemplo de São Luís e de outros monarcas canonizados. A ressalva expressa pelas palavras "em espírito e em verdade", ou pela formulação paulina "a letra mata, mas o espírito vivifica", tem uma importância fundamental na perspectiva cristã, mas também contém — e, além disso, providencialmente — uma "faca de dois gumes".

10. Para Clemente de Alexandria, o corpo de Cristo, ou o pão eucarístico, diz respeito à vida ativa ou à fé, e o sangue ou o vinho, à contemplação e à *gnose.*

Machine Translated by Google

A água que jorrou do lado de Cristo e comprovou a sua morte é como o aspecto negativo da alma transmutada: é a “extinção” que, segundo o ponto de vista, acompanha ou precede a plenitude beatífica do sangue divino; é a “morte” que precede a “Vida” e que é, por assim dizer, a sua prova externa.

* * *

O cristianismo também se baseia nos dois mandamentos supremos, que contêm “toda a lei e os profetas”. Na *gnose,* o primeiro mandamento — o amor total a Deus — implica a consciência desperta do Eu, enquanto o segundo — o amor ao próximo — refere-se a ver o Eu naquilo que “não é eu”. O mesmo se aplica às injunções de *oratio et jejunium:* todo o cristianismo depende dessas duas disciplinas, “oração e jejum”.

Oratio et jejunium: “o jejum” é antes de tudo a abstinência do mal, e depois o “vazio para Deus” *(vacare Deo)* no qual a “oração” — a “lembrança de Deus” — é estabelecida, e que é preenchida pela vitória já conquistada pelo Redentor.

A oração culmina numa constante recordação dos Nomes divinos, na medida em que se trata de uma “lembrança” articulada. A *Lenda Áurea,* tão rica em ensinamentos preciosos, contém histórias que testemunham isso: um cavaleiro desejou renunciar ao mundo e ingressou na Ordem Cisterciense; era analfabeto e, além disso, incapaz de reter, de todos os ensinamentos que recebeu, qualquer coisa além das palavras *Ave Maria;* essas palavras “ele guardava com tamanha lembrança que as pronunciava incessantemente para si mesmo onde quer que fosse e o que quer que estivesse fazendo”. Após sua morte, um belo lírio cresceu em seu túmulo, e em cada pétala estava escrito em letras douradas *Ave Maria;* os monges abriram o túmulo e viram que a raiz do lírio crescia da boca do cavaleiro. A essa história temos apenas uma palavra a acrescentar a respeito da “qualidade divina” do Nome da Virgem: quem diz Jesus diz Deus; E da mesma forma, quem diz Maria diz Jesus, de modo que a *Ave Maria — ou* o Nome de Maria — é, dentre os Nomes divinos, aquele que está mais próximo do homem.

A *Lenda Dourada* também relata que os executores de São Inácio de Antioquia ficou admirado com o fato de o santo pronunciar o Nome de Cristo sem cessar: “Não consigo parar de…”

Machine Translated by Google

Fazendo isso", disse-lhes ele, "pois está escrito em meu coração". Depois do
Após a morte do santo, os pagãos abriram seu coração e lá viram o que estava escrito em
letras douradas, o Nome de Jesus.11

* * *

Deus é Amor e Ele é Luz, mas Ele também é, em Cristo, sacrifício e
sofrimento, e isso também é um aspecto ou extensão do Amor. Cristo tem
Ele apresenta duas naturezas, divina e humana, e oferece também dois caminhos, *a gnose.*
e a caridade: o caminho da caridade, na medida em que se distingue da *gnose,* implica
dor, pois o amor perfeito deseja sofrer; é no sofrimento que ele se realiza.
esse homem melhor demonstra seu amor; mas há também nisso, por assim dizer,
preço a pagar pela "facilidade intelectual" de tal perspectiva.
No caminho da *gnose,* onde toda a ênfase está na pura contemplação e a principal
preocupação é com o aspecto glorioso de Cristo.
em vez de com sua dolorosa humanidade — e onde há, em certos aspectos, uma
participação na natureza divina, que é sempre bem-aventurada e imutável — o sofrimento
não se aplica da mesma maneira; que
ou seja, em princípio, não precisa exceder as exigências de uma ascese geral , como a
que o Evangelho designa pelo termo *jejunium;* uma quase-

11. O mesmo fato é relatado a respeito de uma santa dominicana, Catarina de Ricci.
Da *Ave Maria* e do Nome de Jesus, deve-se mencionar a dupla
invocação *Jesu Maria,* que contém, por assim dizer, duas dimensões místicas, assim como de
Christe eleison, que é na verdade um abreviado da "Oração de Jesus" do Oriente.
Igreja; sabe-se que a ciência mística da oração jaculatória foi transmitida.
para o Ocidente por Cassiano, que aparece retrospectivamente como o intermediário providencial
entre os dois grandes ramos da espiritualidade cristã, enquanto em seu próprio tempo
Ele era, para o Ocidente, o representante da tradição mística em si. E que assim seja.
recordemos aqui igualmente estas palavras litúrgicas: *Panem celestem accipiam et nomen Domini invocabo* e *Calicem salutaris accipiam et nomen Domini invocabo.* Em grego e eslavo
nos mosteiros, uma corda com nós faz parte da investidura do Pequeno Esquema e
O Grande Esquema; ele é conferido ritualmente ao monge ou à freira. O Superior
Ele pega esse rosário na mão esquerda e diz: "Toma, irmão N., a espada do Espírito,
que é a palavra de Deus: orar a Jesus sem cessar, pois vocês devem ter constantemente o Nome
do Senhor Jesus na mente, no coração e nos lábios, dizendo: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus,
tem misericórdia de mim, pecador'.
Em ordem de ideias, gostaríamos de chamar a atenção para o "ato de amor" — a oração perpétua.
do coração — revelado em nossos tempos à Irmã Consolata de Testona. (Veja *Jesus)*
Apelos ao Mundo, de Lorenzo Sales.)

Machine Translated by Google

O distanciamento impessoal aqui prevalece sobre o desejo individual de sacrifício. Toda a espiritualidade cristã oscila entre esses dois polos, embora o aspecto da caridade-sofrimento prepondere amplamente na prática — e por razões óbvias — sobre o aspecto *da gnose* -contemplação.

Na alma do gnóstico, a pergunta “O que é Deus?” ou “O que sou eu?” supera a pergunta “O que Deus quer de mim?” ou “O que devo fazer?”, embora essas perguntas estejam longe de ser irrelevantes, já que o homem é sempre homem. O gnóstico, que vê Deus “em todo lugar e em lugar nenhum”, não se baseia, em primeiro lugar, em alternativas externas a si mesmo, embora não possa escapar delas; o que lhe importa acima de tudo é que o mundo é, em toda parte, tecido das mesmas qualidades existenciais e apresenta, em todas as circunstâncias, os mesmos problemas de distância e proximidade.

* * *

A insistência, no clima cristão, na virtude da humildade — ou melhor, a maneira como essa insistência ou a demonstração dessa virtude são feitas — nos leva a retornar a este problema, que é ao mesmo tempo moral e místico.12 A humildade tem dois

aspectos, prefigurados no Evangelho pela lavagem dos pés, por um lado, e pelo grito de abandono na cruz, por outro. A primeira humildade é o apagamento: quando somos levados, certa ou erradamente, a ver uma qualidade em nós mesmos, devemos primeiro atribuí-la a Deus e, em segundo lugar, ver em nós mesmos os limites dessa qualidade ou os defeitos que poderiam neutralizá-la; e quando somos levados a ver um defeito nos outros, devemos primeiro tentar encontrar seu traço ou a responsabilidade por ele em nós mesmos e, em segundo lugar, nos esforçar para descobrir qualidades que possam compensá-lo. Mas a verdade — desde que esteja ao nosso alcance — supera qualquer outro valor, de modo que submeter-se à verdade é a melhor maneira de ser humilde; A virtude é boa porque é verdadeira, e não o contrário. Cristo humilhou-se lavando os pés de seus discípulos; rebaixou-se servindo enquanto ainda era o Mestre, mas não caluniando-o.

12. Já falamos sobre isso em nossas *Perspectivas Espirituais e Fatos Humanos.*

Machine Translated by Google

a si mesmo; ele não disse: “Sou pior do que você”, e não deu nenhum exemplo de virtude contrário à verdade ou à inteligência.13

A segunda — a grande — humildade é a morte espiritual, a “perda da vida” por Deus, a extinção do ego; é isso que os santos tinham em mente ao se descreverem como “os maiores pecadores”; se essa expressão tem algum significado, aplica-se ao ego como tal, e não a um ego específico. Visto que todo pecado provém do ego e que sem ele não haveria pecado, é de fato o ego que é o “mais vil” ou o “mais baixo dos pecadores”; quando o contemplativo identifica o seu “eu” com o princípio da individuação, ele percebe, por assim dizer, em si mesmo a raiz de todo pecado e o próprio princípio do mal; é como se ele tivesse assumido, seguindo o exemplo de Cristo, todas as nossas imperfeições, para dissolvê-las em si mesmo, à luz de Deus e no ardor do amor. Para um São Bento ou um São Bernardo, os “graus de humildade” são estágios na extinção do “eu” passional, estágios marcados por atitudes simbólicas, disciplinas que promovem a transmutação da alma; a chave para essa sabedoria é que Cristo foi humilhado na cruz por se identificar, na noite do abandono, com a noite do ego humano, e não por se identificar com um “eu” específico; ele se sentiu abandonado, não porque era Jesus, mas porque se tornou homem como tal; ele teve que deixar de ser Jesus para que pudesse provar toda a aridez, toda a separação de Deus, do ego puro e, portanto, do nosso estado de queda.14 O fato de não podermos determinar nosso lugar na hierarquia dos pecadores não significa, de modo algum, que não tenhamos a certeza de

13. Cristo deu outros ensinamentos sobre a humildade, por exemplo, quando disse que não veio para ser servido, mas para servir, ou quando disse que “todo aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus”; ora, a verdadeira natureza de todas as crianças é a pureza e a simplicidade, não a rivalidade. Recordemos também a parábola dos lugares mais altos nas festas. Segundo São Tomás de Aquino, a humildade não exige que submetamos o que é divino em nós ao que é divino no outro, nem que submetamos o que é humano em nós ao que é humano no outro, e muito menos que o divino se submeta ao humano; mas permanece a questão, por vezes delicada, mas nunca insolúvel, da definição correta das coisas.

14. A afirmação de Cristo: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus” pertence à maior humildade que temos aqui em vista; o mesmo ocorre quando Cristo cita criancinhas como exemplos. Se fosse necessário interpretar literalmente o

Machine Translated by Google

Ser "vil", não apenas como ego em geral, mas também, e portanto, como um ego particular; acreditar ser "vil" unicamente por ser "eu" esvaziaria a humildade de seu conteúdo.

Na tradição cristã, a humildade é concebida como uma função do amor, e esse é um dos fatores que lhe conferem sua textura característica.
"O amor de Deus", diz Santo Agostinho, "abrange todas as virtudes".

* * *

"E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." A mensagem de Cristo, por sua forma, dirige-se *a priori* ao elemento passional no homem, ao elemento de corruptibilidade em sua natureza, mas permanece gnóstica ou sapiencial no próprio Cristo e, portanto, na metafísica trinitária, para não falar do simbolismo sapiencial dos ensinamentos e parábolas de Cristo. Mas é em relação à forma geral — a perspectiva volitiva — da mensagem que Cristo pôde dizer: "Os sãos não precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento" (Marcos 2:17). Novamente, quando Cristo diz: "Não julgueis, para que não sejais julgados", ele se refere à nossa natureza passional e não à inteligência pura, que é neutra e se identifica com aqueles "que sãos". Se Cristo vier para "julgar os vivos e os mortos", isso se relaciona novamente ao Intelecto — que é o único que tem o direito de julgar — e à equação "Cristo-Intelecto".

A perspectiva volitiva, à qual acabamos de nos referir, é afirmada da maneira mais clara possível na história bíblica: vemos ali um povo, ao mesmo tempo apaixonado e místico, lutando sob o jugo de uma Lei que o oprime e o fascina, e isso prefigura de forma providencial as lutas da alma passional — de toda alma na medida em que está sujeita às paixões — com a verdade, que é o fim último da condição humana. A Bíblia sempre fala do "acontecimento" e quase nunca do "acontecimento", embora o faça implicitamente, como apontam os cabalistas; somos os primeiros a reconhecer isso, mas

Se alguém tivesse a convicção mística de ser o "mais vil dos pecadores", não seria possível explicar como santos que tiveram essa convicção poderiam falar sobre a maldade de algum herege; além disso, seria absurdo pedir aos homens que tivessem um senso aguçado dos menores defeitos de sua natureza e, ao mesmo tempo, fossem incapazes de discernir esses defeitos em outra pessoa.

Machine Translated by Google

Isso não altera em nada a natureza visível dessas Escrituras, nem as causas humanas por trás dessa natureza. De outro ponto de vista, o judaísmo havia ocultado o que o cristianismo era chamado a manifestar abertamente;[1]ÿ por outro lado, os judeus haviam manifestado abertamente, do ponto de vista moral, o que os cristãos mais tarde aprenderam a ocultar; a antiga crueza foi substituída por um esoterismo de amor, sem dúvida, mas também por uma nova hipocrisia.

É necessário levar igualmente em conta o seguinte: a perspectiva volitiva tende a reter o ego devido à ideia de responsabilidade moral, enquanto *a gnose,* ao contrário, tende a reduzi-lo aos poderes cósmicos dos quais ele é uma combinação e uma conclusão. E ainda: do ponto de vista da vontade e da paixão, os homens são iguais; mas não o são do ponto de vista da intelecção pura, pois esta introduz no homem um elemento do absoluto que, como tal, o excede infinitamente. À questão moralizante “Quem és tu que julgas o outro?” — uma questão com a qual alguns gostariam de obliterar toda a “sabedoria das serpentes” ou todo o “discernimento dos espíritos” em um psicologismo vago e benevolente — teríamos o direito de responder “Deus” em todos os casos de julgamento infalível; pois a inteligência, na medida em que é “relativamente absoluta”, escapa à jurisdição da virtude e, consequentemente, seus direitos superam os do homem considerado como ego passional e falível. Deus está na verdade de toda verdade. O ditado de que “ninguém pode ser juiz e defensor de causas próprias” só pode ser aplicado ao ego na medida em que o ego limita ou obscurece a mente, pois é arbitrário atribuir à inteligência, como tal, um limite tão fundamental em relação a uma ordem de contingências; afirmar, como certos moralistas fariam, que o homem não tem o direito de julgar, equivale a dizer que ele não tem inteligência, que ele é apenas vontade ou paixão, e que não tem qualquer semelhança com Deus.

Os direitos sagrados do intelecto manifestam-se, além disso, no fato de os cristãos não terem conseguido prescindir da sabedoria platônica e de, posteriormente, os latinos terem sentido necessidade de recorrer ao aristotelismo, como que reconhecendo que *a religião* não podia prescindir do elemento da sabedoria, algo que uma perspectiva demasiado exclusiva da religião não conseguia fazer.

15. Os comentadores da Torá afirmam que a incapacidade de falar que Moisés sofreu foi imposta por Deus para que ele não pudesse divulgar os Mistérios que, precisamente, a Lei do Sinai deveria velar e não revelar; mas esses Mistérios eram, em sua essência, nada mais que os “Mistérios Crísticos”.

Machine Translated by Google

o amor permitiu que caísse em descrédito.16 Mas se o conhecimento é uma necessidade profunda do espírito humano, é por esse mesmo fato também um caminho.

Retomando nosso pensamento anterior, também poderia ser expresso da seguinte forma: ao contrário do que ocorre na *gnose,* o amor dificilmente possui o direito Julgar o outro; assume tudo para si e justifica tudo, em pelo menos no nível em que está ativo, um nível cujos limites variam de acordo com a natureza individual; " fraude piedosa"17—por caridade—é o preço do individualismo volitivo. Se *a gnose,* por sua vez, discerne Essencialmente — e em todos os níveis — tanto em espírito quanto em valores, isso é porque seu ponto de vista nunca é pessoal, de modo que na *gnose* a distinção entre "eu" e "outro", e o sutil e paradoxal Os preconceitos associados a isso quase não têm significado; mas aqui também o A aplicação do princípio depende das limitações impostas a nós pela natureza das coisas e por nós mesmos.

A caridade para com o próximo, quando se trata de um ato direto de compaixão. A consciência, e não apenas um sentimento moral, implica ver a nós mesmos no outro e o outro em nós; a cisão entre *O ego* e *o alter* devem ser superados para que a divisão entre O céu e a terra podem ser curados.

* * *

16. A antiga tendência de reduzir *a sophia* a uma "filosofia", isto é, uma "arte pela arte" A ideia de "saquê" ou "conhecimento sem amor", portanto uma pseudosabedoria, tornou necessária a predominância no cristianismo do ponto de vista contrário. Amor, no sapiencial A perspectiva é o elemento que transcende o simples raciocínio e torna o conhecimento eficaz; isso não pode ser enfatizado o suficiente.

17. A veracidade, que no final das contas tem mais importância do que as conjecturas morais, Em resumo, implica o uso da lógica de maneira consequencial, ou seja: não colocando nada acima da verdade e não caindo na falha contrária de acreditar Ser imparcial significa não considerar ninguém certo ou errado. Não se deve... Sufocar o discernimento em nome da imparcialidade, pois a objetividade consiste não em absolver o errado e acusar o certo, mas em ver as coisas como elas são, sejam elas verdadeiras ou falsas. nos agrada ou não; consequentemente, ter senso de proporção é tão importante quanto um senso de nuances sutis de significado. Seria inútil dizer algo tão elementar. coisas se não se deparar a cada esquina com essa falsa virtude, que distorce a exatidão visão dos fatos e que poderia dispensar seus escrúpulos se apenas percebesse suficientemente o valor e a eficácia da humildade perante Deus.

Machine Translated by Google

Segundo São Tomás, não é da natureza do livre-arbítrio escolher o mal, embora essa possibilidade derive da existência de liberdade de ação associada a uma criatura falível. Vontade e liberdade estão, portanto, ligadas; em outras palavras, o Doutor introduz na vontade um elemento intelectual e faz com que a vontade participe, de fato, da inteligência. A vontade não deixa de ser vontade ao escolher o mal — já dissemos isso em outras ocasiões —, mas deixa fundamentalmente de ser livre e, portanto, intelectiva; no primeiro caso, trata-se da faculdade dinâmica, da força passional — os animais também têm vontade — e, no segundo, da dinamização do discernimento. Poder-se-ia acrescentar que a inteligência também não deixa de ser ela mesma quando em erro, mas, nesse caso, a relação é menos direta do que para a vontade; o Espírito Santo (Vontade, Amor) é "delegado" pelo Filho (Intelecto, Conhecimento), e não o contrário.

A doutrina cristã não afirma que o esforço moral produz conhecimento metafísico, mas ensina que restaurar a vontade decaída — extirpar as paixões — liberta a contemplação latente nas profundezas da nossa natureza teomórfica; essa contemplação é como uma abertura à qual a Luz divina não pode deixar de acessar, seja como Justiça ou, *com mais razão ainda ,* como Misericórdia; na *gnose,* esse processo de alquimia mística é acompanhado por conceitos e estados de consciência apropriados.18 Vista sob essa perspectiva, a primazia do amor não se opõe à sabedoria, mas ilumina seu aspecto operativo.19

18. O conhecimento é, portanto, "santificador" e não se limita a satisfazer alguma necessidade mais ou menos justificável de explicação; está em plena consonância com a doutrina paulina da caridade. A implacabilidade de tal conhecimento não é arrogância, mas pureza. *A gnose* transforma o conhecimento em algo efetivo, ontológico, "vivido". Fora da *gnose,* não se trata de extirpar as paixões, mas de direcioná-las para o Céu.

19. A doutrina agostiniano-platônica do conhecimento ainda está em perfeita consonância com a gnose, enquanto o sensacionalismo tomista-aristotélico, sem ser falso em seu próprio nível e dentro de seus próprios limites, está em consonância com as exigências do caminho do amor, no sentido específico do termo *bhakti.* Mas essa ressalva está longe de se aplicar a todo o tomismo, que se identifica, em muitos aspectos, com a verdade incondicional. É necessário rejeitar a opinião daqueles que acreditam que o tomismo, ou qualquer outra sabedoria antiga, só tem valor efetivo quando o "recriamos em nós mesmos" — nós, "homens de hoje"! — e que se São Tomás tivesse lido Descartes, Kant e os filósofos dos séculos XIX e XX, teria se expressado de maneira diferente; na realidade, ele teria então apenas que refutar mil erros a mais. Se um dito antigo está certo, não há nada a fazer senão aceitá-lo; se não está certo, não há nada a fazer senão aceitá-lo; se não está certo, não há nada a fazer senão aceitá-lo.

Machine Translated by Google

* * *

A moralidade que oferece a outra face — na medida em que se pode falar de moralidade aqui — significa não uma solicitude incomum para com o adversário, mas completa indiferença aos grilhões deste mundo, ou mais precisamente, uma recusa em se deixar aprisionar no círculo vicioso das causas terrenas. O homem que quer estar certo a qualquer preço no plano pessoal perde a serenidade e se afasta da "única coisa necessária"; os assuntos deste mundo trazem consigo apenas perturbações, e as perturbações afastam ainda mais a pessoa de Deus. Mas a paz, como toda atitude espiritual, pode se dissociar da atividade externa; a santa ira é internamente calma, e o papel inescapável do ofício de juiz — inescapável porque motivado por interesses superiores e não pessoais — é compatível com uma mente livre de apego e ódio. Cristo se opõe às paixões e ao interesse pessoal, mas não ao cumprimento do dever ou ao interesse coletivo. Em outras palavras, ele se opõe ao interesse pessoal quando esse interesse é passional ou prejudicial aos interesses de outros, e condena o ódio mesmo quando este serve a um interesse maior.

A "não violência" defendida pelos Evangelhos simboliza — e torna eficaz — a virtude da mente preocupada com "o que é" em vez de "o que acontece". Via de regra, o homem perde muito tempo e energia questionando-se sobre a injustiça de seus semelhantes, bem como sobre as possíveis adversidades do destino; quer haja injustiça humana ou castigo divino, o mundo — a "corrente das formas" ou a "roda cósmica" — é o que é: simplesmente segue seu curso; está em conformidade com sua própria natureza. Os homens não podem deixar de ser injustos na medida em que fazem parte dessa corrente; estar desapegado da corrente e agir contrariamente à lógica dos fatos e à servidão que ela engendra certamente parecerá loucura aos olhos do mundo, mas é, na realidade, adotar aqui na Terra o ponto de vista da eternidade. E adotar esse ponto de vista é ver a si mesmo de uma grande distância: é ver que nós mesmos fazemos parte deste mundo.

Se for falso, não há razão para dar atenção a isso; mas querer "repensá-lo" através de um véu de novos erros ou impressões claramente não tem interesse, e qualquer tentativa nesse sentido apenas demonstra o grau em que o senso de verdade intrínseca e atemporal se perdeu.

Machine Translated by Google

da injustiça, e esta é mais uma razão para permanecer indiferente em meio ao tumulto das contendas humanas. O santo é o homem que age como se tivesse morrido e retornado à vida; tendo já deixado de ser “ele mesmo”, no sentido terreno, não tem absolutamente nenhuma intenção de retornar a esse sonho, mas se mantém em uma espécie de vigília que o mundo, com sua estreiteza e impurezas, não consegue compreender.

O amor puro não é deste mundo de oposições; é de origem celestial e seu fim é Deus; vive como que em si mesmo, por sua própria luz e no raio do Amor de Deus, e é por isso que a caridade “não busca os seus próprios interesses, não se irrita facilmente, não suspeita mal; não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:5-7).

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

5

Delimitações do Pecado Original

A ideia do pecado original situa a causa da queda humana em um ato; consequentemente, essa queda consiste em cometer atos maus, pecados precisamente. A desvantagem dessa ideia — que, no entanto, é providencial e eficaz — é que um homem que não comete transgressões flagrantes pode se considerar perfeito, como se bastasse não fazer o mal para merecer o Céu; a doutrina cristã combate essa tentação enfatizando que todo homem é pecador; duvidar disso é acrescentar mais dois pecados, os da presunção e da heresia. Em tal clima, quase nos sentimos obrigados, senão a pecar, ao menos a ver pecados em toda parte; é verdade que existe um número definido de pecados mortais, mas os pecados veniais são inúmeros e se tornam graves quando habituais, pois então são vícios.

Seja como for, um *mea culpa* obrigatório que não tem nada de concreto em vista não é uma panaceia e dificilmente nos torna melhores; mas o que é totalmente diferente é estar consciente da presença em nossa alma de uma tendência à “exterioridade” e à “horizontalidade”, que constitui, se não o pecado original propriamente dito, pelo menos o pecado hereditário.
vício que dele deriva.

A respeito da ideia de pecado como ato, observemos de passagem que existem comportamentos que são pecados objetivamente, mas não subjetivamente, e que existem outros que são pecados subjetivamente, mas não objetivamente: um santo negligencia um dever religioso por estar em êxtase; um hipócrita o cumpre por desejar ser admirado. Isso serve para lembrar que um ato é válido segundo a sua intenção; contudo, não basta que a intenção seja subjetivamente boa: ela também deve sê-lo objetivamente.

Mas voltemos ao nosso assunto: afirmar que todo homem é um “pecador” não significa dizer que nenhum homem é capaz de se abster de más ações, mas certamente significa que todos os homens — com raríssimas exceções — sucumbem às tentações da “exterioridade”.

Machine Translated by Google

e “horizontalidade”; onde não há tentação de excesso na direção externa ou horizontal, não há mais concupiscência nem impiedade.1 Certamente, todo homem tem o direito a uma certa solidariedade com o seu ambiente, como comprovam as nossas faculdades de sensação e ação, mas esse direito é limitado pelo nosso dever complementar de interioridade, sem o qual não seríamos homens, precisamente; isto significa que o polo de atração que é o “reino de Deus dentro de vós” deve, em última análise, prevalecer sobre a magia sedutora do mundo.2 Isto se expressa no Mandamento supremo, que, ao nos ensinar o que devemos fazer, também

nos ensina o que somos.

* * *

O conceito de pecado de omissão[3] permite-nos compreender mais firmemente o problema do pecado hereditário, aquele pecado que existe em nós antes das nossas ações. Se a exigência do supremo Mandamento é amar a Deus “com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com todas as tuas forças, e com todo o teu entendimento”, segue-se que a atitude contrária é o pecado supremo, em graus variáveis, visto que é preciso distinguir entre o ódio a Deus e a simples indiferença; contudo, Deus diz no Apocalipse: “Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca”. Se quisermos dar à palavra “pecado” o seu significado mais amplo ou profundo, diríamos que ela expressa, acima de tudo, uma atitude do coração; portanto, um “ser” e não simplesmente um “fazer” ou “não fazer”; neste caso, o mito bíblico simboliza uma “substância” e não simplesmente um “acidente”.

1. Que evoca o caso da “pneumática” e sobretudo o mistério da “Imaculada Conceição”.

2. Segundo Shankara, aquele que é “libertado nesta vida” *(jîvan-mukta)* não é aquele que se mantém à parte de tudo o que é humano; é aquele que, quando “ri com os que riem e chora com os que choram”, permanece como testemunha sobrenaturalmente imperturbável do “jogo cósmico” *(lîlâ).*

3. De acordo com o apóstolo Tiago, aquele que “sabe fazer o bem e não o faz” comete um pecado; esta é a própria definição de pecado por omissão, mas ao mesmo tempo vai além do âmbito de uma moralidade formalista e exotérmica.

Machine Translated by Google

Assim, o “pecado” original para os hindus é a “nesciência” *(avidyâ):* a ignorância de que *“Brahma* é real, o mundo é ilusório” e que “a alma "Não há outro senão *Brahma";* todas as ações ou atitudes contrárias à Lei intrínseca e vocacional *(Dharma)* resultam dessa cegueira do coração.

* * *

Acima, mencionamos “horizontalidade” e “exterioridade”. Ser “horizontal” é amar apenas a vida terrestre, em detrimento da ascensão e caminho celestial; ser “exteriorizado” é amar apenas as coisas exteriores, para em detrimento dos valores morais e espirituais. Ou ainda: horizontalidade. É pecar contra a transcendência, esquecendo-se assim de Deus e, consequentemente, do sentido da vida; e a exterioridade é pecar contra a imanência. esquecemos assim nossa alma imortal e, consequentemente, sua vocação. supondo que o pecado original tenha sido um ato — qualquer que seja a forma que tenha assumido. por meio de uma mitologia específica — diremos, por um lado, que isto O ato teve como efeito os dois tipos de negligência já mencionados e, em Por outro lado, essa negligência predispõe à repetição indefinida da transgressão original; toda ação pecaminosa repete a... Drama do fruto proibido. A perfeição primordial era feita de “Verticalidade” e “interioridade”, como atestam essas duas características distintivas. características do homem que são postura vertical e linguagem, o esta última coincidindo com a razão.

A transcendência é objetiva na medida em que diz respeito ao divino. Ordem em si mesma; a imanência é subjetiva na medida em que se refere ao Presença divina em nós; contudo, existe também uma transcendência subjetiva, aquilo que dentro de nós distingue o Eu divino do eu transcendente. o “eu” humano e uma imanência objetiva, a saber, o divino. Presença no mundo que nos rodeia. Ter plena consciência de “Deus-como-Objeto” também significa estar consciente de Sua imanência e ser Ter consciência de “Deus como sujeito” é também ter consciência de Sua trans-ascendência.

Interioridade e verticalidade, exterioridade e horizontalidade:4 estes São as dimensões que constituem o homem em toda a sua grandeza e toda a sua plenitude.

4. De acordo com o princípio do duplo significado dos símbolos, interioridade e a verticalidade não são exclusivamente positivas, assim como a exterioridade e a horizontalidade não são exclusivamente negativas. Interioridade significa não apenas profundidade, mas também subjetividade, ego...

Machine Translated by Google

sua pequenez. Dizer transcendência é dizer tanto Verdade metafísica quanto Divindade salvadora; e dizer imanência é dizer Intelecto transpessoal e Si mesmo divino: verticalidade diante de "nosso Pai que estás nos céus", e interioridade em virtude do "reino de Deus que está dentro de vós", de onde provém uma certeza e uma serenidade que nenhuma artimanha dos poderes das trevas pode nos roubar.

* * *

Eva e Adão sucumbiram à tentação de desejar ser mais do que podiam ser; a serpente representa a possibilidade dessa tentação. Os construtores da Torre de Babel, assim como os Titãs, Prometeu e Ícaro, desejaram colocar-se indevidamente no lugar de Deus; eles também sofreram o castigo humilhante da queda. Segundo a Bíblia, a árvore proibida era a do discernimento entre o "bem" e o "mal"; ora, esse discernimento, ou essa diferença, pertence à própria natureza do Ser; consequentemente, sua origem não poderia estar na criatura; reivindicá-la para si é desejar ser igual ao Criador, e essa é a própria essência do pecado — de todo pecado. De fato, o pecador decide o que é bom, contrariando a natureza objetiva das coisas; ele se ilude voluntariamente sobre as coisas e sobre si mesmo; daí a queda, que nada mais é do que a reação da realidade.

A grande ambiguidade do fenômeno humano reside no fato de o homem ser divino sem ser Deus: falando coranicamente, o homem dá nome a todas as criaturas, e é por isso que os anjos devem se prostrar diante dele — exceto o Anjo supremo,ÿ o que indica que a divindade do homem, e consequentemente sua autoridade e autonomia, são relativas, embora "relativamente absolutas". Assim, a queda do homem como tal não poderia ser total, como é comprovado *a priori* pela natureza e destino do patriarca Enoque, pai de todos os "pneumáticos", por assim dizer.

ismo, dureza do ego; verticalidade significa não apenas ascensão, mas também queda.
De forma semelhante, mas inversa, a exterioridade significa não apenas superficialidade e dispersão, mas também movimento em direção a um centro libertador; e a horizontalidade significa não apenas baixeza, mas também estabilidade.

5. Ou os Arcanjos, o que equivale à mesma coisa; é o Espírito divino que se reflete diretamente no centro ou ápice da Manifestação universal.

Machine Translated by Google

Para a ideologia exoterista, *o esoterismo — a gnose* — só pode originar-se da escuridão, já que parece reivindicar a prerrogativa da árvore proibida, o discernimento espontâneo e autônomo entre o "bem e o mal". Mas isso é ignorar o essencial, ou seja, que *aliquid est in anima quod est increatum et increabile . . . et hoc est Intellectus.* 6 A queda foi, precisamente, a ruptura entre a razão e o intelecto, o ego e o Si mesmo; poderíamos especular para sempre sobre os modos e graus dessa ruptura, que por um lado envolve a espécie humana e por outro não poderia ser absoluta.

6. Mestre Eckhart: "Há algo na alma que é incriado e incriável... e isso é o Intelecto."

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

6

O Diálogo entre Helenistas e Cristãos

Como a maioria das polêmicas intertradicionais, o diálogo que opôs o helenismo ao cristianismo foi, em grande medida, irreal. O fato de cada um estar certo em um determinado plano — ou em uma “dimensão espiritual” particular — resultou na vitória de cada um à sua maneira: o cristianismo por se impor a todo o mundo ocidental, e o helenismo por sobreviver no próprio âmago do cristianismo e conferir à intelectualidade cristã uma marca indelével.

Os mal-entendidos eram, contudo, profundos, e não é difícil perceber porquê, se considerarmos as divergências de perspectiva. Do ponto de vista dos helenistas, o Princípio divino é simultaneamente uno e múltiplo; os deuses personificam as qualidades e funções divinas e, ao mesmo tempo, as prolongações angélicas dessas qualidades e funções; a ideia de imanência prevalece sobre a de transcendência, pelo menos no exoterismo. O universo é uma ordem que é, por assim dizer, arquitetônica, desdobrada a partir do Princípio Supremo por meio de intermediários, ou de hierarquias de intermediários, até as criaturas terrenas; todos os princípios cósmicos e seus raios são divinos, ou semidivinos, o que equivale a dizer que são concebidos em relação à sua divindade essencial e funcional. Se Deus nos dá vida, calor e luz, Ele o faz por meio de Hélio ou na medida em que Ele é Hélio; o sol é como a mão de Deus e, portanto, é divino; E se assim é em princípio, por que não o seria também em sua manifestação sensível? Essa maneira de ver as coisas baseia-se na continuidade essencial entre a Causa e o efeito, e não em uma descontinuidade existencial ou acidentalidade; sendo o mundo a manifestação necessária e estritamente ordenada da Divindade, ele é, como a Divindade, eterno; é, para Deus, uma maneira de se manifestar “fora de Si mesmo”. Essa eternidade não implica que o mundo não possa sofrer eclipses, mas se inevitavelmente os sofre, como ensinam todas as mitologias, é para que possa ressurgir de acordo com uma eternidade.

Machine Translated by Google

ritmo; portanto, não pode ser diferente. A própria absolutidade do
O absoluto exige relatividade; *Mâyâ* é "sem origem", dizem os
Vedantistas. Não existe "criação gratuita" nem qualquer criação *ex nihilo;* existe uma manifestação necessária *ex divino,* e essa manifestação é livre dentro da estrutura de sua necessidade, e necessária
dentro da estrutura de sua liberdade. O mundo é divino através de sua
caráter como uma manifestação divina, ou por meio do metafísico
maravilha de sua existência.

Não há necessidade de descrever aqui, devido a uma preocupação com simetria, a perspectiva cristã, que é a do monoteísmo semítico e, por essa razão, é familiar a todos. Por outro lado,
Parece indispensável, antes de prosseguir, esclarecer o fato.
que a concepção helenística da "divindade do mundo" tem
nada tem a ver com o erro do panteísmo, pois a manifestação cósmica de Deus em nada diminui a transcendência absoluta.
pertencente ao próprio Princípio, e de modo algum o contradiz
O que é metafisicamente aceitável na concepção semítica e cristã de uma *creatio ex nihilo?* Acreditar que o mundo é uma "parte" de
Deus e esse Deus, por Sua Essência ou por Sua própria essência, se espalha
Incorporar a si mesmo às formas do mundo seria uma concepção verdadeiramente "pagã" — como sem dúvida já existiu aqui e ali, até mesmo entre
os homens de outrora — e para se manter longe disso, é preciso possuir
um conhecimento que é intrinsecamente o que seria representado no
plano de ideias por meio de uma combinação entre a "cosmoso-fia" helenística e
a teologia judaico-cristã, a relação recíproca
dessas duas perspectivas desempenhando o papel de ponto de referência no que diz respeito ao respeito
à verdade total. Metafisicamente falando, o "criacionismo" semítico e monoteísta,
assim que se apresenta como absoluto e
A verdade exclusiva é quase tão falsa quanto o panteísmo; é tão "metafisicamente"
porque o que está em questão é o conhecimento total e não apenas a oportunidade
da salvação, e "quase" porque se trata de uma meia-verdade que
tende a salvaguardar a transcendência de Deus à custa da
A inteligibilidade metafísica do mundo é menos errônea do que uma meia-verdade
que tende a salvaguardar a natureza divina do mundo.
à custa da inteligibilidade de Deus.

Se os polemistas cristãos não entendessem que a perspectiva
dos sábios gregos não era mais do que o complemento esotérico de
A noção bíblica de criação, os polemistas gregos não
entender melhor a compatibilidade entre as duas perspectivas.
É verdade que uma incompreensão às vezes gera outra, pois

Machine Translated by Google

É difícil penetrar a intenção profunda de um conceito estrangeiro quando essa intenção permanece implícita e, além disso,
é apresentada como destinada a substituir verdades que talvez sejam parciais, mas que, em todo caso, são evidentes para aqueles que as aceitam tradicionalmente. Uma verdade parcial pode ser insuficiente de um ponto de vista. ou outra; é, no entanto, uma verdade.

* * *

Para compreender adequadamente o significado deste diálogo,
que em alguns aspectos não passava de um confronto entre dois monólogos, é preciso levar em conta o seguinte: no que diz respeito ao
Os cristãos temiam que não fosse possível o conhecimento sem amor; ou seja, aos seus olhos, *a gnose* só era válida se estivesse inserida numa experiência unificadora; por si só,
E, à parte da experiência vivida da realidade espiritual, o conhecimento intelectual do Universo não tinha significado para eles; mas, eventualmente, os cristãos tiveram que reconhecer os direitos de um conhecimento que
era teórico, e portanto conceitual e proleptico, o que eles fizeram.
ao tomar emprestado dos gregos certos elementos de sua ciência, não
sem, por vezes, lançar ofensas ao helenismo em si, com como
Muita ingratidão e inconsistência. Se for um resumo simples e direto.
Se a formulação for permitida, poder-se-ia dizer que para os gregos a verdade é aquilo que está em conformidade com a natureza das coisas; pois o
A verdade cristã é aquilo que conduz a Deus. Essa atitude cristã,
Na medida em que tendia a ser exclusivo, inevitavelmente pareceria a
Para os gregos, era "loucura"; aos olhos dos cristãos, a atitude
A sabedoria dos gregos consistia em pensar com um objetivo em si mesmo, fora de qualquer relação pessoal com Deus; consequentemente, era uma “sabedoria”. segundo a carne”, visto que não pode por si só regenerar a vontade caída e impotente, mas, ao contrário, pela sua autossuficiência.
afasta os homens da sede de Deus e da salvação. Do
Do ponto de vista grego, as coisas são o que são, independentemente do que façamos delas.
deles; do cristão—para falar esquematicamente e *a priori*—
Só a nossa relação com Deus faz sentido. Os cristãos poderiam ser repreendido por uma perspectiva que se preocupava demais com o vontade e muito interesse próprio, e os gregos, por um lado, por muito
Por um lado, muita vivacidade de pensamento e, por outro, racionalidade excessiva e excessiva.

Machine Translated by Google

humano, um perfeccionismo; era, em alguns aspectos, uma disputa entre um
canção de amor e um teorema matemático. Também se poderia dizer que o
Os helenistas estavam predominantemente certos em princípio e os cristãos
De fato, pelo menos num sentido específico que pode ser discernido sem
dificuldade.

Quanto aos gnósticos cristãos, eles necessariamente admitiam as antecipações
doutrinais dos mistérios divinos, mas sob condição—isso
Não se pode enfatizar demais o fato de que eles permaneceram em uma conexão
quase orgânica com a experiência espiritual do amor-gnose;
Conhecer a Deus é amá-Lo, ou melhor, visto que o ponto bíblico de
A partida é o amor: amar a Deus perfeitamente é conhecê-Lo. Conhecer era
de fato, conceber *a priori* verdades sobrenaturais, mas fazê-lo enquanto
fazendo com que todo o nosso ser participasse dessa compreensão; era
assim amar a quintessência divina de toda *a gnose,* essa quintessência
que é "amor" porque é ao mesmo tempo união e bem-aventurança. A escola

Alexandria era tão plenamente cristã quanto Antioquia, nesse sentido.
que considerava na aceitação de Cristo a *condição essencial* para a salvação;
Seus fundamentos eram perfeitamente paulinos. Na visão de São Paulo, uma
gnose conceitual e expressável é um conhecimento "em parte" *(ex parte),* e
será "eliminado" quando "chegar aquilo que é perfeito",[1] ou seja, a totalidade da
gnose, que, pelo próprio fato de sua totalidade, é
"Amor" *(caritas,* ÿÿÿ), o protótipo divino da gnose humana . No
No caso do homem, existe uma distinção — ou um complementarismo — entre
amor e conhecimento, mas em Deus essa polaridade é superada.
e unificados. Na perspectiva cristã, esse grau supremo é
chamado de "amor", mas em outra perspectiva — notavelmente na Vedanta —
Pode-se igualmente chamar isso de "conhecimento", mantendo, ao mesmo tempo, não que
O conhecimento encontra sua totalização ou sua exaltação no amor, mas no
Ao contrário disso, o amor *(bhakti),* sendo individual, encontra sua sublimação em
conhecimento puro *(jnâna),* que é universal; este segundo modo de
A expressão está diretamente em conformidade com a perspectiva sapiencial.

* * *

O protesto cristão é inquestionavelmente justificado na medida em que é
dirigido ao lado "humanista" do helenismo "clássico" e ao

1. 1 Coríntios 13:10.

Machine Translated by Google

ineficácia mística da filosofia em si. Por outro lado, não é de modo algum lógico censurar os gregos por uma divinização do cosmos sob o pretexto de que não pode haver uma "entrada" de Deus no mundo, enquanto se admite que Cristo, e somente ele, realiza justamente essa entrada; aliás, se Cristo pode realizá-la, é precisamente porque é possível e porque é realizada *a priori* pelo próprio cosmos; a maravilha "avatárica" de Cristo reconta, ou humaniza, a maravilha cósmica da criação ou da "emanação".

Do ponto de vista dos platônicos — no sentido mais amplo — o retorno a Deus é inerente ao fato da existência: o nosso próprio ser oferece o caminho de retorno, pois esse ser é divino em sua natureza, caso contrário não seria nada; por isso devemos retornar, passando pelas camadas da nossa realidade ontológica, até a Substância pura, que é una; é assim que nos tornamos perfeitamente "nós mesmos". O homem percebe o que sabe: uma compreensão plena — à luz do Absoluto — da relatividade a dissolve e conduz de volta ao Absoluto. Aqui também não há antagonismo irredutível entre gregos e cristãos: se a intervenção de Cristo pode se tornar necessária, não é porque a libertação seja algo diferente de um retorno, através das camadas do nosso próprio ser, ao nosso verdadeiro Eu, mas porque a função de Cristo é tornar possível tal retorno. Ele se torna possível em dois planos, um existencial e exotérico e outro intelectual e esotérico; O segundo plano está oculto no primeiro, que é o único que aparece à luz do dia, e essa é a razão pela qual, para a maioria dos mortais, a perspectiva cristã é apenas existencial e separatista, e não intelectual e unificadora.

Isso dá origem a outro mal-entendido entre cristãos e platônicos: enquanto os platônicos propõem a libertação pelo Conhecimento porque o homem é uma inteligência,[2] os cristãos concebem, em sua doutrina geral, uma salvação pela Graça porque o homem é uma existência — como tal, separada de Deus — e uma vontade decaída e impotente. Mais uma vez, os gregos podem ser censurados por terem à sua disposição...

2. O Islã, em conformidade com seu caráter "paráclítico", reflete esse ponto de vista — que é também o do *Vedanta* e de todas as outras formas de *gnose — em* um modo semítico e religioso, e o realiza ainda mais facilmente em seu esoterismo; como o helenista, o muçulmano pergunta antes de tudo: "O que devo saber ou admitir, visto que possuo uma inteligência capaz de objetividade e de totalidade?" e não *a priori:* "O que devo querer, já que tenho uma vontade livre, mas decaída?"

Machine Translated by Google

mas um único caminho, inacessível de fato à maioria, e que dá a impressão de que é a filosofia que salva, assim como se pode censurar os cristãos por ignorarem a libertação pelo Conhecimento e por atribuírem um caráter absoluto apenas à nossa realidade existencial e volitiva e aos meios próprios desse aspecto do nosso ser, ou por levarem em consideração apenas a nossa relatividade existencial e não a nossa "absoluta intelectualidade"; contudo, a censura aos gregos não pode dizer respeito aos seus sábios, assim como a censura aos cristãos não pode impugnar a sua *gnose,* nem, de modo geral, a sua santidade.

A possibilidade de nosso retorno a Deus — em que existem diferentes graus — é universal e atemporal: está inscrita na própria natureza de nossa existência e de nossa inteligência; nossa impotência só pode ser acidental, não essencial. O que é fundamentalmente indispensável é uma intervenção do *Logos,* mas nem sempre a intervenção de uma manifestação particular do *Logos,* a menos que lhe pertençamos em razão de nossa situação e, em virtude desse fato, ele nos escolha; assim que nos escolhe, ocupa o lugar do Absoluto no que nos diz respeito, e então "é" o Absoluto. Poder-se-ia até dizer que o caráter imperativo que Cristo assume para os cristãos — ou para os homens providencialmente destinados ao cristianismo — reproduz o caráter imperativo inerente ao *Logos* em todos os sentidos espirituais.

seja do Ocidente ou do Oriente.

* * *

É preciso reagir contra o preconceito evolucionista que defende que o pensamento dos gregos "atingiu" um certo nível ou um certo resultado, ou seja, que a tríade Sócrates-Platão-Aristóteles representa o ápice de um pensamento inteiramente "natural", um ápice alcançado após longos períodos de esforço e tentativas. A verdade é o oposto, no sentido de que tudo o que essa tríade fez foi cristalizar, ainda que imperfeitamente, uma sabedoria primordial e intrinsecamente atemporal, de origem ariana e tipologicamente próxima dos esoterismos celta, germânico, mazdeísta e brâmane. Há na racionalidade aristotélica e até mesmo na dialética socrática uma espécie de "humanismo".

mais ou menos relacionados com o naturalismo artístico e as curiosidades científicas.

idade, e portanto com o empirismo. Mas esta dialética já demasiado contingente-

Machine Translated by Google

tic—embora devamos ter em mente que os diálogos socráticos
pertencem à "pedagogia" espiritual e têm algo de provisório em si — não devem
nos levar a atribuir um caráter "natural" a intelectos que são "sobrenaturais" por
definição, ou
"naturalmente sobrenatural". De modo geral, Platão expressou o sagrado
verdades em uma linguagem que já se tornara profana — profana porque era
mais racional e discursiva do que intuitiva e simbolista, ou
porque seguia demasiadamente as contingências e os humores do
espelho que é a mente—enquanto Aristóteles colocava a própria verdade, e
não apenas sua expressão, em um plano profano e "humanista".
A originalidade de Aristóteles e de sua escola reside, sem dúvida, em dar
para a verdade um máximo de bases racionais, mas isso não pode ser feito
sem diminuir essa verdade, e não tem propósito a não ser onde há
É uma regressão da intuição intelectual; é uma "faca de dois gumes"
precisamente porque a verdade parece estar, doravante, à mercê de silogismos.
A questão é saber se isso constitui uma traição.
ou uma readaptação providencial tem pouca importância aqui, e
sem dúvida poderia ser respondida em qualquer um dos sentidos.3 O que é certo é que
O ensinamento de Aristóteles, no que diz respeito ao seu conteúdo essencial, é
Ainda é demasiado verdadeiro para ser compreendido e apreciado pelos
protagonistas do pensamento "dinâmico" e relativista ou "existencialista".
da nossa época. Este último tipo de pensamento meio plebeu, meio demoníaco
está em contradição consigo mesma desde o seu ponto de partida, visto que
Dizer que tudo é relativo ou "dinâmico", e portanto "em
"Movimento" significa que não existe nenhum ponto de vista a partir do qual isso

3. Com Pitágoras, ainda se está no Oriente ariano; com Sócrates-Platão, não se está.
não mais inteiramente naquele Oriente — que na realidade não é nem "Oriental" nem "Ocidental", que
distinção que não tem significado para uma Europa arcaica — mas também não está totalmente em
o Ocidente; enquanto que com Aristóteles a Europa começa a tornar-se especificamente "ocidental" em
o sentido atual e cultural da palavra. O Oriente — ou um Oriente em particular — forçou
uma entrada com o cristianismo, mas o Ocidente aristotélico e cesariano acabou prevalecendo, apenas
para escapar no final tanto de Aristóteles quanto de César, mas pelo caminho descendente. É oportuno
observar aqui que todas as tentativas teológicas modernas de
"Superar" o ensinamento de Aristóteles só pode seguir o mesmo caminho descendente, em vista de
da falsidade de seus motivos, sejam eles implícitos ou explícitos. O que realmente está sendo
O que se busca é uma capitulação graciosa perante o cientificismo evolucionista, perante a máquina.
diante de um socialismo ativista e demagógico, um psicologismo destrutivo, arte abstrata
e o surrealismo, em suma, antes do modernismo em todas as suas formas — aquele modernismo que
é cada vez menos um "humanismo", já que desumaniza, ou aquele individualismo que é
cada vez mais infraindividual. Os modernos, que não são nem pitagóricos nem
Os vedantistas são, certamente, os últimos que teriam o direito de reclamar de Aristóteles.

Machine Translated by Google

O fato pode ser comprovado; Aristóteles, em todo caso, já havia previsto plenamente esse absurdo.

Os modernos criticaram os filósofos pré-socráticos — e também todos os sábios do Oriente — por tentarem construir uma imagem do universo sem se perguntarem se nossas faculdades de conhecimento são adequadas para tal empreendimento; a crítica é perfeitamente vã, pois o próprio fato de podermos fazer tal pergunta prova que nossa inteligência é, em princípio, adequada às necessidades da questão. Não são os "dogmáticos" que são ingênuos, mas os céticos, que não têm a menor ideia do que está implícito no "dogmatismo" que combatem. Em nossos dias, algumas pessoas chegam ao ponto de afirmar que o objetivo da filosofia só pode ser a busca por um "tipo de racionalidade" adaptado à compreensão da "realidade humana"; o erro é o mesmo, mas uma versão mais grosseira e mesquinha, e também mais insolente. Como é possível que não consigam ver que a própria ideia de inventar uma inteligência capaz de resolver tais problemas prova, em primeiro lugar, que essa inteligência já existe — pois somente ela poderia conceber tal ideia — e demonstra, em segundo lugar, que o objetivo almejado é de um absurdo insondável? Mas nosso propósito aqui não é prolongar este assunto; é simplesmente chamar a atenção para o paralelismo entre a sabedoria pré-socrática — ou mais precisamente, a jônica — e doutrinas orientais como o *Vaisheshika* e o *Sânkhya,* e sublinhar, por um lado, que em todas essas visões antigas do Universo o postulado implícito é a inatismo da natureza das coisas no Intelecto4 e não uma suposição ou outra operação lógica, e, por outro lado, que essa noção de inatismo fornece a própria definição daquilo que os céticos e empiristas pensam que devem desdenhosamente caracterizar como "dogmatismo"; Dessa forma, demonstram sua ignorância, não apenas da natureza da intelecção, mas também da natureza dos dogmas no sentido próprio da palavra. O admirável nos platônicos não reside, obviamente, em seu "pensamento", mas no conteúdo de seu pensamento, seja ele chamado de "dogmático" ou não.

4. Na terminologia dos antigos cosmólogos, é preciso levar em conta o simbolismo: quando Tales viu na "água" a origem de todas as coisas, temos todos os motivos para crer que se trata da Substância Universal — a *Prakriti* dos hindus — e não do elemento sensível. O mesmo ocorre com o "ar" de Anaxímenes de Mileto.

ou de Diógenes de Apolônia, ou com o "fogo" de Heráclito.

Machine Translated by Google

Os sofistas inauguram a era do racionalismo individualista e das pretensões ilimitadas; abrem, assim, as portas para todos os totalitarismos arbitrários. É verdade que a filosofia profana também começa com Aristóteles, mas num sentido bastante diferente, visto que a racionalidade do estagirita tende para cima e não para baixo, como a de Protágoras e outros semelhantes; por outras palavras, se um individualismo dissipador tem origem nos sofistas — sem esquecer espíritos afins como Demócrito e Epicuro —, Aristóteles, por outro lado, inaugura a era de um racionalismo ainda ancorado na certeza metafísica, mas, no entanto, frágil e ambíguo no seu próprio princípio, como já tivemos ocasião de salientar mais de uma vez.

Seja como for, se quisermos compreender a reação cristã, devemos levar em conta todos esses aspectos do espírito da Grécia e, ao mesmo tempo, o caráter bíblico, místico e "realizacional" do cristianismo. O pensamento grego surgiu, em grande parte, como uma tentativa prometeica de apropriar-se da luz do Céu, rompendo precipitadamente as etapas no caminho para a Verdade; mas, ao mesmo tempo, era em grande parte irresistível devido à autoevidência de seu conteúdo: sendo assim, não se deve perder de vista o fato de que, no Oriente, as doutrinas sapienciais nunca foram apresentadas na forma de uma "literatura" aberta a todos, mas que, ao contrário, sua assimilação exigia um método espiritual correspondente, e isso é justamente o que havia desaparecido e não podia mais ser encontrado entre os gregos da época clássica.

* * *

Já se disse inúmeras vezes que os helenistas e os orientais — espíritos "platônicos" no sentido mais amplo — foram censuráveis por rejeitarem Cristo "arrogantemente", ou que estão tentando escapar de suas "responsabilidades" — mais uma vez e sempre! — como criaturas para com o Criador, refugiando-se em seu próprio centro, onde afirmam encontrar, em seu próprio ser puro, a essência das coisas e a Realidade divina; diluem, assim, alega-se, a qualidade de criatura e, ao mesmo tempo, a de Criador com uma espécie de impessoalismo panteísta, o que equivale a dizer que destroem a relação de "obrigação" entre o Criador e a criatura. Na realidade, as "responsabilidades" são relativas, assim como nós mesmos.

Machine Translated by Google

são relativas em nossa particularidade existencial; não podem ser menos relativas — ou "mais absolutas" — do que o sujeito ao qual se relacionam. Aquele que, pela graça do Céu, consegue escapar da tirania do ego é, por essa mesma circunstância, liberado das responsabilidades que o ego acarreta. Deus se mostra como Pessoa criadora na medida em que — ou em relação ao fato de que — somos "criaturas".

e individual, mas essa relação recíproca específica está longe de esgotar toda a nossa natureza ontológica e intelectual; ou seja, nossa natureza não pode ser exaustivamente definida por "dever", "direitos" ou outras ideias semelhantes. Já se disse que a "rejeição" do dom crístico por parte do espírito "platônico" constitui a perversidade mais sutil e luciferiana da inteligência; esse argumento, nascido de um instinto equivocado de autopreservação, embora compreensível em seu próprio plano, pode facilmente e com muito mais pertinência ser usado contra aqueles que o utilizam: pois, se somos obrigados a encontrar alguma perversão mental em algum lugar, a encontraremos naqueles que querem substituir o Absoluto por um Deus pessoal e, portanto, relativo, e os fenômenos temporais por princípios metafísicos, não em conexão com uma fé infantil que não exige nada de ninguém, mas dentro da estrutura da erudição mais exigente e da pretensão intelectual mais totalitária. Se existe algo como abuso da inteligência, encontra-se na substituição do relativo pelo Absoluto, ou do acidente pela Substância, sob o pretexto de colocar o "concreto" acima do "abstrato";5 não se encontra na rejeição — em nome de princípios transcendentes e imutáveis — de uma relatividade apresentada como absolutismo.

O mal-entendido entre cristãos e helenistas pode ser, em grande parte, resumido a uma falsa alternativa: na verdade, o fato de Deus residir em nosso "ser" mais profundo — ou na profundidade transpessoal de nossa consciência — e de podermos, em princípio, realizá-Lo com a ajuda do Intelecto puro e teomórfico, de modo algum exclui a afirmação igual e simultânea dessa Divindade imanente e impessoal como objetiva e pessoal, nem o fato de que nada podemos fazer sem a Sua graça, apesar do caráter essencialmente "divino" do Intelecto do qual participamos natural e sobrenaturalmente.

5. É realmente um abuso da linguagem qualificar como "abstrato" tudo o que está acima da ordem fenomênica.

Machine Translated by Google

É perfeitamente verdade que o indivíduo humano é uma pessoa concreta e definida, responsável perante um Criador, um Legislador pessoal e onisciente; mas é igualmente verdade — para dizer o mínimo — que o homem é apenas uma modalidade, por assim dizer externa e coagulada, de uma Divindade ao mesmo tempo impessoal e pessoal, e que a inteligência humana é tal que pode, em princípio, ter consciência desse fato e, assim, perceber sua verdadeira identidade. Em certo sentido, é evidentemente a individualidade decaída e pecadora que é "nós mesmos"; em outro sentido, é o Eu transcendente e inalterável: os planos são diferentes; não há medida comum entre eles.

Quando o dogmático religioso reivindica para algum fato terrestre uma importância absoluta — e o caráter "relativamente absoluto" do mesmo fato não está aqui em questão — o platônico ou o oriental apela para certezas principiológicas e atemporais; em outras palavras, quando o dogmático afirma que "isto é", o gnóstico pergunta imediatamente: "Em virtude de qual possibilidade?" Segundo o gnóstico, "tudo já foi"; ele admite o "novo" apenas na medida em que este reconstitui ou manifesta a "ideia antiga", ou melhor, atemporal e incriada.

A função das mensagens celestiais é, na prática e para o ser humano, absoluta, mas não são, por essa razão, o Absoluto, e, no que diz respeito à sua forma, não ultrapassam a relatividade. O mesmo ocorre com o intelecto, simultaneamente "criado" e "incriado": o

O elemento "incriado" penetra-o como a luz penetra o ar ou o éter; esse elemento não é a luz, mas sim o seu veículo, e na prática não se pode dissociá-los.

Existem duas fontes de certeza: por um lado, a inatismo do Absoluto na inteligência pura e, por outro, o fenômeno sobrenatural da graça. É amplamente evidente — e nunca é demais repetir — que essas duas fontes podem ser, e consequentemente devem ser, combinadas até certo ponto, mas, na verdade, os exoteristas têm interesse em opô-las uma à outra, e o fazem negando à inteligência sua essência sobrenatural e negando o inatismo do Absoluto, bem como negando a graça àqueles que pensam de maneira diferente deles. Uma oposição irredutível entre intelecção e graça é tão artificial quanto possível, pois a intelecção também é uma graça, mas é uma graça estática e inata; não pode haver absolutamente nenhuma razão para que esse tipo de graça não seja uma possibilidade e nunca se manifeste, visto que, por sua própria natureza, não pode deixar de existir. Se alguém objetar que, em tais questões, não se trata de "graça", mas de outra coisa,

Machine Translated by Google

A resposta deve ser que, nesse caso, a graça não é necessária, pois existem apenas duas alternativas: ou a graça é indispensável, e se assim for, a intelecção é uma graça, ou a intelecção não é uma graça, e se assim for, a graça não é indispensável.

Se os teólogos admitem, com base nas Escrituras, que não se pode enunciar uma verdade essencial sobre Cristo "senão pelo Espírito Santo", então eles também é preciso admitir que não se pode enunciar uma verdade essencial sobre Deus sem a intervenção desse mesmo Espírito; as verdades da sabedoria grega, assim como as verdades metafísicas de todos os povos, não devem, portanto, ser despojadas de seu caráter "sobrenatural" e, em princípio, salvífico.

De certo ponto de vista, o argumento cristão é a historicidade de Cristo-Salvador, enquanto o argumento platônico ou "ariano" é a natureza das coisas ou o Imutável. Se, falando simbolicamente, todos os homens correm o risco de se afogar como consequência da queda de Adão, o cristão se salva agarrando-se à vara que Cristo lhe estende, a qual ninguém mais pode estender, enquanto o platônico se salva nadando; mas nenhum dos dois caminhos enfraquece ou neutraliza a eficácia do outro. Por um lado,

Certamente existem homens que não sabem nadar ou que são impedidos de fazê-lo, mas, por outro lado, a natação está inegavelmente entre as possibilidades disponíveis ao homem; o importante é saber o que mais importa em uma situação, seja individual ou coletiva.

tivo.6 Vimos que o helenismo, como todas as doutrinas sapienciais direta ou indiretamente, se fundamenta no axioma da inteligência humana, e não da vontade humana, e essa é uma das razões pelas quais ele teve que parecer inoperante aos olhos da maioria dos cristãos; mas apenas "da maioria", porque os gnósticos cristãos não podiam aplicar tal reprovação aos pitagóricos e platônicos; os gnósticos não podiam fazer de outra forma senão admitir a primazia do intelecto, e por essa razão a ideia de redenção divina significava para eles algo muito diferente e mais abrangente do que um misticismo derivado da história e um dogmatismo sacramental. É necessário repetir mais uma vez — como outros já disseram antes e melhor — que os fatos sagrados são verdadeiros porque reconstituem, em seu próprio plano, a natureza da

6. Em outras palavras: se uma das partes não pode negar logicamente que existem homens que se salvam nadando, a outra parte também não pode negar que existem homens que são salvos apenas porque lhes é oferecida uma vara.

Machine Translated by Google

As coisas são reais, e não o contrário: a natureza das coisas não é real ou normativa porque evoca certos fatos sagrados. Os princípios, essencialmente acessíveis à inteligência pura — se não o fossem, o homem não seria homem, e é quase uma blasfêmia negar que a inteligência humana, considerada em relação à inteligência animal, possui um lado sobrenatural — os princípios universais confirmam os fatos sagrados, que, por sua vez, refletem esses princípios e deles derivam sua eficácia; não é a história, seja lá o que ela contenha, que confirma os princípios. Essa relação é expressa pelos budistas quando dizem que a verdade espiritual está situada além da distinção entre objetividade e subjetividade, e que deriva sua evidência das profundezas do próprio Ser, ou da inatidão da Verdade em tudo o que existe.

Na perspectiva sapiencial, a Redenção divina está sempre presente; ela preexiste a toda a alquimia terrestre e é seu modelo celestial, de modo que é sempre graças a essa Redenção eterna — qualquer que seja seu veículo na Terra — que o homem é libertado do peso de seus caprichos e até mesmo, *Deo volente,* do peso de sua existência separatista; se “minhas palavras não passarão”, é porque elas sempre existiram.
O Cristo dos gnósticos é aquele que existe “antes de Abraão” e de quem provém toda a sabedoria antiga; a consciência disso, longe de diminuir a participação nos tesouros da Redenção histórica, confere-lhes um alcance que toca as próprias raízes da fé.
Existência.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

7

A Complexidade do Dogmatismo

Toda confissão de fé reivindica a garantia da assistência perpétua do Espírito Santo, e com razão, visto que uma confissão de fé válida em si mesma — tendo, portanto, o poder de salvar, senão de conduzir a todos os ápices místicos — não poderia conter um dogma intrinsecamente falso ou um rito totalmente inoperante; mas essa assistência é, contudo, sempre relativa, dado que a própria Revelação é relativa em relação à Verdade absoluta, a *sophia perennis;* do contrário, não haveria diferentes Revelações;[1] a assistência do Espírito Santo é total apenas para a Verdade total. Uma coisa que não se deve esquecer é que o propósito das religiões é a vontade divina de salvar os homens imersos em paixão, e não apresentar uma explicação de Princípios universais e do mundo; em consequência, o Espírito Santo reivindicado pelo cristianismo é mais um salvador do que um metafísico, pelo menos no que diz respeito à sua manifestação na esfera da religião; Está mais preocupado em afastar aquilo que, em relação a uma mentalidade específica, é prejudicial à salvação do que em retificar erros doutrinários que são mais ou menos indiferentes neste contexto.

respeito.2

Dogmas intrinsecamente “ortodoxos”, isto é, aqueles dispostos em vista da salvação, diferem de uma religião para outra; consequentemente, nem todos podem ser objetivamente verdadeiros. No entanto, todos os dogmas são simbolicamente

1. Observemos, no entanto, que as tradições arcaicas não possuem dogmas exclusivistas; o hinduísmo, em particular, combina um simbolismo multiforme com uma das doutrinas metafísicas mais bem articuladas e explícitas.

2. Assim, é, no mínimo, ilógico querer contrastar a “sabedoria de Cristo”, cujo propósito é salvar e não explicar, com a “sabedoria deste mundo” — a de Platão, por exemplo — cujo propósito é explicar e não salvar; além disso, o fato de a sabedoria platônica não ser ditada por uma intenção de salvar não implica que ela seja “deste mundo” ou “segundo a carne”, ou mesmo que não contenha qualquer virtude libertadora dentro do contexto metodológico que exige.

Machine Translated by Google

verdadeiros e subjetivamente eficazes, ou seja, seu propósito é criar atitudes humanas que contribuam, à sua maneira, para o milagre divino da salvação. Este é, na prática, o significado do termo budista *upâya,* "meios hábeis" ou "estratégia espiritual", e é graças a essa intenção eficiente — ou a essa "verdade" virtualmente libertadora — que todos os dogmas são justificados e, em última análise, compatíveis, apesar de seus antagonismos. Assim, a negação do purgatório pelos protestantes resulta, certamente, não de uma cosmologia exaustiva, mas de uma economia psicológica ou mística baseada no poder salvador da fé; obviamente, a fé não salva por si só, mas o faz em conexão com a Misericórdia divina que, no protestantismo, se cristaliza no Sacrifício único de Cristo. Nessas perspectivas, o conceito dogmático não contém seu fim em si mesmo, isto é, em sua capacidade de informar; Trata-se meramente de um meio para atingir um fim, e, neste caso, pode-se afirmar sem hesitação que "os fins justificam os meios"; esta observação aplica-se a todos os conceitos religiosos que são objetivamente contestáveis, desde que, naturalmente, derivem de verdades arquetípicas e pertençam a sistemas intrinsecamente ortodoxos. O contraste abrupto entre os dogmas do cristianismo e do islamismo é, no contexto do monoteísmo semítico, o exemplo mais saliente dessas antinomias formais; é claramente impossível que ambas as partes estejam certas, ou que estejam certas no mesmo aspecto, mas é possível — e necessariamente possível — que cada uma esteja certa à sua maneira, do ponto de vista da respectiva "psicologia salvífica", e, portanto, em virtude dos resultados.

Na lógica escatológica, o dogma católico do purgatório resulta da ideia de justificação pelas obras, enquanto a negação protestante do purgatório resulta da ideia de justificação pela fé. Do lado católico, objeta-se que a negação do purgatório leva à tibieza e, portanto, compromete a salvação; do lado protestante, argumenta-se, ao contrário, que a ideia do purgatório compromete a confiança salvadora (a *prapatti* dos hindus) e leva aos excessos do penitencialismo e ao abuso das indulgências; em ambos os casos, as críticas são injustas, embora cada lado contenha um elemento de verdade. Seja como for, se a negação protestante do purgatório leva à complacência e à indiferença, como pensam os católicos, e se, do ponto de vista protestante, a ideia do purgatório leva ao culto das obras em detrimento da fé, hindus e budistas, com não menos razão, poderiam expressar objeções análogas contra a ideia monoteísta de um eterno

Machine Translated by Google

Puxa: eles poderiam argumentar que esse conceito não só é absurdo, como também... em si mesma, pois abusa da noção de eternidade, mas também favorece o desespero. e, em última análise, descrença e indiferença. Os transmigracionistas, portanto, pensarão que a rejeição protestante do purgatório não é pior nem melhor do que a rejeição monoteísta do mesmo.
Transmigração, um conceito que também possui, e necessariamente, virtudes psicológicas, morais e místicas.

Assim, é apropriado distinguir entre dogmas “informativos”, que têm uma importação direta, e dogmas “funcionais”, cuja importação é indireto: a primeira comunicação metafísica, cosmológica ou informações escatológicas; o segundo determina as atitudes morais e espirituais. Embora dogmas puramente funcionais, se tomados literalmente, possam ser errôneos, em última análise eles se unem ao

a verdade se manifesta pelos seus frutos.

* * *

Entende-se que tudo isso não significa dogmas divergentes. são equivalentes simplesmente porque são justificadas de uma forma ou de outra, pois duas teses contraditórias não podem estar certas no mesmo aspecto; O que desejamos destacar aqui é a distinção entre informativo e dogmas funcionais, embora a linha divisória entre eles seja não é absoluto. Se a objeção fosse levantada de que a negação do purgatório pelos protestantes é falsa, visto que o purgatório existe, responderíamos: Em primeiro lugar, que para o verdadeiro “crente” — e somente para ele — essa negação significa, na prática, que o Paraíso é acessível através do méritos de Cristo e, em segundo lugar, que os ortodoxos também rejeitam a ideia de um lugar de expiação porque, segundo eles, as almas não podem eles não ganham mais mérito após a morte, mesmo que possam se beneficiar de as orações da Igreja, que acrescentam um elemento de compensação; Para os ortodoxos, assim como para os muçulmanos, o “purgatório” é o inferno. que a Divina Misericórdia removeu almas particulares.3 Em seguida, nós

3. À objeção de que seu dogma é falso, os protestantes responderiam que eles Não negue o inferno e que Deus sempre tem o poder de salvar quem Ele quiser, o que retoma a opinião da Igreja Ortodoxa e do Islã; além disso, certos anglicanos Aceitar a ideia do purgatório. Acrescentemos que esta ideia, para além de outras motivações...

Machine Translated by Google

argumentaria que, se a rejeição protestante do purgatório
é falsa — ou na medida em que é falsa — a ideia hindu e budista de
A reencarnação, entendida literalmente e não metafisicamente, também é falsa;
Agora, a imensa maioria dos hindus e budistas leva a reencarnação ao pé da letra,
não de forma arbitrária, mas de acordo com...
com o significado literal de suas Escrituras,4 o que é inadequado como
diz respeito à realidade cósmica, mas não a uma psicologia espiritual específica.5
Do ponto de vista dessa psicologia, a questão é
não se trata de saber o que algum dogma inclui ou exclui, mas
o que tiramos disso.

Outro exemplo materialmente impreciso, mas não funcionalmente inútil,
O dogma diz respeito à redução dos animais a pó após a "ressurreição do corpo":
nossa objeção é que a subjetividade de um animal superior é demasiado pessoal
para ser redutível ao nada; agora
Aqui, o "nada" é, na verdade, sinônimo de "transmigração".
Como a transmigração não é admissível no monoteísmo semítico, uma
substitui-o pelo "nada" e, assim, se livra de uma responsabilidade doutrinária que
uma teologia monoteísta, tendo que
permanecer centrado no homem e no humano não poderia presumir nada.

Um exemplo clássico, por assim dizer, de um dogma funcional é o
negação da crucificação de Cristo no Alcorão; é verdade que isso
A negação foi interpretada por alguns muçulmanos como significando simplesmente
que Cristo não foi vencido, assim como Abraão, lançado no mar.

ções, é justificado porque o setor no inferno onde a porta permanece aberta de
O setor acima difere necessariamente, por esse mesmo fato, do setor sem tal abertura, e isso por
razões quase metafísicas.

4. Onde existe um significado literal, existe também a possibilidade legítima de um significado literal.
Interpretação: visto que a Lei de Manu ensina que um determinado pecado acarreta uma determinada consequência.
No caso do renascimento entre animais, há necessariamente homens que acreditam nisso, apesar das transposições
cosmológicas do simbolismo feitas por outros. Isso nos dá a oportunidade de inserir a seguinte observação: segundo certas
fontes devocionais, o renascimento entre animais é uma crença que existe, e que é uma crença que se baseia na crença em práticas devocionais.
O budismo ensina que as mulheres não têm acesso ao Paraíso de Amitabha até...
eles passam por um renascimento masculino; essa opinião não é apenas ilógica dentro do
estrutura do Amidismo, mas ao contrário de numerosos relatos que emanam deste
escola.

5. A ideia de reencarnação é equivalente — qualitativamente, e não em conteúdo — a
a convicção de que a Terra é plana e que o Sol orbita a Terra; em ambos os casos
Existe "ingenuidade" por falta de experiência e também por falta de imaginação; mas isto
A "ilusão de ótica" pode, no entanto, ter um uso simbólico e psicológico.

Machine Translated by Google

A fornalha não foi vencida pelo fogo, 6 e assim como Daniel, na fornalha dos leões
A toca não foi vencida pelas feras; no entanto, o sentimento geral
defende o significado literal da passagem.7 Além do fato de que
A negação da Cruz fecha a porta para a perspectiva cristã.
O Islã, evidentemente, não precisava repetir essa negação, que contribui
indiretamente para a atitude espiritual inerente ao muçulmano.
perspectiva; a função aqui santifica os meios, ou seja, o
simbolismo.

* * *

A ingenuidade de certos conceitos que se tornaram dogmáticos na prática pode
ser explicada, por um lado, pelo simbolismo natural de
coisas e, por outro lado, por uma sábia preocupação com a autoproteção; pois se
A verdade, em última análise, tem a função de tornar o homem
divino, não poderia ao mesmo tempo ter a função de desumanizá-lo. Por exemplo,
não poderia ter o objetivo de nos causar...
experimentar as dores do infinitamente grande ou do infinitamente
pequeno, como a ciência moderna pretende ser; para alcançar Deus, temos o
direito de permanecermos crianças, e nem sequer temos escolha, dadas as limitações da nossa natureza.

Um exemplo clássico de dogma ingênuo é a história bíblica da criação.
seguido pelo do primeiro casal humano: se formos céticos—
portanto atrofiados — entramos em conflito com a infantilidade do literal
significa, mas se formos intuitivos — como todo homem deveria ser — somos
Sensíveis às verdades irrefutáveis das imagens; sentimos que suportamos
Essas imagens dentro de nós, que possuem uma validade universal e atemporal.
A mesma observação se aplica aos mitos e até mesmo a
contos de fadas: ao descrever princípios — ou situações — referentes a
o universo, eles descrevem simultaneamente realidades psicológicas e espirituais
da alma; e nesse sentido pode-se dizer que o
Os simbolismos da religião ou da tradição popular são experiências comuns para
nós, tanto na superfície quanto em profundidade.

6. “Nós *(Allah)* dissemos: Ó fogo, seja frescor e paz para Abraão!” *(Sura* “O Senhor dos Exércitos”) Profetas” [21]:69).

7. Deve-se notar que a ideia de que Cristo não foi crucificado, mas sim levado, é questionável.
A ideia de que a comunicação direta com o Céu já existia na época dos Apóstolos, comprova que... As intenções por trás dessa ideia não podem ser reduzidas a uma função exclusivamente islâmica.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

8

Divergências cristãs

Com base no que foi dito no capítulo anterior, podemos abordar a questão da divergência entre o catolicismo e o protestantismo, mostrando, antes de tudo, que é impróprio aplicar a lógica de uma confissão à outra, pelo menos do ponto de vista dos valores intrínsecos, embora não do ponto de vista de um simbolismo particular ou de um modo particular de eficácia.

Os fenômenos religiosos ou confessionais são regidos por dois grandes princípios, a saber, a "sucessão apostólica" e o "mandato do Céu"; ao primeiro pertence a regularidade sacramental e ao segundo a intervenção extracanônica da Graça. "Mandato do Céu" é uma expressão confucionista que significa que a investidura, e consequentemente a autoridade, desce diretamente do Alto, sem a intermediação de um meio sacramental, em virtude de uma realidade arquetípica que deve se manifestar em um determinado mundo e em resposta às condições terrenas que exigem essa descida. Assim foi com os imperadores da China — é realmente o Trono que criou o imperador — e também, como Dante observou em seu tratado sobre a monarquia, com os imperadores romanos e, posteriormente, com os imperadores cristãos e germânicos. E, paradoxalmente, o próprio papado é um exemplo desse tipo de investidura, visto que o que cria um papa é uma eleição e não um sacramento.1 No contexto do cristianismo como um todo, a Reforma, embora apareça lógica e tecnicamente como uma heresia — embora não nos esqueçamos de que Roma e Bizâncio se anatematizam mutuamente —, possui em si uma justificação e, portanto, uma eficácia, que extrai de um arquétipo espiritual que era, senão

1. Note-se que o Batismo—mutatis mutandis—pertence parcialmente ao mesmo princípio, uma vez que não exige necessariamente o sacerdócio; contudo, não está desvinculado da esfera iniciática, pois produz a remissão do pecado original e, assim, transforma uma potencialidade primordial em virtualidade.

Machine Translated by Google

totalmente ignorada por Roma, ou pelo menos certamente “contida”.2

Em outras palavras, o fenômeno da Reforma, assim como outras manifestações análogas — notadamente no hinduísmo e no budismo — resulta do princípio do “mandato do Céu”, portanto, da intervenção providencial do arquétipo de uma possibilidade espiritual. Por essa razão, esse fenômeno é totalmente independente da regra da “sucessão apostólica” e da “técnica sacramental”, e essa independência — sendo a mentalidade confessional ou exotérmica o que é — explica precisamente a veemência da

negações luteranas e de outras religiões. O caráter por vezes ingênuo do

A formulação não tem lugar aqui, pois esse é o tom geral do ostracismo exotérico; e é simbolismo, nada mais, nada menos.

* * *

Protestantes e amidistas — embora outros exemplos pudessem ser citados — consideram que é a fé que salva, não por si mesma, mas em virtude de uma Redenção, histórica ou mitológica, conforme o caso; e como não podem admitir que as obras acrescentem algo à Graça concedida pelo Céu, nem contestar que o esforço moral seja humanamente indispensável, veem a motivação para esse esforço em nossa gratidão para com o Poder salvador. Ora, uma de duas coisas: ou a gratidão é necessária, caso em que não é a fé sozinha que salva; ou é a fé que salva, caso em que a gratidão não é necessária. Mas se formos à raiz da questão, perceberemos que “gratidão” e “sinceridade” são sinônimos aqui: isto é, a sinceridade faz parte da fé; portanto, é somente a fé sincera — comprovada precisamente pelo esforço moral e pelas obras — que é fé como tal aos olhos de Deus. Em outras palavras, a sinceridade se manifesta necessariamente através do nosso desejo de agradar ao Céu, que, tendo-nos salvado do mal, obviamente espera que pratiquemos o bem. E essa constância pode ser denominada “gratidão”.

Sabe-se que a ideia de Redenção, qualquer que seja sua expressão “mítica”, resulta da ideia da corrupção fundamental do homem;

2. Ver *Cristianismo/ Islã: Ensaios sobre Ecumenismo Esotérico,* “A Questão do Evangelismo”.

Machine Translated by Google

Ora, esse conceito agostiniano e luterano, que implica a conclusão de que o homem é totalmente incapaz de justiça aos olhos de Deus, é como uma "caricatura" teológica da própria contingência do ser humano, em virtude da qual não podemos ter nenhuma qualidade ou poder fora de Deus. No agostinianismo, o que desata o nó górdio é a graça combinada com a fé; metafisicamente, é também *a gnose,* que participa do Bem Soberano, ou é o Bem Soberano que se manifesta na e pela *gnose.* E a predestinação é o que somos, fora de todo mecanismo temporal.

É verdade que o pessimismo antropológico de Santo Agostinho não se aplicava ao primeiro casal humano antes da queda, mas à humanidade marcada pela queda. Adão e Eva, sendo criaturas, eram obviamente contingentes, não absolutos; mas a queda deriva da contingência, precisamente, e a manifesta num nível inferior, o da ilusão e do pecado. É aqui que intervém uma divergência de perspectivas: segundo alguns, o homem caído permanece sempre homem; nele há algo inalienável, sem o qual deixaria de ser humano; segundo outros, o homem caído é definido pela queda, que necessariamente penetra e corrompe todas as suas iniciativas, e este é o ponto de vista de Santo Agostinho, mas num grau menos "totalitário" do que o de Lutero, pois o Bispo de Hipona admite que, sob certas condições, podemos ser merecedores de mérito, enquanto Lutero nega isso e, em vez disso, substitui o mistério, por assim dizer impessoal, da fé.

Mas, além dessa diferença de grau, tanto as Igrejas antigas quanto a Reforma fazem uso — e o Amidismo, na verdade, faz o mesmo — da ideia de nossa impotência fundamental como ponto de partida para um método fundado na fé salvadora.

* * *

Nessa ordem de ideias, é possível distinguir duas maneiras de ver as coisas. Segundo a primeira, diríamos: se um homem não se esforça para transcender a si mesmo, ele segue suas paixões e se perde; se ele não avança em direção à sua salvação, ele se afasta dela, pois quem não avança, retrocede — daí a obrigação do sacrifício, do ascetismo e das obras meritórias.

Segundo a segunda perspectiva, dirá-se o contrário: o homem é salvo antecipadamente pela religião, razão pela qual a religião existe; basta-lhe...

Machine Translated by Google

antes de ter fé e observar as regras; em outras palavras, cada
O crente, por definição, encontra-se incluído na graça salvadora; basta não se
afastar dela; isto é, manter a fé abstendo-se de vícios e crimes — daí a obrigação
moral.
equilíbrio com base na fé.

A primeira dessas perspectivas, que é a do catolicismo para
Por exemplo, é dinâmico, por assim dizer: seu símbolo poderia ser a estrela, cujo
Os raios são centrípetos ou centrífugos, dependendo se o homem
se esforça em direção à sua salvação ou, ao contrário, se afasta dela. Isso
A alternativa dramática dirige-se primeiramente aos homens apaixonados — ou aos homens.
na medida em que são passionais — e depois àqueles cuja natureza
requer um caminho místico que seja combativo e sublime, daí o seu caráter
"heroico". A segunda dessas duas perspectivas, que é, entre outras,
A do protestantismo é estática e equilibrada, por assim dizer: seu símbolo
poderia ser o círculo, que por um lado inclui e por outro...
outras exclusões, dependendo se o homem permanece dentro do
recintos de salvação ou, pelo contrário, os abandonam. Esta alternativa, que na
verdade é reconfortante, dirige-se em primeiro lugar aos homens.
predispostos a confiar em Deus, mas sem confiar nem na sua própria capacidade de...
não se poupam em complicações sacerdotais, e, mais particularmente, aos
contemplativos de um tipo calmo, que amam a simplicidade e
paz.

As duas perspectivas combinam-se necessariamente, apesar da diferença de
acentuação; cada uma delas dá origem a abusos característicos: seja ao
dramatismo e ao culto do sofrimento, no primeiro caso,
ou à complacência e à tibieza no segundo.3 Em qualquer caso,
Um abuso só pode servir como argumento de forma muito relativa;
Não há possibilidade de abusos nos arquétipos.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, podemos observar o seguinte:
Os reformadores argumentam que a Redenção é suficiente para garantir a salvação.
aqueles dos batizados cuja fé é sincera e acompanhada,

3. No protestantismo autêntico, a complacência é excluída pela intensidade da fé e por
o senso de dever, daí aquele "imperativo categórico" que é a virtude e a moralidade. No
catolicismo, a intelectualidade tomista é capaz de refrear os excessos de um
sentimentalismo "barroco"; além disso, a arte medieval, que é verdadeiramente celestial, tem em
princípio uma função análoga, uma vez que introduz um elemento de intelectualidade
e serenidade em sentimento religioso, para "aqueles que têm ouvidos para ouvir". Poderia ser
Acrescentou que é possível amar "nossas catedrais" por patriotismo, portanto de forma pouco
inteligente e sem compreender a sua mensagem.

Machine Translated by Google

Consequentemente, por uma moralidade impecável; isto, de fato, é tudo o que é necessário, no cristianismo, para satisfazer as exigências do mínimo necessário. Mas quando rejeitam o ascetismo monástico, que lhes parece um luxo inútil e até mesmo uma falta de fé, perdem de vista o fato de que o ascetismo não provém da dimensão do indispensável, mas da do amor, e às vezes da do temor; pois, por um lado, é necessário amar a Deus com todas as nossas faculdades e, por outro, é melhor ir para o Céu "com menos membros" do que para o inferno "com todos os nossos membros". Os reformadores tinham a seu favor pelo menos duas circunstâncias atenuantes, uma secundária e outra essencial: primeiro, que os católicos têm atitudes que, por sua ênfase excessiva e estreiteza de espírito, inevitavelmente provocaram reações,ÿ e segundo, que na economia da perspectiva protestante o amor a Deus coincide com a alegria ativa da gratidão, portanto, com a felicidade que provém da piedade e da virtude. Agora, essa perspectiva é capaz de um aprofundamento que transcende as medidas ordinárias e que pertence à esfera da "paz" sagrada, não da "paixão" sagrada.

* * *

Após essas generalidades, algumas considerações sobre as divergências rituais se fazem necessárias. Não é correto afirmar que a Comunhão Luterana seja apenas uma "memória", que negue a relação ontológica entre o Calvário e o rito; são Zwingli e os protestantes liberais, não Lutero, que minimizam o mistério eucarístico; pois o reformador alemão acreditava na Presença Real em ambas as espécies. Ao negar a transubstanciação — não a inerência ou a consubstanciação — ele se refere, além disso, a São Paulo, que fala da "presença real em ambas as espécies".

4. A confusão entre os requisitos elementares do que é estritamente necessário e os possíveis feitos de excesso místico — a primeira dimensão relacionada à salvação em si e a segunda aos graus de bem-aventurança — também se encontra no mundo muçulmano, apesar do realismo sóbrio e reconfortante do Alcorão e da *Sunnah,* sem os quais a Revelação não seria "boas novas" *(bushrâ).* A confusão em questão parece derivar de uma necessidade excessivamente passional de absolutismo, que, em vez de ser qualitativa, torna-se quantitativa e que, além disso, confunde facilmente legalismo com virtude e se deleita em exageros cujo único objetivo é agradar a Deus, como se Ele pudesse, por cegueira, ser tendencioso favoravelmente a tais coisas, *quod absit.*

Machine Translated by Google

"O pão que partimos" (1 Coríntios 10:16), e quem diz: "que ele coma desse pão" (1 Coríntios 11:28); isto é, o Apóstolo fala de "pão" e não da "aparência do pão". Mesmo Calvino afirma que "Cristo, com a plenitude de seus dons, não está menos presente, na Comunhão, do que se o víssemos com nossos olhos e o tocássemos com nossas mãos". O que atualiza a relação ontológica entre a Missa e o Calvário é a Presença Real, independentemente da questão da transubstanciação; que se possa conceber a transubstanciação como uma mudança de substância — uma ideia elíptica, se é que já houve alguma — é uma questão completamente diferente.

A Comunhão Luterana pertence, em última análise, à mesma economia ritual da oração muçulmana; é como um fragmento mínimo da Missa Católica do ponto de vista do conteúdo ou da graça, mas é algo diferente do ponto de vista do recipiente ou da forma, de modo que as objeções católicas não se aplicam a ela, exceto para a autodefesa do catolicismo. A Eucaristia Católica oferece graças compatíveis com as possibilidades espirituais de um São Bernardo; a Comunhão Luterana, dado que "na casa de meu Pai há muitas moradas", oferece um viático compatível com os crentes comuns de boa vontade — et *in terra pax hominibus bonae voluntatis — exatamente* como ocorre com a oração muçulmana, o único "sacramento" do islamismo exotérico, o que prova que o rito luterano é escatologicamente suficiente em seu contexto religioso. Todos os católicos devem comungar, mas nem todos são São Bernardo; e a própria transcendência da Eucaristia acarreta perigos terríveis, como atesta São Paulo. Sem dúvida, Lutero fechou uma porta, mas abriu outra; se diminuiu a Graça Eucarística, ao simplificar e centralizar consideravelmente o culto, demasiado disperso na prática romana, abriu a porta para um clima espiritual particular, que também possui sua virtualidade mística — sob a condição de ser aproveitado por um fervor cristocêntrico cuja seiva é a fé, e, portanto, por uma conduta que não é "meritória" ou "heroica", mas "normal" e "bíblica". Pois a santidade não coincide pura e simplesmente com o "heroísmo da virtude"; ela também abrange modos semelhantes ao quietismo, onde o equilíbrio moral, unido à união contemplativa, desempenha um papel preponderante.ÿ

5. Isso nos foi dito por um monge da Igreja Oriental.

Machine Translated by Google

O que importa na Comunhão Luterana é o fato de o pão comunicar a vontade de Cristo de nos salvar, ou o fato de ele nos ter salvado, o que aqui equivale à mesma coisa; como certos teólogos muçulmanos, Lutero não visa a "colocar os pingos nos is" em todos os lugares — que é a tendência romana — mas a acreditar na redação literal das Escrituras6 e reconhecer que um determinado enigma é verdadeiro "sem se perguntar como" *(bilâ kayfa);7* daí sua recusa em aceitar a transubstanciação, que em sua opinião nada acrescenta à Presença Real, assim como a ideia gnóstica de um corpo imaterial e meramente "aparente" não acrescenta nada à Divindade de Cristo.

Talvez seja necessário especificar aqui que, para os luteranos, existe apenas um Sacrifício salvífico, o do Calvário: a Comunhão não o "renova"; não é um novo sacrifício; apenas atualiza para os fiéis o Sacrifício único. Para os católicos, porém, cada Missa é um novo sacrifício, sem dúvida "sem sangue" e "relativo" em comparação com o Sacrifício de sangue, mas ainda assim possuindo um caráter verdadeiramente sacrificial; os protestantes veem nessa concepção uma multiplicação do Sacrifício — múltiplas Missas sendo colocadas no lugar do único Sacrifício — enquanto para os católicos essas Missas são precisamente "relativas", como acabamos de dizer; isso não satisfaz os protestantes, dada a sua insistência arquetípica na unicidade de Cristo e o seu horror às "causas secundárias", como diriam os muçulmanos. Em geral, a Missa Católica é comparável à imagem do sol refletida em um espelho: sem pretender ser o sol, ela o "repete" de certa forma, e na prática os católicos tendem a enfatizar demais essa repetição, apesar das especificações teológicas que nem sempre são levadas em consideração pela sensibilidade religiosa; enquanto a Comunhão Luterana é comparável — ou pretende ser comparável — não à imagem refletida do sol, mas simplesmente ao seu raio. A persistência da batalha luterana contra a Missa se explica pela ideia de que o rito católico se torna, *de fato,* muito independente de seu propósito único

6. *Alles geglaubt oder nichts geglaubt:* "acreditar em tudo ou em nada".

7. É curioso notar que os problemas do mal e da predestinação, insolúveis dentro da lógica monoteísta e teológica, levaram Lutero e outros a raciocínios perfeitamente asharitas, a nós górdios que não conseguiam cortar senão por meio daquele *deus ex machina* que é a "fé", um movimento que é *a priori* volitivo e sentimental, mas em essência intuitivo e, em casos privilegiados, capaz de abrir a porta para a *gnose.*

Machine Translated by Google

totipo, a ponto de parecer substituir-se a ele; obviamente, os católicos não podem aceitar essa acusação, assim como não podem aceitar a acusação islâmica de triteísmo, mas deveriam ser capazes de entender que na base dessas queixas reside uma intenção metodológica muito mais do que doutrinária, uma atitude mística muito mais do que uma adequação teológica.

Do lado católico — e insistamos nisso mais uma vez — parece ter-se esquecido que a majestade do sacrifício eucarístico implica certas consequências práticas no que diz respeito ao manejo do rito. O caráter concreto e exigente dessa majestade foi patentemente esquecido ao submeter o sacrifício a todo tipo de intenções, aplicações ou modalidades que são demasiadamente contingentes — quase diríamos, demasiadamente casuais — profanando-o, em última análise;8 é como se o sentido da dignidade divina do rito se concentrasse apenas nas espécies eucarísticas, particularmente na hóstia, que é exposta e venerada no ostensório, mas que é maltratada ao ser dada a qualquer um e em condições ridículas. Seja como for, os luteranos rejeitam as missas em virtude da singularidade histórica e sacramental do Sacrifício, assim como os asharitas rejeitam as causas secundárias em virtude da singularidade principal e eficaz de Deus; em ambos os casos, há ostracismo em virtude de uma ideia de absolutismo.

Antes de prosseguir, talvez seja necessário relembrar o seguinte:
Teses eucarísticas do catolicismo e da ortodoxia; para os católicos, as
A presença eucarística de Cristo é produzida não por “impanação” nem por “consubstanciação”, mas por “transubstanciação”, o que significa que a “substância do pão já não permanece”, o que eles justificam — abusivamente, em nosso entenderÿ — com as palavras de consagração de Cristo; segundo essa teoria, a “forma substancial das espécies não permanece”

8. A experiência demonstra que a “primeira comunhão” das crianças — obrigatória para todos e socialmente convencional — é uma faca de dois gumes, pois se por um lado beneficia as crianças que são verdadeiramente piedosas, por outro expõe o sacramento a uma profanação, o que não seria do interesse de crianças indignas, mesmo que sejam relativamente inocentes.

9. Quanto à doutrina pura, não negamos a possibilidade de uma certa conveniência psicológica para um determinado grupo étnico. Esse tipo de justificativa também se aplica, obviamente, à Reforma — não no sentido de uma profusão de especificações “estratégicas” neste caso, mas, ao contrário, em nome da simplicidade e da piedosa inarticulação.

Machine Translated by Google

não restam mais nada", nem mesmo sua "matéria-prima". Os ortodoxos, por sua vez, ou não admitem a transubstanciação, ou não admitem que ela implique "uma substância que muda e acidentes que não mudam"; sua intenção é permanecer fiel — e com muita sabedoria — ao ensinamento eucarístico de São João Damasceno, segundo o qual "o Espírito Santo intervém e faz o que transcende toda palavra e pensamento...". E se você perguntar como isso acontece, basta saber que acontece por meio do Espírito Santo... que a palavra de Deus é verdadeira, eficaz e todo-poderosa, e a maneira como isso ocorre permanece insondável."10

* * *

Catolicismo é catolicismo, e protestantismo é protestantismo; com essa verdade óbvia queremos dizer que uma tendência protestantizante puramente formal não tem nenhuma conexão orgânica com o arquétipo que motivou e trouxe a Reforma, tanto mais que é o arquétipo que escolhe o homem e não o contrário; não basta imitar ou improvisar gestos para estar concretamente em conformidade com um arquétipo espiritual e, consequentemente, em harmonia com a Vontade divina. É possível que o Céu queira um fenômeno como a Comunhão Luterana; mas é impossível que queira a luteranização da Missa Católica, pois Deus não pode se contradizer no mesmo plano, justamente aquele que implicaria uma contradição intrínseca; o fato de Deus promover a manifestação da possibilidade islâmica não significa, de modo algum, que Ele deseje a islamização do cristianismo, assim como não deseja que o islamismo seja cristianizado. O princípio da economia espiritual dos arquétipos significa que uma mesma forma pode ser válida em um determinado contexto confessional, mas não em outro, exceto por uma adaptação que deriva do próprio arquétipo e não de uma iniciativa puramente humana.

Segundo a lógica católica, a comunhão luterana é inválida, não só porque o rito foi alterado, mas também porque o oficiante não é um sacerdote; enquanto que da comunhão luterana—ou

10. *Exposé précis de la Foi orthodoxe,* 4:13. Os Reformadores não pensaram de outra forma.

Machine Translated by Google

Do ponto de vista protestante geral, o oficiante é um sacerdote, graças a
a virtualidade sacerdotal que o homem, enquanto tal, possui por sua deiforme
natureza; Cristo concretizou essa virtualidade por meio do "mandato de
Céu", do qual já falamos acima; isto é, o Céu permite
este Mandato recairá sobre o oficiante em virtude de sua eleição.
pela Comunidade, ou por aqueles que a Comunidade delega,
exatamente como acontece — tecnicamente falando — com o pontífice romano.11
A tradição — argumentam os protestantes — pode muito bem confirmar isso.
Mandato, mas não o cria; o oficiante não é um pastor *ex opere.*
operato. Sem dúvida, a Igreja Ocidental nunca chegou ao ponto de negar
aos leigos uma espécie de função sacerdotal indireta, mas isso não lhes concedeu
o mesmo grau de reconhecimento que a Igreja Oriental;
Pelo contrário, negligenciou-o em demasia, sendo o celibato dos sacerdotes
importante para aumentar o fosso entre os tonsurados e os leigos, algo que,
precisamente, era evitado pelos ortodoxos.

* * *

E isso nos leva a outro problema: qual é o significado de
o fato de a Reforma rejeitar a Tradição e pretender basear-se em si mesma
Basear-se apenas nas Escrituras? Significa que se trata de uma possibilidade
religiosa marginal e claramente não fundamental: o argumento
A questão é que somente as Escrituras são absolutamente certas e estáveis,
enquanto a Tradição, por vezes, exige cautela e é frequentemente diversa.
variável, como demonstra a diversidade — e, em alguns casos, o caráter duvidoso
— das liturgias.12 Católicos, ortodoxos e
Os protestantes concordam sobre o tema das Escrituras, mas não sobre...
a da Tradição; no Islã também as divergências abruptas entre
Sunitas e xiitas têm a ver com tradição e não com a religião.

Livro. Obviamente, os católicos têm razão em manter sua
ponto de vista, que é fundamental, mas o dos protestantes corresponde não
menos a uma possibilidade em um contexto teológico, místico, particular.

11. E para os *'ulamâ—mutatis mutandis—cuja* autoridade também deriva de um
delegação, em virtude da potencialidade sacerdotal do homem. Observamos acima.
que o Batismo, na medida em que pode ser conferido por um membro do laicato, pertence a
O mesmo princípio geral.

12. Caso contrário, a Missa Tridentina não teria sido necessária.

Machine Translated by Google

e contexto moral, embora não fora dele. O que Cristo chamou de “o
"mandamentos dos homens" certamente se refere ao elemento
“Tradição”; o Talmud é incontestavelmente “tradicional”. Por outro lado
Por outro lado, a ausência total de qualquer tradição é impossível; mesmo
O luteranismo, o calvinismo e, *com mais razão,* o anglicanismo da Alta Igreja são
tradicional em certos aspectos.

Neste contexto, não podemos ignorar o seguinte:
Observação: do lado católico, há uma certa burocratização do sagrado, que
anda de mãos dadas com uma espécie de militarização da santidade, se me
permitem expressar-me assim; em
Em particular, existe um culto às “Regras” monásticas e outro à liturgia.
“rubricas”. O protestantismo pretende se inserir em uma dimensão mais
“evangélica”, mas opõe-se aos excessos romanos com novos excessos;
Somente a Igreja Oriental mantém a mensagem de Cristo em perfeição.
equilíbrio, considerando todos os fatores. Para a Igreja Oriental,
O protestantismo é uma função do catolicismo; um não vai para o outro.
sem o outro; eles são os dois polos do desequilíbrio ocidental.13

Em outras palavras: Tradição, considerada em si mesma e fora de qualquer
A modalidade restritiva é comparável a uma árvore: a raiz, o tronco, o
ramos, e os frutos são o que devem ser; cada parte vem em
É a temporada, e nenhum deles quer que seja outra; é isso que o
Os ortodoxos compreenderam perfeitamente, aqueles que param na Sétima.
O Conselho não deseja ouvir falar de nada relacionado à “institucionalização”
Pentecostes”, se podemos usar tal expressão por um desejo de clareza. Não se
trata de um patriarca, com a concordância de outros patriarcas,
que são seus iguais não podem empreender uma adaptação secundária
específica exigida por circunstâncias particulares — o contrário seria

13. Um exemplo, entre outros, de “Tradição” como um “mandamento dos homens” é o
cardinalato: enquanto bispos e patriarcas derivam dos Apóstolos, não há nada no Novo
Testamento que prefigure os cardeais. No início deste
instituição papal, até mesmo os leigos podiam obter essa dignidade; após o século XI,
era atribuída apenas aos bispos, padres e diáconos que rodeavam o Papa;
No século XIII, todos os cardeais recebiam o título de bispo e o chapéu vermelho;
Finalmente, no século XVII, os cardeais receberam o título de "Eminência". Tudo isso
tem um caráter mais imperial do que sacerdotal e dificilmente está de acordo com o princípio
“em todos os lugares, sempre, por todos” *(quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est);* dito isto, não contestamos que tal instituição possa ser necessária por
a mentalidade romana ou latina, assim como não contestamos as exigências da
peça de Providence.

Machine Translated by Google

oposto à natureza das coisas — mas nenhum patriarca pode tomar uma decisão sobre uma mudança substancial, como a introdução do *filioque* ou o celibato dos sacerdotes, e impô-la a todos os patriarcas, que são seus irmãos.14 Como resultado da mentalidade instável, aventureira e inovadora dos ocidentais romanos, germânicos e celtas, o Ocidente católico não conseguiu alcançar plenamente um equilíbrio entre os princípios do crescimento e da conservação, ou seja, precisou de uma instituição que concedesse preeminência ao primeiro princípio sobre o segundo,15 e que assim "tradicionalizasse" uma possibilidade que em si mesma é problemática. Assim, admitimos que o Papado — pois é isso que está em questão — foi uma necessidade providencial, embora ambígua,16 mas o fenômeno protestante se beneficia da mesma justificativa, pelo menos de forma secundária; em outras palavras, a própria ambiguidade do Papado necessariamente deu origem à reação protestante e à cisão denominacional do

Oeste latino.

* * *

Uma das grandes qualidades da Igreja Católica — que ela compartilha com a Igreja Ortodoxa — é seu senso do sagrado, que é expresso litúrgica e esteticamente por suas missas solenes;

14. O *Filioque* poderia ter encontrado seu lugar entre as possíveis "opiniões teológicas"; mas não era de todo necessário — a história o comprova — impô-lo tiranicamente a toda a Igreja.

15. Note-se que a Missa de Pio V não foi uma inovação, mas sim uma ordenação; o abuso residia numa desordem anterior, não nas medidas conservadoras do Papa.

16. "Mas não vos façais chamar Rabi, porque um só é o Mestre de vós, o Cristo, e todos sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, que está nos céus. Nem vos façais chamar mestres, porque um só é o Mestre de vós, o Cristo" (Mt 23,8-10). Mas o Papa é colocado de forma quase absoluta acima dos bispos, seus irmãos, e é chamado de "Santo Padre", e do outro lado estão os "Doutores da Igreja"; esses fatos contrastam singularmente com a passagem do Evangelho citada e oferecem — para dizer o mínimo — circunstâncias atenuantes para o protesto ortodoxo e luterano contra o Papado tal como ele se apresentou. Em certo sentido, o Papado é um cavalo de Troia, que introduz o espírito de inovação na Igreja.

Machine Translated by Google

No protestantismo, esse sentido se concentra exclusivamente nas Escrituras e oração, que inquestionavelmente implica um grande empobrecimento, não não necessariamente para o indivíduo, mas para a coletividade. É verdade que A Igreja Anglicana, a "Alta Igreja", em todo caso, tem em grande parte... manteve um senso do sagrado, e Lutero, que rejeitou todo fanatismo iconoclasta, também não foi insensível a ele; está acima de tudo O calvinismo substituiu esse sentido por um moralismo rígido, enquanto o protestantismo liberal — produto típico do século XIX — acabou por desperdiçar tudo, o que também é... e, ainda mais detalhadamente, o que o modernismo católico faz. Seja como for. Seja como for, o evangelicalismo autêntico substituiu, em certa medida, o sentido do sagrado pelo sentido da interioridade, com analogias consequências psicológicas; pois aquele que sinceramente, “em espírito e em A expressão “verdade” significa “amar estar diante de Deus”, e isso não está longe da disposição reverencial da qual estamos falando.

* * *

Diz-se que a Reforma Protestante trouxe consigo uma destruição quase total das formas sagradas. Sem dúvida, isso produziu um certo vazio — embora nos países germânicos haja templos que prolongam sobriamente as formas góticas — mas será que esse vazio é tão grande assim? muito mais mortal do que a falsa plenitude do Renascimento, e em particular a horrível profusão do estilo barroco?17 Na realidade, a “destruição” protestante anda de mãos dadas com a católica “Destruição”: por um lado há negação e empobrecimento, e por outro rejeição e falsificação.

Os estilos romano, bizantino e gótico não são fases em uma mesma história. “Evolução” indefinida; são cristalizações definitivas de modos legítimos da arte cristã.18 O centro do cristianismo ocidental

17. Qual foi a reação sentimentalista à frieza pagã do Renascimento. O estilo barroco foi descrito por alguns como o “estilo da alegria”. embora seja triste, devido ao seu irrealismo onírico, vazio e pomposo, em suma, às suas mentiras e estupidez; o vestuário da época atesta a mesma aberração.

18. Há, sem dúvida, “elaboração”, mas não “evolução”: uma vez que a “ideia” tenha sido Plenamente manifestado, o estilo não precisa mais mudar, apesar da diversidade que é sempre possível e até necessário. Na arte sacra, a evolução ilimitada é tão inexistente quanto na biologia: o crescimento cessa no momento em que a ideia — o tipo específico — está plenamente estabelecida. percebeu.

Machine Translated by Google

O mundo era a basílica de Constantino em Roma; então, um belo dia, os Papas tiveram a desastrosa ideia de destruir essa venerável joia da arte sacra e substituí-la por um gigantesco palácio imperial pagão e glacial, tão pretensioso por dentro quanto por fora, e de adorná-lo com obras naturalistas que expressavam toda a megalomania sensual e marmórea da época.19 A arte do Renascimento acarreta como consequência a obrigação de admirá-la — nenhum Papa tem o poder de destruir a obra de Bramante e Michelangelo — e, assim, impôs uma falta de discernimento que não se limita ao plano estético e cujos frutos ainda hoje são colhidos, aliás, hoje mais do que nunca; a expressão mais geral desse envenenamento é o que podemos chamar de "civilizacionismo", isto é, a degradação da religião por meio de uma ideologia de progresso total e indefinido. Doravante, torna-se impossível dissociar o cristão do homem "civilizado", no sentido restrito e um tanto ridículo deste termo; nesse aspecto, os cristãos do Oriente têm sido vítimas dos cristãos do Ocidente, especialmente desde Pedro, o Grande. Em todo caso, os protestantes não podem ser considerados os únicos responsáveis pelo desvio moderno, embora tenha sido corretamente apontado que o calvinismo favoreceu o industrialismo; mas isso não diminui o fato de que tudo começou com o Renascimento, e os protestantes não tiveram participação alguma nisso.20 Se mencionamos essas coisas, não é para nos alongarmos sobre uma questão histórica que, estritamente falando, permanece fora do nosso escopo, mas para evitar um possível preconceito por parte dos tradicionalistas que, certos de seus princípios — pelo que não se pode culpá-los —, não tiveram nem a ideia nem a oportunidade de verificar algumas de suas conclusões aparentemente plausíveis, mas, na verdade, inadequadas. E, em todo caso, nenhuma Igreja jamais se opôs às chamadas conquistas do "gênio humano" — artístico, literário, científico, técnico, até mesmo político. O que se buscou, ao contrário, foi atribuí-los ao "gênio cristão", com uma inexplicável falta de discernimento e imaginação.

19. E visto que o preço deste edifício monstruoso era a venda de indulgências, deveríamos ter renunciado à sua construção; é uma questão de sentido de proporções, bem como de sentido moral, ou de sentido de *barakah.*

20. Além disso, a Revolução Francesa ocorreu em um país católico; e da mesma forma, antes dela, a empreitada dos enciclopedistas.

Machine Translated by Google

Considerando tudo isso, ainda precisamos acrescentar as seguintes observações: o civilismo é praticamente sinônimo de industrialismo, e a essência do industrialismo é a máquina; ora, a máquina produz e mata ao mesmo tempo; produz objetos e mata a alma,21 e isso sem falar de suas desvantagens práticas e, a longo prazo, extremamente graves, que são bem conhecidas. A religião aceitou e quase "cristianizou" a máquina, e está morrendo por causa disso, seja por absurdo e hipocrisia, como no passado, seja por capitulação e suicídio, como hoje. É como se houvesse apenas dois pecados, a incredulidade e a impureza; a máquina não é incrédula nem impura; portanto, pode-se aspergi-la com água benta em boa consciência.

* * *

Foi no clima do Renascimento que a Reforma irrompeu e se espalhou com a força de um furacão, e assim permanece até os dias de hoje; e isso nos permite aplicar o argumento de Gamaliel ao fenômeno protestante, ou seja, que um movimento religioso que não procede de Deus não perdurará.22 Esse argumento perde todo o seu valor, é claro, quando aplicado a uma ideologia religiosa intrinsecamente falsa, e *com mais razão ainda* a ideologias filosóficas ou políticas, pois nesses casos a razão de seu sucesso é algo completamente diferente: não provém do poder de um arquétipo espiritual, mas simplesmente da sedução do erro e da fraqueza dos homens.

O protestantismo abrange quase um terço do cristianismo — consequentemente, sua importância no mundo ocidental é imensa — e é impossível ignorá-lo quando se considera a religião.

21. O que distingue uma máquina tradicional — como o tear — da máquina moderna é que ela combina simplicidade inteligível e um simbolismo explícito e espiritualmente eficaz com uma qualidade estética, que para o homem comum é essencial.
A máquina moderna, ao contrário, não possui essas qualidades e, em vez de servir ao homem e contribuir para o seu bem-estar, escraviza-o e desumaniza-o.

22. O espírito ostracista de Calvino — que contrasta com a generosidade de Lutero — não é um argumento contra a Reforma, pois não foi Calvino quem inventou a Inquisição; em todo caso, o que está em questão aqui é o clima exoterista, portanto formalista e intolerante.

Machine Translated by Google

regiões, denominações e espiritualidades. Observe-se que com-
Sem a Reforma Protestante, não teria havido o Concílio de Trento.
nem, consequentemente, a Contrarreforma Católica; ora, isto
A necessidade funcional do protestantismo fala a seu favor e comprova
indiretamente a legitimidade relativa — não absoluta, mas confessionalmente
suficiente — desse poderoso movimento; sem ela, o
A Igreja Romana talvez não tivesse encontrado o ímpeto necessário para
se recuperar e reconstruir.23 O fato de essa cisão no meio

O fato de o cristianismo ocidental ter criado, ao mesmo tempo, condições
favoráveis à queda final do Ocidente, não diminui em nada o significado
positivo do fenômeno protestante, mas demonstra, em todo caso, que...
como a fusão do positivo e do negativo faz parte do
jogo ambíguo e engenhoso da Providência. A mesma observação se aplica
a priori ao catolicismo, certos aspectos do qual têm
contribuiu para a origem do mundo moderno, embora isso não
não diminui em nada sua qualidade como uma grande mensagem religiosa
e civilização tradicional — daí seus méritos no plano de
intelectualidade, arte sacra e santidade.

* * *

Paradoxalmente, no luteranismo existe ao mesmo tempo...
tempo uma intenção de esoterismo e de exoterismo, portanto de
interiorização e de exteriorização; por um lado, Lutero visava a
trazendo tudo de volta para o interior — “Mas tu, quando tu
Roga, entra no teu quarto, 24 e, fechando a porta,
“Orai ao vosso Pai que está em secreto” — e, por outro lado, ele
visava reduzir tudo ao sacerdócio “sobrenaturalmente natural” do homem
como tal, portanto de cada homem, ou mais precisamente de
Todo homem batizado, pois “todos vós sois irmãos”. Com a primeira
intenção, o místico de Wittenberg abre a porta para certos assuntos esotéricos.
possibilidades, pela própria natureza das coisas; com a segunda, ele fecha a

23. É um fato interessante que os Padres do Concílio de Trento tenham deixado de condenar
Lutero expressamente, o que teria sido exigido pelo costume conciliar;
Eles preferiram não "fechar definitivamente a porta ao diálogo", o que tem um significado tanto
simbólico quanto prático.

24. A do coração, segundo os hesicastas.

Machine Translated by Google

porta para um certo tipo de santidade, fundada na noção “cavalheiresca” do “heroísmo da virtude”, uma noção que em si mesma é correta, mas que se torna falsa quando o objetivo é reduzir toda santidade possível a esse tipo, menosprezando tudo o que se relaciona ao quietismo e *à gnose.* Seja como for: inspirado pela injunção de Cristo ao samaritano, de não adorar nem no Monte Gerizim nem no Templo, mas “em espírito e em verdade”, Lutero desejava apagar ao máximo os sinais exteriores de adoração — sem ser fanático como Calvino — como se a transcendência não tolerasse a imanência; mas, ao mesmo tempo, ele concretizava um certo desejo de esoterismo, um paradoxo também manifestado pelo amidismo e pelo xiismo. O não formal — ou o vazio — é, na verdade, um veículo do supraformal e da plenitude, como São Bernardo compreendeu muito bem ao esvaziar suas capelas de todas as imagens e adornos, e como os monges zen compreenderam igualmente bem ao fazer uso de uma arte da despojamento, portanto, do vazio.

Não dissociado desta questão de um “exoterismo esoterizante” está o fato de a Reforma, que surgiu de uma religião ascética, ter “redescoberto” o potencial espiritual da sexualidade, exatamente como ocorreu no budismo, também ascético, quando Shinran, monge que era, casou-se e introduziu o casamento em sua seita, o *Jôdo-Shinshû.* ²⁵ O caráter intrinsecamente sagrado da sexualidade não era desconhecido do judaísmo ou do hinduísmo, dos quais as duas religiões ascéticas mencionadas anteriormente se originaram, respectivamente; contudo, nem o judaísmo nem o hinduísmo desconheciam o valor do ascetismo, que obviamente mantém todos os seus direitos em qualquer contexto religioso.²⁶ O homem é feito de tal maneira que naturalmente se inclina para o exterior e precisa de uma ferida para aproximá-lo do “reino de Deus que está dentro de vós”, e isso apesar do fato complementar de que o contemplativo — e somente ele — percebe traços do Divino em

25. Não percamos de vista o fato de que o catolicismo testemunhou o florescimento do misticismo mais ou menos “erótico” dos cavaleiros, dos trovadores e dos *Fedeli d'Amore;* o budismo tântrico exibe características análogas, mas com uma ênfase muito diferente.

26. O judaísmo deu origem à seita ascética dos essênios; quanto ao hinduísmo, ele é incomum porque sua estrutura compartimentada e amplitude metafísica lhe permitem explorar plenamente todas as possibilidades espirituais: plenamente, isto é, independentemente de qualquer contexto religioso antagônico.

Machine Translated by Google

belezas exteriores, o que equivale a dizer que, dada a sua predisposição, essas belezas têm a capacidade de interiorizá-lo, em conformidade com o princípio da *anamnese platônica.* Isso significa que a ambiguidade do homem é a do mundo: tudo manifesta Deus — direta ou indiretamente, ou de ambas as maneiras ao mesmo tempo — mas nada é Deus; assim, tudo pode nos aproximar Dele ou nos afastar Dele. Cada religião, ou cada confissão, pretende oferecer sua solução para esse problema em conformidade com uma economia psicológica, moral e espiritual particular.

* * *

Alguém nos perguntou27 por que o Protestantismo, já que manifesta *grosseiramente* o mesmo arquétipo que o Amidismo, não possui, como o Amidismo, um método de oração jaculatória; ora, esse arquétipo não implica por si só esse modo de oração, assim como esse modo de oração não implica esse arquétipo; antes, implica uma ênfase na fé e na prática assídua da oração, e de fato encontramos ambos esses elementos no Protestantismo autêntico.

Outra questão que nos foi colocada diz respeito à homogeneidade formal que toda confissão intrinsecamente ortodoxa possui; ora, se o protestantismo como um todo não possui essa homogeneidade, cada um de seus grandes ramos — luteranismo, calvinismo, anglicanismo — a possui. Da mesma forma, cada uma das igrejas antigas é homogênea, enquanto o cristianismo como um todo não o é, assim como outras religiões, cada uma das quais compreende pelo menos duas denominações mais ou menos antagônicas.

"Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles", disse Cristo. Entre todos os significados possíveis desta afirmação, poderia haver também este: os dois primeiros que se reúnem são o Catolicismo e a Ortodoxia, e o terceiro, mencionado separadamente, é o Protestantismo. De fato, Cristo poderia ter dito: "Onde três estiverem reunidos", colocando assim as três confissões no mesmo nível; mas ele disse "dois ou três", o que...

27. Referindo-se ao capítulo "A Questão do Evangelismo" em nosso livro *Cristianismo/Islã: Ensaios sobre Ecumenismo Esotérico.*

Machine Translated by Google

Indica uma certa desigualdade, mas sempre dentro do quadro da legitimidade religiosa: desigualdade quanto à completude ou plenitude, mas ao mesmo tempo legitimidade quanto ao amor a Cristo e à autenticidade espiritual, e, portanto, uma fraternidade subjacente apesar das diferenças.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

9

Chaves da Bíblia

Para compreender a natureza da Bíblia e seu significado, é necessário...
É essencial recorrer às ideias de simbolismo e revelação; sem uma interpretação
exata e, na medida necessária, suficientemente precisa.
compreensão profunda dessas ideias-chave, a abordagem para o
A Bíblia continua sendo perigosa e corre o risco de gerar graves divergências doutrinárias.
erros psicológicos e históricos. Aqui reside, sobretudo, a ideia de
revelação que é indispensável para o significado literal da Bíblia,
particularmente nos Salmos e nas palavras de Jesus, há alimento suficiente para a
piedade, independentemente de qualquer questão de simbolismo; mas isto
O alimento perderia toda a sua vitalidade e todo o seu poder libertador.
Sem uma noção adequada de revelação ou de origem supra-humana.

Outras passagens, particularmente em Gênesis, embora também em textos como
Assim como o Cântico dos Cânticos, permanecem um enigma na ausência de
comentários tradicionais. Ao abordar as Escrituras, deve-se...
Sempre preste a maior atenção aos comentários rabínicos e cabalísticos e — no
cristianismo — aos comentários patrísticos e místicos; então se verá como o
significado literal se manifesta.
praticamente nunca basta por si só e como aparentes ingenuidades, inconsistências
e contradições se resolvem em uma dimensão de
Profundidade para a qual é preciso possuir a chave. O significado literal
É frequentemente uma linguagem enigmática que, com mais frequência, encobre do que revela.
e isso visa apenas fornecer pistas para verdades de ordem cosmológica,
ordem metafísica e mística; as tradições orientais são unânimes quanto a essa
interpretação complexa e multidimensional dos textos sagrados. Segundo Mestre
Eckhart, o Espírito Santo
ensina toda a verdade; reconhecidamente, existe um significado literal que o
o autor tinha em mente, mas como Deus é o autor das Sagradas Escrituras,
Todo significado verdadeiro é, ao mesmo tempo, um significado literal; pois tudo isso
É verdade, provém da própria Verdade, está contida nela, brota de
ela, e é por ela desejada. E assim também com Dante em seu *Convivio:* “O

Machine Translated by Google

As Escrituras podem ser compreendidas, e devem ser explicadas, principalmente em quatro sentidos. Um deles é chamado de literal. . . . O segundo é chamado de alegórico. . . O terceiro sentido é chamado de moral. O quarto sentido é chamado anagógico, isto é, além dos sentidos *(sovrasenso);* e é quando uma Escritura é espiritualmente exposta, o que, embora verdadeiro em seu sentido literal, se refere além dele às coisas superiores da Glória eterna, como podemos ver naquele Salmo do Profeta, onde ele diz que quando Israel saiu do Egito, a Judeia se tornou santa e livre. O que, embora manifestamente verdadeiro segundo a letra, é, no entanto, verdadeiro em seu significado espiritual, a saber, que a alma, ao abandonar seus pecados, é santificada e livre em suas faculdades" *(Tratado Segundo,* I).

No que diz respeito ao estilo bíblico — deixando de lado certas variações que não são importantes aqui — é importante entender que o caráter sagrado ou sobre-humano do texto nunca poderia ser manifestado de forma absoluta por meio da linguagem, que é necessariamente humana; a qualidade divina a que se refere aparece antes através da riqueza de significados sobrepostos e no poder teúrgico do texto quando é pensado, pronunciado e escrito.

Igualmente importante é o fato de as Escrituras serem sagradas, não por causa do seu conteúdo e da forma como são abordadas, mas por causa do seu grau de inspiração, ou o que equivale ao mesmo, a sua origem divina; é isso que determina o conteúdo do livro, e não o contrário. A Bíblia pode falar de uma infinidade de coisas além de Deus sem ser menos sagrada por isso, enquanto outros livros podem tratar de Deus e de assuntos sublimes e ainda assim não serem a Palavra divina.

A aparente incoerência em certos textos sagrados resulta, em última análise, da desproporção entre a Verdade divina e a linguagem humana: é como se essa linguagem, sob a pressão do Infinito, fosse despedaçada em mil fragmentos díspares ou como se Deus tivesse à sua disposição apenas algumas palavras para expressar mil verdades, obrigando-o, assim, a usar todo tipo de elipses e paráfrases.

Segundo os rabinos, "Deus fala sucintamente"; isso também explica as sínteses na linguagem sagrada que são incompreensíveis *a priori,* bem como a sobreposição de significados já mencionada. O papel dos comentadores ortodoxos e inspirados é intercalar nas frases, quando muito elípticas, as cláusulas implícitas e não expressas, ou indicar de que maneira ou em que sentido uma determinada afirmação deve ser interpretada, além de explicar os diferentes simbolismos, e assim por diante. Trata-se do comentário ortodoxo e não da tradução literal. É o comentário ortodoxo, e não a tradução palavra por palavra, que faz a diferença.

Machine Translated by Google

Significado da Torá que atua como lei. Diz-se que a Torá é
"fechado", e os sábios o "abrem"; e é precisamente este "fechado"
natureza da Torá que torna necessário desde o início o
Mishná ou comentário que era dado no tabernáculo quando
Josué transmitiu isso ao Sinédrio. Diz-se também que Deus deu
a Torá durante o dia e a Mishná durante a noite e
que a Torá é infinita em si mesma, enquanto a Mishná é inexaurível, pois flui em duração.
Deve-se notar também que

Existem dois graus principais de inspiração, ou até três, se...
Comentários ortodoxos estão incluídos; o judaísmo expressa a diferença entre os
dois primeiros graus comparando a inspiração de
Moisés para um espelho brilhante e os outros profetas para um espelho escuro.
espelho.

As duas chaves da Bíblia são, como já foi dito, as ideias de simbolismo e
revelação. Muitas vezes, a revelação tem sido abordada de forma...
num sentido psicológico, portanto puramente naturalista e relativista.
A revelação da realidade é a irrupção fulgurante de um conhecimento que
vem, não de um subconsciente individual ou coletivo, mas de
ao contrário, a partir de uma supraconsciência, que embora latente em todos
Os seres, contudo, transcendem imensamente suas cristalizações individuais e
psicológicas. Ao dizer que "o reino de Deus está dentro de nós",
Ao dizer "você", Jesus Cristo não quer dizer que o Céu — ou Deus — seja de uma
ordem psicológica, mas simplesmente que o acesso às realidades espirituais e divinas
Encontra-se no centro do nosso ser, e é a partir desse centro que ela surge.
É precisamente essa revelação que surge quando o ambiente humano
oferece uma razão suficiente para que isso aconteça e, portanto, quando um
veículo humano predestinado se apresenta, ou seja, um capaz de transportar esse
fluxo.

Mas é evidente que a base mais importante para o que acabamos de discutir é a seguinte:
é a admissão de que existe um mundo de luz inteligível, ambos
subjacente e transcendente à nossa consciência; o conhecimento de
este mundo, ou esta esfera, implica como consequência a negação de
Todo o psicologismo e, da mesma forma, todo o evolucionismo. Em outras
palavras, o psicologismo e o evolucionismo nada mais são do que hipóteses improvisadas.
para compensar a ausência desse conhecimento.

Afirmar, então, que a Bíblia é tanto simbólica quanto revelada
Significa, por um lado, que expressa verdades complexas numa linguagem indireta
e repleta de imagens e, por outro, que sua
A fonte não é o mundo sensorial, nem o plano psicológico ou racional, mas sim
uma esfera da realidade que transcende esses planos.

Machine Translated by Google

e os envolve imensamente, embora, em princípio, seja acessível ao homem através do centro intelectivo e místico do seu ser, ou através do "coração", se preferir, ou do "Intelecto" puro. É o Intelecto que compreende, em sua própria substância, a evidência da esfera da realidade da qual falamos e que, portanto, contém a prova dela, se é que esta palavra pode ter algum significado no domínio da percepção direta e participativa. De fato, o preconceito clássico do cientificismo, ou a falha em seu método, se assim o desejarmos, é negar qualquer modo de conhecimento que seja suprassensorial e suprarracional e, consequentemente, negar os planos da realidade aos quais esses modos se referem e que constituem, precisamente, as fontes tanto da revelação quanto da intelecção. A intelecção — em princípio — é para o homem o que a revelação é para a coletividade; em princípio, dizemos, pois, na verdade, o homem não pode ter acesso à intelecção direta — ou gnose — exceto em virtude de uma revelação bíblica preexistente. O que a Bíblia descreve como a queda do homem ou a perda do Paraíso coincide com a nossa separação da inteligência total; por isso se diz que "o reino de Deus está dentro de vós" e, ainda: "Batai, e a porta vos será aberta". A própria Bíblia é a objetificação múltipla e misteriosa desse Intelecto universal ou *Logos:* é, portanto, a projeção, por meio de imagens e enigmas, daquilo que carregamos numa profundidade quase inacessível no fundo do nosso coração; e os fatos da História sagrada — onde nada é deixado ao acaso — são eles próprios projeções cósmicas da insondável Verdade divina.

Machine Translated by Google

10

Evidências e Mistério

Deus criou o mundo do nada; este é o ensinamento das teologias semíticas, e com ele elas respondem à seguinte dificuldade: se Deus tivesse criado o mundo a partir de uma substância preexistente, essa substância seria ou criada ou divina. A criação não é Deus; portanto, não pode emanar d'Ele; existe um hiato intransponível entre Deus e o mundo; nenhum dos dois pode se tornar o outro; as ordens de grandeza, de realidade ou de perfeição são incomensuráveis.

A principal preocupação desse raciocínio não é uma percepção desinteressada da natureza das coisas, mas a salvaguarda de uma noção simples e inalterável de Deus, levando em consideração uma mentalidade mais ativa do que contemplativa. O objetivo, portanto, é fornecer não uma afirmação metafísica que não envolva a vontade ou que não pareça fazê-lo, mas uma noção fundamental capaz de conquistar almas enraizadas no querer e no agir, em vez de no conhecer e no contemplar; a limitação metafísica aqui é consequência da prioridade atribuída àquilo que é eficaz para governar e salvar as almas. Sendo assim, justifica-se afirmar que o pensamento religioso semítico é, por força das circunstâncias, um tipo de pensamento dinâmico com nuances morais, e não um pensamento estático no estilo da sabedoria grega ou hindu.

Do ponto de vista dessa sabedoria, a ideia de emanação, em vez de *creatio ex nihilo,* de modo algum compromete a transcendência ou a imutabilidade de Deus; entre o mundo e Deus há, ao mesmo tempo, descontinuidade e continuidade, dependendo se nossa concepção do Universo se baseia em um esquema de círculos concêntricos ou em um de raios que se estendem do centro para a periferia: segundo o primeiro modo de visão, que procede do criado para o incriado, não há medida comum entre o contingente e o Absoluto; segundo o segundo

Machine Translated by Google

No modo de visão que procede do Princípio à sua manifestação, existe apenas um Real, que inclui tudo e exclui apenas o nada, precisamente porque este último não possui realidade alguma. O mundo é ou uma produção extraída do vazio e totalmente diferente de Deus, ou então é uma manifestação “livremente necessária” e “necessariamente livre” da Divindade ou de Sua Infinitude, sendo tanto a liberdade quanto a necessidade perfeições divinas.

Quanto à alegação de que o conceito criacionista é superior aos chamados conceitos "emanacionistas" ou "panteístas" por ser bíblico e dado por Cristo, e que a doutrina platônica não pode estar correta porque Platão não pode ser superior nem a Cristo nem à Bíblia, essa alegação peca por ignorar os verdadeiros fundamentos do problema.
Primeiro, o que é corretamente ou incorretamente chamado de “emanacionismo” não é uma invenção de Platão;[1] pode ser encontrado nos mais diversos textos sagrados; segundo, Cristo, embora tradicionalmente alinhado com a tese criacionista, não a ensinou explicitamente nem negou a tese aparentemente oposta. A mensagem de Cristo, assim como a da Bíblia, não é *a priori* um ensinamento da ciência metafísica; é, acima de tudo, uma mensagem de salvação, mas que necessariamente contém, de forma indireta e sob o disfarce de um simbolismo apropriado, a metafísica em sua totalidade. A oposição entre a Bíblia divina e a filosofia humana, ou entre Cristo e Platão, portanto, não tem significado no que diz respeito às verdades metafísicas em questão; O fato de a perspectiva platônica ir além da perspectiva bíblica não desmerece a Bíblia, que ensina o que é útil ou indispensável do ponto de vista do bem moral ou espiritual de uma determinada humanidade, nem confere qualquer superioridade humana aos platônicos, que podem ser meros pensadores, assim como podem ser santos, conforme assimilem da Verdade que proclamam.

Para os platônicos, é perfeitamente lógico que o mundo seja a manifestação necessária de Deus e que não tenha origem; se os semitas monoteístas acreditam em uma criação a partir do nada e no tempo, evidentemente não é, como alguns sugeriram, porque pensam ter o direito ou o privilégio de aceitar uma

1. Erradamente, se entendermos emanação em um sentido físico; corretamente, se reconhecermos que ela é puramente causal, ao mesmo tempo que implica uma certa consubstancialidade devido ao fato de a realidade ser una.

Machine Translated by Google

A tese “supralógica” é humanamente absurda; pois a ideia da criação lhes parece, ao contrário, a única racional e, portanto, a única passível de demonstração lógica, como se comprova precisamente pelo método de argumentação utilizado na teologia. Partindo do axioma de que Deus criou o mundo do nada, os semitas raciocinam, em linhas gerais, da seguinte *forma:* como só Deus possui o Ser, o mundo não poderia compartilhá-lo com Ele; teve que haver um tempo, portanto, em que o mundo não existia; somente Deus poderia lhe dar existência. No plano religioso, que, no que diz respeito à cosmologia, exige apenas o mínimo necessário ou útil para a salvação, essa ideia da criação é plenamente suficiente, e as considerações lógicas que a sustentam são perfeitamente plausíveis dentro do âmbito de suas limitações; pois transmitem, ao menos, uma verdade fundamental que permite uma compreensão mais completa da natureza de Deus, tal como Ele pretende se revelar nas religiões monoteístas.

Já tivemos mais de uma ocasião para mencionar o seguinte argumento errôneo: se Deus cria o mundo em resposta a uma necessidade interna, como afirmam os platônicos, isso deve significar que Ele é obrigado a criá-lo e, portanto, não é livre; como isso é impossível, a criação só pode ser um ato gratuito.
Poderíamos igualmente dizer que, se Deus é Um, ou se Ele é uma Trindade, ou se Ele é todo-poderoso, ou se Ele é bom, Ele deve ser obrigado a sê-lo, e Sua natureza é, portanto, o resultado de uma restrição, *quod absit!* Trata-se sempre da mesma incapacidade de conceber realidades antinômicas e de compreender que, se a liberdade, a ausência de restrição, é uma perfeição, a necessidade, a ausência de arbitrariedade, é outra.

Se, em oposição à perspectiva pitagórica-platônica, for proposto o conceito de um Absoluto que é tríplice em sua própria essência e, portanto, desprovido dos graus de realidade que sozinhos podem explicar as polarizações hipostáticas — um Absoluto que cria sem necessidade metafísica e que, além disso, age sem causa ou motivo — e se, ao mesmo tempo, for reivindicado o direito a uma ilogicidade sagrada em nome de um exclusivo “sobrenaturalismo cristão”, então uma explicação se faz necessária sobre o que é a lógica e o que é a razão humana; pois se nossa inteligência, em sua própria estrutura, é estranha ou mesmo oposta à Verdade divina, o que é então ela, e por que Deus a deu a nós? Ou, para colocar de outra forma, que tipo de Mensagem divina é essa que se opõe às leis de uma inteligência à qual é essencialmente dirigida, e o que significa que o homem

Machine Translated by Google

Foi criado “à imagem de Deus”?[2] E que motivo nos induziria a aceitar uma mensagem contrária, não ao nosso materialismo terreno ou à nossa paixão, mas à própria essência do nosso espírito? Pois a “sabedoria segundo a carne” de São Paulo não abrange toda forma de metafísica que desconhece os Evangelhos, nem é lógica propriamente dita, pois o Apóstolo era lógico; o que ela denota são os raciocínios pelos quais os homens mundanos procuram sustentar suas paixões e seu orgulho, como os ensinamentos dos sofistas e epicuristas e, em nossos dias, a filosofia atual do mundo. A “sabedoria segundo a carne” é também a filosofia gratuita que não nos conduz ao interior e que não contém nenhuma porta que se abra para a realização espiritual; é uma filosofia do tipo “arte pela arte”, que não nos compromete com nada e é vã e perniciosa por essa mesma razão.

A incompreensão dos teólogos do emanacionismo platônico e oriental surge do fato de o monoteísmo colocar entre parênteses a noção metafisicamente essencial da Relatividade divina; ou seja , é esse parêntese, ou na prática essa ignorância, o que *impede* a compreensão de que não há qualquer incompatibilidade entre “Absoluto absoluto”, o Além-Ser, e o “Absoluto relativo”, o Ser criador, e que essa distinção é crucial. A *Relatividade divina,* a Relatividade, é a consequência necessária da própria Infinitude do Princípio: é porque Deus é infinito que

2. Tomamos a liberdade de acrescentar aqui, por simples associação de ideias, a seguinte consideração: segundo o Gênesis, “Deus criou o homem à sua imagem” e “macho e fêmea os criou”. Ora, segundo um Padre da Igreja, os sexos não foram feitos à imagem de Deus; apenas as características idênticas nos dois sexos se assemelham a Deus, pela simples razão de que Deus não é homem nem mulher. Esse raciocínio é falacioso porque, embora seja evidente que Deus não é em si mesmo uma dualidade, Ele necessariamente contém a Dualidade principal em sua Unidade, exatamente como contém a Trindade ou a Quaternidade; e como recusar admitir que a Virgem Maria tem seu protótipo em Deus, não apenas em relação à sua humanidade, mas também em relação à sua feminilidade?

3. O fato de termos chamado a atenção para essa noção vedântica em diversas ocasiões não deve nos impedir de insistir nela mais uma vez; retornaremos a ela mais tarde. Aqui, cabe lembrar ao leitor que o termo *Mâyâ* combina os significados de “poder produtivo” e “ilusão universal”; trata-se do jogo inesgotável de manifestações, desdobramentos, combinações e reverberações, um jogo com o qual *Âtmâ* se reveste, assim como o oceano se reveste com um manto de espuma sempre presente.

Renovada e nunca mais a mesma.

Machine Translated by Google

Ele compreende a dimensão da relatividade, e é porque Ele compreende essa dimensão que Ele manifesta o mundo. Ao qual
Deve-se acrescentar: é porque o mundo é manifestação e não...

O princípio segundo o qual a relatividade, que a princípio era apenas determinação, limitação e manifestação, dá origem àquela modalidade particular que constitui o "mal". Não é na existência de coisas más que o mal existe.
não reside nem em suas propriedades existenciais, nem em suas faculdades de sensação e ação, se for uma questão de seres animados, nem mesmo em
o ato na medida em que é a manifestação de um poder; o mal reside apenas nele.
em tudo o que é privativo ou negativo em relação ao bem, e seu
sua função é manifestar no mundo seu aspecto de distanciamento do
Princípio, e desempenhar seu papel em um equilíbrio e um ritmo necessários à economia do universo criado. Desta forma, o mal,
Por mais maligno que seja quando analisado isoladamente, se encaixa dentro de um
O bem se dissolve *enquanto* mal quando se observa o mal em seu contexto cósmico e em sua função universal.

Os platônicos não sentem nenhuma necessidade de tentar preencher a lacuna que Pode parecer que existe entre o Absoluto puro e o Absoluto determinante e criativo; é precisamente porque eles têm consciência de
relatividade *in divinis* e da causa divina dessa relatividade que eles
são emanacionistas. Em outras palavras, os helenistas, se não
têm uma palavra para expressá-lo, embora o possuam à sua maneira.
o conceito de *Mâyâ,* e é a sua doutrina de emanação que
prova isso.

A noção de mistério e um anti-helenismo obrigatório têm
Considerando o surgimento, no contexto cristão, da ideia do caráter "natural" da inteligência em si mesma; ora, se a inteligência humana é criada
"À imagem de Deus", não pode ser pura e simplesmente, e portanto
exclusivamente, "natural", pois a própria essência da inteligência é
oposto a que assim seja. O espírito humano é natural em suas operações contingentes, mas sobrenatural em sua essência; não há razão
seja como for, para dizer que o pensamento humano não é capaz em princípio de adequação ao Real transcendente; certamente, jamais poderia em
de fato, isso é alcançado por seus próprios poderes, mas é apenas um acidente.
enfermidade. A própria existência das teologias é prova disso; como
Assim que um dogma ou mistério é questionado, os teólogos
sabem muito bem como defendê-lo. Pensamento ou lógica, vilipendiados enquanto em
o serviço de uma religião estrangeira ou de uma sabedoria derivada dela
A Revelação imanente, que é o Intelecto, torna-se repentinamente...
bom para alguma coisa e está envolto na púrpura da infalibilidade
e o prestígio do Espírito Santo.

Machine Translated by Google

Dizer que uma verdade está situada “além da lógica” só pode significar uma coisa: que ela não fornece, em sua formulação, os dados que permitiriam à lógica resolver uma aparente antinomia; e se não fornece esses dados, é porque eles são complexos demais ou sutis demais para serem expressos em uma única formulação, e também porque seria desproporcional e inútil fornecê-los, já que a formulação em questão tem a virtude e o objetivo de despertar a intelecto naqueles que são capazes dela.

O papel que o *intellectus agens* pode desempenhar em relação ao *intellectus possibilis* — considerando o primeiro como aquele que produz a abstração para o segundo — é eminentemente contingente, assim como o raciocínio em geral em relação à intelecção. O pensamento discursivo pode ou não ser necessário para uma intuição particular do real; pode eliminar um obstáculo ou atrair o lampejo do conhecimento direto, mas não pode produzir esse conhecimento; possui, portanto, o caráter de uma causa indireta, embora possa já conter em si uma parte do conhecimento, quando este é adequado em sua ordenação e conteúdo. A atividade do *intellectus agens* evoca uma magia que opera por meio de analogias cósmicas, e também a alquimia, cujos princípios são semelhantes: evoca a substância subjacente das formas por meio de afinidades, no sentido de que a verdade parcial evoca seu próprio complemento ou totalidade.

* * *

No contexto cristão, podemos encontrar duas maneiras de apoiar o criacionismo semítico e também o trinitarismo: uma apela à lógica e, portanto, à razão, enquanto a outra, ao contrário, reivindica para a transcendência um misterioso direito ao absurdo; em outras palavras, o “sobrenatural” apela simultaneamente ao “bom senso” humano e a uma hipotética ilogicidade divina. A falha do primeiro argumento reside em pensar que o raciocínio empregado possui validade absoluta e que, consequentemente, invalida os pontos de vista platônico e vedântico; a falha do segundo reside em pensar que a lógica, uma vez colocada a serviço do platonismo ou de outras metafísicas não cristãs, demonstra, com isso, seu próprio caráter antiespiritual, aliado à suposição totalmente gratuita de que tais metafísicas são produtos exclusivos da faculdade de raciocínio.

Machine Translated by Google

É preciso ter em mente, em primeiro lugar, que a lógica, em qualquer plano em que seja aplicada, é a capacidade de tirar conclusões a partir de uma ou mais premissas; somente aquilo sobre o qual não temos evidências, e do qual, consequentemente, não temos conhecimento algum, está acima da lógica. A Essência divina escapa à lógica na medida em que é indefinível; mas, como temos consciência dela, visto que podemos falar dela, ela constitui uma premissa que nos permite tirar conclusões, ao menos indiretas e extrínsecas. Tudo o que se apresenta à nossa mente é, portanto, uma premissa em algum aspecto, e assim que há uma premissa, seja ela direta ou indireta, precisa ou aproximada, existe a possibilidade de uma conclusão e, portanto, da lógica.

Falar de conceitos que se impõem a nós enquanto se ocultam da nossa lógica é uma contradição pura e simples, e, de fato, nenhuma doutrina jamais rejeitou a explicação lógica de qualquer noção, pelo menos dentro dos limites em que a lógica pode operar.
Nenhuma religião jamais impôs à mente humana, nem jamais poderia ter imposto, uma ideia que a lógica fosse incapaz de abordar de qualquer forma; a religião dirige-se ao homem, e o homem é pensamento.

Se a lógica é incapaz de extrair de si mesma as verdades do Invisível, é pela razão óbvia de que ela não pode extrair absolutamente nada de si mesma, e porque a operação racional mínima necessita de evidências que lhe são fornecidas pelos sentidos, pela informação ou ainda pela intuição intelectual; mas a intuição é incapaz de operar na ausência de fatores que a atualizem. Se as premissas fornecidas pelos sentidos são, em princípio, fáceis de obter no campo espacial e temporal que nos é acessível, o mesmo não é verdade *a priori* para premissas que pertencem à realidade suprassensorial; dizemos *a priori* porque, em princípio, o visível prova o Invisível tanto por sua complexidade quanto por sua simplicidade, mas isso pressupõe a atualização da intelecção pura, que é difícil de obter sob as condições espirituais da “Idade das Trevas”, e mesmo impossível de obter fora de uma espiritualidade tradicional. Seria ridículo sustentar que Platão descobriu sua doutrina pela força da lógica e, portanto, apenas pelo uso da razão; Ele pertencia intelectualmente ao mundo ariano, e sua doutrina é como uma modalidade distante do bramanismo, à parte das coisas que ele conseguiu aprender com os egípcios.

Diante disso, pode-se facilmente aceitar que não há, nem pode haver, qualquer conhecimento humano do Invisível ou do Transcendente sem Revelação, visto que a decadência cíclica

Machine Translated by Google

A decadência da raça humana teve como primeira consequência a perda da inteligência espontânea. E o Apocalipse, para ser crível, deve...
Levar em conta uma certa predisposição intelectual, racional e passional, que explica a natureza de seus meios, por um lado.
Por um lado, e sua eficácia, por outro, pelo menos extrinsecamente.

A razão é a faculdade de conhecer indiretamente na ausência de um conhecimento direto.
visão direta e com o auxílio de pontos de referência; alguém que
Abrange tudo num conhecimento direto, não tendo necessidade de razão.
nem *com mais razão* do que pontos de referência, e este é o caso das inteligências angélicas, embora estas necessariamente possuam certas limitações.
mas de uma ordem diferente, visto que, não sendo Deus, eles não podem
possuem um conhecimento absoluto de Deus; cada inteligência angélica manifesta
uma qualidade divina particular, excluindo as demais, e isso
irá conceber as coisas em relação à qualidade particular que elas manifestam.
Um homem pode saber que existe uma certa distância entre um lugar e outro.
E outro, ele também pode saber que um cavalo leva um certo tempo para
percorrer essa distância e então ele poderá se exercitar, com a ajuda de
esses pontos de referência ou essas premissas, que o levarão tão
muitas horas a cavalo para chegar a tal lugar. Mas um
O anjo não precisa desse raciocínio ou cálculo; ele abraça em
Uma única visão abrange todas as premissas da situação.

O evolucionismo, diga-se de passagem, fornece um exemplo típico.
de raciocínio na ausência de evidências suficientes. O cientificismo moderno parte
do axioma gratuito e grosseiro de que não há
realidade fora da experiência sensorial — ou virtualmente sensorial —, com
a exceção altamente relativa da psicologia, um domínio muito limitado
que, em todo caso, pode ser reduzido filosoficamente a um modo sutil.
do sensorial; e, partindo desse axioma, raciocinará em
de acordo com isso, deixando de lado as evidências que o superam. Agora, no caso
de uma realidade que de fato supera a sensorial e
Em termos empíricos, qualquer raciocínio desse tipo deve ser evidentemente falso — um
poderia raciocinar igualmente bem sobre um pardal enquanto nega a existência de
pássaros — e demonstrará sua falsidade substituindo o
falta de evidências com hipóteses puramente funcionais; e estas
As hipóteses revelarão sua natureza quimérica por sua monstruosidade, como
atestam os conceitos de homem-macaco ou de “hominização”.
Tudo isso é verdadeiramente sinistro se considerarmos que a verdade essencial tem
referência, por um lado, ao Absoluto transcendente e, por outro,
a outra, ao cosmos suprassensível, ou ao caráter extrassensorial da maior parte do cosmos, incluindo nossas almas, que
pertencem precisamente a esta ordem.

Machine Translated by Google

Duas palavras são capazes de expressar o que está sendo dito aqui, e são termos da linguagem comum: “Deus” e “além”.

A gênese do nosso mundo só pode ser explicada por estes dois termos: o além depende de Deus, e o nosso mundo depende do além; o nosso mundo nada mais é do que uma coagulação furtiva e quase acidental de um imenso além, que um dia irromperá e no qual o mundo terrestre será reabsorvido quando tiver completado o seu ciclo de coagulação material.

* * *

A teologia da “transubstanciação”4 fornece um exemplo da passagem de uma premissa revelada para a esfera de uma lógica particular. Uma lógica é particular, não em seu funcionamento, pois dois mais dois em todos os lugares são quatro, mas em suas pressuposições naturais, que entre os católicos romanos têm as características do empirismo físico e do juridismo, donde a tendência a equações incisivas e alternativas simplistas e irredutíveis. Quando Jesus, um oriental, se expressa assim: “Este é o meu corpo; este é o meu sangue”, isso significa, na linguagem oriental, que o pão e o vinho são equivalentes ao corpo e ao sangue de Jesus no contexto da inerência divina e do poder salvador, sendo estes, precisamente, que conferem ao corpo e ao sangue sua razão suficiente e seu valor; Na linguagem ocidental, porém, as palavras de Cristo só podem transmitir o significado de uma equação física rigorosa e complexa, como se tal equação constituísse a menor vantagem metafísica ou sacramental.ÿ Pode-se, contudo, reconhecer que esse dogmatismo é inevitável num clima de totalitarismo emocional e que, nesse clima, representa a solução mais eficaz do ponto de vista da salvaguarda do mistério. Pode-se também reconhecer, independentemente de qualquer questão de conveniência, que o Concílio de Latrão estava certo no sentido de que os elementos eucarísticos, mesmo permanecendo

4. A Igreja Ortodoxa fala com mais prudência de uma “transmutação”.

5. Se alguém tivesse que interpretar literalmente cada palavra dos Evangelhos, teria que acreditar que Cristo é uma videira ou uma porta, ou teria que odiar pai e mãe, ou arrancar o próprio olho, e assim por diante.

Machine Translated by Google

O que eles são, claramente, não pode ser o que eram da mesma forma que eram antes, visto que o pão penetrado por uma Presença ou Poder divino deve, por isso, mudar sua substância em certo aspecto. Contudo, essa consideração nos leva ao reino do indefinido e do inexprimível e não pode justificar completamente a lógica da teoria da transubstanciação; em todo caso, as palavras de Cristo que são consideradas como necessitando dessa formulação, na realidade, não a necessitam de forma alguma, pois uma elipse oriental não é uma equação matemática ou física; “ser equivalente em certo aspecto” não significa necessariamente “ser a mesma coisa em todos os aspectos”.

O problema também poderia ser abordado da seguinte maneira: se, de fato, as espécies eucarísticas se tornaram literalmente a carne e o sangue de Jesus, qual a vantagem dessa operação, por assim dizer, “mágica”, visto que o valor dessa carne e desse sangue reside em seu conteúdo divino, e que esse mesmo conteúdo pode penetrar o pão e o vinho sem qualquer “transubstanciação”? Pois não podemos desejar nem obter nada maior do que a Presença divina; se essa Presença estivesse em uma árvore, a árvore seria então equivalente ao corpo de Cristo, e não haveria necessidade de nos perguntarmos se a madeira era algo diferente de madeira, ou de concluirmos que era uma árvore sem o ser, ou que era uma “forma” que contradizia sua substância, e assim por diante. Não é o corpo de Jesus que santifica Deus; é Deus quem santifica este corpo.ÿ

Que não haja mal-entendidos: não temos opinião preconcebida sobre a ideia da transubstanciação, mas se alguém disser que a prova dessa ideia está nas palavras de Cristo, não temos outra escolha senão responder que essas palavras, por si só, não implicam o significado que lhes é atribuído. Pode-se admitir, contudo — deixando de lado qualquer questão de verdade intrínseca — que a ideia da transubstanciação tem o valor de um argumento convincente, bem adequado para refutar qualquer dúvida.

6. O luxo de ser preciso em questões que dizem respeito à “Presença Real” não impediu o esquecimento da diferença de significado e de efeito entre as próprias espécies eucarísticas, como se pudesse haver, nessa ordem de grandeza, diferenças desprovidas de significado ou relevância concreta. O pão remete visivelmente à ordem formal e à perfeição, e o vinho ao supraformal e ao infinito; dizemos “visivelmente” porque a mensagem dos símbolos resulta da natureza das coisas e porque o vinho sempre foi uma imagem de néctar celestial e de passagem aos “maiores mistérios”.

Machine Translated by Google

A interpretação naturalista ou psicológica do mistério em uma sociedade
levava, com muita facilidade, a esse tipo de traição.

* * *

A teologia trinitária dá origem a um hiato comparável entre um
uma realidade transcendente muito sutil e complexa, descrita como
"inexaurível" pelo próprio Santo Agostinho, e uma lógica dogmaticamente
coagulativa e piedosamente unilateral, ou seja, determinada por
a necessidade de adaptar o mistério a uma mentalidade mais volitiva
do que contemplativa. A teologia da Trindade não constitui
uma revelação explícita e homogênea; resulta, por um lado,
como o conceito de transubstanciação, a partir de uma interpretação
literalista e quase matemática de certas palavras nas Escrituras, e
Por outro lado, considerando a soma de diferentes pontos de vista,
derivados de diferentes dimensões do Real.

O primeiro paradoxo do conceito trinitário é a afirmação
Que Deus é, ao mesmo tempo, absolutamente um e absolutamente três.
Agora, o número um sozinho manifesta a absolutidade; o número
três é necessariamente relativo, a menos que se aceite que ele deva ser encontrado.
na unidade de maneira indiferenciada e potencial apenas, mas então
o fato de considerá-lo distintamente representa um ponto relativo de
visão, exatamente como no caso do *Sat* (Ser) Vedântico, *Chit*
(Inteligência) e *Ânanda* (Felicidade). O segundo paradoxo do
O conceito trinitário é a afirmação de que as Pessoas divinas são
distintas umas das outras, mas cada uma igual à Essência,
o que é algo que nenhuma explicação de relacionamentos pode atenuar,
visto que nenhum teólogo pode admitir que em uma conexão o
As pessoas são inferiores à Essência e esta, por sua vez, é inferior à Essência.
são indistinguíveis. Finalmente, o terceiro paradoxo reside na afirmação.
que as Pessoas são apenas relações, e que fora dessas relações
Eles são a Essência, o que equivale a dizer que são o nada, pois uma
relação pura e simples não é nada concreto. Não se pode.
Ter o melhor dos dois mundos: ou a relação confere à Pessoa um certo
substância, e é por essa substância que a Pessoa se distingue das outras
Pessoas; ou então a relação não confere substância alguma, e então é
uma pura abstração sobre a qual é inútil...
falar, a menos que se atribua isso à Essência e se diga que o

Machine Translated by Google

A essência compreende relações que explicitam sua natureza, o que nos levaria ao modalismo dos sabelianos.7

Existe, contudo, uma quarta dificuldade no trinitarismo, que é a sua exclusividade do ponto de vista numérico, se é que se pode permitir um termo tão inadequado. Pois, se Deus abrange incontestavelmente a Trindade que a perspectiva cristã discerne n'Ele, Ele também abrange outros aspectos que são, por assim dizer, numéricos e que são levados em consideração por outras perspectivas tradicionais.8 É precisamente essa diversidade que indica, à sua maneira, a relatividade, no sentido mais elevado possível, da concepção trinitária e, sobretudo, da "dimensão divina" que condiciona essa concepção.

O cristianismo se fundamenta na ideia e na realidade da Manifestação divina. Se não fosse uma religião, mas uma doutrina sapiencial, poderia se contentar em descrever por que e como o Absoluto se manifesta; mas, sendo uma religião, deve incluir tudo em sua ideia fundamental de Manifestação; o próprio Absoluto deve, portanto, ser concebido exclusivamente em conexão com ela, e é justamente isso que dá origem à doutrina trinitária, não apenas em si mesma, mas também em seu caráter teológico e, portanto, totalitário e exclusivo.

forma.

7. Rejeitada por impossibilidade de harmonizá-la com a tese complementar. A verdade aqui é antinômica, não unilateral: as *hipóstases* são, ao mesmo tempo, três modos de uma Pessoa divina e três Pessoas relativamente distintas.

8. De acordo com a doutrina hindu, a Divindade é Una, concebida como *Brahma* ou *Âtmâ;* é binária quando concebida como *Brahma nirguna* ("não qualificado") e *Brahma saguna* ("qualificado"), ou como *Para-Brahma* ("supremo") e *Apara-Brahma* ("não supremo"), ou, em outro contexto, como *Purusha* e *Prakriti;* é ternária quando concebida como *Brahma nirguna, Brahma saguna* e *Buddhi,* e é novamente ternária em cada um desses três níveis, ou seja, como *Sat-Chit-Ânanda* nos dois níveis não manifestos e como *Trimûrti* ("Tríplice Manifestação") no nível da manifestação. A Quaternidade divina é a ideia central das tradições americanas, em que a Divindade essencialmente possui as qualidades positivas dos quatro pontos cardeais: Pureza ou Força, pertencente ao Norte; Vida ou Felicidade, ao Sul; Luz ou Conhecimento, ao Leste; e Água ou Graça, ao Oeste. Os oito Guardiões do Universo no Hinduísmo estão relacionados à mesma realidade, simultaneamente metacósmica e cósmica, embora sem dúvida de maneira menos marcante. O mesmo se aplica aos *Dhyâni-Budas* e *Dhyâni-Bodhisattvas,* que na linguagem teísta representam aspectos divinos, com a diferença de que, neste caso, é o número cinco ou o número dez que expressa a polarização, através de *Mâyâ,* da Substância divina.

Machine Translated by Google

* * *

Segundo uma primeira interpretação possível da Santíssima Trindade, o Pai é o Absoluto, enquanto o Filho e o Espírito Santo pertencem à Relatividade e são, por assim dizer, seus fundamentos. Essa interpretação é irrefutável, pois se o Filho fosse o Absoluto, não poderia ser chamado de "Filho", nem mesmo ter se encarnado; e se o Espírito Santo fosse o Absoluto, não poderia proceder, ser enviado ou delegado. O fato da encarnação comprova a relatividade do Filho em relação ao Pai, mas não em relação aos homens, para os quais o Filho é a manifestação do Absoluto. É verdade que as palavras de Cristo anunciando sua subordinação são atribuídas somente à sua natureza humana, mas essa delimitação é arbitrária e tendenciosa, pois a natureza humana está vinculada ao seu conteúdo divino; se é parte do Filho, deve manifestá-lo. O fato de essa natureza humana existir e de suas expressões manifestarem sua subordinação e, por conseguinte, a subordinação hipostática do Filho, demonstra que a interpretação do Filho como a primeira Relatividade em relação ao Pai puramente Absoluto não é contrária às Escrituras e é inerentemente irrefutável.

Mas existe outra interpretação da Trindade, desta vez horizontal, e que se conforma a outro aspecto real do mistério: Deus é o Absoluto; Ele é a Essência única, enquanto as três Pessoas são as primeiras Relatividades, no sentido de que, num plano que já é relativo, elas atualizam as características indivisíveis da Essência.
Esta interpretação também é irrefutável e bíblica, visto que existem expressões bíblicas que só podem ser explicadas com a sua ajuda; e é esta interpretação que justifica a afirmação de que as Pessoas divinas são iguais, embora sejam necessariamente desiguais num contexto diferente. E o que torna possível admitir que elas são iguais à Essência única é precisamente o facto de a Essência compreender, principalmente, sinteticamente e sem diferenciação, três Qualidades ou Potências, que são chamadas de "Pessoas" *a posteriori* no plano da Relatividade diversificadora; deste ponto de vista, é evidente que cada "Pessoa" é a Essência num sentido total e direto; o relativo, sob pena de ser impossível, tem a sua raiz no Absoluto, do qual é uma dimensão intrínseca ou extrínseca, consoante seja considerado na sua pura possibilidade ou como uma projeção.

Machine Translated by Google

O que acabamos de dizer implica que a Trindade se afirma em três planos que o exoterismo confunde, e não pode deixar de confundir, dada a sua preocupação com uma síntese simplificadora e com o que é psicologicamente oportuno em relação a certas tendências ou fraquezas humanas. O primeiro plano, como vimos, é o da própria Essência, onde a Trindade é real, pois a Essência não admite privação, mas indiferenciada, pois a Essência não admite diversidade; deste ponto de vista, pode-se dizer que cada Pessoa ou cada Princípio de Qualidade é o outro, o que é exatamente o que não se pode dizer do ponto de vista da relatividade diversificadora. O segundo plano é o da Relatividade divina, do Ser criador, do Deus pessoal: aqui os três Princípios de Qualidade são diferenciados em Pessoas; Uma não é a outra, e afirmar sem reservas metafísicas que elas são a Essência é passar sem transição, seja por virtude de uma elipse puramente dialética ou por falta de discernimento e por emoção mística, ao plano do absolutismo e da não diferenciação. Pode-se também conceber um terceiro plano, já cósmico, mas ainda divino do ponto de vista humano, que é o ponto de vista que determina a teologia, e este é o Centro luminoso do cosmos, a "Tríplice Manifestação" *(Trimûrti)* da doutrina hindu e o "Espírito" *(Rûh)* da doutrina islâmica; aqui também a Trindade está presente, irradiando e agindo. Para repetir: o primeiro plano metafísico é o da Essência ou do Absoluto; o segundo é o da Personalidade diversificada ou Relatividade metacósmica; e o terceiro é o da Personalidade diversificada e manifesta, ou Relatividade cósmica, que ainda é divina e, portanto, principal e central. Deve-se notar que esses três planos também correspondem respectivamente às três *hipóstases,* sendo que cada plano, por sua vez e à sua maneira, compõe o Ternário.

* * *

Santo Agostinho, com o objetivo de demonstrar que o Filho não pode ser de outra forma senão igual ao Pai, levanta duas questões: "Deus não quis ter um Filho que fosse igual a Si mesmo, ou era incapaz de ter tal Filho? Se não quis, Ele é zeloso; se não pôde, Ele é incapaz". Deve-se reconhecer que esse raciocínio, além de ter um certo valor simbólico *pro domo,* envolve petição de princípio, no sentido de que se baseia em...

Machine Translated by Google

A suposição teórica de que esses possíveis obstáculos a uma “Vontade” ou “Poder” divino só podem ser deficiências é arbitrária, visto que essas deficiências, motivadas de maneira diferente, tornam-se qualidades. Poderíamos, de fato, responder à questão citada: “Sim, Deus é ‘ciumento’, mas de Sua Unicidade; sim, Ele é ‘incapaz’, mas de não ser Ele mesmo!” Negar a primeira proposição seria politeísmo; negar a segunda, ateísmo. Percebe-se que os termos “ciumento” e “incapaz”, escolhidos com uma conclusão preconcebida em vista, não são suficientes para suplantar a verdade total, que transcende o exclusivismo trinitário, e que essa verdade é forte o bastante para se impor a esses termos, conferindo-lhes um significado outro e positivo, que, além disso, está em conformidade com a linguagem bíblica. De fato, se a Essência não pode gerar uma Manifestação igual a si mesma, é porque nenhuma manifestação pode ser a Essência.

Como prova de que o Filho é igual ao Pai, cita-se esta frase de Cristo: “Tudo o que o Pai tem é meu”. Isso significa ignorar o fato de que, se essa frase for entendida em um sentido absolutamente literal, a paternidade e a inascibilidade, e, portanto, a qualidade de princípio ou origem, ou o fato de não ter sido gerado, devem pertencer igualmente ao Filho; se não pertencerem, isso prova que essa igualdade — além de sua realidade subjacente e impessoal, que não está vinculada à determinação hipostática — é igualdade apenas por participação ou reflexo e, consequentemente, não é absoluta, embora isso claramente não a prive de sua própria realidade intrínseca. Em certo sentido, o reflexo do sol em um espelho é igual ao sol: “tudo o que o sol tem, ele tem”; ainda assim, não é o sol, embora seja a luz do sol e nada mais.

Toda relação indica uma substância; caso contrário, não representa nada de positivo ou intrínseco; se é equivalente a uma substância, é evidentemente em sentido relativo, de maneira semelhante à forma como a cor verde é uma substância diferente da cor vermelha, diferentemente da luminosidade que as torna ambas visíveis e é sua substância comum. Uma *hipóstase* é um modo substancial da Substância única, ou não é nada; podemos parafrasear as perguntas e respostas agostinianas citadas acima em sentido inverso, dizendo que, se o Filho não suporta ser subordinado — visto que foi gerado — ao Pai, ele deve ser “orgulhoso”. Se este argumento é inútil, o mesmo se aplica ao de Santo Agostinho; se o argumento de Santo Agostinho tem o mérito de sustentar a unidade real de Essência entre o Pai e o Filho, o nosso tem o mérito de sustentar a não menos real subordinação.

Machine Translated by Google

do Filho para o Pai; mas em ambos os casos a pobreza do argumento supera o mérito da intenção.

Uma vez que o Apocalipse decidiu que o Verbo encarnado deveria ser chamado de "Filho", assumiu a responsabilidade e as consequências dessa designação. Se a qualidade de filiação não implica em si mesma qualquer tipo de subordinação, e se essa ausência de subordinação se mantém válida em todos os níveis, e enquanto se distingue um Filho de um Pai, então o termo é mal escolhido, e um termo diferente deveria, por compaixão, ter sido proposto. Mas, visto que o Verbo pretendia ser chamado de "Filho", é partindo de uma relação de subordinação que se deve conceber uma dimensão transcendente de igualdade, ou de unidade de essência. Isso não só não contradiz as Escrituras, como também preserva toda a glória possível sem abolir a subordinação na dimensão à qual pertence.

* * *

A questão em debate também pode ser expressa da seguinte maneira, embora sem que seja possível poupar o leitor de alguma repetição, inevitável em um assunto desta natureza. Para conferir à metafísica trinitária uma aparência dogmática, somos obrigados, sob pena de não podermos dizer nada a respeito, a explicitar os modos de sua diferenciação; mas somos então obrigados a interromper a sequência de ideias no momento decisivo e retornar, sem transição, à afirmação inicial de que a Essência é una, uma afirmação que, contudo, de modo algum responde à questão do significado das diferenças entre as Pessoas. Assim, diz-se que o Pai possui a Divindade como Princípio, enquanto o Filho a possui por geração; ou que o Pai é Luz, Vida e Sabedoria à maneira de uma fonte, enquanto o Filho é essas mesmas coisas à maneira de uma correnteza; ou que o Pai é o gerador da grandeza, enquanto o Filho é a própria grandeza. Disso se conclui que o Pai e o Filho diferem, mas logo se acrescenta, para anular as consequências implícitas nessa conclusão, que eles não diferem em Essência, mas apenas em "origem"; isso parece ignorar o fato de que a "origem", sob pena de ser um nada puro e simples, reflete necessariamente um aspecto da Essência, isto é, algo que é *ad se* e não *ad alterum;* dizer que cada Pessoa divina possui uma

Machine Translated by Google

A essência própria, uma essência que reflete sua origem, não significa negar a essência única que "subsiste" no que se poderia chamar de "Essência da Pessoa", pois esta é apenas um modo de afirmação da essência única.ÿ A inerência de uma substância em outra e sua

identidade essencial não deveriam oferecer qualquer dificuldade, pois existem inúmeros exemplos disso na própria natureza. Cada indivíduo herdou de seus pais os elementos que o constituem, o que não o impede, embora seja da mesma espécie e da mesma raça que seus antepassados, de ser, ao mesmo tempo, distinto deles de forma concreta, e não meramente de forma abstrata, como a noção teológica de "relação" propõe. Da mesma forma, uma luz de determinada cor não é uma luz de outra cor nem luz incolor, mas é, não obstante, luz e nada mais, e ilumina porque é realmente luz e não porque é vermelha ou verde. Uma aparente antinomia, se não for absurda na ordem natural simples, que é tão estritamente lógica e tão facilmente verificável, obviamente não o é mais na ordem sobrenatural e divina.10

Eis mais uma ilustração: o gelo é água e nada mais que água, mas ao mesmo tempo é uma espécie de nova substância — caso contrário, seria chamado de água e não de gelo; não se trata da mera noção de congelação e nada mais. A congelação, sem alterar em nada a natureza da água, acrescenta-lhe um modo que faz com que o gelo seja simultaneamente água e algo diferente de água; se o gelo não fosse de modo algum distinto da água, porque nada tivesse surgido para modificar sua natureza substancial, não haveria diferença entre um riacho e um que tivesse sido transformado em blocos de gelo. Quando Cristo proclama sua identidade com Deus, ele não pode querer dizer que, à parte da relação de filiação, ele é absolutamente Deus;

9. Quando se definem as *hipóstases* como "modos", surge imediatamente uma objeção, que é a seguinte alternativa: se são modos, então não são Pessoas — como se houvesse aqui uma incompatibilidade irredutível, quando, na verdade, os modos podem perfeitamente ter uma natureza pessoal, e quando esse tripersonalismo de modo algum impede que Deus seja uma Pessoa única, na medida em que, ou no plano em que, essa definição possa ser propriamente aplicada a Ele.

10. São João diz primeiro: "o Verbo estava com Deus", e depois: "o Verbo era Deus".
Ele indica, assim, dois modos de identidade e, consequentemente, duas substâncias, ou mais precisamente uma única Substância em dois aspectos diferentes, um relativo e outro absoluto.

Machine Translated by Google

e quando ele testemunha sua subordinação, ele não pode, por virtude
por sua natureza humana, dizer algo que ele não diria por virtude.
de sua natureza divina, pois isso seria identificar a natureza humana.
com Deus. O Filho, por sua natureza divina, é, consequentemente, diferente da
Essência divina e idêntico a ela; a filiação não é
meramente uma "relação de origem" sem conteúdo concreto; ela determina, ao
mesmo tempo, uma realidade substancial, e essa realidade é precisamente a
Pessoa, se é que essa palavra deve ter algum significado.11

Se for objetado que a contradição contida na concepção trinitária é a marca
de um antinomicismo inevitável em
No âmbito dos mistérios, pode-se responder, em primeiro lugar, que esse
antinomianismo é consequência de uma elipse dialética que, em princípio, é
evitável e, em segundo lugar, que exige, sobretudo,
reconhecimento de que Deus é tanto uma única Pessoa-Substância quanto
Três pessoas em uma única substância; o ponto de vista exclusivo.
A Unidade chega a ter precedência, por razões bastante óbvias, sobre o ponto de
vista da Diversidade. E visto que as virtudes
de antinomias nos são impostas quando se trata de encobrir o que é importante.
Nas fissuras de uma formulação teológica, é permitido observar
que o único antinomicismo perfeitamente desinteressado é aquele que
admite aspectos aparentemente incompatíveis da Realidade transcendente,
enquanto o preconceito piedoso se contenta em lançar anátemas.12

11. Segue-se uma linha de raciocínio típica: as três Pessoas divinas são iguais,
Pois, se não fossem, não teriam a mesma Essência e não seriam um só.
um só Deus — como se houvesse uma medida comum entre os hipostáticos
determinações e o essencial Indeterminado, que é o Absoluto.
Além disso, é arbitrário da parte de São Tomé atribuir isso ao Jesus terrestre.
somente a subordinação que as Escrituras atribuem ao Filho. O que os Evangelhos
O que se mostra é que o Filho é, ao mesmo tempo, subordinado e igual ao Pai, e é
precisamente essa antinomia que nos revela, de forma indicativa, o mistério de
Relatividade *in divinis.* "Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus": o
O absoluto tornou-se relatividade para que o relativo pudesse se tornar absoluto.
A paráfrase da fórmula patrística sugere, com nem mais nem menos sucesso que
A própria fórmula, uma situação metafísica que seria difícil de expressar de outra forma em poucas palavras.

12. Deve-se reconhecer que mais de uma heresia, ou suposta heresia, era digna de
interesse e poderia ter sido utilizada se o ponto de vista dogmático fosse
não é restrito por definição. Todo o problema do trinitarismo é que ele foi fundado
necessário fazer com que realidades divergentes se encaixassem em uma fórmula que tinha que apresentá-las
De forma direta, como sendo convergentes, enquanto o oportunismo dogmático sufocou
certas verdades intermediárias que são metafisicamente indispensáveis.

Machine Translated by Google

Quando São Tomás afirma que em Deus as relações são a própria Essência, visto que não podem ser acidentes n'Ele, ele está certo no sentido de que as *hipóstases,* produzidas por *Mâyâ,* têm suas raízes na Essência, que por definição é única; mas não se pode apoiá-lo quando ele apresenta uma equação que ignora a diferença no grau de realidade entre, por um lado, as *hipóstases* como tais e, por outro, seu fundamento comum na Essência. Para São Tomás, a relação, quando comparada à Essência, não difere desta exceto em nossa própria razão — uma façanha de engenhosidade que de modo algum se explica por si mesma e que não serve a nenhum propósito quando se entende que a natureza divina compreende graus, a menos que somente a Essência seja chamada de "Deus";[13] mas, nesse caso, não existem mais "Pessoas", e o próprio mundo, completamente separado de Deus, torna-se ininteligível. Para explicar o hiato entre "Essência" e "Pessoa", o tomismo faz com que a natureza da razão humana intervenha como um *deus ex machina;* essa misteriosa *proporção* torna-se então o substituto do princípio universal da relatividade, da separatividade, da ilusão.14

* * *

O trinitarismo, em sua elaboração teológica, ao mesmo tempo contraditório e totalitário, é "aceito" por Deus como um "meio espiritual", no sentido do termo budista *upâya,* do qual já falamos muitas vezes: se, por um lado, é como um *upâya* que um dogma limitativo é dado ou aceito pelo Céu, é, por outro lado, devido à sua limitação, que esse *upâya* será providencialmente contradito por outros *upâyas;*

13. Opiniões análogas são encontradas entre os muçulmanos, quando, por exemplo, para salvaguardar a unidade de Deus, que na realidade não está ameaçada, afirmam que a diversidade na ordem divina existe apenas na razão humana; mas se isso for verdade, o mundo também se distingue de Deus apenas em nossa razão. Se a existência do mundo não impugna a unidade de Deus, então essa unidade também não é impugnada pela diversidade das qualidades divinas, evidentemente prefiguradas na Essência de maneira indiferenciada.

14. O tomismo é um quase-racionalismo na medida em que sustenta que derivamos nossa ciência das coisas sensíveis e as aplicamos a Deus da melhor maneira possível; mas é eminentemente mais do que isso em seu conteúdo dogmático, que fornece ao método tomista premissas suprarracionais e, assim, atualiza as intelecções propriamente ditas.

Machine Translated by Google

Daí as divergências religiosas, que são ao mesmo tempo um escândalo e uma bênção. É a infinitude do *Âtmâ* que exige a pluralidade de *upâyas;* todo limite exige uma repetição que o complete enquanto aparentemente contradizendo-o.15

Agora, quaisquer que sejam os efeitos de *Mâyâ in divinis,* o divino A substância permanece o que é, de modo que Deus permanece “sempre e em todo lugar” Deus; mas essa simultaneidade de aspectos antinômicos é repugnante. ao alternativismo volitivo, que se apressará em negar a relatividade *no divi-nis* com a intenção de salvaguardar a absolutidade de Deus— que não está de forma alguma sob ataque—especialmente como devocional a mentalidade tende a confundir o absoluto metafísico com o O sublime humano.

Em formulações exotérmicas, questões de conveniência psicológica ou viabilidade, que são de interesse estritamente humano, desempenham um papel que está em em alguns aspectos determinantes, o que dá origem a um totalitarismo. Isso é mais místico do que metafísico; a teologia trinitária fornece exemplos, assim como a teologia unitária dos muçulmanos.

O primeiro não se contenta em permitir três aspectos na Unidade divina, mas é preciso que esses aspectos entrem na própria definição de Unidade. em si — como se a Unidade não fosse mais Unidade fora da Trindade, e como se o Absoluto pudesse ser definido por qualquer outro número do que Um. A teologia islâmica unitária, por outro lado, não é contente em admitir que o Uno é a causa de tudo; sente a necessidade de Em seguida, negam-se as causas secundárias, mais particularmente as leis naturais, declarando, por exemplo, que o fogo não queima, que é Deus que o faz queimar, e assim por diante, como se um fosse incompatível. com o outro. O contrário é denominado “hipócrita”, porque é disse que a afirmação de que “não há outro Deus além do único Deus” Exige, se for sincera, a negação das causas intermediárias.

15. A Trindade “Pai, Filho e Mãe”, que o Alcorão atribui a Cristianismo tem três significados: primeiro, expressa uma situação psicológica *de fato,* Maria sendo muito mais presente para o povo cristão, no que diz respeito a uma função verdadeiramente divina, do que o Espírito Santo; em segundo lugar, isso implica que a Virgem Santíssima é identificada com o Espírito na medida em que ela é a Sabedoria que foi “estabelecida desde a eternidade, desde o princípio, antes mesmo de existir a terra” (Provérbios 8:23); terceiro, a A formulação corânica deve enfatizar a incompatibilidade exotérmica do cristianismo. Trinitarismo com unitarismo islâmico.

Machine Translated by Google

Qualquer que seja a necessidade ou a conveniência do Trinitarismo
A teologia, do ponto de vista da metafísica pura, parece conferir a qualidade do
absoluto às relatividades. O hinduísmo nos mostra isso por meio de...
Existem diversos exemplos de como a divinização da relatividade pode ser um caminho.
ou um *upâya,* um "meio provisório" que é relativamente ilusório, mas
não obstante, eficaz e, como tal, aceito pela Divindade; mas outros
Os aspectos do Real conservam todos os seus direitos. Sendo assim, é
compreensível que o Islã tenha passado a enfatizar o metafísico.
fundamento do monoteísmo, restabelecendo assim um certo equilíbrio na
manifestação total da Ideia monoteísta. Somente a Unidade
Assim, pode ser uma definição do Absoluto; no reino dos números,
A unidade por si só representa um elemento de absolutismo, como o ponto ou
o centro atua no espaço e no instante ou presente no tempo, ou
Assim como o círculo ou a esfera — simplicidade ou perfeição — fazem em termos de forma,
ou como o éter — sutileza ou pureza — age na matéria. O *Vedanta* ensina que o
Absoluto, *Âtmâ,* compreende a Trindade *Sat-Chit-Ânanda.*
"Ser-Inteligência-Felicidade"; não afirma que essa ternária constitui *Âtmâ* de forma
absoluta ou que *Âtmâ* não possui realidade separada.
a partir deste ternário.

Na teologia monoteísta, as verdades que devem manter sua
A fluidez metafísica interna é prontamente apresentada como exclusiva.
coagulações: o oceano é reduzido a um pedaço de gelo, sem dúvida simbólico e
intrinsecamente verdadeiro, mas ainda assim não exaustivo, para
Para dizer o mínimo. O dogmatismo — ou exoterismo — é essencialmente uma planimetria.
não é uma geometria integral; a dimensão faltante é substituída por
símbolos-noções que, precisamente por serem apenas soluções por
A substituição nem sempre pode evitar paradoxos ou mesmo contradições;
É isso que dá oportunidade a certos fanáticos de falarem sobre
a ilogicidade sagrada e difamar a chamada inteligência "natural".

* * *

Quando a teologia cristã parece atribuir um caráter absoluto ao
Pessoas divinas, refere-se consciente ou inconscientemente a
Absoluto relativo possuído por toda realidade não criada com
em relação às criaturas como tais, a menos que sua intenção seja afirmar
elipticamente a unidade da Essência que, quer se goste ou não,

Machine Translated by Google

transcende a Divindade hipostática tal como ela é em si mesma;[1]ÿ mas afirmar, como já se ouviu dizer, que as relações trinitárias pertencem não a essa absolutidade relativa, mas ao Absoluto puro e intrínseco, ou à absolutidade da Essência, equivale a pedir-nos que aceitemos que dois mais dois são cinco ou que um efeito não tem causa, o que nenhuma mensagem religiosa pode fazer e que a mensagem cristã certamente nunca fez. Uma mensagem celestial que afrontasse radicalmente a inteligência encontrada em homens de boas intenções, dispostos a reconhecer e aceitar qualquer coisa de ordem milagrosa, estaria gravemente contaminada pela imperfeição; não seria, de fato, uma mensagem celestial.

Vamos resumir, para sermos o mais claros possível. Primeiro, no Absoluto, que é a Essência, as Pessoas não são discerníveis como Pessoas, embora estejam presentes de certa forma não distintiva, no sentido de que a Essência é necessariamente o arquétipo de cada Pessoa possível, o que equivale a dizer que a Essência abrange aspectos sem ser ela mesma diferenciada; no Relativo divino, porém, as Pessoas estão presentes como tais, e para o homem esse Relativo funciona na prática como o Absoluto. Segundo, existe apenas uma única Pessoa divina, que possui três modalidades, embora, segundo outro aspecto, as modalidades apareçam, por sua vez, como Pessoas.

Terceiro, as três Pessoas são distintas umas das outras, mas, nesse aspecto, não são idênticas à Essência. Quarto, cada Pessoa é idêntica à Essência e, nesse aspecto, cada uma está na Essência; isso torna permissível dizer que, de certa forma, cada Pessoa está nas outras duas ou, falando paradoxalmente e elipticamente, que ela se identifica com elas, sendo a Essência Única cada Pessoa no Absoluto indiferenciado.

* * *

16. As ressalvas expressas pelas palavras “como tal” e “como é em si mesmo” são estritamente necessárias: no primeiro caso, porque o Intelecto, em certo aspecto, supera a condição criatural, uma vez que pode ter a noção do incriado, e no segundo caso, porque as realidades hipostáticas pertencem à Essência e são dela separadas apenas em virtude da diferenciação que lhes é atribuída pela relatividade fundamental.

Machine Translated by Google

"Pai Nosso": esta invocação inicial de Deus na Oração do Senhor estabelece a doutrina da Trindade da seguinte maneira: ensina-nos, antes de tudo, que somos "filhos" de Deus e não meramente "escravos", isto é, que o homem "deificado" constitui, por assim dizer, uma dimensão divina, manifestada em primeiro lugar por Cristo e depois inaugurada por Ele para os homens. Para os homens, Deus é "Pai Nosso"; para Cristo, Ele é "Meu Pai", e Ele é "Pai Nosso" por meio de Cristo e nEle; somos "filhos" no "Filho" e por meio dEle, mas não fora do *Logos.* O cristianismo compreende a perspectiva da Paternidade de Deus e, portanto, da filiação humana: o homem é salvo por sua filiação em relação a Deus e, assim, em virtude do atributo divino que, de fato, designamos pelo termo "Paternidade"; as coroas dos eleitos, diz-se, são feitas de luz incriada, o que indica a deificação do homem em Cristo. O Espírito Santo é como o sangue divino, que une o Filho e o Pai, e que une o homem a Deus na medida em que o homem se coloca no Filho; e a Virgem é um aspecto de Cristo: ela personifica as qualidades passivas e receptivas da Substância divina — ela é a "alma" se Cristo é o "espírito" — e isso significa que o homem não pode ser integrado a Cristo sem primeiro ser integrado à Virgem, pois não há iluminação "vertical" sem a correspondente perfeição "horizontal".

Toda essa constelação mística encontra-se prefigurada no próprio Deus: não pode haver Filho manifesto sem a "pré-existência" principal do Filho em Deus; e esse confronto *in divinis* pressupõe também a "pré-existência" do Espírito Santo, pois a dualidade exige um elo que indique sua unidade essencial. Esta é a doutrina da necessária adoção do homem pelo *Logos:* não há caminho para Deus sem tal adoção, nem, consequentemente, sem a teofania que a torna possível.

* * *

É contraditório afirmar que foi o Absoluto em si que produziu o tecido de contingências que é a Bíblia; a existência das Escrituras, e sobretudo a existência do mundo, comprova o elemento de relatividade em Deus. Se existe algo que seja relativo, então é relatividade.

Machine Translated by Google

Em Deus, então a relatividade é divina; logo, o Universo é divino,[1]ÿ não apenas o universo físico-psíquico da existência animal, como imaginam os panteístas, mas o Universo total com sua Raiz, ao mesmo tempo transcendente e imanente. Se alguém se recusa a admitir a relatividade em Deus, então a relatividade é fundamentalmente má, o mundo é fundamentalmente mau e essa pessoa cai no maniqueísmo.

A relatividade possui essencialmente duas dimensões: distância e diferença. É em virtude da dimensão "vertical" da distância que o Ser se cristaliza *em divinis* deste lado, por assim dizer, do Além-Ser e que, em consequência dessa polarização hipostática, o mundo se separa de Deus; e é novamente em virtude dessa dimensão que a Substância intelectiva engendra a Substância anímica, que por sua vez engendra a Substância material. É em virtude da dimensão "horizontal" da diferença que a Onipotência se distingue da Bondade Absoluta, ou que na Terra uma rosa se distingue de um lírio-d'água. Todo o Universo é um tecido dessas duas dimensões: todos os fenômenos podem ser explicados por suas infinitas combinações; o que os une é a Existência e, em última análise, uma Realidade ao mesmo tempo absoluta e infinita, a única Realidade que existe.

* * *

Como disseram os taoístas, "apenas o erro é transmitido, não a verdade": "erro", ou seja, forma, que é limitativa por definição e, portanto, exclusiva, e depois contingências de temperamento. Isso é *upâya,* a rede que primeiro aprisiona e depois salva; é a meia-verdade que é a chave para a Verdade total. "Por que me chamas de bom?"
O próprio Jesus perguntou; esta é a própria definição de um *upâya* em seu aspecto formal; uma forma de salvação, certamente, mas ainda assim uma forma, portanto uma limitação, e para alguns uma espada de dois gumes.

Sobre a questão da relatividade estar enraizada na própria ordem divina, poderíamos também expressar a questão da seguinte maneira — correndo o risco de...

17. Essa verdade altamente condicional deu origem, por desvio e coagulação maciça, à cosmolatria dos antigos povos do Mediterrâneo.

Machine Translated by Google

repetindo-nos, mas em todo caso sem temer um excesso de clareza. Uma de duas coisas: ou colocamos a criatura e o Criador frente a frente em sua relação de reciprocidade ou causalidade, caso em que ambos os termos estão situados em *Mâyâ,* quaisquer que sejam as exigências de um totalitarismo simplificador e devocional; ou então concebemos Deus em Sua pura essencialidade ou absolutidade, e então Ele é o Sujeito-Princípio do qual o Universo é a objetivação ou irradiação.18 Basicamente, essa irradiação nada mais é do que um aspecto do Sujeito supremo, pois "todas as coisas são *Âtmâ"; Mâyâ* é o véu infinitamente subdividido do Eu infinito, que sozinho é o Absoluto puro.19

* * *

Se alguém insiste em afirmar que existem verdades inerentemente supralógicas, deve-se esclarecer que isso não significa que elas sejam intrinsecamente absurdas *de jure,* mas simplesmente que são, por natureza, inexprimíveis. Mesmo formulada dessa maneira, a afirmação acima permanece contestável, pois se falamos de uma verdade é porque temos consciência dela, e assim que temos consciência dela, podemos *ipso facto* expressá-la de uma forma ou de outra, sem entrar em conflito com o senso comum, se estivermos dispostos ou aptos a nos dar ao trabalho de nos expressarmos de outra forma que não por meio de elipses ou antinomias. Para repetir mais uma vez, o absurdo lógico de certos pronunciamentos espirituais é meramente dialético e elíptico; toda formulação ilógica por motivos de profundidade pode ser reduzida a formulações lógicas de caráter sutil e complexo; sem dúvida, sempre haverá a lacuna do inexprimível, mas o inexprimível não se afirma necessariamente de maneira ilógica; o silêncio não é uma ilogicidade. O fato de a lógica ser limitada por conta de

18. Isso foi bem compreendido por Eckhart, Silesius e outros. Uma verdade nunca é em si mesma oriental ou ocidental; ela pertence a qualquer um capaz de compreendê-la.

19. Pois existe um Absoluto relativo, ou seja, tudo aquilo que é absoluto em relação a uma realidade inferior. Para a criatura em si, o Criador é o Absoluto, mas do ponto de vista do Absoluto em si mesmo, o Criador é a primeira das relatividades. "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez." (João 1:3).

Machine Translated by Google

alguma característica pessoal ou alguma ignorância particular em nenhum
O caminho implica que o que o ultrapassa é ilógico ou tem alguma natureza metafísica.
direito de ser assim; pelo contrário, a lógica manifesta à sua maneira o
a própria essência da Verdade. Existem em Deus aspectos que são independentes de
toda lógica limitativa, e é a partir deles que o cósmico
A brincadeira e os aspectos musicais das coisas surgem; mas não há nada em
Deus que se opõe aos princípios da não contradição e da suficiência
razão, que está enraizada no intelecto divino. Deus não é limitado.
pelo que chamamos de "bom", mas Ele é essencialmente o seu Princípio;
consequentemente, Ele é a própria Bondade. O conhecimento de que Deus não pode ser
A limitação imposta pela relatividade da nossa bondade não permite, de modo algum, a
conclusão de que Deus é mau, *quod absit;* assim como no caso de qualquer qualidade
positiva, não se deve confundir, em matéria de lógica, o positivo.
A essência com a limitação existencial, ou a substância com a
acidente. Se conclusões logicamente corretas podem ser falsas, então não é um acidente.
Porque a lógica não vale nada; ou é acidentalmente
Dotado de dados insuficientes, ou porque seu mecanismo é dirigido por alguma paixão
e, por essa razão, escolhe pontos de partida falsos.

É bastante claro que não devemos exigir da lógica o que ela não pode nos fornecer;
onde a lógica não é mais aplicável, recorre-se ao simbolismo.
entra em cena; muitas coisas que a lógica não consegue expressar de forma satisfatória.
pode ser sugerido eficazmente por meio do simbolismo. A lógica se preocupa com
o aspecto "matemático" e não o "musical" das coisas, mas
Isso de forma alguma significa que a lógica deva ser desprezada; em suma, cores.
Não são a mesma coisa que formas, e um desenho não é uma melodia. Se
no caso de algum dogma ou algum mistério, em princípio, era assim.
e *de jure* em um suposto domínio de supralógica sem sentido—um
hipótese que permite qualquer tipo de sobrenaturalização por parte
de preconceito denominacional ou absurdo sentimentalista—então
A própria revelação seria um erro, pois não teria utilidade alguma.
para nós; ou então foi um erro nos dar inteligência.

Em termos estritos, pode-se dizer que existem antinomias entre religiões.
estão situados "além da lógica" — visto que a lógica de cada dogmatismo é
impecável, embora na prática inoperante fora de sua própria estrutura — mas isso é
pura conveniência, pois sempre se pode demonstrar, se houver motivo para tal e se as
circunstâncias permitirem, que
essas antinomias são apenas opostos complementares que surgem de uma
substância idêntica.

O inexprimível é aquilo que pode ser abordado, mais ou menos de perto, de mil
maneiras diferentes, sem jamais ser possível ser...

Machine Translated by Google

tocado em seu centro. Uma imagem sugestiva é a de uma espiral, com um movimento centrípeto que progride indefinidamente em direção a um centro que nunca é alcançado, mas que pode ser apreendido — falando agora da realidade simbolizada — por uma intelecção que, assim como seu conteúdo, é inefável.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

11

Um Enigma do Evangelho

A dialética das Sagradas Escrituras pode ser sintética a ponto de saturação, donde surge um aspecto de “incoerência”, que é a consequência de uma riqueza implícita. Segundo um texto hindu, “os deuses apreciam a linguagem obscura”; isso não significa que os poderes celestiais se oponham à expressão clara quando esta se justifica, pois a verdade sempre tem seus direitos; mas é necessário que tudo permaneça no lugar que sua natureza lhe atribui. Os mistérios da Possibilidade divina, espinhosos para a maioria dos mortais, não são feitos para a esfera pública; isso não significa, porém, que haja uma barreira intransponível entre a teologia ordinária e a metafísica integral, apesar das diferenças de natureza e missão. A grande dificuldade da linguagem sagrada reside em ter que, ou desejar, sugerir verdades profundas e complexas na forma de relatos históricos e preceitos morais; contudo, “a origem e o fim andam de mãos dadas”,[1] e o mesmo se aplica ao “exterior” e ao “interior”.

* * *

Ao falar da Última Ceia, o Evangelho relata um incidente enigmático e até perturbador: Cristo dá a Judas um pedaço de pão para comer e lhe diz: "O que tens de fazer, faze-o depressa"; e nesse instante, Satanás entra em Judas, que então sai da sala. Isso dá a impressão de que Cristo assumiu a responsabilidade pela traição, *quod absit.*

A explicação do enigma é a seguinte: nada pode acontecer contrariamente à Vontade de Deus; o fato de algo acontecer significa

1. Provérbio alemão: *Anfang und Ende reichen sich die Hände.*

Machine Translated by Google

que Deus o "quis". Ora, Deus não pode querer expressamente um mal específico, mas Ele deve tolerar o mal de certa forma, visto que este está incluído na ilimitação — em parte paradoxal — da onipotência divina. Por essa razão, Deus não pode proibir um mal específico, mas deve-se dizer que Ele o "permite" e não que o "quer"; e Ele o permite, não por ser um mal, mas por ser uma contribuição indireta e inevitável para um bem.

Cristo quis, certamente não a traição em si, mas a Redenção.[2] Resta entender por que Cristo agiu como dissemos, pois sua aceitação do mal poderia ter sido silenciosa; ora, poderia ter sido assim em princípio, mas não na prática, e essa é a raiz do problema. Era necessário mostrar ao mundo que o diabo não tem poder sobre Deus, que ele só pode se opor a Deus em aparência e graças a uma vontade divina, que nada pode ser feito fora da Vontade do Bem Soberano, que se os poderes do mal se opõem — ou acreditam que podem se opor — à Divindade, isso só pode ocorrer em virtude de uma decisão divina; daí a injunção: "O que fizeres, faze-o depressa". Assim, o diabo sequer tem o poder de trair sem uma causalidade divina, metafisicamente falando; no relato do Evangelho, esse poder lhe escapa; portanto, ele não poderia triunfar. E se, nessa narrativa, o diabo entra em Judas, é porque obteve a liberdade para fazê-lo — um emaranhado sutil de causas, mas ontologicamente plausível. O que soa "mal" no drama salvífico do cristianismo é que a Redenção parece depender de um traidor; era necessário privar o adversário dessa satisfação.

Seja como for, o fato de o cristianismo ter precisado de Judas implica — e isso parece o ápice do paradoxo — que esse traidor não poderia ser um homem fundamentalmente mau, como se acreditava popularmente; e de fato não era, como comprovam seu arrependimento e desespero.3 Nem os outros dois acusados, Caifás e Pilatos, eram tão maus quanto são retratados; para Caifás, a circunstância atenuante era sua ortodoxia, e para Pilatos, sua boa vontade. Chegaríamos ao ponto de dizer que a cooperação necessária deles no

2. Recordemos aqui que Santo Agostinho, falando do pecado de Adão e Eva, exclamou: *felix culpa!* pois, pensava ele, esse pecado era a causa da Redenção.
3. Se Judas fosse o que se pensa, pelo contrário, teria se orgulhado de seu crime. No exato momento da traição, Jesus o chamou de "amigo"; nessa expressão havia talvez um vislumbre de perdão divino.

Machine Translated by Google

A redenção implica que, em última análise, os três foram perdoados; somente essa conclusão, a nosso ver, pode proteger o cristianismo da possível acusação de depender de causas criminosas e de ser fundado nelas, por assim dizer, ao menos materialmente. E lembramos aqui desta oração de Cristo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”; ora, é impossível supor, em sã consciência, que uma oração de Cristo não teria sido atendida.

Teria sido uma espécie de vitória se a Igreja tivesse instituído uma festa das três grandes Indulgências, mas não podia — por razões morais — “permitir-se esse luxo”, pois isso daria rédea solta a todos os malfeitores; *de facto,* não *de jure,* claro. É por essa razão que Cristo teve de dizer, falando de Judas, que “melhor lhe fora não haver nascido”; isso não significa que Judas esteja no inferno eterno que a teologia cristã imagina, mas pode significar que Judas, embora não esteja condenado, deve permanecer no purgatório até o fim do mundo.

Caifás poderia ser culpado por não ter sido sensível à natureza divina de Cristo nem às profundas intenções de sua pregação, mas, além de sua ortodoxia mosaica, ele também tinha como atenuante o fato de que Cristo nunca se preocupou em se tornar compreensível. Além disso, Cristo não estava interessado nos "mandamentos dos homens", mesmo que fossem plausíveis; o que importava para ele era unicamente a sinceridade do nosso amor por Deus. Essa não é exatamente a perspectiva de Moisés, e os fariseus não podem ser culpados por não aderirem a ela em seu nível, assim como não se pode culpar as autoridades do bramanismo por não terem se convertido à perspectiva de Buda.

Poder-se-ia argumentar que os judeus tiveram de sofrer como herdeiros de Judas e Caifás, mas também se poderia argumentar que os cristãos, como herdeiros de Pilatos4 — ao longo do Renascimento — tiveram, e ainda têm de sofrer, as consequências do mundo “humanista”, mas, em última análise, desumano, que criaram na época dos Bórgias e que continuam a criar nos nossos dias;5

4. Pilatos era o representante de Tibério, de quem Carlos Magno e Constantino foram herdeiros; vale ressaltar que, para o muçulmano, o cristão é *rûmî,* “romano”.

5. Poder-se-ia objetar que a Igreja Oriental não foi responsável pelo Renascimento, o que é verdade, mas os países ortodoxos foram arrastados para a sua órbita.

Machine Translated by Google

Incontestavelmente, o Renascimento foi uma traição, embora também tenha apresentado alguns elementos positivos, mas estes não foram capazes de compensar seus erros flagrantes.

Para entender a atitude de Cristo em relação aos “escribas e

Ao falar dos fariseus, é preciso ter em mente o seguinte: naquela época,
O judaísmo estava passando por uma fase de “ossificação” comparável a
a do bramanismo na época do Buda, e isso foi providencial em ambos os casos. A
história da humanidade é uma *lîlâ,* uma “divina
“jogar”: as possibilidades têm que se manifestar e se esgotar uma a uma em
Chegou a sua vez. Seja como for, Caifás e seus partidários podem ser responsabilizados.
por não quererem reconhecer a decadência do ambiente ao seu redor, que era
incontestável, caso contrário Cristo não o teria estigmatizado; e certamente não é a
primeira vez na história de
Israel, que um profeta lança raios contra um clero corrupto e hipócrita.

Como al-Hallaj—essa manifestação “crística” em meio a
Islamismo — Cristo manifestou sua natureza celestial sem se preocupar em torná-la
inteligível; ele encarnou seu destino e ele
desejava ser o que tinha que ser na economia das possibilidades religiosas e
místicas. Um fundador de religião personifica uma perspectiva espiritual e um
caminho de salvação; ele se expressa de forma direta e
moda quase absoluta e não precisa oferecer os comentários que
Teólogos e sábios darão mais detalhes posteriormente.

“E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.” Isso diz
respeito não apenas a judeus e pagãos, mas também a...
Os cristãos, como a história comprova,ÿ Cristo, assim como Moisés, colocou Deus acima de tudo.
O homem; o Renascimento, assim como Tibério, colocou o homem no lugar de Deus;
Enquanto Cristo havia dito: "Venha o teu reino".

por Pedro, o Grande. Na verdade, a Europa Oriental faz parte do mundo moderno, mentalmente
bem como materialmente; a Grécia foi rapidamente "subjugada" após a partida de
os turcos.

6. Observemos que existem judeus ortodoxos que, embora rejeitem o cristianismo, e
Em flagrante oposição ao Talmude, admitam que Jesus foi incompreendido.
profeta, de tipo eliatico e essênio.

Machine Translated by Google

12

A sede da sabedoria

A Virgem Santíssima é inseparável do Verbo encarnado, assim como o Lótus é inseparável do Buda e o Coração é a sede predestinada da Sabedoria imanente. No Budismo, existe todo um misticismo do Lótus, que comunica uma imagem celestial de beleza e eloquência insuperáveis, uma beleza análoga à custódia que contém a Presença Real e, sobretudo, análoga àquela encarnação da feminilidade divina que é a Virgem Maria.

A Virgem, *Rosa Mística,* é como uma personificação do lótus celestial; em certo sentido, ela personifica o sentido do sagrado, que é a introdução indispensável à recepção do Sacramento.

* * *

Um dos nomes que a Ladainha de Loreto dá ao Bem-Aventurado
A Virgem é *Sedes Sapientiae,* "Trono da Sabedoria"; e, de fato, como observou São Pedro Damião (século XI), a Bem-Aventurada Virgem "é ela mesma aquele trono maravilhoso mencionado no Livro dos Reis", ou seja, o Trono de Salomão, o Profeta-Rei, que, segundo a Bíblia e as tradições rabínicas, foi o sábio *por excelência.*
lente.[1] Se Maria é *Sedes Sapientiae,* isso se deve, antes de tudo, ao fato de ela ser a

1. Se a Bíblia condenou sua conduta, foi devido a uma diferença de nível — o ponto de vista bíblico sendo *a priori* legalista e, portanto, exotérico — e não por causa de um erro intrínseco de sua parte. Em Salomão, manifesta-se o mistério do "vinho" e da "embriaguez", como indicado, por um lado, pelo seu Cântico dos Cânticos e, por outro, pelas ações pelas quais ele é censurado na Bíblia; mas Salomão poderia ter dito, com seu pai Davi: "Lembrei-me do teu nome, Senhor, durante a noite, e guardei a tua lei" (Salmos 119:55).

Machine Translated by Google

Mãe de Cristo, que, sendo o Verbo, é a "Sabedoria de Deus"; mas também, obviamente, por causa de sua própria natureza, que resulta de sua qualidade como "Esposa do Espírito Santo" e "Corredentora";[2] isto é, Maria é ela mesma um aspecto do Espírito Santo, sua contraparte feminina, por assim dizer, ou seu aspecto da feminilidade, daí a feminização do divino *Pneuma* pelos gnósticos. Sendo o Trono da Sabedoria — o "Trono vivificado pelo Todo-Poderoso", segundo um hino bizantino — Maria é *ipso facto* identificada com a divina *Sofia,* como atesta a interpretação mariana de alguns dos elogios à Sabedoria na Bíblia.[3]

Ela não poderia ter sido o local da Encarnação se não tivesse dado à luz.

Em sua própria natureza, reside a Sabedoria a ser encarnada.

A sabedoria de Salomão — convém recordar aqui — é, ao mesmo tempo, enciclopédica, cosmológica, metafísica e também simplesmente prática; neste último aspecto, é política, bem como moral e escatológica.

O fato de ser muito mais[4] surge não apenas de certos

2. Sem perder de vista o fato de que o corpo e o sangue de Cristo são da Virgem-Mãe, não havendo pai humano.

3. "O Senhor me possuiu no princípio do seu caminho, antes das suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes mesmo de existir a terra. Quando ainda não havia abismos, eu fui gerada; quando ainda não havia fontes abundantes de água" (Provérbios 8:22-24 e versículos seguintes).

4. É isso que a maioria dos críticos modernos tende a contestar; se, no entanto, a sabedoria de Salomão fosse apenas prática e enciclopédica, as seguintes frases seriam completamente inexplicáveis: "Nem comparei a ela [à Sabedoria] qualquer pedra preciosa; porque todo o ouro em comparação a ela é como um pouco de areia, e a prata será considerada como barro diante dela. Amei-a mais do que a saúde e a beleza, e preferi tê-la em vez da luz; porque a luz que dela provém jamais se apaga...".
Todas as coisas, sejam elas secretas ou manifestas, eu as conheço. Pois a sabedoria, que opera todas as coisas, me ensinou; pois nela reside um espírito compreensivo, santo, único, múltiplo, sutil, vivo, claro, imaculado, puro, incorruptível, que ama o bem, ágil, indestrutível, pronto para fazer o bem... possuindo todo o poder, supervisionando todas as coisas e permeando todo o entendimento, espíritos puros e sutis... Pois ela é o sopro do poder de Deus e uma influência pura que flui da glória do Todo-Poderoso; portanto, nada impuro pode cair nela.

Pois ela é o brilho da luz eterna... E sendo uma só, ela pode todas as coisas; e permanecendo em si mesma, ela renova todas as coisas; e em todas as épocas, entrando nas almas santas, ela as torna amigas de Deus e profetisas... Comparada à luz, ela é encontrada antes dela. Pois depois disso vem a noite; mas o vício não prevalecerá contra a sabedoria" (Sabedoria de Salomão 7:9-30). Se a Sabedoria da Bíblia fosse apenas prática e enciclopédica, certamente não haveria razão para identificá-la com a Virgem Santíssima, ou com o Trono de Salomão.

Machine Translated by Google

certas passagens de Provérbios e do Livro da Sabedoria, mas também do Cântico dos Cânticos, um livro particularmente reverenciado pelos cabalistas.

Quanto à Sabedoria da "divina Maria", ela é menos diversa, pois não abrange certas ordens contingentes; jamais poderia ser enciclopédica ou de tendência "aristotélica", por assim dizer. A Santíssima Virgem conhece, e deseja conhecer, apenas o que diz respeito à natureza de Deus e à condição do homem; sua ciência é necessariamente metafísica, mística e escatológica, e por isso contém, em essência, todas as ciências possíveis, assim como a luz única e incolor contém as variadas e coloridas tonalidades da luz.

arco-íris.

Uma observação que deve ser feita neste ponto é a seguinte: se Maria está sentada no Trono de Salomão e é até mesmo identificada com esse Tronoÿ — com a autoridade que ele representa — isso não se dá apenas por direito divino, mas também por direito humano, no sentido de que, sendo descendente de Davi, ela é herdeira e rainha da mesma forma que Cristo, em igual medida, é herdeiro e rei. Não se pode deixar de pensar nisso ao ver as Virgens românicas, coroadas e sentadas com o Menino em um Trono real, aquelas Virgens que muitas vezes exibem considerável rusticidade artística e das quais apenas algumas são obras-primasÿ, mas que transmitem, com toda a eloquência hierática, a majestade e a delicadeza da Sabedoria Virginal: majestade e delicadeza, mas também rigor; o *Magnificat* testemunha isso quando afirma, com os acentos de um Salmo marcial, que *vincit omnia Veritas.*

Segundo o Primeiro Livro dos Reis (10:18-20), Salomão "fez um grande trono de marfim e o revestiu com o melhor ouro. O trono tinha seis degraus e cabeças de touro atrás,7 e havia

5. Os teólogos — diga-se de passagem — parecem não perceber a imensa "reabilitação" que essa associação com as *Sedes Sapientiae vivas,* e por conseguinte com a Palavra, implica para Salomão, uma associação que é ou profunda ou totalmente sem sentido.

6. Os povos germânicos nada conheciam das artes plásticas; os gregos e romanos praticavam apenas o naturalismo clássico; a arte cristã, pelo menos no mundo latino, teve grande dificuldade em surgir desse duplo vácuo. No mundo bizantino, a arte dos ícones conseguiu escapar de tais obstáculos.

7. As traduções judaicas e a Vulgata de São Jerônimo afirmam que "o topo do trono era redondo na parte de trás"; elas não falam de "cabeças de touro", como fazem algumas traduções cristãs, cujos autores se baseiam em certos fatores semânticos e no fato de que o Segundo Livro das Crônicas (9:18) menciona um "trono de ouro".

Machine Translated by Google

de cada lado do assento, havia dois leões ao lado dos pilares. E doze leões estavam ali, de um lado e do outro, sobre os seis degraus: não havia nada semelhante em nenhum reino."8 Primeiramente, algumas observações sobre o simbolismo dos animais: os leões representam, sem dúvida, o poder radiante e vitorioso da Verdade, enquanto os touros podem representar, correlativamente, um poder pesado e defensivo: por um lado, o poder prospectivo e, por outro, o poder retrospectivo, ou a imaginação que cria e a memória que conserva — invencibilidade e inviolabilidade, ou ainda, falando alquimicamente, o sol e a lua. Mas há também o simbolismo dos materiais: o marfim é a substância e o ouro é a radiação, ou então o marfim, um material associado à vida, é o "corpo nu" da Verdade, enquanto o ouro é a "vestimenta", que por um lado vela o mistério e, por outro, comunica a glória.

Os seis degraus do trono referem-se à própria "essência" da Sabedoria, por assim dizer; seis é o número do selo de Salomão. É o número do desdobramento total: a criação foi concluída em seis dias, e as perspectivas metafísicas ou místicas fundamentais, os *darshanas,* são — e devem ser — em número de seis, de acordo com a tradição hindu.
Este mistério da totalidade resulta da combinação dos números dois e três, que, sendo o primeiro par e o segundo ímpar, resumem inicialmente todas as possibilidades numéricas,ÿ no sentido pitagórico e não quantitativo. Espiritualmente falando, o número dois expressa a complementaridade da "perfeição ativa" e da "perfeição passiva", como diriam os taoístas; por sua vez, o número três indica, neste contexto, a hierarquia dos modos ou graus espirituais, a saber, "medo", "amor" e "conhecimento", cada um desses pontos de vista contendo, precisamente, um aspecto ativo ou dinâmico e um aspecto passivo ou

estático.

cordeiro", para — segundo eles — evitar uma associação de ideias com o culto pagão do touro. Deve-se notar que o historiador judeu Flávio Josefo (reinado de Vespasiano) diz: "No lugar onde este príncipe [Salomão] estava sentado, havia braços em relevo, que pareciam estar o recebendo, e no lugar onde ele podia se apoiar, a figura de um boi foi colocada como se o estivesse sustentando".

8. Esta última expressão, aplicada à Virgem, indica a sua incomparabilidade, a sua singularidade "avatarica" no universo dos semitas.

9. Eis o que o espaço demonstra: possui três dimensões, mas a introdução de um princípio subjetivo de alternativa ou oposição lhe confere seis direções; essa estrutura reconstitui a totalidade do Universo.

Machine Translated by Google

Os significados cósmicos e humanos das seis direções do espaço — e a subjetivação do espaço certamente não é arbitrária — revelam o conteúdo da Sabedoria, suas dimensões ou "estações", por assim dizer. O Norte representa a Pureza divina e a renúncia humana, *vacare Deo;* o Sul representa a Vida, o Amor, a Bondade e, em termos humanos, a confiança em Deus ou a esperança; o Leste representa a Força, a Vitória e, do ponto de vista humano, o combate espiritual; o Oeste representa a Paz, a Beatitude, a Beleza e, em termos humanos, a satisfação espiritual, a quietude sagrada. O Zênite representa a Verdade, a Elegância, a Transcendência e, portanto, também o discernimento e o conhecimento; o Nadir representa o Coração, a Profundidade, a Imanência e, portanto, também a união e a santidade. Essa complexidade nos remete às dimensões cosmológicas e enciclopédicas da sabedoria de Salomão; permite-nos vislumbrar as ramificações das diversas ordens de possibilidades que se desdobram entre o Nadir e o Zênite, ou seja, entre o Alfa e o Ômega da Possibilidade universal.

* * *

As considerações anteriores permitem-nos estender ainda mais a nossa análise do número de Salomão, correndo o risco de nos envolvermos numa digressão que suscitaria novos problemas; mas isso não importa, uma vez que mais precisão pode ser útil. Os eixos Norte-Sul, Leste-Oeste e Zênite-Nadir correspondem, respectivamente, às complementaridades Negativo-Positivo, Ativo-Passivo e Objetivo-Subjetivo, que resumem as principais relações cósmicas; este é o simbolismo fundamental das três dimensões do espaço: comprimento, largura e altura. Ao olhar para o Leste, de onde vem a luz, o Leste estará "à frente", o Oeste "atrás", o Sul "à direita" e o Norte "à esquerda", enquanto o Zênite e o Nadir permanecem imutáveis; estes dois últimos referem-se também ao par Princípio-Manifestação, sendo o primeiro termo para nós "objetivo", em virtude da sua Transcendência, e o segundo termo "subjetivo", porque perante o Absoluto o mundo somos nós e nós somos o mundo. Mas o Nadir também pode representar "profundidade" ou "interioridade" e, portanto, o Eu divino, caso em que o Zênite assumirá um aspecto de "projeção", de *Mâyâ ilimitada,* de desdobramento e Possibilidade indefinida; da mesma forma, a raiz de uma árvore se manifesta e se desdobra na e pela copa.

Machine Translated by Google

O espaço é definido igualmente, e até mesmo *a priori,* por dois elementos principais: o ponto — subjetivamente o centro — e a extensão, que expressam respectivamente os dois polos "absoluto" e "infinito"; o tempo, por sua vez, também compreende tais elementos, a saber, o instante — subjetivamente o presente — e a duração, com o mesmo significado.¹⁰ No número seis, o número implícito três corresponde ao centro ou presente, e o número dois à extensão e à duração; o centro-presente é expresso pelo ternário, e não pela unidade, porque a unidade é aqui concebida em relação às suas potencialidades e, portanto, em relação à sua possibilidade de desdobramento; a atualização desse desdobramento é expressa precisamente pelo número dois.¹¹ Tudo isso é uma forma de apresentar o aspecto "pitagórico" do número seis e, consequentemente, o papel desse número na Sabedoria integral.

* * *

"Medo", "amor" e "conhecimento", ou rigor, gentileza e substância; depois, perfeições "ativas" e "passivas", ou dinâmicas e estáticas: aqui reside, como vimos, a mensagem espiritual elementar do número principal seis. Este esquema expressa não apenas as modalidades da ascensão humana, mas também, e principalmente, as modalidades da Descida divina; é pelos seis degraus do Trono que a Graça salvadora desce ao homem, assim como é por esses seis degraus que o homem ascende à Graça. A sabedoria é, na prática, a "arte" de emergir da ilusão sedutora e aprisionadora, de emergir primeiro pela inteligência e depois pela vontade; consiste primeiro no conhecimento do "Bem Soberano" e, em seguida, por consequência, na adaptação da vontade a esse conhecimento, sendo as duas coisas inseparáveis da Graça.

10. De um ponto de vista bastante diferente, pode-se salientar que o número três se refere mais particularmente ao espaço, que tem três dimensões, enquanto o número dois está mais relacionado ao tempo, cujas "dimensões" são o passado e o futuro — sem falar aqui do quaternário cíclico contido na duração e que nada mais é do que um desenvolvimento da dualidade.
11. O número três evoca, na verdade, não o absoluto em si, como o número um, mas a potencialidade ou virtualidade que o Absoluto necessariamente abrange.

Machine Translated by Google

A sede da sabedoria

A Divina Mâyâ—Feminilidade *in divinis*— não é apenas aquilo que projeta e cria; é também aquilo que atrai e liberta. A Virgem Santíssima, como *Sedes Sapientiae,* personifica esta Sabedoria misericordiosa, que desce sobre nós e que nós também, quer saibamos disso ou não, carregamos em nossa própria essência; e é precisamente em virtude dessa potencialidade ou virtualidade que a Sabedoria desce sobre nós. A sede imanente da Sabedoria é o coração do homem.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

13

O Mistério das Duas Naturezas

É um fato curioso na história do cristianismo que o Papa Honório I, embora um pontífice impecável, tenha sido expulso da Igreja pelo Sexto Concílio Ecumênico unicamente por ter hesitado quanto à questão das "duas vontades" de Cristo. Um século e meio após a morte desse papa, o Sétimo Concílio Ecumênico considerou útil ou necessário ratificar a excomunhão de Honório I e incluir seu nome no anátema de todos os papas conhecidos.

heresias.

Esse ostracismo é logicamente surpreendente quando se leva em conta a complexidade da questão em jogo. Para alguns, Cristo possui duas vontades, pois é "verdadeiro homem e verdadeiro Deus"; para outros, essas duas vontades são uma só, já que — como o próprio Honório disse — a vontade humana de Cristo não pode operar em contradição com a sua vontade divina. Poderíamos dizer, *em linhas gerais,* que Cristo possui duas vontades em princípio e uma de fato; ou ainda, poderíamos usar a imagem de dois círculos sobrepostos e nos expressar assim: se é evidente que Cristo possui *a priori* duas vontades distintas, dadas as suas duas naturezas incomensuráveis, existe, no entanto, uma região em sua pessoa onde as duas vontades se fundem, como se vê precisamente no simbolismo geométrico de dois círculos que se intersectam.

O que se pode dizer a respeito das duas vontades aplica-se sobretudo, e com ainda mais razão, às duas naturezas: se é verdade que Cristo é ao mesmo tempo homem e Deus, então duas coisas são incontestáveis, a saber, a dualidade e a unidade de sua natureza. Não estamos dizendo que os monofisitas, que admitem apenas a unidade da natureza de Cristo, estejam certos em relação aos ortodoxos e católicos, mas também não dizemos que estejam intrinsecamente errados do seu ponto de vista; e o mesmo se aplica, consequentemente, aos monotelitas, que simplesmente aplicam o princípio monofisita a um aspecto particular da natureza do Deus-Homem. A justificação dos monofisitas

Machine Translated by Google

Aparece, paradoxalmente, na doutrina católica da transubstanciação: parece-nos apropriado aplicar aos elementos eucarísticos o que é dogmaticamente afirmado sobre Cristo, ou seja, que ele é “verdadeiro homem e verdadeiro Deus”; se assim for, poder-se-ia igualmente admitir que a Eucaristia é “verdadeiro pão e verdadeiro Corpo” ou “verdadeiro vinho e verdadeiro Sangue” sem comprometer a sua divindade. Dizer que o pão é apenas uma aparência é aplicar à Eucaristia a doutrina — considerada herética — dos monofisitas, para quem Cristo é, precisamente, apenas aparentemente um homem, uma vez que é realmente Deus; Assim como a qualidade de "verdadeiro homem" na doutrina católica e ortodoxa não impede que Cristo seja "verdadeiro Deus", também a qualidade de "verdadeiro pão" não deveria impedir que a hóstia fosse "verdadeiro Corpo" na mente dos teólogos, tanto mais que ambas as coisas — o criado e o incriado — são incomensuráveis, o que significa que a realidade física dos elementos não exclui seu conteúdo divino, assim como a corporeidade real de Cristo não impede a presença da natureza divina.

É preciso dizer novamente que o monofisismo e, portanto, também o transubstanciacionismo não são intrinsecamente errados — o contrário seria, na verdade, surpreendente — e pela seguinte razão: reconhecer que a humanidade de Cristo é um veículo da natureza divina equivale a dizer que, se em certo aspecto o lado humano é realmente humano, é de uma maneira que, no entanto, difere da humanidade dos homens comuns; a Presença divina transfigura ou transubstancia, de certa forma e *a priori,* a natureza humana; o corpo de Cristo já é aqui na Terra o que os corpos celestes são, com a única diferença de que, ainda assim, é afetado por alguns dos acidentes da vida terrena. O mesmo se aplica à Eucaristia: se em certo aspecto ela é “pão verdadeiro” e “vinho verdadeiro”, em outro — o que não anula o primeiro — ela é, de fato, substancialmente mais do que matéria comum; Metafisicamente, isso não obriga a fingir que essa matéria é “apenas uma aparência”, mas teologicamente, do ponto de vista de alternativas unidimensionais — poderíamos dizer “planimétricas” —, a negação da matéria real é provavelmente o único meio para uma certa mentalidade afirmar de forma eficaz e duradoura a transcendência da Eucaristia. Contudo, essa doutrina está fadada a ser uma “faca de dois gumes”, cujos perigos só podem ser neutralizados pela verdade esotérica, ou “teosofia” no sentido antigo e verdadeiro da palavra.

Machine Translated by Google

O Mistério das Duas Naturezas

Os teólogos parecem pensar que o pão e o vinho, como substâncias naturais, são indignos da Presença divina, e esse sentimento
Isso me faz lembrar uma tese de São Gregório de Nissa, que não é irrelevante aqui. Os helenistas[1] consideravam a Encarnação indigna de
Deus, devido à fragilidade e impureza dos corpos terrenos, em seu "Grande
Na catequese, São Gregório responde que somente o pecado, e não a materialidade carnal, é indigno de Deus. Os gregos poderiam ter respondido que
Os sofrimentos corporais, sendo vestígios do pecado original e da queda, participam. na indignidade do pecado e inquestionavelmente manifestá-lo; e o
O bispo de Nissa poderia ter retrucado que uma prova da compatibilidade entre o corpo humano e uma inerência divina é fornecida por
a inerência do Intelecto, que é de ordem celestial e
cuja transcendência os gregos foram os primeiros a reconhecer.
O argumento decisivo é que essas duas ordens, a criada e a
Incriados, não compartilham nenhuma medida comum e nada do que é
meramente natural — qualquer que seja sua causa remota — pode se opor
se entregar à presença de Deus.

* * *

O leitor desinformado que encontra no Alcorão que Jesus era "um"
dos que foram trazidos para perto" *(muqarrabûn)* e "um dos justos"
(sâlihûn)—Sura "A Família de Imran" [3]:45, 46—tem a seguinte reação: que Cristo
é "um daqueles que foram trazidos para perto" é evidente
De todos os pontos de vista, pois se os maiores profetas não estão "próximos"
Quem, então, poderia ser Deus? E que Cristo era "um dos justos" é evidente *a fortiori* e por várias ordens de magnitude, matematicamente falando. Na realidade, ambos os aparentes pleonasmos são meramente
elipses destinadas a ilustrar uma posição doutrinária dirigida contra o
Tese cristã da dupla natureza de Cristo; em termos gerais,
Quando o Alcorão parece fazer afirmações óbvias demais e decepcionantes em seu contexto, ele está se valendo de uma interpretação implícita.

1. Referimo-nos aqui aos partidários do helenismo, ou seja, aos helenistas.
tradição, que não podemos chamar de "pagã", já que a estamos concebendo em relação a
seus valores espirituais, embora a palavra "helenista" seja mais frequentemente usada para designá-los, por um lado
Por um lado, os judeus helenizados da antiguidade e, por outro, os estudiosos versados em grego.
língua e literatura.

Machine Translated by Google

polêmica; em outras palavras, visa uma opinião particular, que não enuncia e que precisa ser conhecida para que se compreenda a passagem. O que o Islã pretende afirmar, à sua maneira e de acordo com sua perspectiva, é que Jesus é "verdadeiro homem e verdadeiro Deus": em vez de dizer "homem", o Alcorão diz "justo" para definir imediatamente a natureza desse homem; e como sua intenção é especificar que nenhum homem é Deus, sugere o que em termos cristãos é chamado de "natureza divina" de Cristo usando a expressão "aproximado", que denota a posição mais elevada que o Islã pode atribuir a um ser humano.

Seja como for, a natureza dupla de Cristo é suficientemente especificada no seguinte versículo: "Jesus, o Messias, filho de Maria, é o Mensageiro de Deus e a Sua Palavra, que Ele (Deus) colocou em Maria, e (Jesus é) do Seu Espírito (o Espírito de Deus)" *(Sura* "Mulheres" [4]: 171). Ao admitir a Imaculada Conceição e o Nascimento Virginal, o Islã aceita à sua maneira a natureza divina de Jesus:[2] "à sua maneira", isto é, com a óbvia ressalva de que sempre pretende dissociar o divino do humano e, portanto, que o fenômeno crístico não é para ele mais do que uma maravilha particular da Onipotência.

* * *

Já mencionamos acima que o ostracismo pelos dois Conselhos de Honório I em particular, e os monofisitas-monotelitas em geral, são logicamente surpreendentes; ora, dizer "logicamente" implica uma ressalva, pois não é surpresa, do ponto de vista exotérico, que uma formulação demasiado fragmentária ou, em alguns aspectos, inoportuna seja considerada um crime;[3] isto demonstra que se está lidando com um

2. Segundo um *hadith,* Jesus e Maria foram os únicos seres humanos que o diabo não tocou com suas garras ao nascer, e que, portanto, não gritaram ao nascer.

3. Deixe-se dizer, de passagem, que a anatematização de Honório I prova, além disso, não que ele fosse herege, mas que era considerado como tal e que, como resultado, a Igreja admite que um papa pode cair em heresia — exceto, é claro, quando promulga uma definição dogmática ou moral *ex cathedra;* poder-se-ia rejeitar isso propondo que Honório I não fez mais do que pecar contra a disciplina; mas, nesse caso, os anátemas que lhe foram atribuídos canonicamente seriam inexplicáveis. Seja como for, não há nada em princípio que impeça um papa de arruinar a

Machine Translated by Google

domínio que deve ser distinguido daquele do conhecimento puro, portanto desinteressado, que admite a interação de aspectos e pontos de vista sem jamais se prender a alternativas artificiais ou inflamatórias. É importante, contudo, não confundir elaborações teológicas, que são fluidas e produtoras de cisões, com dogmas em si, que são fixos; tais elaborações—embora também providenciais em seu nível — assumem a aparência de sistemas dogmáticos por sua vez, mas de forma muito mais contingente do que aqueles dentro das quais se situam como modalidades; estas são *upâyas menores,* se assim o desejarem, isto é, "miragens salvadoras" ou "meios espirituais", concebidos para tornar mais acessível essa principal *upâya ,* que é a religião. Agora é É essencial ter em mente a ideia de "verdade menor" ou "relativa". erro" contido nessa noção budista; significa que existe, em a parte do Céu, "tolerância por meio da Misericórdia" e não "completa" aprovação". Pois o homem é uma forma, e precisa de formas; mas como ele Além disso — e acima de tudo — ele precisa da Essência, que a religião ou a sabedoria supostamente lhe comunicam; ele realmente precisa de uma "forma de a Essência" ou uma "manifestação do Vazio" *(shûnyamûrti).* Se em Uma forma de respeito é uma extensão da Essência, enquanto outra a contradiz, o que explica, por um lado, a ambiguidade do... *upâya* exotérico e, por outro lado, para dois aspectos do esoterismo, uma das quais amplia e intensifica o *upâya dogmático,* enquanto A outra é independente dela a ponto de poder contradizê-la. À objeção de que o esoterismo também pertence ao formal ordem, é preciso responder que o esoterismo está ciente disso e que tende a transcender a acidentalidade de sua própria forma, enquanto o exoterismo se identifica total e fortemente com sua forma.

O resultado disso, de forma totalmente óbvia, é que a linha divisória entre a ortodoxia e a aparente, e, portanto, A heresia, por ser meramente extrínseca, depende de contingências psicológicas ou morais de uma origem étnica ou cultural; enquanto a heresia fundamental

Igreja sem ter que fazer a mínima declaração *ex cathedra ;* a Os maiores teólogos admitem a possibilidade de um papa cair em heresia, e O problema central para eles, então, passa a ser se o papa herege será deposto *ipso fato* ou deve ser deposto canonicamente. No entanto, a possibilidade em questão aqui—de do qual Honório I não é de forma alguma um exemplo — só pode ocorrer em um grau tão severo em circunstâncias totalmente anormais, que o século XX, de fato, proporciona; Ainda restaria a questão de saber se o papa que poderia ser incriminado era um papa legítimo em relação às condições de sua eleição.

Machine Translated by Google

A upâya, claramente, transmite a verdade total através do seu simbolismo; o mesmo não se pode dizer daquela *upâya* menor que é a teologia; a sua relatividade — em relação à verdade total — é, além disso, comprovada, na esfera cristã, pela noção de "progresso teológico", que contém uma admissão simultaneamente franca e assustadora.4 É verdade que toda teologia pode conduzir incidentalmente às mais profundas percepções, mas não pode, na sua doutrina geral e oficial, chegar às conclusões que tais percepções acarretam.

É um erro radical acreditar que os maiores porta-vozes da teologia, mesmo que sejam santos canonizados, detêm *ipso facto* todas as chaves da sabedoria suprema;ÿ eles são instrumentos da Providência e não são chamados a ir além de certos limites; pelo contrário, seu papel é formular quais são esses limites, segundo uma perspectiva desejada direta ou indiretamente pelo Céu. Por "indiretamente", entendemos os casos em que o Céu tolera uma limitação exigida — ou tornada desejável — por uma predisposição humana particular, talvez não bem definida *a priori,* mas que, no entanto, se mostra predominante; isso explica a maioria das diferenças ou divergências — na maioria dos casos unilateraisÿ — entre as Igrejas Ocidental e Oriental.

Algumas dessas diferenciações podem parecer um luxo gratuito, mas são, no entanto, inevitáveis e, em última análise, oportunas e coletivas.

4. Uma de duas coisas: ou há progresso teológico, caso em que a teologia tem pouca importância; ou a teologia é importante, caso em que não pode haver progresso teológico.

5. Assim, a "sabedoria dos santos", que alguns procuram contrapor à metafísica, não passa de um abuso de linguagem; a "sabedoria" do Eclesiástico não é, afinal, da mesma ordem que a dos Upanishads. Deve-se notar, a este respeito, que se as Escrituras Semíticas, mesmo as mais fundamentais, não têm o teor do *Vedanta,* é porque, ao contrário do *Vedanta,* não se dirigem exclusivamente a uma elite intelectual, mas têm uma função que as obriga a levar em conta as possibilidades encontradas na alma coletiva e a antecipar as mais diversas reações.

A isso deve-se acrescentar que um livro sagrado, como o Evangelho, por exemplo, que parece dirigir-se a pecadores, pelo menos inicialmente, dirige-se, na verdade, a qualquer homem na medida em que peca; isso confere à noção de pecado o significado mais amplo possível — o de um movimento centrífugo, seja compressivo ou dispersivo — mesmo quando, propriamente falando, não há transgressão objetiva. A linguagem sagrada, mesmo que inicialmente dirigida a homens específicos, dirige-se, em última análise, ao homem como tal.

6. Pois o espírito de inovação encontra-se nos latinos, fato que resulta, além disso, da paradoxal coincidência entre o profetismo e o cesarismo no papado.

Machine Translated by Google

Considerando as mentalidades como são, essa oportunidade não tem nada de absoluto e não pode impedir que uma espécie de veneno, oculto neste ou naquele particularismo teológico, se manifeste no curso da história, tardiamente e ao entrar em contato com ideias falsas cuja possibilidade os teólogos não conseguiram prever.

Considerando os fatores mais gerais da questão, diremos que os dogmatismos semíticos, assim como *os darshanas* hindus como o Vishnuísmo de Ramanujan, pertencem ao espírito cavalheiresco e heroico,ÿ que necessariamente tende ao voluntarismo e ao individualismo, e, portanto, a um antropomorfismo moralizante. É tendo em vista esse temperamento, e por causa dele, que os dogmas exclusivistasÿ são cristalizados e suas teologias correspondentes elaboradas, o que implica claramente que esse temperamento ou essa maneira de ver e sentir é aceitável a Deus como a "matéria-prima" do *upâya;* contudo, visto que cada religião é, por definição, uma totalidade — como comprovado por seu caráter imperativo e incondicional — e visto que Deus jamais poderia impor limites absolutos, o fenômeno religioso, por definição, abrange o fenômeno esotérico, que é transmitido em princípio e, por preferência, em diferentes graus, por vocações que favorecem a contemplação, incluindo o sagrado.

arte.

7. O fato de Ramanuja ser um *brâmane* e não um *xátria* não é motivo de objeção, visto que todas as castas — na medida em que são predisposições particulares — se refletem ou se repetem em cada casta individual, de modo que um *brâmane* do tipo *xátria* é individualmente equivalente a um *xátria* do tipo *brâmane* . Além disso, toda coletividade humana produz um tipo humano sem afinidade com o pensamento especulativo; é ainda mais paradoxal e significativo que seja esse tipo ou mentalidade — que um hindu chamaria de perspectiva *shûdra* — que determina todas as chamadas "novas" castas.

teologia" e constitui sua única originalidade e seu único mistério.

8. Tal adjetivo não é um pleonasmo, pois um axioma metafísico também pode ter um caráter dogmático, na prática, sem que isso implique excluir formulações que dele divirjam. Por outro lado, existem axiomas metafísicos cujo caráter condicional é reconhecido *a priori,* dependendo do grau de relatividade da ideia expressa: assim, os arquétipos contidos no Intelecto criador são mais reais do que sua manifestação cósmica, embora sejam ilusórios em relação à Essência divina; tais e tais divindades hindus são dogmaticamente invioláveis, mas desaparecem diante de *Paramâtmâ* ou, melhor dizendo, são reabsorvidas por ele, de modo que pode ser possível negar sua existência sem heresia, desde que, é claro, se negue, pelo mesmo princípio, todos os seres que sejam ainda mais relativos.

Machine Translated by Google

Uma certa mentalidade subjacente de guerreiro ou cavaleiroÿ explica muitas oscilações teológicas e as disputas que se seguiram—as a natureza de Cristo e a estrutura da Trindade tendo sido a questões notáveis em discussão no mundo cristão — assim como relata para formas de mente fechada como a incompreensão e intolerância dos antigos teólogos em relação à metafísica e aos mistérios do helenismo. É, além disso, essa mesma mentalidade que produziu a divergência, no próprio âmago da tradição grega, entre Aristóteles e Platão, tendo Platão personificado em essência o espírito *brâhmana* inerente à tradição órfica e pitagórica,10 enquanto o estagirita formulou uma metafísica que era, em certos aspectos, respeita a centrífuga e se abre perigosamente ao mundo dos fenômenos, ações, experiências e aventuras.11

Após este parêntese, que é o contexto geral do caso de Honório I permite, ou mesmo exige, que voltemos à nossa doutrina. assunto.

* * *

O problema das duas naturezas de Cristo pode ser reduzido, no último análise, para a relação entre o relativo e o absoluto: Se Cristo é o Absoluto inserido na relatividade, segue-se que, não apenas que o relativo retorne, assim, ao absoluto, mas também e

9. Não se pode perder de vista o fato de que, em todos os climas, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos — em proporções bastante diversas — e a Índia não é exceção; As disputas do vishnuísmo sectário são um exemplo disso.

10. É evidente que o período clássico — com seu profundo intelecto e O desvio artístico — e sua recorrência na época do Renascimento — é evidente. exemplos de guerreiro ou cavaleiro, e portanto *kshatriya,* luciferianismo; no entanto, nós fazemos Não estamos nos referindo aqui a desvios como tais, pois, ao contrário, estamos falando de manifestações normais, que são aceitáveis para o Céu; caso contrário, poderia haver Não há qualquer questão de upâyas voluntaristas e emocionais .

11. Mas não responsabilizemos o aristotelismo pelo mundo moderno, que é devido a uma convergência de vários fatores, como os abusos — e as reações subsequentes — provocados pelo idealismo irrealista do catolicismo, e também pelas exigências divergentes e irreconciliáveis das mentalidades latina e germânica, tudo isso que levam, precisamente, ao cientificismo e à mentalidade profana.

Machine Translated by Google

Acima de tudo, que o relativo seja prefigurado no Absoluto; este é o significado do Verbo incriado, que se manifesta na ordem humana, não apenas na forma de Cristo ou do *Avatar,* mas também e *a priori* na forma do Intelecto imanente, e isso nos leva de volta à complementaridade entre Revelação e Intelecto. O Absoluto manifestado no mundo humano está em

Uma vez Verdade e Presença, ou um ou outro destes dois elementos, mas sem poder excluir o seu complemento. O elemento “Presença” tem precedência no Cristianismo, daí os sacramentos e a ênfase no aspecto volitivo do homem; em outros contextos, e sobretudo na *gnose universal,* que conserva os seus direitos em todo o lado, é o elemento “Verdade” que determina os meios do caminho, de diversas maneiras e em diversos níveis.

Para sermos o mais claros possível, é necessário insistir no seguinte princípio: não existe relação possível entre o Absoluto em si e a relatividade; para que tal relação exista, deve haver algo relativo no Absoluto e algo absoluto no relativo. Em outras palavras: se admitirmos que o mundo é dis-

Ao considerarmos a distinção entre o divino e o divino, devemos admitir que ela está prefigurada no próprio Deus, o que significa que a Sua unidade de Essência — que nunca é questionada — compreende graus; não admitir essa polarização *no divino* é deixar a existência do mundo sem causa, ou é admitir que existem duas realidades distintas e, portanto, dois “Deuses”, a saber, Deus e o mundo. Pois uma de duas coisas acontece: ou o mundo é explicado a partir de Deus, caso em que há em Deus prefiguração e ato criador, e, portanto, relatividade; ou então não há relatividade em Deus, caso em que o mundo é inexplicável e é colocado no mesmo nível que Deus. Enfatizamos mais uma vez que a Relatividade divina, a causa do mundo, cumpre o papel do Absoluto em relação ao mundo; nesse sentido, os teólogos têm razão em defender, em certos casos, a absolutidade de tudo o que é divino; a absolutidade, para eles, é, portanto, sinônimo de Divindade.

Correndo o risco de nos repetirmos, poderíamos expressar isso da seguinte maneira: quem admite a presença do Absoluto no mundo, na forma de Cristo, por exemplo, deve admitir igualmente a presença do relativo em Deus — na forma do Verbo, precisamente; quem nega que possa haver qualquer relatividade em Deus deve considerar o Criador, o Revelador ou o Redentor como estando situados abaixo de Deus, à maneira do demiurgo; pois o Absoluto como tal não é relatividade.

Machine Translated by Google

não cria, nem revela, nem salva. Ao recusar admitir a relatividade das *hipóstases,* há um elemento de confusão entre o Absoluto e sublime: pois a Divindade merece ou exige. Durante o culto, há quem deseje que a Divindade seja "absolutamente absoluto" em todos os aspectos possíveis, se pudermos nos expressar, provisoriamente e incidentalmente, dessa maneira. Ora, Deus é merecedor da adoração de *latria,* não na medida em que Ele não compreende relatividade — pois nesse aspecto Ele é humanamente inacessível — mas na medida em que Ele é absoluto em relação à relatividade do mundo, ao mesmo tempo que incorpora um aspecto da relatividade em virtude desse mesmo contato.

Poder-se-ia objetar que a tese da reciprocidade entre o O absoluto e o relativo não levam em consideração a incomensurabilidade, e consequentemente a assimetria, entre os dois termos; Isso é verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Se alguém desejasse enfatizar o Devido à natureza incomensurável de Deus, não se poderia fazê-lo simplesmente por negar a relatividade dentro do Princípio divino; só se poderia fazê-lo adequadamente separando o Princípio criador do intrínseco Absoluto, que nos leva de volta à alternativa entre *Paramâtmâ* e *Mâyâ,* e então à absorção do segundo termo pelo primeiro, precisamente como resultado de sua incomensurabilidade. Essa redução do real ao Uno sem um segundo é exatamente o que aqueles aqueles que negam a relatividade *em divinis* não querem, muito menos, pois sustentam ferozmente à realidade incondicional e, de certa forma, imensa do mundo; ao desejar um Deus "absolutamente absoluto" situado acima de um incondicionalmente no mundo real, eles buscam manter "os dois pés no chão". "fundamento" sem sacrificar nada da transcendência. Na realidade, No entanto, o Universo nada mais é do que um interior e, por assim dizer, dimensão onírica de Deus: reflete as qualidades divinas em um modo que implica contraste, movimento e privação, concretizando assim a possibilidade de Deus ser outro que não Deus, uma possibilidade contida na própria Infinitude divina.

Machine Translated by Google

14

Mistérios Crísticos e Virginais

Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus. O primeiro mistério é a Encarnação; o segundo, a Redenção.

Contudo, assim como o Verbo, ao assumir a forma humana, já estava, em certo sentido, crucificado, também o homem, ao retornar a Deus, deve participar de ambos os mistérios: o ego é crucificado para o mundo, mas a graça da salvação se encarna no coração; a santidade é o nascimento e a vida de Cristo em nós.

Este mistério da Encarnação tem dois aspectos: o Verbo, por um lado, e seu receptáculo humano, por outro: Cristo e a Virgem-Mãe. Para poder realizar em si mesma este mistério, a alma deve ser como a Virgem; pois assim como o sol só se reflete na água quando está calmo, assim também a alma só pode receber Cristo em pureza virginal, em simplicidade original, e não no pecado, que é turbulência e desequilíbrio.

Por “mistério” não queremos dizer algo incompreensível em princípio — a menos que seja em um nível puramente racional — mas algo que se abre para o Infinito, ou que é concebido nesse sentido, de modo que a inteligibilidade se torna ilimitada e humanamente inexaurível.
Um mistério é sempre "algo de Deus".

* * *

Ave Maria gratia plena, Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus.[1]

1. “A devoção do Rosário... quando corretamente compreendida, é tão antiga quanto a Igreja. É a devoção apropriada aos cristãos. Serve para reviver e manter o espírito e a vida do cristianismo. A novidade do Nome só pode ofender aqueles que não conhecem seu verdadeiro significado: e São Domingos, que é considerado o

Machine Translated by Google

Maria é a pureza, a beleza, a bondade e a humildade do universo.
Substância; o reflexo microcósmico dessa Substância é a alma.
em estado de graça. A alma em estado de graça batismal corresponde à
Virgem Maria; a bênção da Virgem está sobre aquele que
purifica sua alma para Deus. Essa pureza — o estado mariano — é a
condição essencial, não apenas para a recepção dos sacramentos, mas
também para a concretização espiritual da Presença Real da Palavra.
Pela palavra *ave,* a alma expressa a ideia de que, ao se conformar a
A perfeição da Substância, coloca-se ao mesmo tempo em
harmonia com isso, enquanto implorava a ajuda da Virgem Maria, que
personifica essa perfeição.

Gratia plena: Substância primordial, em razão de sua pureza, sua
A bondade, e sua beleza, estão repletas da Presença divina. É pura.
Porque não contém nada além de Deus; é bom porque
compensa e absorve todas as formas de desequilíbrio cósmico, pois
É a totalidade e, portanto, o equilíbrio; é bela porque é totalmente submissa a
Deus. É assim que a alma, o reflexo microcósmico da Substância — corrompida
pela queda — deve tornar-se pura novamente.
Bom e bonito.

Dominus tecum: esta Substância não está apenas repleta do divino
Presença de maneira ontológica ou existencial, no sentido de que
Está imbuído disso por definição, isto é, por sua própria natureza, mas é
também em constante comunicação com a Palavra em si. Assim, se *gra-tia*
plena significa que o Mistério divino é imanente no
A substância em si, *Dominus tecum,* significa que Deus, em Sua transcendência
metacósmica, é revelado à Substância, assim como o olho,
que está repleta de luz, vê, além disso, o próprio sol. A alma
Cheios de graça, veremos a Deus.

Benedicta tu in mulieribus: comparada com todas as substâncias
secundárias, somente a Substância total é perfeita e totalmente divina.
Graça. Todas as substâncias derivam dela por meio de uma ruptura do
equilíbrio; da mesma forma que todas as almas caídas derivam da alma
primordial através da queda. A alma em estado de graça — a alma
puro, bom e belo — retorna à perfeição primordial; é
sendo assim “abençoada” entre todas as substâncias microcósmicas.

O autor desta devoção é, na verdade, apenas o seu Restaurador” *(La solide Dévotion du Rosaire,*
por um dominicano desconhecido do início do século XVIII).

Machine Translated by Google

Et benedictus fructus ventris tui, Jesus: o que em princípio é *Dominus tecum* torna-se, na manifestação, *fructus ventris tui, Jesus;* isto é, o Verbo, que se comunica com a substância sempre virgem da Criação total, reflete-se em sentido inverso dentro desta Criação: aparecerá como o fruto, o resultado, não como a raiz, a causa. E ainda: a alma submissa a Deus pela sua pureza, bondade e beleza parece dar à luz a Deus, segundo as aparências; mas Deus, nascendo assim nela, irá transmutá-la e absorvê-la, como Cristo transmuta e absorve o seu corpo místico, a Igreja, que de militante e sofredora se torna triunfante. Mas, na realidade, o Verbo não nasce na Substância, pois o Verbo é imutável; é a Substância que morre no Verbo. Novamente, quando Deus parece germinar na alma, é na realidade a alma que morre em Deus.

Benedictus: o Verbo que se encarna é a própria Bênção; contudo, como segundo as aparências se manifesta como Substância, como alma, é chamado de bem-aventurado; pois é então contemplado, não em relação à sua transcendência — que tornaria a Substância irreal — mas em relação à sua aparência, à sua Encarnação: *fructus.*

Jesus: é a Palavra que determina a Substância e se revela a ela. Macrocosmicamente, é a Palavra que se manifesta no Universo como o Espírito divino; microcosmicamente, é a Presença Real, afirmando-se no centro da alma, expandindo-se para fora e, finalmente, transmutando-a e absorvendo-a.[2]

* * *

As perfeições virginais são pureza, beleza, bondade e humildade; são essas qualidades que a alma em busca de Deus deve alcançar.

Pureza: a alma está vazia de todo desejo. Todo movimento natural que se manifesta na alma é então considerado em relação à sua qualidade passional, ao seu aspecto de concupiscência, de sedução. Essa perfeição é fria, dura e transparente como o diamante. É a imortalidade que exclui toda corrupção.

2. Esta expressão não deve ser interpretada literalmente, assim como outras expressões de união que se seguirão; o essencial aqui é estar ciente da “deificação”, qualquer que seja o significado que se possa atribuir a este termo.

Machine Translated by Google

Beleza: a beleza da Virgem expressa a Paz divina. É no perfeito equilíbrio de suas possibilidades que a Substância universal realiza sua beleza. Nessa perfeição, a alma abandona toda dissipação para repousar em sua própria perfeição substancial, primordial e ontológica. Dissemos acima que a alma deve ser como uma extensão de água perfeitamente calma; todo movimento natural da alma se manifestará então como agitação, dissipação, distorção e, portanto, como feiura.

ness.

Bondade: a misericórdia da Substância cósmica consiste nisto: virgem em relação aos seus produtos, ela compreende um poder inesgotável de equilíbrio, de correção, de cura, de absorção do mal e de manifestação do bem; sendo maternal para com os seres que a ela se dirigem, de modo algum lhes nega a sua ajuda.

Da mesma forma, a alma deve desviar seu amor do ego endurecido e direcioná-lo para o próximo e para toda a criação; a distinção entre “eu” e “outro” é como que abolida; o “eu” tornou-se “outro” e o “outro” tornou-se “eu”. A distinção passional entre “eu” e “tu” é um estado de morte, comparável à separação entre a alma e Deus.

Humildade: a Virgem, apesar de sua suprema santidade, permanece mulher e não aspira a nenhum outro papel; a alma humilde tem consciência de sua própria condição e se apaga diante daquilo que a supera. É assim que
que a *Matéria Prima* do Universo permanece em seu próprio nível e
jamais busca apropriar-se da transcendência do Princípio.

Os mistérios — alegres, dolorosos e gloriosos — de Maria são tantos aspectos da realidade cósmica, por um lado, e da vida mística, por outro.

Assim como Maria, e assim como a Substância universal, a alma santificada é “virgem”, “esposa” e “mãe”.

* * *

A natureza de Cristo se manifesta em quatro mistérios: encarnação, amor, sacrifício e divindade; e neles a alma humana deve participar de diversas maneiras.

A encarnação: esta se manifesta, como princípio, em todo ato divino positivo, como a criação, ou dentro da criação em várias afirmações divinas.

Machine Translated by Google

ções, como as Escrituras. Na alma, é o nascimento do Divino — a graça — mas também *da gnose,* que transforma o homem e lhe dá a salvação; igualmente, é o ato divino da oração do coração, o Nome de Deus encarnado na alma como uma força invencível.

Cristo, como pura afirmação divina, entra no mundo — e na alma — com a força de um relâmpago, da espada desembainhada; toda a imagem natural da alma aparece então como passividade ou indulgência para com o mundo, um esquecimento de Deus por fraqueza e negligência. A encarnação é, na alma, a presença vitoriosa — e incessantemente renovada — do Milagre divino.

Amor: Deus é amor, vida infinita. O ego, ao contrário, é um estado de morte, comparável, em seu egoísmo congênito, a uma pedra, e também, em sua vã mesquinhez, a areia estéril e movediça. O coração endurecido precisa ser liquefeito; sua indiferença para com Deus precisa se transformar em fervor, e assim se tornará indiferente em relação ao ego e ao mundo. O dom das lágrimas é uma manifestação dessa liquefação; a embriaguez espiritual é outra.

Sacrifício: na cruz, a aniquilação de Cristo atinge seu ponto culminante no estado de abandono entre o Céu e a Terra. É assim que o ego deve ser aniquilado, num vazio perfeito, diante da Realidade exclusiva de Deus.

Divindade: o que corresponde a isso na alma é a espiritualidade pura, ou seja, a união permanente com Deus. É a lembrança de Deus que deve se tornar o verdadeiro centro do nosso ser, em lugar do ego ilusório, que se dissipa nas aparências deste mundo terreno. A pessoa humana torna-se perfeitamente “ela mesma” somente além de si mesma, em profunda e inexprimível União.

* * *

A Oração do Senhor é a mais excelente de todas as orações, pois tem Cristo como seu autor; portanto, é mais excelente, como oração, do que a *Ave Maria,* e é por isso que é a primeira oração do Rosário. Mas a *Ave Maria* é mais excelente do que a Oração do Senhor, pois contém o Nome de Cristo, misteriosamente identificado com o próprio Cristo, visto que “Deus e o Seu Nome são um”. Cristo é mais do que a oração que ensinou, e a *Ave Maria,* que contém Cristo através do Seu Nome, é, portanto, mais do que esta oração; é por isso que as recitações da *Ave Maria* são

Machine Translated by Google

muito mais numerosos do que os do *Pai Nosso,* e é por isso que a *Ave* Maria constitui, com o Nome do Senhor que contém, a própria essência do Rosário. O que acabamos de afirmar equivale a dizer
que a oração do “servo” dirigida ao “Senhor” corresponde aos “Mistérios Menores” — e lembramos que estes dizem respeito a
a realização do estado primordial ou edênico e, portanto, a plenitude do estado humano — enquanto o próprio Nome de Deus corresponde a...
responde aos “Grandes Mistérios”, cuja finalidade está além de tudo. estados individuais.

Do ponto de vista microcósmico, como vimos, “Maria” é a alma em estado de “graça santificante”, qualificada para receber o “Presença Real”; “Jesus” é a Semente divina, a “Presença Real”. que deve provocar a transmutação da alma, ou seja, a sua universalização ou sua reintegração no Eterno. “Maria”—como a “Lótus” significa “superfície” ou “horizontal”; “Jesus” – assim como a “Joia”[3] – é “centro” e, em relação dinâmica, “vertical”. “Jesus” é Deus em Deus, que nos penetra e nos transfigura.

Entre as meditações do Rosário, os “Mistérios gozosos” dizem respeito, do ponto de vista aqui adotado e em conexão com orações jaculatórias, a “Presença Real” do Divino no humano; Quanto aos “Mistérios Dolorosos”, eles descrevem a redenção. “Aprisionamento” do Divino no humano, a inevitável profanação da “Presença Real” pelas limitações humanas; finalmente, os “Mistérios gloriosos” relacionam-se à vitória do Divino sobre o humano. a libertação da alma pelo Espírito.

3. Estamos aqui fazendo alusão à conhecida fórmula budista: *Om mani padme hum.* Vale a pena notar uma analogia entre esta fórmula e o nome “Jesus de *Nazaré:* o significado literal de Nazaré é "flor", e *mani padme* significa "joia". na flor de lótus”.

Machine Translated by Google

15

A Cruz

Se a Encarnação tem o significado de uma “descida” de Deus, Cristo é, portanto, equiparado a toda a criação. Ele a contém, por assim dizer; ele é uma segunda criação, que purifica e redime a primeira. Ele assume, com a cruz, o mal da Existência; para poder assumir esse mal, foi necessário que Deus se tornasse Existência. A cruz está em toda parte porque a criação é necessariamente separada de Deus; a Existência se afirma e floresce através do gozo, mas o gozo se torna pecado na medida em que Deus não é seu objeto, embora todo gozo contenha uma justificativa metafísica no fato de ser dirigido a Deus por sua natureza existencial; todo pecado é quebrado aos pés da cruz. Mas o homem não é feito apenas de desejo cego; ele recebeu inteligência para que possa conhecer a Deus; ele deve tomar consciência do fim divino em tudo e, ao mesmo tempo, deve “tomar a cruz” e “oferecer a outra face”, isto é, deve se elevar acima da lógica interna da prisão da existência. Sua lógica, que é "tolice" aos olhos do mundo, deve transcender o plano desta prisão: deve ser "vertical" ou celestial, não "horizontal" ou terrestre.

A existência ou “manifestação” tem dois aspectos: a árvore e a cruz; a árvore jubilosa, que carrega a serpente, e a cruz dolorosa, que carrega o Verbo encarnado. Para os ímpios, a existência é um mundo de paixão que o homem justifica por uma filosofia “segundo a carne”; para os eleitos, é um mundo de provação transpassado pela graça, pela fé e *pela gnose.*

Jesus não é apenas o novo Adão, mas também a nova Criação. O antigo é totalidade e circunferência; o novo, unicidade e centro.

* * *

Machine Translated by Google

Não podemos escapar da cruz, assim como não podemos escapar da Existência. Na raiz de tudo o que existe, está a cruz. O ego é um caminho descendente que afasta o homem de Deus; a cruz é a interrupção desse caminho.
Se a Existência é “algo de Deus”, também é algo “que não é Deus”, e é isso que o ego encarna. A cruz traz este último de volta ao primeiro e, ao fazê-lo, permite-nos superar.
Existência.

O que torna o problema da Existência tão complexo é que Deus se manifesta em toda parte, pois nada poderia existir fora d'Ele; o que importa é nunca se separar dessa percepção distante do Divino. E é por isso que o gozo à sombra da cruz é concebível e até inevitável; existir é desfrutar, mesmo que seja aos pés da cruz. É aí que o homem deve se manter, pois essa é a natureza profunda das coisas; o homem só pode violar essa natureza na aparência. O sofrimento e a morte nada mais são do que a cruz reaparecendo na carne cósmica; a Existência é uma rosa marcada com uma cruz.

* * *

A moral social distingue entre a retidão de um homem e a incorreção de outro; mas a moral mística de Cristo, falando estritamente, não admite que ninguém esteja certo, ou melhor, situa-se num plano onde ninguém está inteiramente certo, visto que todo homem é pecador, e “não há ninguém bom senão um, que é Deus”.[1] A Lei de Moisés prevê o apedrejamento de um homem por ofender a sociedade, um adúltero, por exemplo, mas para Cristo só Deus pode ser ofendido, e isso exclui todas as formas de vingança; todo homem é culpado perante o Eterno. Todo pecado é o de Adão e Eva, e todo ser humano é Adão ou Eva;[2] o primeiro ato de justiça será, portanto, perdoar o nosso próximo.

1. “Porque eu nada sei de mim mesmo; e nem por isso sou justificado; quem me julga é o Senhor” (1 Coríntios 4:4).

2. São Gregório Magno afirma em uma carta, citada pelo Venerável Beda em sua *História Eclesiástica da Igreja e do Povo Inglês,* que “todo pecado procede de três causas, a saber, sugestão, prazer e consentimento. A sugestão vem do demônio, o prazer do corpo e o consentimento da vontade. A serpente sugeriu o primeiro pecado, e Eva, como carne, encontrou nele um prazer carnal, enquanto Adão, como mente, consentiu com ele; mas somente a inteligência mais sutil pode discernir entre sugestão e prazer, e entre prazer e consentimento”.

Machine Translated by Google

A culpa do “outro” é, em essência, nossa; é apenas uma manifestação.
da falha latente que constitui nossa substância comum.

Mas Cristo, cujo Reino “não é deste mundo”, deixa aberta uma porta para a justiça humana na medida em que ela é inevitável: “Dai, pois, a César o que é de César”. Negar essa justiça em todos os níveis equivaleria a estabelecer a injustiça; contudo, é necessário vencer o ódio, reconduzindo o mal à sua raiz, àquela “ofensa” que inevitavelmente o precede, e sobretudo descobrindo-a em nossa natureza, que é a de todo ego; o ego é uma ilusão ótica que transforma um raio em um cisco, e vice-versa, conforme se trate de “nós mesmos” ou de “outro”. É necessário encontrar, através da Verdade, aquela serenidade que tudo compreende, “tudo perdoa” e tudo reduz ao equilíbrio; é necessário vencer o mal com a paz, que está além do mal e, portanto, não é o seu contrário; a verdadeira paz não tem contrário.

“Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra”: somos todos da mesma substância pecaminosa, da mesma matéria suscetível a esse abscesso que é o mal, e somos, consequentemente, todos cúmplices do mal, de uma forma sem dúvida indireta, mas não menos real; é como se cada um carregasse em si uma partícula de responsabilidade por todo o pecado.

O pecado surge, então, como um acidente cósmico, exatamente como o ego em uma escala maior; falando estritamente, está sem pecado quem está sem ego e, por isso, é como o vento, do qual ninguém pode “dizer de onde vem, nem para onde vai”. Se somente Deus tem o direito de punir, é porque Ele está além do ego; odiar significa arrogar para si o lugar de Deus, esquecer a própria participação humana em uma miséria comum, atribuir ao próprio “eu” uma espécie de absolutidade, separando-o da substância da qual os indivíduos são apenas contrações ou nós. É verdade que Deus às vezes delega seu direito de punição ao homem na medida em que este se eleva acima do “eu”, ou deve e pode se elevar; mas ser instrumento de Deus é estar sem ódio pelo homem. No ódio, o homem esquece o “pecado original” e, com isso, sobrecarrega-se, em certo sentido, com o pecado do outro; é porque nos fazemos Deus sempre que odiamos que devemos amar nossos inimigos. Odiar o outro é esquecer que só Deus é perfeito e só Deus é Juiz. Em boa lógica, só se pode odiar “em Deus” e “por Deus”; devemos odiar o ego, não a “alma imortal”, e odiar aquele que odeia a Deus, na medida em que odeia a Deus e não a Ele.

Machine Translated by Google

Caso contrário, o que equivale a dizer que devemos odiar o seu ódio.
de Deus e não de sua alma.3

* * *

"Tomar a cruz" é manter-se próximo do existencial.
cruz, ou seja: existe o polo "pecado" e o
poste "cruz", o cego se lançando no prazer e o consciente
Parando, o "caminho largo" e o "caminho estreito". Para "tomar o
"A cruz" não é, essencialmente, "nadar com a maré"; é "discernir os
espíritos", manter-se incorruptível naquele aparente nada.
que é a Verdade. "Tomar a cruz" significa, portanto,
suportar esse nada, esse limiar de Deus; e já que o mundo
É orgulho, egoísmo, paixão e conhecimento falso; significa ser humilde e caridoso,
"morrer" e tornar-se "como uma criança". Esse nada é sofrimento na medida em que
somos orgulhosos e isso
com isso nos faz sofrer; o fogo do purgatório nada mais é do que isso: é
nossa substância que queima, não porque Deus queira nos ferir, mas
Porque é o que é — porque é "deste mundo" — e em proporção a isso.

* * *

A cruz é a fissura divina por onde flui a Misericórdia.
Infinito. O centro da cruz, onde as duas dimensões se cruzam, é o mistério
do abandono: é o "momento espiritual".
quando a alma se perde, quando "deixa de existir" e quando "não é mais"
"Mas…". Tal como toda a Paixão de Cristo, este grito não é apenas um mistério.
da dor, da qual o homem deve participar pela renúncia, mas também, no
Ao contrário, uma "abertura" que só Deus pode efetuar, e que Ele fez.
efeito porque Ele é Deus; e é por isso que "o meu jugo é suave e o meu

3. Da mesma forma, quando Cristo diz que é necessário "odiar" "pai e mãe", isso significa que é necessário rejeitar tudo o que neles é "contrário a Deus", que
É o apego que serve de obstáculo em relação à "única coisa necessária".
Tal "ódio" implica, para aqueles a quem diz respeito, uma libertação virtual; é, portanto, em
o plano das realidades escatológicas, um ato de amor.

Machine Translated by Google

O fardo é leve". A vitória que cabe ao homem já
tendo sido conquistado por Jesus; para o homem nada resta senão abrir-se a Ele.
esta vitória, que assim se torna sua.

* * *

O que é "abstração" no caso do lógico torna-se, por assim dizer,
corpóreo no caso do Verbo feito carne. A lança do centurião Longino acaba
de perfurar o lado de Cristo; uma gota de divino
O sangue, escorrendo pela lança, toca a mão do homem. Nesse instante,
Nesse instante, o mundo desmorona para ele como uma casa de vidro; a
escuridão da existência se dissipa; sua alma se torna como um pranto.
ferida. Ele está como que bêbado, mas com uma embriaguez fria e
puro; toda a sua vida daqui em diante será como um eco repetindo mil vezes.
vezes aquele único instante aos pés da cruz. Ele acabou de ser
renascido, não porque ele "compreendeu" a Verdade, mas porque
A Verdade o alcançou existencialmente e o arrancou deste mundo com um
gesto concreto. O Verbo encarnado é a Verdade.
que de certa forma se tornou matéria, mas ao mesmo tempo uma matéria
transfigurada e renovada, uma matéria que é luz intensa, que se transforma
e se liberta.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

APÊNDICE

Uma amostra de cartas e Outros materiais não publicados

O esoterismo intrínseco é essencialmente o discernimento entre *Âtmâ* e *Mâyâ,* e a concentração permanente em *Âtmâ.*

No cristianismo, o esoterismo puro responde a estas perguntas: em que aspecto Cristo representa *Âtmâ* ou *Mâyâ,* e em que aspecto a Virgem Maria representa *Mâyâ* ou *Âtmâ?* E também: como a Santíssima Trindade representa *Âtmâ?*

O cristianismo é a perspectiva da Manifestação divina. Essa perspectiva encontra sua expressão sintética no seguinte dito patrístico: “Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus” — no sentido próprio de *unio mystica.*

Isso significa, em terminologia vedântica: *Âtmâ* tornou-se *Mâyâ* para que *Mâyâ* pudesse se tornar *Âtmâ.* Este é o significado universal, e portanto esotérico, do ditado.

Em relação à Virgem Santíssima, poderia-se dizer o contrário: *Mâyâ* (Maria) tornou-se *Âtmâ* (através da Imaculada Conceição) para que *Âtmâ* (o Verbo) pudesse tornar-se *Mâyâ* (através da natureza humana de Cristo). Em termos tibetanos: Maria Imaculada é *Padme,* e Jesus Encarnado é Mani — “a Joia no Lótus”.

As Pessoas da Santíssima Trindade são diferentes aspectos de *Âtmâ* em conexão com *Mâyâ.* Em certo sentido, as Pessoas correspondem respectivamente a *Âtmâ* (Além do Ser), *Îshvara* (Ser) e *Buddhi* (Intelecto Universal); em um sentido mais relativo, o Pai é o Ser em sua Substância, e o Filho é o Ser como aquele que concebe o Mundo.

No primeiro caso, o Filho é *Âtmâ* no ápice de *Mâyâ,* e o Espírito Santo é *Âtmâ* no ápice de *Jagat* ou *Samsâra* (Existência, Manifestação); no segundo caso, o Pai também pertence a Mâyâ — não se concebe um Além-Ser (a “Divindade” de Eckhart acima do “Deus” pessoal) — e o Filho aparece como a Radiação interior do Pai. Mas não nos esqueçamos de que as Pessoas estão eminentemente presentes no *Âtmâ puro;* caso contrário, não poderiam efetivamente...

Machine Translated by Google

se auto-alizam dentro de *Mâyâ.* Nesse sentido, as Pessoas hipostáticas estão acima da Relatividade; são aspectos intrínsecos do Absoluto: *Sat, Chit, Ânanda.*

Se Jesus manifesta o Verbo, Maria manifesta o Espírito Santo; caso contrário, Ele, o Espírito, não teria entrado nela. Num sentido bastante diferente, se "Jesus" e "Maria" forem concebidos como Nomes divinos,
Jesus se refere ao Absoluto, ao Poder divino, e Maria se refere a o Infinito, também à Misericórdia divina. Isso explica a possibilidade do invocação de seus Nomes (ÿÿ ÿÿÿÿµ ou *Jesu Maria);* por
Ao invocá-los, o homem invoca a Deus e, ao mesmo tempo, assimila-se. seus respectivos mistérios.

Discernimento entre *Âtmâ* e *Mâyâ,* e concentração permanente em *Âtmâ;* a concentração é invocação. A base da invocação é que devemos "orar sem cessar" e que "o reino
"De Deus está dentro de vós"; e "no princípio era o Verbo".

* * *

Se alguém não encontrar um guia espiritual, pode — dentro da estrutura da Igreja Ortodoxa — pedir ajuda à Virgem Santíssima.
uma oração solene em frente a um ícone tradicional.

Então pode-se praticar a Oração de Jesus (ÿÿÿÿ ÿÿ ÿÿÿÿ ÿÿÿÿ µÿ ou *Domine Jesu Christe, miserere nobis)* e a primeira frase do Pai Nosso (ÿÿÿÿ µÿ ÿ ÿÿ ÿÿÿÿ ou *Pater noster qui es in Caelis),* e também a Ave Maria (ÿÿÿ ÿÿÿÿµ ÿÿÿÿÿÿµÿÿ ÿÿÿÿ µÿÿ ÿ ou *Ave Maria gratia plena, Dominus tecum),* ou simplesmente o Nome de Jesus (ÿÿÿÿ ÿÿ ÿÿÿÿ ou *Domine Jesu Cristo).*

Se você tiver alguma dificuldade com a prática da invocação, você pode Escreva-me sempre. E eu orarei por você, como você pediu.

* * *

O Espírito Santo é Deus na medida em que Ele se manifesta, seja objetivamente ou subjetivamente.

Machine Translated by Google

Os pecados contra o Espírito Santo excluem as disposições da alma pelas quais ocorre a remissão dos pecados. São seis: 1. Presunção (superestimar-se, em princípio ou na prática);

2. Desespero (duvidar da Misericórdia de Deus); 3. Atacar a verdade conhecida; 4. Inveja dos dons da graça alheia; 5. Obstinação
(no mal, intelectual ou moral); 6. Impenitente
(diante da morte).

Faqr é a qualidade que exclui esses pecados. Não existe *dhikr* válido sem *faqr.*

Um pecado ofende a Deus, a nós mesmos ou ao nosso próximo; neste último caso, é grave, não apenas pela maldade cometida, mas também porque o próximo representa Deus.

* * *

Agora que você aprendeu a doutrina — metafísica, cosmológica, escatológica — deseja colocá-la em prática na medida do possível, e fazê-lo com base formal no cristianismo; em outras palavras, você aspira a seguir um caminho esotérico cristão. Você sabe que a metafísica pura é 1. essencial, 2. primordial e 3. universal: sendo essencial, é independente de todas as formulações religiosas ou confessionais; sendo primordial, é a verdade que existia antes de todas as formulações dogmáticas; sendo universal, abrange todo o simbolismo intrinsecamente ortodoxo e, portanto, pode ser combinada com qualquer linguagem religiosa. Em seguida, vem o método, que é essencialmente oração, não apenas no sentido mais abrangente, mas também no mais profundo; exemplos disso no contexto cristão são a prática dos Hesicastas e a vida do "Peregrino Russo". E tudo isso requer, imperativamente, as virtudes fundamentais, por um lado, e, por outro, extrinsecamente falando, um modo de comportamento correspondente, ou seja, um que esteja em conformidade com a doutrina e o caminho.

A metafísica não é uma religião, mas confere um significado profundo e universal às ideias e aos fenômenos de qualquer religião: assim, ensina *a priori* a distinção entre o Absoluto e o relativo, *Âtmâ* e *Mâyâ,* o Princípio e a Manifestação; agora o fen-

Machine Translated by Google

O nome de Cristo — ou a verdade metafísica que o determina — significa que "Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus", segundo um famoso dito patrístico, que, no entanto, não deve ser interpretado literalmente, visto que o homem, como tal, jamais poderia "tornar-se Deus"; mas não cabe aqui especificar o que essa ressalva implica, o que, em todo caso, expliquei em meus livros. "Deus se fez homem": *Âtmâ* tornou-se *Mâyâ;* por isso, Cristo é uma ponte entre *Mâyâ* e *Âtmâ* e, como resultado — este é o mistério do *Avatâra —, seu* Nome contém um poder salvador; e da mesma forma o Nome da Virgem Santíssima, pois ela também é um fenômeno avatarico, no sentido de que encarna o aspecto feminino do *Logos.*

A oração jaculatória é fundamental; tem uma função que é, de fato, eucarística; contudo, o homem também necessita da oração individual e ordinária: é necessário falar com Deus e pedir a Sua ajuda; isso pode ser feito por meio de um intermediário celestial, em particular a Santíssima Virgem.

Antes de iniciar um caminho de oração — antes de se comprometer a invocar a Deus três vezes ao dia e, na medida do possível, em todos os momentos disponíveis — é preciso prometer ao Céu perseverar nesse caminho até a morte; tal promessa equivale aos votos monásticos. Quanto aos votos clássicos de "pobreza", "castidade" e "obediência", eles têm, além de um significado literal que se aplica aos monges, um alcance espiritual que se aplica a todos os homens.

Você menciona em sua carta o homem que está convencido de ter visto Cristo; não tendo ouvido sua história, não posso emitir uma opinião. Mas é essencial que você saiba o seguinte: uma visão jamais confere autoridade espiritual; ninguém se torna mestre por causa de uma visão espiritual. Sem dúvida, a visão de uma personificação do *Logos* é, em si, uma experiência muito rara e sublime; mas as circunstâncias nos obrigam a ser neutros em relação a esse incidente específico.

Quando alguém se dedica a uma prática espiritual, é necessário ter a intenção correta; não se deve ter intenções que sejam incompatíveis com o propósito da prática. Deus aceita que o invoquemos por diversos motivos, e somente por estes: em primeiro lugar, Ele nos permite invocá-lo para salvar nossa alma, e esta é a intenção do temor; em seguida, Ele nos permite invocá-lo porque desfrutamos do clima celestial, por assim dizer, e esta é a intenção do amor; "Eu amo porque amo", como disse São Bernardo; finalmente, Ele aceita a intenção da *gnose,* que se baseia na evidência metafísica do Real ou do Absoluto. Mas Deus jamais aceitará o objetivo de obter sensações.

Machine Translated by Google

Graças, ou experiências, ou a realização de um experimento, ou a conquista de uma virtude específica ou alguma outra distinção, ou o tornar-se isto ou aquilo. E quando um homem experimenta um estado espiritual ou uma graça, ou quando tem uma visão ou audição, ele jamais deve desejar que isso aconteça novamente, e sobretudo não deve basear sua vida espiritual em tal fenômeno nem imaginar que isso lhe conferiu algum tipo de superioridade. Tudo o que importa é que pratiquemos o que nos aproxima de Deus, observando as condições que essa prática exige; não temos as medidas de Deus, e não nos cabe perguntar o que somos. A vida é um sonho, e pensar em Deus é despertar; é encontrar o Céu já aqui, aqui embaixo.

* * *

Pode-se dizer que o esoterismo cristão está “morto” de fato, mas não de princípio — de *facto,* mas não *de jure.* Está “morto” porque ninguém sabe como encontrá-lo e não porque esteja ausente; em contraste, nas tradições orientais todos sabem onde o esoterismo se encontra. Sobre este assunto, pode-se ler meu “Esboço da Mensagem Crística”; o “Peregrino Russo” também deveria ser lido.

O esoterismo puro e integral deriva de *jnâna,* e é isso que a maioria dos buscadores ocidentais tem em mente; é evidente que *jnâna* pode ser encontrado no cristianismo, mas não de forma institucional. Basta ser um *jnânin* enquanto se pratica a religião cristã, e isso nos dará um *jnâna cristão. Spiritus autem ubi vult spirat.* O cristianismo, contudo, não oferece mais uma pátria espiritual visível, e isso ocorre há séculos; o mundo que é o receptáculo material da religião cristã — o mundo moderno — é um mundo de extrema feiura, quaisquer que sejam suas causas. É claro que o cristão

O esoterista terá que levar em conta a necessidade de um visível

Ambiente que esteja em conformidade com o sagrado, com a contemplação, com a oração. "A beleza é o esplendor da verdade."

Os elementos que constituem todo o esoterismo são o Discernimento entre o Real e o ilusório (Doutrina metafísica integral), a Concentração quase permanente no Real (Método invocatório) e a Iniciação (Batismo no Cristianismo); além disso, e extrinsecamente, há um senso de relatividade das formas e um reconhecimento de formas tradicionais estrangeiras, isto é, outras religiões; e

Machine Translated by Google

É evidente que o mundo moderno e suas superstições de “civilização” e “progresso” devem ser rejeitados. Na categoria de elementos extrínsecos, cabe mencionar também a interpretação de simbolismos, sobretudo a hermenêutica, sem negligenciar as artes e ofícios de base iniciática; porém, nenhum desses elementos é indispensável do ponto de vista da realização espiritual, por mais importante que seja em seus respectivos planos. Ser um esoterista cristão não significa necessariamente interpretar todos os símbolos ou conhecer todos os textos que contêm insights metafísicos; mas significa conhecer a metafísica como tal *(Advaita Vedanta)* e praticar a invocação do Nome de Jesus, ou dos Nomes de Jesus e Maria, ou praticar a invocação com o auxílio da primeira frase da Oração do Senhor, ou com o auxílio da “Oração de Jesus” dos Hesicastas, sem esquecer as condições extrínsecas que mencionei acima.

Escrevi em algum lugar que, para os cristãos, a santidade é a porta de entrada para o esoterismo; isso significa — mas eu deveria ter especificado — que no cristianismo, que é uma religião avatarica, a assimilação eucarística da santidade de Cristo é a porta para caminhos superiores, ou seja, aqueles que não são limitados pela teologia oficial. O esoterismo, por definição, compreende elementos que vão além dessa teologia; assim, a invocação pode, em princípio, substituir a comunhão, pois os Nomes divinos são identificados com as espécies eucarísticas, algo que está fora do escopo da teologia ordinária. Em princípio, um único ato de comunhão poderia ser suficiente para toda a vida; isso explica como alguns santos, como Santa Maria Madalena ou Santa Maria do Egito, viveram anos em solidão sem comungar.

Na ausência de um mestre que conceda o direito de praticar a invocação, um aspirante cristão qualificado tanto em inteligência quanto em caráter pode solicitar esse direito à Virgem Santíssima — não por iniciativa própria, mas com a permissão de um instrutor — unindo ao seu pedido um voto solene, a saber, a promessa de praticar a invocação por toda a sua vida e de observar as condições exigidas. Nesse caso, a Virgem Santíssima, ou Cristo, é o mestre; mas há também o instrutor, isto é, o homem que comunica ao aspirante todas as informações necessárias sobre doutrina e método. É claro que essa solução não é ideal, mas não há outra no mundo como ele é hoje. “É melhor divulgar os mistérios do que esquecê-los”, dizem os cabalistas.

Machine Translated by Google

O exoterismo é subjetivo, pois se baseia numa “forma de ver as coisas”; o esoterismo é objetivo, no sentido de que se baseia na “natureza das coisas”. O esoterismo pleno é essencialidade, universalidade, primordialidade, perenialismo. O exoterismo tende a complicar e a externalizar tudo; o esoterismo, ao contrário, tende a simplificar e a trazer tudo para dentro. “O reino de Deus está dentro de vós.”

* * *

O esoterismo compreende, *em linhas gerais ,* dois graus: um que enfatiza o método e outro a doutrina; no primeiro, o elemento metódico determina em grande parte o elemento doutrinário, e no segundo ocorre o inverso. O primeiro modo de esoterismo promove a interiorização — ou espiritualização — da Lei, e isso é o Cristianismo, distinto do Mosaísmo; o segundo promove a interiorização — e, portanto, também a universalização — da doutrina, e isso é a metafísica pura ou *gnose ,* distinta das teologias. No Ocidente, as tentativas históricas da teologia, por um lado, e a própria noção de “desenvolvimento teológico”, por outro, comprovam que a teologia é uma forma de pensamento relativamente “externa” — daí a palavra “exoterismo”, fenômeno que existe desde a antiguidade —, uma forma de pensamento que é, *por si só,* inadequada para a articulação explícita e direta de verdades que transcendem a compreensão do homem comum, ou, digamos, do homem de mentalidade passional, que é, portanto, individualista e voluntarista. Além disso, o “totalitarismo” dogmático e a rigidez intelectual resultante impedem a teologia — tanto no Islã quanto no Cristianismo — de conceber graus de Realidade, daí o complexo jogo da Relatividade, e a obrigam a compensar essa incapacidade com soluções e desvios simbólicos, que não são de modo algum concretos, mas que, no entanto, satisfazem uma certa necessidade de explicação, com ênfase menos na verdade metafísica do que na eficácia moral e mística.

A teologia não é tanto uma explicação adequada e exaustiva das *hipóstases ,* mas sim um véu que encobre seu mistério; um véu de caridade tanto quanto um véu de rigor. Analogamente falando — e é preciso recorrer a analogias para sermos claros, e não por afetação —, o cristianismo é uma espécie de “monismo” vishnuíta, e não um “não-dualismo” shivaíta; não se pode...

Machine Translated by Google

Fazer do *Advaita Vedanta uma "religião".* O cristianismo "não é" um *advaita* (não-dualismo), mas o "contém" implícita e virtualmente, daí a possibilidade da *gnose crística.*

Certamente, a linha divisória entre teologia e *gnose* é fluida; não existe uma barreira intransponível entre elas; contudo, essa linha existe, e possui tanto aberturas quanto fechamentos; em todo caso, seria vão negar, seja por piedade ou sentimento reverencial, as limitações que intervêm em certas definições teológicas, e especialmente na doutrina trinitária.

Esotericamente, a chave para o mistério trinitário reside no fato de que o Absoluto, por definição, é o Bem, e que o Bem, também por definição, compreende tanto a radiação quanto a refração, ou a projeção e a polarização; a refração atualiza, de modo diferenciado, as potencialidades do Bem, e a radiação dá origem a níveis — cada vez mais contingentes — dessa atualização: daí — na ordem divina — as *hipóstases,* que se podem conceber no duplo respeito de graus e modos. Ao princípio da radiação ou projeção — inerente ao Absoluto, o "Pai" — corresponde o "Espírito Santo", e ao princípio da polarização ou refração corresponde o "Filho"; essa complementaridade pode também ser representada, respectivamente, por "Maria" e "Jesus", daí a feminização do *pneuma* por certos gnósticos. O "Filho" é para o "Pai" o que o círculo é para o centro, e o "Espírito Santo" é para o "Pai" o que o raio é para esse mesmo centro. Visto que o raio, que "emana" do centro, não para no círculo, mas o atravessa, pode-se dizer que, da circunferência para fora, ele é "delegado" pelo círculo, assim como o "Espírito" emana do "Pai" e é delegado pelo "Filho"; a natureza do *filioque,* ao mesmo tempo justificável e problemática, é esclarecida com o auxílio desta imagem.

Dizer que "o Pai nada é sem o Filho" só pode significar que o Absoluto não seria o Absoluto sem sua potencialidade de "exteriorização" hipostática e cosmogônica e, portanto, também de "repetição"; entre o Absoluto e sua projeção, tanto intrínseca quanto extrínseca — dependendo do grau ontológico — há desigualdade e igualdade, algo que a teologia expressa pela noção de "relações subsistentes", "relação" referindo-se logicamente à desigualdade e "subsistência" à igualdade; para os teólogos, uma explicação "teológica" elimina seu contrário, pois o pensamento dogmático é estático e não admite movimento, do

Machine Translated by Google

interação de pontos de vista ou aspectos, ou de graus de Realidade. Oferece chaves, mas também cria véus; esses véus são de fato apaziguadores e protetores, mas são véus que o pensamento dogmático não consegue transpor. remover.

A essência da metafísica, e portanto do esoterismo integral, é a distinção *(viveka)* entre *Âtmâ* e *Mâyâ;* ora — falando analogicamente — a teologia média e oficial admite apenas *Âtmâ;* embora admita *de fato* certas aparições de *Mâyâ* em Âtmâ — a saber, as *hipóstases* — consegue, ao mesmo tempo, afirmar que elas são *Âtmâ* e negar que sejam *Mâyâ.* A teologia está bastante disposta a admitir *Mâyâ* como mundo ou criação, enquanto nega que seja *Mâyâ* como uma realidade menor ou não-realidade, e, portanto, na prática, atribui ao mundo a realidade de *Âtmâ,* sem perceber — isto é óbvio — que a realidade do mundo "é" a realidade de *Âtmâ;* Da mesma forma, a teologia não considera que o mundo só pode ser real porque, de certa maneira, só pode "ser" *Âtmâ,* e essa é também a posição do Vishnuísmo de Ramanujan. Devo acrescentar que o discernimento do Absoluto, pela própria natureza de seu objeto, exige a união contemplativa com ele — algo que demanda o homem por inteiro —, visto que os meios obviamente devem corresponder ao fim; pois existem meios indiretos que levam à união, assim como existem conceitos indiretos do Absoluto; mas eles não constituem esoterismo, pelo menos não por si mesmos e excluindo seu significado profundo.

Dizer que Cristo nasceu de uma Virgem, que possuía natureza divina e humana, que ressuscitou os mortos, que ele próprio ressuscitou e que ascendeu aos céus não é esoterismo; são simplesmente fatos históricos, assim como as conquistas de Alexandre, por exemplo; um budista que os conhece deve aceitá-los; mas dizer que esses fatos provam que somente Jesus Cristo salva é esoterismo. É óbvio que o esoterismo não consiste em negar os fatos sobre os quais a religião exotérmica se fundamenta; reside na sua interpretação, que os remete aos seus protótipos universais e aos seus princípios, dos quais derivam o seu poder salvífico, ou a sua conexão com esse poder.

Dito isto, basta-me recordar mais uma vez que as formulações esotéricas, mesmo que não requeiram especificamente o apoio da teologia — e isto não significa que a teologia não ofereça mais nada —, certamente encontram seu amparo nas Escrituras e no simbolismo sacramental e litúrgico; consequentemente, elas são, por

Machine Translated by Google

Com toda a razão, em paralelo às formulações da “dogmática oficial da Igreja”. E se o caráter indireto e rígido do pensamento teológico favorece uma certa tendência compensatória à digressão — precisamente por meio de reação, embora, inversamente, o dogmatismo impeça essa tendência —, é característico do pensamento esotérico, ao contrário, reduzir as dificuldades às suas soluções subjacentes e, portanto, à simplicidade daquilo que é. Sem dúvida, a sapiência não pode descrever o inefável, e essa não é a sua intenção; mas busca fornecer pontos de referência que nos permitam abrir-nos, tanto quanto possível, ao inefável, e segundo a vontade de Deus.

Contudo, talvez seja necessária uma precisão adicional — mas, na verdade, nunca se chegaria ao fim se se desejasse antecipar todas as possíveis objeções. As *hipóstases* não são “relativas” na medida em que estão “contidas” na Essência — que, segundo uma certa perspectiva antiga, coincide com o “Pai”: são relativas na medida em que “emanam” dEle; se não estivessem “contidas” dEle, não poderiam “emanar”. As *hipóstases* são relativas em relação à Essência e absolutas em relação ao mundo, o que equivale a dizer — paradoxalmente, mas necessariamente — que são “relativamente absolutas”; o são no nível ontológico da “emanação”, mas não no nível da essencialidade, onde coincidem pura e simplesmente com o Absoluto. Chegamos aqui ao limite do que pode ser expresso; não é culpa de ninguém se, em toda enunciação deste tipo, permanecem questões sem resposta, e talvez sem qualquer resposta possível, ao menos no nível dialético que nos interessa aqui, e que é o único em questão. A ciência do coração não está sujeita a discussão.

* * *

IHS

1. O **"I"** indica o estado natural do homem, seu estado atual.

O **H** indica a ligação entre o homem e Deus; este sinal é prolongado horizontalmente, o que significa uma relação (uma religião); a “junção” completa-se em e através de Cristo.

Machine Translated by Google

O **S** indica o novo homem ressuscitado, o homem que recebeu a vida divina.

2. O **"I"** significa descendência, encarnação ou revelação.

O **H** indica a conexão, a relação entre o homem e Deus.

O **S** simboliza o homem ressuscitado.

A primeira interpretação começa com o homem, e a segunda começa com Deus, que desce em direção ao homem para salvá-lo e permitir que ele participe da vida divina.

* * *

A experiência da qual você fala em sua carta não contém nada que deva lhe perturbar; tais experiências são normais em um ambiente esotérico e também não têm relação com dogmas ou sincretismo; a ligação entre nosso Caminho e a Virgem Santíssima comprova isso. O Céu está bem ciente de que somos de origem cristã, por um lado, e de formação vedântica, por outro, o que nos abre certas portas e nos confere certos direitos.

Sempre admirei o Cura d'Ars, mas sem perder de vista os seguintes fatores: o caminho deste santo era uma *bhakti penitencial,* que por definição apela à vontade e ao sentimento, mas não à inteligência; ou seja, argumentos metafísicos não desempenham nenhum papel neste caminho, enquanto no esoterismo da *gnose,* ao contrário, as ideias são chaves de importância primordial; é devido a essa eficácia dos conceitos metafísicos que alguém pôde dizer: “Não fui eu que deixei o mundo; foi o mundo que me deixou”. Foi o que me disse um discípulo do Shaykh al-Alawi.

No misticismo cristão — sobretudo no católico — começa-se por “deixar o mundo”; na sabedoria esotérica, começa-se por compreender o que ele é: “Não há água lustrosa como o Conhecimento”; nada desarma a sedutora *Mâyâ* tão bem quanto o conhecimento que temos dela, tanto ao nosso redor quanto dentro de nós. O início de toda *gnose* e de toda libertação é, de fato, a compreensão da relação entre *Âtmâ* e *Mâyâ;* mas essa doutrina — e a alquimia correspondente — permanecem fora das perspectivas bhákticas, sobretudo daquelas voluntaristas e penitenciais. Essas perspectivas, que são ao mesmo tempo fundamentalmente desconfiadas de tudo o que possa parecer...

Machine Translated by Google

Ao considerá-los quietistas, subestimam também a graça sacramental do Nome divino; colocam todo o fardo sobre o homem e desejam ignorar — com algumas exceções — que Deus pode colocar-se em lugar da nossa fraqueza.

Contudo, santidade é santidade, e o Paraíso é o Paraíso, não importa qual caminho seja percorrido para chegar lá; o metafísico ou *jnânin* necessariamente amará os santos, sejam eles quem forem, por causa da maravilha da santidade. Obviamente, não é impossível que algum santo, acima de nós no Céu, nos ame; não há nada de extraordinário em esse santo ser católico, enquanto — do ponto de vista formal — nós somos muçulmanos, já que, repito, somos cristãos em nossa origem.
Os bem-aventurados no Céu sabem bem por que estamos no Islã; conhecem nossas motivações intelectuais e espirituais e compreendem nossa busca. Desde que o Islã existe, a Virgem Santíssima não poderia desconhecer o que ele é; a prova disso é que em Éfeso — um religioso católico nos contou isso na própria Éfeso — Maria realiza tantos milagres de cura para os muçulmanos quanto para os cristãos, sem jamais tentar converter os primeiros.

Então o Cura d'Ars te ajudou. Outros amigos tiveram experiências análogas com outros santos, em primeiro lugar com a Virgem Santíssima, obviamente; mas dada a sua posição supereminente, ela está situada além das denominações confessionais — não em relação aos cristãos, mas em si mesma e em relação aos não-cristãos que recorrem a ela. Uma pergunta: o Cura d'Ars, a quem você se dirigiu, veio em seu auxílio; mas você tem certeza de que a presença benéfica que sentiu depois não veio da Virgem Santíssima? Pois o Cura d'Ars sempre se colocou sob o manto de Maria, por assim dizer. Não tenho certeza se um santo comum poderia conceder a uma pessoa terrena uma presença permanente, enquanto a Virgem Santíssima pode, e até o faz prontamente para aqueles que depositam sua confiança nela, como o Cura d'Ars fez, precisamente. Não perguntemos muito de quem vem a graça; ela vem do Céu.

* * *

Você me escreve dizendo que chegou a um impasse na tradição ortodoxa e não sabe como prosseguir. Isso se deve ao fato de você não estar suficientemente consciente do que realmente importa; e

Machine Translated by Google

Já que você se baseia na autoridade da metafísica pura e do esoterismo — caso contrário, não estaria me escrevendo —, isso me dá um motivo para elucidar os pontos essenciais.

Para nós, há três coisas que importam — todo o resto é questão de forma: primeiro, discernimento entre o Real e o irreal, o Absoluto e o relativo, *Âtmâ* e *Mâyâ,* o Eterno e o transitório, Deus e o mundo; segundo, a consciência constante — em princípio incessante — do Real, do Fundamental, do Divino; e terceiro, a conformidade de nossa vida interior e de nossas ações, nossa conduta, com o Real e com nossa relação efetiva com Ele. Em outras palavras: Verdade metafísica; depois, Invocação contínua; e, por fim, beleza da alma, daí a Virtude. A ênfase principal aqui é na Invocação; os Padres do Deserto e Santa Maria do Egito não fizeram nada além disso. Na Igreja Ortodoxa, a “Oração de Jesus” é usada para esse propósito; no entanto, o Nome de Jesus pode ser suficiente. O Nome de Jesus significa, em última análise, a Realidade suprema — pois aqui o essencial é o Divino e nada mais —, enquanto a Oração de Jesus se dirige mais particularmente à Misericórdia inerente ao Divino. Essa Misericórdia também se expressa pelo Nome de Maria.

À luz do exposto, o que os sacerdotes ou leigos que encontramos na Igreja Ortodoxa fazem ou deixam de fazer, entendem ou não entendem, é irrelevante. Mesmo a teologia ortodoxa, em última análise, não é relevante para as nossas necessidades, pois o que importa para nós é a Verdade metafísica, cuja expressão mais direta é, de fato, o *Vedanta;* depois, a Invocação, e, portanto, a nossa relação efetiva com essa Verdade; depois, a nobreza da nossa vida interior, a nossa libertação da mundanidade, do egoísmo, da presunção e da mesquinhez. Pois quem tem consciência da Verdade também tem consciência do Sagrado, e quem tem consciência do Sagrado carrega, de certa forma, o Sagrado em si.

sua alma. Como disse Platão, "A beleza é o esplendor da Verdade".

Toda a doutrina e espiritualidade cristãs reside, na verdade, no dito de Santo Irineu: “Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus”. Existem várias versões desse dito, mas o essencial está, em todo caso, na forma que citei, a qual não deve, obviamente, ser interpretada literalmente. Em termos vedânticos: *“Âtmâ* se tornou *Mâyâ* para que *Mâyâ* possa se tornar *Âtmâ”,* ou “possa retornar a *Âtmâ”;* pois não é o modo ou o grau da união que importa, mas o fato da união, seja ela uma questão de “visão beatífica” ou algo mais. O caminho para isso é a invocação quase eucarística de Jesus; os outros sacramentos são meios suplementares de graça, mas — como

Machine Translated by Google

Mestre Eckhart disse: em última análise, nós os carregamos dentro de nós;
Se eles são ou não *de fato* acessíveis para nós é outra questão.
Em todo caso, o homem como tal não pode se tornar Deus, todo metafísico
sabe.

Há muitos anos, assisti a uma missa na Catedral de Atenas e
saber quão interminável pode ser a liturgia ortodoxa; isto tem
A rigor, não tem nada a ver com o Caminho espiritual, e alguém que
Quem pratica a oração — ou invocação — como método certamente não precisa
se censurar se frequenta apenas os serviços mais essenciais; depois
Todos os Padres do Deserto passaram anos sem ir à igreja, e
A vida espiritual do “peregrino russo” também não era dependente.
ao frequentar a igreja. Esoterismo, no que nos diz respeito,
é, de fato, muito menos vinculado ao mundo exterior das formas do que o exoterismo.

Não se deve, contudo, nutrir qualquer sentimento de oposição interna.
À Igreja, pois não se deve esperar dela o que ela não pode.
dar. A Igreja, na verdade, oferece apenas uma estrutura geral, que não é
totalmente vinculativa em todos os aspectos; e representa
apenas um *bhakti muito particular,* que é inevitavelmente sentimental e limitado, e
não uma espiritualidade completamente abrangente. Com o Islã,
é, obviamente, *a priori* o mesmo, *mutatis mutandis,* e o mesmo se aplica a
Judaísmo.

Você me pergunta se existem critérios pelos quais se pode reconhecer se
alguém está no caminho errado. Certamente existem tais critérios, mas aqui surge
a questão de se o caminho errado é...
uma objetiva ou subjetiva. Mestre Eckhart — a quem você mencionou em sua
carta — ensinou que existem tantos caminhos para Deus quantos
Existem homens; isso significa apenas, porém, que existe uma validade objetiva.
O caminho, para aquele que o concretiza subjetivamente de forma correta, é ao mesmo tempo
Uma maneira única, pela simples razão de que cada ser humano está em um
senso distinto de qualquer outro ser humano e, portanto, se destaca
Sozinho diante de Deus.

* * *

A *Ave* tem duas partes: uma referente à substância e a outra...
concernente à Presença Real de Deus. A primeira parte é de
começando com a palavra *mulieribus,* ou com a palavra *tui;* a segunda parte
é da palavra *et* para o Nome de *Jesus,* ou consiste exclusivamente nisto

Machine Translated by Google

Nome. Existe, portanto, uma parte intermediária — et *benedictus fructus ven-tris* tui — que pode ser anexada à primeira parte referente a Substância, *Maria,* ou, na segunda parte, referente à Presença, *Jesus.* Daí resulta que a fórmula pode ser recitada a partir do palavra *et,* pois o aspecto da Substância ainda se encontra formulado ali, mas exclusivamente em conexão imediata com a Presença divina e como uma função disso. Finalmente, o Nome de *Jesus* pode ser recitado sozinho, A pureza da alma é a condição implícita da pronúncia deste Nome.

Ao recitar a *Ave Maria,* é necessário concentrar-se primeiro no aperfeiçoamento da alma e, em seguida, na Presença de Deus. Pode-se concentrar no aperfeiçoamento da alma realizando-o segundo um determinado princípio. ou outro de seus três modos: pureza, bondade, beleza.

Pureza: a alma está livre de todo desejo. Todo movimento natural. O que ocorre dentro dele é aqui considerado em relação à sua qualidade de A paixão, em seu aspecto de concupiscência e sedução. Essa perfeição é fria, dura e transparente, como o diamante.

Bondade: a alma desvia seu amor pelo ego endurecido para para direcioná-la a Deus e, assim, ao seu próximo, a toda a comunidade. Criação. O ego está em estado de morte; só o amor é vida. O coração endurecido precisa derreter; da indiferença para com Deus e sua criação. vizinho, torna-se fervoroso; mas, com isso, torna-se indiferente ao O ego e o mundo. A distinção entre o “ego” e o O “outro” está morto, assim como a separação da alma de Deus. Nisto. Na busca pela perfeição, todo movimento natural da alma se manifestará como um endurecimento, uma indiferença ao Amor divino, uma morte.

Beleza: a beleza da Virgem nada mais é do que a paz. É No equilíbrio perfeito de suas possibilidades, a Substância universal realiza sua beleza. Nessa perfeição, a alma deixa para trás. toda dissipação para repousar em sua própria essência substancial e existencial, perfeição primordial, ontológica. A alma deve ser como um perfeito trecho de água calma; cada movimento natural da alma irá aparecer como uma agitação, uma dissipação, uma perturbação, portanto um feiúra.

Ao recitar a *Ave Maria,* percebe-se na alma uma ou outra das seguintes coisas: essas três perfeições da Virgem, mas sempre uma de cada vez: pois Por exemplo, de manhã, ao meio-dia e à noite. Os três Os modos podem ser distribuídos entre esses três horários.

Ao pronunciar o nome divino de *Jesus,* concentra-se, Sem raciocínio, sobre este Nome em sua luminosa obscuridade. Em

Machine Translated by Google

Ao recitar toda a fórmula, a pessoa não se concentra nas palavras, mas na perfeição virginal ou mariana da alma — que se percebe imediatamente e de maneira concreta, quase corpórea — e depois no Nome divino, no qual se recolhe para desaparecer. As palavras da fórmula agem por si mesmas sobre a alma, desde que seus respectivos significados sejam conhecidos; agem, conferindo sua iluminação, na medida em que a alma abraça a pureza implacável, a bondade fervorosa e a serena beleza da Virgem.

Mas existe também outro método de recitar a *Ave Maria,* complementar ao anterior; é o método em que a ênfase é colocada nas perfeições de Cristo: invencibilidade, unicidade, divindade. Quando alguém se concentra em uma ou outra dessas perfeições — nunca em duas ao mesmo tempo — não busca mais ativamente realizar as perfeições marianas; busca unicamente ser absorvido pelas perfeições de Cristo, concentrando-se nelas na segunda metade da *Ave Maria;* quanto à primeira metade , a alma permanece pura e passiva, sem qualquer raciocínio. Assim como na realização das perfeições marianas ou virginais o Nome de *Jesus* era acompanhado não por meditação, mas unicamente por uma concentração ativa, da mesma forma a parte referente à Virgem, quando o esforço é direcionado para a realização das perfeições crísticas ou senhoriais, é acompanhada apenas por uma concentração pura, passiva desta vez, mas que predispõe a alma à concentração ativa nas perfeições crísticas.

Invencibilidade: nada no mundo ou na alma pode resistir ao poder divino do Nome de *Jesus.* Cristo entra no mundo caído — e na alma — com a força de um relâmpago ou de uma espada desembainhada. Todo movimento natural da alma se manifesta aqui como complacência ou passividade em relação ao mundo, como um esquecimento de Deus por fraqueza. A alma deve, por sua perseverança e vigilância, associar-se ativamente ao ato divino e vitorioso de Cristo — à afirmação invencível do Divino na criação.

Unicidade: a Palavra é única. O Nome de *Jesus* é um resultado único de sua misteriosa identidade com a Palavra. A alma é nada; só Deus é. É um estado de perfeita humildade no qual o ego é aniquilado pelo conhecimento de sua insignificância metafísica diante da unicidade — a Realidade Absoluta — de Deus. Todo movimento natural da alma é considerado aqui como uma forma de orgulho, no sentido místico desta palavra, ou seja, como uma tentativa de se afirmar como uma realidade.

Machine Translated by Google

Diante da única Realidade de Deus, ou ainda como o erro de desejar acrescentar algo ao Único, que então deixaria de ser único. O luciferianismo é o desejo de privar Deus de Sua glória de unicidade. Não há perfeição em nós; toda perfeição está nEle.

Divindade: Cristo é verdadeiramente Deus. Nele, por meio de Seu Nome, a deificação se efetua. Somos impotentes, e Ele nos concede Sua Divindade para nos salvar. Nossa realidade mais profunda é Sua Presença em nós. Todo movimento natural da alma aparece aqui como uma separação entre Ele e nós. O ego comum é uma decadência; é o Nome de *Jesus — Ele* mesmo — que, doravante, será o nosso centro. Por um lado, Ele nos penetra com Sua Graça deificadora e, por outro, nos absorve nela; perdemos nossa vida individual para encontrar Sua Vida, que está Nele. Nessa perfeição, nada pode ser considerado fora de Deus; tudo está em Deus. A pessoa humana torna-se “ela mesma” somente além da individualidade no Sujeito puro e divino.

* * *

No centro da fórmula cristã de invocação está o Nome de Jesus, sobre o qual São Bernardino de Siena diz o seguinte: “Coloquem o Nome de Jesus em suas casas e em seus aposentos, e guardem-no em seus corações. A melhor inscrição do Nome de Jesus é aquela no coração, depois a palavra falada e, por último, o símbolo pintado. Tudo o que Deus criou para o bem do mundo está oculto no Nome de Jesus — toda a Bíblia, do Gênesis ao último livro. A razão disso é que o Nome é Origem sem origem.”

O nome de Jesus é tão digno de louvor quanto o próprio Deus. Ao nome de Jesus pode-se acrescentar o nome de Maria, por razões bastante evidentes. "Meu jugo é suave e meu fardo é leve."

Para que a invocação seja agradável a Deus, é preciso possuir as seguintes virtudes ou aspirar sinceramente a elas: conhecimento de si mesmo, paciência e magnanimidade para com o próximo; entrega à Vontade de Deus e confiança em Sua Bondade; pois oculto no Santo Nome está o desejo de Deus de nos salvar. Jamais se deve invocar a Deus com a intenção de "conquistar" algo; o que alcançamos é assunto de Deus.

Em relação a Deus, jamais se deve desejar forçar algo; a invocação deve ser natural e calma. Nenhuma ambição secreta—isso

Machine Translated by Google

Seria a pior coisa possível! Pode-se, no entanto, invocar de maneira solene, como se estivesse diante de um altar, ou então — e este é, por assim dizer, o outro extremo — de maneira despreocupada e infantil, como o canto de um pássaro; isso pode ser feito, por exemplo, enquanto se caminha, seja dentro de casa ou ao ar livre, na natureza. Não existe um "objetivo do Caminho Cristão"; e o objetivo de nossa invocação está nas Mãos de Deus. Invocamos a Deus — seja qual for o Nome — porque Deus é Deus, precisamente, e porque desejamos alcançar a Deus; na existência, de fato, não há outra escolha. Também não se deve esquecer que nosso ponto de partida é a Verdade metafísica — a distinção entre *Âtmâ* e Mâyâ — e não um credo sentimental. Além disso, tudo o que é verdadeiro pertence principalmente a Cristo, mesmo que não esteja na Bíblia, e mesmo que a teologia não esteja consciente deste ou daquele ponto, ou se, por esta ou aquela razão, não possa expressá-lo.

O que se realiza através da Eucaristia não depende de nós. Ao participar da Ceia do Senhor, deve-se ter a intenção de absorver a Presença salvadora de Deus — a *priori* desejosa de salvar — e Sua Graça, e assim começar uma nova vida.

A mediação de Cristo significa que Deus pode assumir forma — que, por meio de uma forma, Ele pode estender a Sua mão para nós. Este é o mistério do *Avatar.* Por outro lado, Deus também pode agir sobre nós a partir do nosso ser mais íntimo: "O reino de Deus está dentro de vós". E ainda: "O vento sopra onde quer". Isto está ligado ao mistério do Espírito Santo. A mediação de Cristo não tem limites; depende do que somos e para o que somos chamados; mais uma vez, é assunto de Deus, não nosso.

A oração livre e pessoal não deve ser negligenciada; ela deve sempre ser introduzida pela Oração do Senhor. O conteúdo principal de uma oração é uma súplica; não se pode, contudo, pedir algo sem agradecer por algo, assim como não se pode confiar na Misericórdia de Deus sem se render à Sua Vontade. Devemos expressar a Deus quaisquer preocupações ou dificuldades que tenhamos e, por meio disso, cultivar um relacionamento vivo com Ele, para que neste mundo instável aqui na Terra nunca estejamos sozinhos; podemos também recorrer à Virgem Santíssima e confiar-lhe tudo. O Céu é misericordioso.

Deus é misericordioso, mas não brando; Ele é benevolente para com o coração que respeita Seu Rigor. E "não há direito superior ao da Verdade". O coração mundano é frequentemente comparado a uma pedra; por isso se fala do "derretimento do coração". Na invocação, o coração "bebe" o Nome divino para que o Nome possa

Machine Translated by Google

Beba do coração. O coração precisa estar receptivo à Presença divina; então Deus estará receptivo ao chamado do coração.

* * *

Em termos iniciáticos, a Anunciação é a entrada de Deus no homem, como ocorre nos Sacramentos, que conferem o Espírito Santo ou Cristo; Deus se fez verdadeiro homem para que o homem pudesse se tornar verdadeiro Deus. A Visitação é a conformidade da alma à "Presença Real", a consciência que o homem tem de "carregar" a Divindade, a concentração devocional e jubilosa de todo o ser na "Semente divina". O Nascimento de Cristo é a invocação do Nome salvador — aquilo que atualiza a virtualidade espiritual implícita na "Presença". Em seguida, vem a Apresentação de Cristo no Templo: o homem, purificado e santificado por esta Presença de Deus, não deixa de se considerar um mero homem e permanece sempre consciente, apesar dos êxtases da Graça, de suas limitações como criatura, e também das limitações que o suporte divino — o Nome — contém em sua "materialidade".[1] E o Encontro do Menino Jesus no Templo: após a "secura" em que o Nome divino deixou a alma, o Nome é revelado como a fonte misteriosa de toda a sabedoria.

Quanto aos "Mistérios Dolorosos", a Agonia no Getsêmani é o esquecimento da "Presença Real", a negligência da "Semente divina", a letargia e a inadvertência, como se vê, aliás, no sono dos discípulos. A Flagelação: refere-se a ações incompatíveis com a Presença divina; é a "dissipação". A Coroação de Espinhos: é a vaidade humana, a sua tendência a atribuir a si mesma glórias que pertencem somente a Deus; é o erro de derivar alguma vaidade da Graça. Antes de prosseguir, é preciso refutar uma possível objeção, a saber, que esta interpretação — que nos parece evidente por si mesma, visto que está na natureza das coisas — não implica a participação do contemplativo nos sofrimentos de Cristo; mas tal censura não se justifica, pois os defeitos mencionados exigem virtudes, que por definição implicam mortificações e que, assim, reproduzem os sofrimentos do Verbo encarnado. Daí a coroa de espinhos —

1. O Deus-Homem é a Divindade, mas a Divindade não é o Deus-Homem.

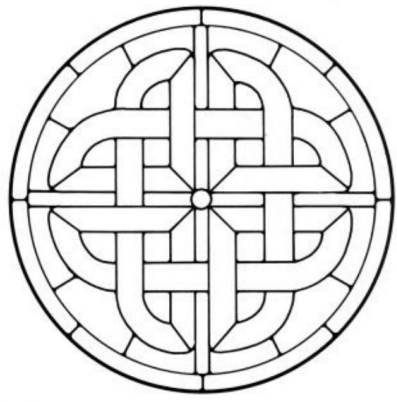
Machine Translated by Google

A Paixão infligida a Cristo como resultado de um sentimento de vaidade humana torna-se, para a contemplação, a abnegação, o esquecimento de si, a atribuição de toda a glória a Deus. É, portanto, necessário, por um lado, realizar em si mesmo a Paixão de Cristo e, por outro, evitar infligi-la a Ele; em outras palavras, quem poupa a Cristo (microcósmica, interiormente) a Paixão deve assumi-la sobre si (no mesmo sentido), e quem não a assume, inflige-a a Cristo. O Carregamento da Cruz também tem um significado microcósmico: Jesus, vaso da Graça redentora, assume o peso da nossa ignorância, do nosso individualismo; é o Nome divino que absorve — e aniquila em sua Infinitude — as misérias humanas e, dessa forma, purifica o coração do homem em prol da visão beatífica. E a Crucificação: é o desejo ou a paixão que "crucifica" a "Presença Real" e imobiliza a sua "vida".

Quanto aos "Mistérios Gloriosos", a Ressurreição é a consciência de que somente o Divino é real, uma consciência que floresce em virtude do Nome de Deus. A Ascensão: a alma toma consciência de sua identidade essencial com o Divino. Pentecostes: o Divino penetra nos pensamentos e ações do homem "deificado". A Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria: a alma se extingue em Deus.

A Coroação da Bem-Aventurada Virgem: a alma desperta em Deus, no "Aspecto divino" do qual era apenas uma sombra; a Virgem coroada pelo Verbo — com uma coroa "incriada" — é assim a alma reintegrada à sua Infinitude essencial, à sua Realidade, da qual estivera separada apenas de forma ilusória, como num sonho; e, acrescentemos, é por isso que a Virgem é "criada antes da criação": a alma deve "tornar-se aquilo que é" e isto é "Aquilo que é".

Machine Translated by Google



Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

NOTAS DO EDITOR

Os números em negrito indicam os números das páginas do texto às quais o
As seguintes definições, descrições, citações e explicações são apresentadas.
oferecido.

Capítulo 1: Esboço da Mensagem de Cristo

1: *Uma voz patrística* poderia se referir, entre outros, a Irineu *(c.* 130-c. 200),
que ensinou que "o Filho de Deus se fez Filho do homem para que o homem, por
entrando em comunhão com a Palavra e, assim, recebendo a filiação divina, poderia tornar-se
filho de Deus" *(Contra as Heresias,* 3:19); ou a Atanásio
(c. 296-373), que escreveu: "O Filho de Deus se fez homem para que nós
poderia se tornar Deus" *(Sobre a Encarnação,* 54:3); o ensinamento essencial é
Comum a muitos Padres da Igreja.

"Brahma *é real; o mundo é aparência;* a alma não é outra coisa senão *Brahma":*
Este resumo do *Advaita Vedanta* é tradicionalmente atribuído a Shankara.
(788-820), a quem o autor considerava o maior dos metafísicos hindus.

2: *A letra que mata:* "A letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Coríntios 3:6).

"Deus é Espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem *em espírito e em espírito."*
"Em verdade" (João 4:24).

"Orai sem cessar" (1 Tessalonicenses 5:17).

3: *"O reino de Deus está dentro de vós"* (Lucas 17:21).

Os hesicastas são monges da tradição cristã oriental cujo objetivo é
Alcançar um estado de *hesíquia* ou quietude interior através da prática de Jesus.
Oração (ver nota do editor no Capítulo 2, pág. 26) ou outra "oração do coração".

"Por causa da dureza do vosso coração, ele [Moisés] *vos escreveu este preceito"* (Marcos 10:5).

Nota 3: *Bernardino de Siena* (1380-1444) é conhecido como "o apóstolo da Santa
Nome", devido à sua devoção ao Nome de Jesus.

Machine Translated by Google

4: Que o *Bem* deseja *comunicar-se,* ou é "autodifusivo", está implícito.
nos ensinamentos de *Platão* (427-347 a.C.) que o Criador é "bom, e o que
O bem não contém nenhuma partícula de inveja; sendo, portanto, sem inveja.
desejava que todas as coisas fossem o mais semelhantes possível a Ele" *(Timeu,* 29e); esta
doutrina recorre ao longo da tradição ocidental e pode ser encontrada em
ensinamentos, entre muitos outros, de *Agostinho* (354-430), Dionísio,
Areopagita *(c.* 500) e Boaventura *(c.* 1217-74).

Embora nunca tenha sido definido como dogma, o reconhecimento popular do Bem-Aventurado
A Virgem como *Corredentora* remonta aos tempos antigos e pode ser encontrada em ambos
as Igrejas do Oriente e do Ocidente; ecoando a crença de muitos
Cristãos, escreve São Luís Maria Grignion de Montfort: "Digamos com ousadia, com
São Bernardo que precisamos de um mediador com o próprio Mediador e que
"A *divina Maria* é a mais capaz de cumprir este ofício de amor" *(Verdadeiro*
Devoção à Santíssima Virgem).

"Eu sou *o caminho, a verdade e a vida"* (João 14:6).

5: *"O meu jugo é suave e o meu fardo é leve"* (Mateus 11:30).

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo estava com Deus.
Deus" (João 1:1).

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito.
foi feito" (João 1:3).

"E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam" (João 1:28).
1:5).

6: *"É inevitável que venham as ofensas;* mas ai daquele homem por quem a ofensa acontece!"
"Vem aí a ofensa" (Mateus 18:7).

No Zoroastrismo, *Ohrmazd* (ou Ahura Mazda) é o Senhor Supremo do
universo, e *Ahriman* (ou Angra Mainyu) é um espírito maligno correspondente a
Satanás na tradição cristã.

Capítulo 2: A natureza particular e a universalidade da tradição cristã

8: Nota 2: *Orígenes* (185-253) foi o mais prolífico e influente dos primeiros filósofos.
Os Padres da Igreja, que escreveram centenas de livros, incluindo a *Contra-Igreja* , escreveram a Contra-Igreja.

Machine Translated by Google

Notas do editor

Celsum, ou seja, "Contra Celso", é uma defesa do cristianismo contra o filósofo pagão Celso.

9: Nota 4: *Agostinho* (354-430), bispo da cidade norte-africana de Hipona e o maior dos Padres Ocidentais, escreveu um comentário crítico sobre suas próprias obras iniciais no final da vida, *Retractationes,* "Reconsiderações", embora a perspectiva expressa na passagem aqui citada não estivesse entre os ensinamentos revisados ou "retratados".

O abade francês Jallabert publicou sua *obra "O Catolicismo perante Jesus Cristo"* em 1874.

10: Nota 4: *Elêusis, Lemnos e Samotrácia* foram importantes centros das religiões de mistério da Grécia Antiga.

Nota 5: *"A divergência dos estudiosos é uma bênção" (Ikhtilâf al-'ulamâ'i rahmah)* é um ditado tradicional atribuído a Malik b. Anas (716-95), o fundador da escola Maliki de jurisprudência islâmica, e preservado no *al-Jami' al-Saghir* ("A Pequena Coleção") de Jalal al-Din al-Suyuti (1445-1505).

Nota 6: *Cristo* diz: "Entre os nascidos de mulher não há profeta maior do que *João Batista;* mas o menor no reino de Deus é maior do que ele" (Lucas 7:28; *cf.* Mateus 11:11).

13: *"Não deem aos cães o que é santo, nem lancem aos porcos as suas pérolas; para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem"* (Mateus 7:6).

14: *"E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam"* (João 1:5).

"Antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58).

Mansur *al-Hallaj* (858-922), o primeiro mártir sufi, foi esquartejado e crucificado por sua declaração mística: "Eu sou a Verdade".

16: *"É necessário que venham escândalos;* mas ai daquele por quem o escândalo vem" (Mateus 18:7; *cf.* Lucas 17:1).

17: *Basílio* Magno *(c.* 330-79), um dos Padres Capadócios, escreveu sua obra *Sobre o Espírito Santo* em resposta aos hereges Pneumatomachi, que negavam a divindade do Espírito.

Machine Translated by Google

Dionísio, o Areopagita (datado por volta de 500 d.C. por muitos estudiosos), foi um discípulo de São Paulo (Atos 17:34) e autor de várias obras místicas importantes, incluindo *A Hierarquia Celestial,* da qual esta passagem foi citada.

Nota 11: *Paul Vulliaud* (1875-1950).

Vulliaud usa a expressão francesa *loi de l'arcane,* que foi aqui traduzida por seu equivalente latino tradicional, *lex arcani,* "lei ou regra do segredo".

18: Nota 11: *Sozomeno* (Salmaninius Hermias Sozomenus) foi um historiador da Igreja do início do século V, cujos escritos abrangem o período de 323 a 425 e, portanto, incluem o Concílio de Niceia (325), o primeiro dos Concílios Ecumênicos.

Quinto Sétimo Floren *Tertuliano (c.* 160-c. 225) foi um dos primeiros apologistas cristãos e escritor ascético, cujo tratado contra o herege *Praxeas* constituiu uma das primeiras formulações do dogma trinitário.

Teodoreto (c. 393-c. 466) foi bispo de Cirro e participou ativamente dos debates cristológicos de sua época.

Tentzelius (1455-1522)—Johannes Tetzel Reuchlin—foi um classicista renascentista e estudioso da Cabala.

Em sua obra *De Disciplina Arcani* (1685), "Sobre a Disciplina do Segredo", *Emmanuel Schelstrate* (1649-92) ensinou que a relativa ausência de doutrinas explícitas na Igreja primitiva sobre assuntos como os sacramentos era resultado de uma regra deliberada de silêncio imposta por Cristo e seus Apóstolos.

19: Nota 11: *"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça"* (Mateus 11:15).

"Buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á" (Lucas 11:9).

João Crisóstomo (c. 347-407), Patriarca de Constantinopla, foi um orador talentoso — daí o epíteto *chrysostomos,* "o de boca de ouro" — e o autor inspirado da liturgia mais utilizada na Igreja Ortodoxa Oriental.
Igreja.

20: *Justificação pela fé:* "O homem é justificado *pela fé,* sem obras da lei" (Romanos 3:28).

Machine Translated by Google

O jugo é suave e o fardo é leve: "Porque o meu *jugo é suave e* o meu *fardo* é *leve"* (Mateus 11:23).
11:30).

Nota 11: *Diocleciano,* imperador romano de 284 a 305, promoveu o último
grande onda de perseguição contra a Igreja primitiva.

Inocêncio I (falecido em 417) foi Papa a partir de 402.

FT *Bègue-Clavel* publicou *História Pitoresca da Maçonaria e da Antiga Maçonaria.*
e as Sociedades Secretas Modernas em 1843.

21: Nota 12: *Chaitanya* (1486-1533) foi um espiritual hindu vaishnavita
líder e professor, considerado por seus seguidores como um *avatâra,* ou encarnação,
de Krishna.

Krishna, juntamente com Rama, é um dos dois *avatares* mais importantes do Sagrado Coração.
Vishnu, deus hindu.

Amida (japonês) ou *Amitabha* (sânscrito) é o nome do Buda de
"luz infinita" que, como um *Bodhisattva* chamado Dharmakara, jurou não a
entrar no *Nirvana* até que tivesse levado todos os que invocavam o Seu Nome para o paraíso da
Sua Terra Pura.

O livro "Seitas Budistas Japonesas" foi publicado por *E. Steinilber-Oberlin e Kuni Matsuo.*
em 1930.

22: Nota 12: *Daisetz Teitaro Suzuki* (1870-1966) publicou três volumes de
Ensaios sobre o budismo zen entre 1927 e 1933.

Nota 13: *Ramakrishna* (1834-86), devoto da deusa hindu Kali, era
Um dos maiores santos hindus dos tempos modernos.

23: Para a *tradição hesicasta,* veja a nota do editor para o Capítulo 1, pág. 3.

A fé pode mover montanhas: "Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda,
dirão a este monte: Passa daqui para acolá; e ele
"Afastem-se de mim, e nada vos será impossível" (Mateus 17:20).

Nota 13: *Vladimir Lossky* (1903-58) publicou *A Teologia Mística do*
Igreja Oriental em 1944.

24: Nota 15: De acordo com *Meister Eckhart (c.* 1260-1327), um alemão
Escritor metafísico dominicano, toda comida é Sagrada Comunhão para aqueles que

Machine Translated by Google

são puros de coração (ver notas do editor para o Capítulo 3, pág. 36, Nota 9, Capítulo 5, pág. 59, Nota 6 e Capítulo 10, pág. 129, Nota 18).

25: *Bento* de Núrsia *(c.* 480-c. 550), conhecido como o "patriarca do monasticismo ocidental", compôs uma breve *Regra* para seus monges, que se baseava na prática espiritual dos Padres do Deserto e em uma regra anterior de São João Cassiano.

Os *Padres do Deserto* foram ascetas e eremitas cristãos dos séculos III, IV e V que se retiraram para o deserto no Egito, na Síria, na Palestina e na Arábia para levar uma vida de oração interior.

26: A *Oração de Jesus,* ou Oração de Jesus, é a oração hesicasta mais comum e consiste nas palavras, ou alguma variação: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de nós".

27: *O silêncio sagrado* é uma das várias traduções possíveis do grego *hesychia.*

A doutrina palamita, ou seja, os ensinamentos de Gregório Palamas.

Nota 17: *Gregório Palamas (c.* 1296-1359), monge do Monte Atos, é mais conhecido por sua defesa das técnicas contemplativas psicossomáticas empregadas pelos Padres Hesicastas.

Nota 18: *Om mani padme hum* é um *mantra* tibetano que significa "Ó Joia no Lótus, salve".

28: *"O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor"; "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"* (Joel 2:31, 32).

"À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, e a *todos os que em todo lugar invocam o nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, Senhor* deles e nosso: Graça a vós" (1 Coríntios 1:2).

Oração incessante: "Orai sem cessar" (1 Tessalonicenses 5:17).

João Damasceno, ou João de Damasco *(c.* 675-c. 749), foi um teólogo grego e "doutor da Igreja", mais conhecido por sua *Fonte da Sabedoria.*

Nota 20: *"Clamei ao Senhor com a minha voz, e ele me ouviu desde o seu santo monte"* (Salmo 3:4); *"Então invoquei o nome do Senhor; ó Senhor, eu te suplico,*

Machine Translated by Google

"Livra a minha alma" (Salmo 116:4); *"O Senhor está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade"* (Salmo 145:18); *"Abre bem a tua boca, e eu a encherei"* (Salmo 81:10); "Bendize, ó minha alma, ao Senhor... *que farta a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia"* (Salmo 103:1, 5); *"Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome; tu és meu"* (Isaías 43:1); *"Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto"* (Isaías 43:14).
55:6); *"Invoquei a Deus, e o espírito da sabedoria veio a mim"* (Sabedoria de Sol 7:7).

Nota 21: *Dervixes — termo persa* para "os pobres" — são membros de uma irmandade sufi.

29: Nota 22: Sergius *Bulgakov* (1871-1944) publicou *A Igreja Ortodoxa* em 1935.

Bernardo de Claraval (1090-1153) foi um monge cisterciense e autor de numerosas homilias sobre o Cântico dos Cânticos.

Capítulo 3: "Pai Nosso que estais nos céus"

31: Nota 1: O *Talmud* compreende várias coleções de tradição oral judaica e comentários.

32: *Rama* e *Krishna* são dois dos dez *avatâras,* ou encarnações, do deus hindu Vishnu.

"Salve, agraciada ! *O Senhor é contigo;* bendita és tu entre as mulheres" (Lucas 1:28); "Porque atentou para a humildade da sua serva; pois eis que, desde *agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada"* (Lucas 1:48).

O terceiro dos Concílios Ecumênicos, reunido em Éfeso (431), declarou que a Bem-Aventurada Virgem Maria é corretamente chamada de *Theotokos* ou *Mãe de Deus;* a *Imaculada Conceição* é o dogma católico romano de que, desde o primeiro momento de sua concepção, Maria estava livre de toda mancha do pecado original.

Nota 4: No francês original do autor, a palavra aqui traduzida
O protestantismo é évangélisme ou "evangelicalismo", um termo usado na Europa.
O contexto pode se referir tanto ao luteranismo quanto à união das igrejas luterana e reformada, ou ainda aos grupos protestantes em geral.

Machine Translated by Google

33: A *definição do Deus-Homem,* incluindo a relação entre a Pessoa de Cristo e as naturezas, é o tema do Capítulo 13 deste volume, "O Mistério das Duas Naturezas"; *a teologia trinitária* é discutida com maior profundidade no Capítulo 10, "Evidência e Mistério".

34: *"O reino de Deus está dentro de vós"* (Lucas 17:21).

35: *"Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai, que está em secreto"* (Mateus 6:6).

Para *os hesicastas,* veja a nota do editor no capítulo 1, página 3.

Nota 8: "Mas, quando orardes, *não useis de vãs repetições ,* como fazem os gentios" (Mateus 6:7).

36: "Ninguém que fala *pelo Espírito Santo* diz: Jesus é maldito" (1 Coríntios 12:3).

Feito à imagem de Deus: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26).

Nota 9: *Meister Eckhart (c.* 1260-1327) foi considerado pelo autor como o maior dos metafísicos e esoteristas cristãos (ver notas do editor para o Capítulo 2, p. 24, Nota 15, Capítulo 5, p. 59, Nota 6 e Capítulo 10, p. 129, Nota 18).

Capítulo 4: Algumas Observações

39: "Eu sou a *luz do mundo"* (João 9:5).

Orígenes *(c.* 185-c. 254), entre outros Padres da Igreja, fala de Cristo como a *Sabedoria do Pai.*

"E *a luz resplandece nas trevas,* e as trevas não a compreenderam."
(João 1:5).

40: Ao recitar o Credo Niceno, os cristãos ortodoxos confessam que o Espírito Santo "procede somente do Pai" *(cf.* João 15:26), mas na Igreja Católica Romana o termo *Filioque* é acrescentado ao texto latino do Credo, significando que o Espírito procede do Pai "e do Filho".

Nota 3: O *Decálogo* consiste nos "Dez Mandamentos" dados por Deus a Moisés *(cf.* Êxodo 20:3-17); na Cabala, ou tradição mística judaica, o

Machine Translated by Google

Notas do editor

Sephiroth (literalmente "números" em hebraico) são as dez emanações de *Ein Sof,* a Suprema Divindade.

41: ÿÿÿÿÿÿÿÿ *(leitourgia),* ou "liturgia", é literalmente o "trabalho" *(ergon)* do "povo" *(laos).*

Nota 4: Para *Agostinho* (354-430), veja a nota do editor para o Capítulo 2, pág. 9, Nota 4.

41-42: No *Calvário,* Cristo se dirige à sua mãe em referência a João: "Mulher, eis aí o teu *filho!"* (João 19:26); no mar de *Tiberíades,* Cristo diz de João que "ficará *até que eu volte"* (João 21:22).

42: *"Apascenta as minhas ovelhas"* (João 21:16, 17).

"Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e *as portas do inferno não prevalecerão contra ela"* (Mateus 16:18).

No Oriente grego, o Bispo de Roma goza de uma primazia de honra entre os seus pares bispos como *primus inter pares,* isto é, "o primeiro entre iguais"; não se entende que ele seja o *pontifex maximus* ou "pontífice supremo" da Igreja, como o é entre os católicos romanos.

Os três *conselhos evangélicos* da pobreza, castidade e obediência, também conhecidos como os "conselhos da perfeição", deram origem aos votos tradicionais do monge.

Nota 7: As numerosas obras de *Tertuliano* (ver nota do editor para o Capítulo 2, pág. 18, Nota 11) incluem um breve tratado "Sobre o Batismo".

Dionísio, o Areopagita (ver nota do editor para o Capítulo 2, pág. 17), escreve sobre os sacramentos em sua *Hierarquia Eclesiástica.*

43: Nota 9: "Deus é Espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem *em espírito e em verdade"* (João 4:24).

Luís IX (1214-70) foi rei da França a partir de 1226.

"A letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Coríntios 3:6).

Nota 10: A teologia eucarística de *Clemente de Alexandria (c.* 150-c. 215), chefe da famosa Escola Catequética de Alexandria, encontra-se em sua obra *Stromateis* ou "Estudos Diversos".

Machine Translated by Google

44: Referindo-se ao amor a Deus e ao amor ao próximo, Cristo disse: “Desses dois mandamentos dependem *toda a lei e os profetas”* (Mateus 22:40).

A *Lenda Dourada,* uma coletânea de vidas de santos e breves tratados sobre festas cristãs, foi compilada por Jacó de Voragine *(c.* 1230-c. 1298).

Ave Maria, ou “Salve Maria”, são as duas primeiras palavras da Saudação Angélica *(cf.* Lucas 1:28 e veja a nota do editor para o Capítulo 14, pág. 155).

Inácio (c. 35-c. 107), sucessor de São Pedro como bispo de Antioquia, foi um dos primeiros mártires cristãos.

45: Nota 11: *Catherine dei Ricci* (1522-90) foi uma visionária italiana.

Christe eleison é uma frase grega que significa "Cristo, tende piedade".

João *Cassiano (c.* 360-435), que foi muito influenciado em sua juventude pelo contato com os Padres do Deserto do Egito, fundou posteriormente mosteiros perto de Marselha, transmitindo os ensinamentos ascéticos e místicos do Oriente para a Igreja Ocidental (ver também as notas do editor para o Capítulo 2, p. 25).

Na missa latina tradicional, o celebrante recita as palavras *Panem celestem accipiam et nomen Domini invocabo* (“Receberei o Pão do Céu e invocarei o Nome do Senhor”) e *Calicem salutaris accipiam et nomen Domini invocabo* (“Receberei o Cálice da Salvação e invocarei o Nome do Senhor”) ao se preparar para receber a Eucaristia.

O *Pequeno Esquema* e o *Grande Esquema (schêma* significa "hábito" em grego) são graus sucessivos da vida monástica no Oriente cristão, cada um envolvendo votos solenes.

“A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (Hebreus 4:12).

Maria *Consolata* (1903-46) foi uma freira capuchinha italiana, cuja “oração do coração”, recebida do próprio Cristo, consistia nas palavras: “Jesus, Maria, eu vos amo! Salvai as almas!”, e cuja vida e ensinamentos estão registrados no livro aqui mencionado, publicado por Lorenzo Sales, IMC, em 1955.

46: Nota 12: Ver “As Virtudes Espirituais” em *Perspectivas Espirituais e Fatos Humanos* (Pates Manor, Bedfont, Middlesex: Perennial Books, 1987), publicado pela primeira vez em 1954.

Machine Translated by Google

47: *Bento* de Núrsia (ver nota do editor para o Capítulo 2, p. 25) deu ênfase especial às virtudes da obediência e da humildade em sua famosa *Regra; Bernardo* de Claraval (ver nota do editor para o Capítulo 2, p. 29, Nota 22) intitulou um de seus tratados mais importantes de “Os Passos da Humildade e do Orgulho”.

Nota 13: “O Filho do Homem não veio *para ser servido, mas para servir* e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:28).

“Portanto, quem se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:4).

“[Os escribas e os fariseus] adoram *os lugares de honra nos banquetes”* (Mateus). 23:6, Marcos 12:39; *cf.* Lucas 11:43).

Tomás de Aquino (c. 1225-74), conhecido na tradição como o "Doutor Angélico" e o mais importante teólogo católico romano da história, discutiu a virtude da humildade em seu "Tratado sobre as Virtudes" na *Suma Teológica.*

Nota 14: *“Por que me chamas bom? Não há ninguém bom senão um, que é Deus”* (Mateus 19:17, Marcos 10:18; *cf.* Lucas 18:19).

48: Segundo *Agostinho,* “Todos os preceitos divinos remetem ao *amor,* do qual o Apóstolo [Paulo] diz: 'Ora, o fim do mandamento é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé não fingida' (1 Timóteo 1:5). Assim, todo mandamento remete ao amor” *(Enchiridion,* 32).

“A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (João 1:5).

“Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mateus 7:1).

O segundo artigo do Credo dos Apóstolos inclui as seguintes palavras sobre Cristo: “Ele subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso; de onde há de vir a *julgar os vivos e os mortos.”*

49: “Há um só legislador, que pode salvar e destruir; *quem és tu que julgas o outro?”* (Tiago 4:12; *cf.* Romanos 14:4).

Sabedoria das serpentes: “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mateus 10:16).

Machine Translated by Google

"Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo." · Porque a um é dada pelo Espírito a palavra da sabedoria... a outro, *o discernimento dos espíritos"* (1 Coríntios 12:4, 8, 10).

Nota 15: A *Torá* é o fundamento escrito da lei judaica, consistindo no Pentateuco ou nos cinco primeiros livros do Antigo Testamento e revelada aos judeus.
Moisés no Sinai.

51: Nota 19: René *Descartes* (1596-1650) propôs um método baseado na dúvida sistemática de tudo, exceto da própria autoconsciência, resumido na frase *cogito ergo sum* ("Penso, logo existo"); Immanuel *Kant* (1724-1804), fundador da filosofia "crítica", insistiu que o conhecimento do homem se limita ao domínio dos objetos sensíveis e que a ideia de Deus não passa de um postulado da razão sem certeza objetiva.

52: *Uma coisa é necessária:* "Uma coisa é necessária" (Lucas 10:42).

Capítulo 5: Delimitações do Pecado Original

56: *O Reino de Deus está dentro de vocês:* "O Reino de Deus está dentro de vocês" (Lucas 17:21).

"Amarás o Senhor teu Deus *de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento"* (Lucas 10:27); "este é o primeiro e grande mandamento", diz Cristo (Mateus 22:37; *cf.* Marcos 12:30, Deuteronômio 6:5).

"Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca" (Apocalipse 3:16).

Nota 1: Para informações sobre a *Imaculada Conceição,* veja a nota do editor no Capítulo 3, página 32.

Nota 2: Para *Shankara,* veja a nota do editor no Capítulo 1, pág. 1.

Nota 3: "Portanto, aquele que *sabe que deve fazer o bem e não o faz,* comete pecado" (Tiago 4:17).

57: Para o ensinamento "Brahma *é real; o mundo é ilusório* [ou 'aparência']; *a alma não é outra coisa senão* Brahma", veja a nota do editor para o Capítulo 1, pág. 1.

58: "Portanto, orai assim: *Pai nosso, que estais nos céus,* acolhei-o e vos abençoeis, porque ele vos amou e vos abençoou, porque eu vos abençoei e vos abençoeis ...

Machine Translated by Google

"Seja bendito o teu nome" (Mateus 6:9; *cf.* Lucas 11:2).

A construção da *Torre de Babel* e a confusão da linguagem humana são narradas em Gênesis 11:4-9.

Os *Titãs* eram a raça mais antiga de deuses gregos que, sob a liderança de Cronos, resistiram ao poder de Zeus e dos outros olímpicos; *Prometeu* roubou o fogo dos deuses olímpicos; Dédalo criou asas para si e para seu filho, *Ícaro,* mas o jovem voou perto demais do sol, derretendo a cera das asas e caindo para a morte.

A *árvore proibida* proporcionava "o conhecimento do *bem* e *do mal"* (Gênesis 2:17).

De acordo com o Alcorão, Deus, tendo "ensinado a Adão todos os nomes" das *criaturas,* ordenou-lhe: "Ó Adão! Informa-lhes os *seus nomes",* e aos *anjos* foi ordenado: *"Prostrai* -vos diante de Adão" *(Sura* "A Vaca" [2]:31, 33, 34).

"E *Enoque* andou com Deus; e já não era mais encontrado, porque Deus o levou" (Gênesis 5:24; *cf.* Hebreus 11:5).

59: Nota 6: Os ensinamentos de *Meister Eckhart* (ver notas do editor para o Cap. 2, p. 24, Nota 15, Cap. 3, p. 36, Nota 9, e Cap. 10, p. 129, Nota 18) que *"há algo na alma* [anima] *que é incriado e incriável;* se toda a alma fosse assim, seria incriada e incriável, *e este é o Intelecto* [Intellectus]" estava entre os artigos pelos quais ele foi acusado de heresia, e que ele próprio posteriormente revogou "na medida em que pudessem gerar nas mentes dos fiéis uma opinião herética" (Bula *In agro dominico* [1329]).

Capítulo 6: O Diálogo entre Helenistas e Cristãos

63: Quanto à *inconsistência* envolvida na *apropriação cristã de elementos gregos,* o autor escreve em outro lugar: "Sendo o cristianismo uma *bhakti,* teria sido, em princípio, coerente e sábio renunciar à metafísica integral e manter-se fiel a um fideísmo inspirado unicamente pelas Escrituras: assim, registrar piedosamente o que elas dizem de Deus, do Pai, do Filho, do Espírito Santo, sem buscar construir um sistema, e permanecer humilde e amorosamente contente com o mistério; a teologia, necessária *de fato,* poderia ter dispensado certas especulações inspiradas por Aristóteles. Mas, na verdade, tal fidelidade total a si mesma — ou mais precisamente ao gênio da *bhakti* — *era* rara."

Machine Translated by Google

100% possível para uma religião de Estado. Além disso, não era possível porque a especulação está na natureza do homem, e porque a proximidade dos filósofos era uma tentação para imitá-los, tanto mais porque o homem reluta em reconhecer nos outros qualidades que ele próprio não possui — e isso, sem eufemismo, chama-se ciúme; depois, porque vários convertidos eram eles próprios gregos ou helenistas, familiarizados com a filosofia; e, finalmente, porque o ambiente pagão exigia uma apologética vigilante, sem esquecer as heresias cristãs que precisavam ser neutralizadas. Mas aqui surge uma nova dificuldade: a heresia nem sempre consistia em algo contrário à verdade; muitas vezes era simplesmente algo contrário ao *bhakti;* a teologia, portanto, desenvolveu-se em resposta a uma dupla necessidade ou a uma dupla tentação: apropriar-se da dialética — mesmo que estranha ao gênio cristão — de adversários reais ou aparentes e, com a ajuda dessa dialética, atacar a sua própria essência; Em suma, reivindicar todos os direitos da *gnose* ou da intelecção pura, recorrendo ao mistério quando essa reivindicação encontra um limite, como é inevitável, visto que se trata aqui de uma questão de *bhakti* e dogmatismo.
(Cristianismo/ Islã: Ensaios sobre Ecumenismo Esotérico [Bloomington, Indiana: World Wisdom, 1985], pp. 142-43).

“Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e *loucura para os gregos”* (1 Coríntios 1:23).

Sabedoria segundo a carne: “Em simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus, temos vivido no mundo” (2 Coríntios 1:12).

64: A *escola de Alexandria,* cujos mestres incluíam Clemente *(c.* 150-c. 215) e Orígenes *(c.* 185-c. 254), era marcada por uma forte tendência platônica e por uma interpretação mística e alegórica das Escrituras, enquanto a de *Antioquia* era notável por sua ênfase aristotélica e histórica.

66: *Sócrates (c.* 470-399 a.C.) foi o professor de *Platão (c.* 427-c. 347 a.C.), e Platão foi o professor de *Aristóteles* (384-322 a.C.).

Ariano refere-se aos ensinamentos e tradições da antiga cultura indo-iraniana; *Mazdeano* é o mesmo que Zoroastriano; *Brâmane* significa a doutrina dos brâmanes ou sacerdotes hindus.

67: Nota 3: *Pitágoras (fl.* 540 a.C.) ensinou uma metafísica que se baseava na essência qualitativa dos números.

68: Os primeiros filósofos *pré-socráticos ,* os *jônios* ou milesianos,

Machine Translated by Google

incluindo Tales e Anaxímenes (ver nota 4 abaixo), bem como Anaximandro *(c.* 611-c. 547 a.C.), que ensinou que todas as coisas são compostas de *ápeiron,* o "indefinido".

Nota 4: *Tales (c.* 636-c. 546), *Anaxímenes (fl.* 550 a.C.), *Diógenes (c.* 412-c. 546). 323 a.C.), *Heráclito (ativo em* 500 a.C.).

69: Os antigos *sofistas* gregos eram mestres de retórica, muito criticados por Sócrates por seus argumentos falaciosos e aparente indiferença à verdade.

Aristóteles é conhecido como o *Estagirita* porque nasceu na cidade jônica de Estagira, na Calcídica.

Protágoras de Abdera *(c.* 481-c. 411 a.C.) foi um importante sofista, conhecido por sua máxima de que "o homem é a medida de todas as coisas".

Demócrito (c. 460-c. 370 a.C.) acreditava que tudo podia ser reduzido a átomos movendo-se no vazio.

Epicuro (c. 341-271 a.C.) propôs uma teoria empirista do conhecimento e uma ética hedonista, ou "epicurista", baseada na convicção de que os deuses não têm influência na vida humana.

72: "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, *senão pelo Espírito Santo"* (1 Coríntios 12:3).

73: "O céu e a terra passarão, mas *as minhas palavras jamais passarão"* (Mat. 24:35, Marcos 13:31, Lucas 21:33).

"Antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58).

Capítulo 7: A Complexidade do Dogmatismo

75: Nota 2: *Sabedoria de Cristo:* "Nós pregamos a Cristo crucificado [...] aos que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1:24).

"Entre os perfeitos falamos sabedoria, não a *sabedoria deste mundo,* nem a dos príncipes deste mundo, que se reduzem a nada" (1 Coríntios 2:6).

"Suplico-te que eu não seja ousado quando estiver diante dessa confiança-

Machine Translated by Google

"Dência, com a qual penso ser ousado contra alguns, que pensam que vivemos como se andássemos *segundo a carne"* (2 Coríntios 10:2); "Embora tenhamos conhecido Cristo *segundo a carne,* agora já não o conhecemos mais" (2 Coríntios 5:16).

76: Para a palavra *Protestantismo,* veja a nota do editor para o Capítulo 3, pág. 32, Nota 4.

78: Nota 4: A *Lei de Manu (Mânava-Dharma-Shâstra* ou *Manu-smriti)* é uma coleção de preceitos referentes a todos os aspectos importantes da vida social e religiosa no hinduísmo tradicional.

O *Paraíso* do Buda *Amitabha* é a Terra Pura à qual ele fez voto.

para trazer todos os que invocam o Seu Nome.

Capítulo 8: Divergências Cristãs

81: Para a palavra *Protestantismo* ao longo deste capítulo, veja a nota do editor para o Capítulo 3, pág. 32, Nota 4.

Dante Alighieri (1265-1321), autor de *A Divina Comédia,* compôs sua obra *De Monarchia* ou *"Tratado sobre a Monarquia"* em homenagem ao Imperador Henrique VII.

82: Nota 2: O estudo mais longo e detalhado do autor sobre o Protestantismo *(Évangélisme)* foi publicado como "A Questão do Evangelismo" em seu livro *Christianity/ Islam: Essays on Esoteric Ecumenicism* (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 1985), pp. 15-53.

83: *Agostinho* (ver nota do editor para o Capítulo 2, pág. 9, Nota 4) ensinou que antes da queda o homem era "capaz de não pecar" *(posse non peccare),* mas que o homem caído "não é capaz de não pecar" *(non posse non peccare).*

Segundo Martinho *Lutero* (1483-1546), o homem está totalmente sob o poder do mal e nada pode fazer senão pecar, sendo a própria justificação uma espécie de ficção jurídica pela qual a justiça de Cristo é imputada ao cristão.

85: "É melhor para ti que se perca um dos teus *membros* do que seja todo o teu corpo lançado no inferno" (Mateus 5:29, 30).

Ulrich *Zwingli* (1484-1531) acreditava que a Eucaristia era meramente um serviço memorial e que Cristo não estava realmente presente no pão e no vinho.

Machine Translated by Google

Notas do editor

Segundo a doutrina católica da *transubstanciação,* a essência da
Os elementos são alterados, embora ainda pareçam estar presentes em seus "acidentes".
pão e vinho; Lutero preferia uma doutrina da *consubstanciação,* segundo a qual o corpo e o
sangue de Cristo coexistem com a essência ou substância do pão e do vinho.

86: Na visão de João *Calvino* (1509-64), o fiel comungante recebe
A virtude ou o poder do Corpo e do Sangue.

Para informações sobre *Bernardo* de Claraval, veja a nota do editor no Capítulo 2, página 29, Nota 22.

"Na casa de meu Pai há muitas moradas" (João 14:2).

"Gloria in altissimis Deo *et in terra pax hominibus bonae voluntatis"* é o
Texto da Vulgata de Lucas 2:14: "Glória a Deus nas alturas, e na terra."
paz, boa vontade para com os homens".

Paulo atesta que "quem come e bebe indignamente come e bebe para sua própria condenação,
não discernindo o corpo do Senhor" (1 Coríntios 11:29).

87: Nota 7: Foi ensinado por Abu l-Hasan al-Ashari (873-935) e o
Escola *Ashrita* do Islã que descreve Deus antropomorficamente em
O Alcorão não deve ser interpretado como metáforas, mas sim aceito *bi-lâ kayf,* que
É, "sem fazer perguntas", e que Deus cria todos os atos humanos.
determinando-os dessa forma, mas que os homens adquiram esses atos e assim sejam
responsáveis por eles.

88: O termo *impanação,* literalmente "transformar em pão", às vezes é usado.
aplicado às doutrinas eucarísticas que buscam salvaguardar a crença na
Presença real com a ideia de que o Filho de Deus "se torna pão" no
sacramento mesmo quando ele "se fez carne" *(cf.* João 1:14) em Jesus.

As palavras de consagração de Cristo são: "Tomai e comei; isto é o meu corpo" e "Bebei dele".
Tudo isso; pois este é o meu sangue da nova aliança" (Mateus 26:26-28; *cf.* Marcos
14:22, 24; Lucas 22:19-20; 1 Coríntios 11:24-25).

89: Os ensinamentos de *João Damasceno (c.* 675-c. 749) sobre a Eucaristia são
incluído em seu influente tratado *Sobre a Fé Ortodoxa* (ver o do autor)
nota 10 sobre *a Exposé précis de la Foi orthodoxe de Damasceno).*

91: "Em vão me adoram, ensinando-me apenas doutrinas e *mandamentos.*
dos homens" (Mateus 15:9; Marcos 7:7).

Machine Translated by Google

Para *o anglicanismo da Alta Igreja,* a tradução francesa é *"l'Anglicanisme du type* High Church".

O *Sétimo Concílio* Ecumênico foi realizado em Niceia, no ano de 787.

Nota 13: Como teste de tradição autêntica, Vicente de Lérins (falecido antes de 450) propôs a fórmula latina tríplice *quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est,* ou seja, "o que sempre foi acreditado *em todos os lugares, sempre, por todos".*

91-2: Quanto à relação adequada entre o Papa e os outros *patriarcas, que são seus irmãos,* o autor afirma o seguinte em outro lugar: "Em relação à questão da eclesiologia, os textos cristãos mais antigos às vezes defendem a tese latina e às vezes a grega; o ideal, ou melhor, a situação normal, seria, portanto, uma Igreja Ortodoxa reconhecendo um papa que não fosse totalmente autocrático, mas em comunhão espiritual com todos os bispos ou patriarcas; este seria um papa sem *filioque,* mas que tivesse, no entanto, o direito, em teologia, liturgia e outros domínios, a certas particularidades que são oportunas ou mesmo necessárias em um contexto latino e germânico" *(Forma e Substância nas Religiões* [Bloomington, Indiana: World Wisdom, 2002], p. 203).

Nota 14: Uma das razões para o cisma entre a Ortodoxia e o Catolicismo Romano foi a decisão unilateral do Ocidente de interpolar a palavra *filioque* no texto latino do Credo Niceno, expressando assim uma dupla processão do Espírito Santo do Pai "e do Filho".

Nota 16: No texto francês do Evangelho citado pelo autor nesta nota, a passagem de Mateus 23:10 diz: "Ne vous faites pas non plus appel-er Docteurs: car vous n'avez qu'un Docteur, le Christ", tornando assim a expressão *Doctors of the Church* (Docteurs de l'Eglise) um pouco mais problemática do que pode parecer na tradução para o inglês.

93: "Deus é Espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem *em espírito e em verdade"* (João 4:24).

94: Donato *Bramante* (1444-1514), pintor e arquiteto renascentista, desenvolveu o projeto original da Basílica de São Pedro em Roma e projetou o Pátio Belvedere do Vaticano; *Michelangelo* (1475-1564) pintou os célebres afrescos no teto da Capela Sistina no Palácio Vaticano.

O czar *Pedro, o Grande* (1672-1725), que era apaixonado pela cultura e ciência europeias, levou seus esforços para "modernizar" a Rússia ao próprio coração do país.

Machine Translated by Google

da Igreja — por exemplo, substituindo os tradicionais bizantinos e
Canto gregoriano de Kiev com música polifônica ocidental importada da Itália.

95: *Gamaliel,* um mestre de São Paulo (Atos 22:3), aconselhou seus companheiros do
Sinédrio a não condenarem Pedro e os outros apóstolos à morte, em
o argumento de que "se este conselho ou esta obra for de homens, chegará a
nada; mas, se é de Deus, não podereis destruí-la" (Atos 5:38-39).

96: O Concílio Católico Romano *de Trento* (1545-63), convocado em resposta
à Reforma e incorporando os ideais da *Contrarreforma,*
visava eliminar os abusos na Igreja e apresentar um sistema abrangente de doutrina e prática
católica.

"Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta,
"Porta, ora a teu Pai que está em secreto" (Mateus 6:6).

"Um só é o vosso Mestre, Cristo, e *todos vós sois irmãos"* (Mateus 23:8).

Nota 24: Para *os hesicastas,* veja a nota do editor no Capítulo 1, pág. 3.

97: Ao falar com Cristo sobre a prática *samaritana* de adorar a Deus
"neste monte", isto é, no *Monte Gerizim (cf.* Josué 8:33) — uma prática
que entrava em conflito com a adoração dos judeus a Deus "em Jerusalém" — uma "mulher de
A "Samaria" motivou *a exortação de Cristo* a respeito da verdadeira adoração *"em espírito e*
em verdade" (cf. João 4:20-24).

Assim como outras autoridades cistercienses, *Bernardo* (ver nota do editor para o Capítulo 2, p.
29, Nota 22) insistiu que as igrejas de sua Ordem deveriam ser simples em sua aparência e
que as vestes e ornamentos não deveriam ser feitos de materiais preciosos.
materiais.

Ensinando, como Lutero, que o homem não pode alcançar a salvação por seus próprios esforços,
mas deve depositar fé absoluta na ajuda do Céu — manifesta, neste caso,
Por Buda Amida—o sacerdote budista japonês *Shinran* (1173-1262)
Ficou conhecido por defender o casamento de monges, pois desejava minimizar a distância
entre o clero e os leigos.

Nota 25: Os *Fedeli d'Amore* (em italiano, "os fiéis do amor") eram um grupo
dos poetas medievais, incluindo Dante, que transpuseram o ideal cortesão de
o amor pela amada terrena — no caso de Dante, Beatriz — como um meio de
Aprofundar o amor por Deus.

O reino de Deus está dentro de vocês: "O reino de Deus está dentro de vocês"
(Lucas 17:21).

Machine Translated by Google

98: *"Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles"* (Mateus 18:20).

Nota 27: Para informações bibliográficas completas sobre *Cristianismo/ Islã: Ensaios sobre Ecumenismo Esotérico,* consulte a nota do editor para o presente capítulo, p. 82, nota 2.

Capítulo 9: Chaves da Bíblia

101: Que *o Espírito Santo ensina toda a verdade* é uma ideia fundamental, não apenas para *Meister Eckhart* (ver notas do editor para o Cap. 2, p. 24, Nota 15, Cap. 3, p. 36, Nota 9, Cap. 5, p. 59, Nota 6 e Cap. 10, p. 129, Nota 18), mas para muitas autoridades cristãs, começando já com Ambrósio *(c.* 339-97), a quem Tomás de Aquino atribui a primeira formulação da máxima.

O *Convivio* ou "Banquete" de *Dante* Alighieri (1265-1321) é uma série inacabada de odes poéticas, com extensos comentários em prosa, sobre diversos temas filosóficos e científicos, composta entre os anos de 1304 e 1307 e que serviu em parte como base para sua *Divina Comédia.*

103: Para a *Torá,* veja a nota do editor para o Capítulo 4, pág. 49, Nota 15.

A *Mishná* é uma coleção de tradição oral judaica, incluindo comentários sobre a Torá e uma aplicação de seus princípios, que teria sido dada a Moisés, mas que só foi revelada às autoridades espirituais e temporais da tradição, o *Sinédrio,* pelo sucessor de Moisés, o profeta *Josué.*

"O reino de Deus está dentro de vós" (Lucas 17:21).

104: "Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; *batam, e a porta lhes será aberta"* (Mateus 7:7; Lucas 11:9).

Capítulo 10: Evidências e Mistério

106: *Platão* (ver nota do editor para o Capítulo 6, pág. 66) ensinou que as coisas visíveis deste mundo são apenas sombras ou cópias de formas invisíveis e eternas, que por sua vez refletem a suprema realidade do Bem.

Machine Translated by Google

108: *Sabedoria segundo a carne:* "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados" (1 Coríntios 1:26).

Os antigos *sofistas gregos,* colocando suas habilidades retóricas a serviço de uma filosofia materialista, ensinavam seus alunos a obter poder político fazendo com que a pior causa parecesse a melhor; segundo os *epicuristas,* o homem é um ser estritamente físico, cujo bem supremo consiste no cultivo de um prazer seguro e duradouro (ver também as notas do editor para o Capítulo 6, p. 69).

Nota 2: *"Deus criou o homem à sua imagem,* à imagem de Deus o criou; *homem e mulher os criou"* (Gênesis 1:27).

Máximo, o Confessor *(c.* 580-662), foi *um dos Pais da Igreja* que ensinou que "em vez de sermos homens e mulheres, claramente divididos por distinções sexuais, somos propriamente e verdadeiramente apenas seres humanos", feitos à imagem de um Deus que transcende todas essas divisões, que nos une a Si mesmo "através da abolição da distinção entre masculino e feminino" *(Ambigua,* Cap. 2).

110: Para explicar o processo de conhecimento, Tomás de Aquino (ver nota do editor para o Capítulo 4, p. 47) e outros escritores escolásticos medievais distinguiram entre duas faculdades da alma: o *intellectus agens,* ou intelecto agente, que é responsável por abstrair formas inteligíveis a partir dos dados dos sentidos, e o *intellectus possibilis,* isto é, o intelecto possível ou potencial, que é acionado ou informado por essas formas e assim conduzido ao ato de compreensão.

111: A *era das trevas* é a *Kali Yuga* da cronologia hindu, a última e mais corrupta das eras.

O termo "ariano" é usado pelo autor para se referir ao mundo intelectual e espiritual das castas mais nobres — ârya significa "nobre" em sânscrito — na antiga Pérsia e Índia.

Neste contexto, *o bramanismo* é a doutrina dos brâmanes ou sacerdotes hindus.

113: No Quarto *Concílio de Latrão* (1215), a palavra "transubstanciação" foi usada pela primeira vez em uma definição oficial da Eucaristia pela Igreja Católica Romana.

Nota 4: Na oração eucarística da Liturgia, o sacerdote ortodoxo invoca a Deus para efetuar essa *transmutação* com as palavras: "Fazei deste pão o

Machine Translated by Google

precioso Corpo de Teu Cristo, e o que está neste cálice, o precioso
Sangue de Teu Cristo, transformando- os *(metaballôn)* pelo Teu Santo Espírito."

115: No último livro de sua grande obra *Sobre a Trindade, Agostinho* (ver nota do editor)
(Nota para o Capítulo 2, pág. 9, Nota 4) confessa: "Não há nada que eu ouse confessar ter
dito que seja digno da inefabilidade daquela Trindade suprema."

Segundo Tomás de Aquino, as *Pessoas* divinas distinguem-se de
um ao outro apenas pelos atos que definem suas *relações,* ou seja, a paternidade,
filiação, espiração e procissão.

116: *O modalismo* ou sabelianismo foi uma antiga heresia trinitária, que
Afirmavam que cada Pessoa é meramente um modo temporário ou máscara de uma Deidade
essencialmente unitária.

Nota 8: Os *oito Guardiões do Universo no Hinduísmo,* cada um dos quais governa
uma das oito zonas espaciais, são Indra (Leste), Varuna (Oeste), Kubera
(Norte), Yama (Sul), Agni (Sudeste), Niruthi (Sudoeste), Isana
(Nordeste) e Vayu (Noroeste).

119: *"Tudo o que o Pai tem é meu"* (João 16:15).

121: Nota 10: "No princípio era o Verbo, e *o Verbo estava com Deus,*
e *o Verbo era Deus"* (João 1:1).

122: Nota 11: *São Tomás* ensina que quando Cristo diz: "Meu Pai é
maior do que eu" (João 14:28), e quando ele pergunta: "Por que me chamas de
Bom? Não há ninguém bom senão um, que é Deus" (Mateus 19:17), "ele nos fez entender que ele mesmo, em sua natureza humana, não era bom? Não
há ninguém bom senão um, que é Deus" (Mateus 19:17), "por meio disso, ele nos deu a entender que ele mesmo, em sua natureza humana, não era bom?
alcançar a altura da bondade divina" *(Suma Teológica,* Q. 20, Art. 1,
Parte III).

Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus é a formulação de
Irineu *(c.* 130-c. 200) e Atanásio *(c.* 296-373), entre outros da Igreja
Pais (ver nota do editor para o Capítulo 1, pág. 1).

123: Segundo *São Tomé,* "É evidente que na relação com Deus e
a essência não difere uma da outra, mas é uma e a mesma" *(Suma Teológica).*
Teológica, Q. 28, Art. 2, Pt. I).

124: A primeira parte da *Shahada,* ou "Testemunho" de fé no Islã, consiste nas palavras:
não há outro Deus senão o único Deus.

Machine Translated by Google

128: *O maniqueísmo* é uma religião dualista e sincrética, baseada na ideia gnóstica sectária de que espíritos de um reino transcendente de luz foram aprisionados na escuridão da matéria e só podem ser libertados de seu cativeiro por agentes enviados pelo "Pai da Luz", que em diferentes versões inclui Zoroastro, Buda, os profetas de Israel, Jesus e o próprio fundador da seita, Mani *(c.* 216-76).

"Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus" (Mateus 14:18). 19:17, Marcos 10:18, Lucas 18:19).

129: Nota 18: O autor frequentemente recomendava as obras de Meister *Eckhart* (ver notas do editor para o Cap. 2, p. 24, Nota 15, Cap. 3, p. 36, Nota 9 e Cap. 5, p. 59, Nota 6) e Angelus *Silesius* (1624-77), um padre católico e poeta místico, como excelentes exemplos de esoterismo cristão.

Capítulo 11: Um Enigma do Evangelho

133: Que *os deuses apreciam linguagem obscura* é uma doutrina fundamental entre as autoridades hindus tradicionais, incluindo Shankara (ver nota do editor para o Capítulo 1, pág. 1), que ensina, com relação a *Brahma nirguna,* que "aquilo que não pode ser expresso é expresso através de atribuição falsa e subsequente negação".

"O que tens de fazer, faze-o depressa" (João 13:27).

134: *Caifás,* um sumo sacerdote dos judeus, presidiu o julgamento de Cristo (Mateus 134:13). 26:57); *Pilatos,* um procurador romano, entregou Cristo para ser crucificado (Mateus 27:22-24).

Nota 2: As palavras de um antigo hino litúrgico para o Sábado Santo — "Ó pecado verdadeiramente necessário de Adão, que pela morte de Cristo foi apagado! Ó feliz culpa *(felix culpa),* que mereceu um Redentor tão grande!" — são tradicionalmente atribuídas a Agostinho (ver nota do editor para o Capítulo 2, pág. 9, Nota 4).

Nota 3: "E Jesus lhe disse: *Amigo,* por que vieste?" (Mateus 26:50).

135: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"* (Lucas 23:34).

"Melhor lhe fora não ter nascido" (Mateus 26:24; *cf.* Marcos 14:21).

"Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de *regras ensinadas por homens"* (Mateus 15:9).

Machine Translated by Google

O termo bramanismo aqui se refere ao sistema religioso e social do hinduísmo ortodoxo, conforme prescrito nos Vedas.

Cesare *Borgia* (1475-1507), filho ilegítimo do Papa Alexandre VI, foi um líder militar e cardeal; Lucrezia *Borgia* (1480-1519), sua irmã, foi duquesa de Ferrara e mecenas das artes.

Nota 4: *Tibério* César (42 a.C. - 37 d.C.) era o imperador romano na época da morte de Cristo; *Constantino ,* o Grande (falecido em 337), foi o primeiro imperador cristão; *Carlos Magno* (742-814) foi o primeiro imperador do Sacro Império Romano-Germânico.

136: *"Os escribas e os fariseus* assentam-se na cadeira de Moisés; portanto, tudo o que eles vos disserem, fazei e observai; mas não façais conforme as suas obras, porque eles dizem e não fazem" (Mateus 23:2).

Para informações sobre Mansur *al-Hallaj,* veja a nota do editor no Capítulo 2, página 14.

"A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam" (João 1:5).

"Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mateus 6:10; Lucas 11:2).

Nota 5: Para *Pedro, o Grande,* veja a nota do editor no capítulo 8, página 94.

Nota 6: Para o *Talmud,* veja a nota do editor para o Capítulo 3, pág. 31, Nota 1.

O retorno de Elias, seja pessoalmente ou em virtude de sua função *eliatica* ser desempenhada por outra pessoa, é considerado pelos judeus um prelúdio necessário para a libertação de Israel (Ml 4:5; *cf.* Mat 16:14, Marcos 6:15, Lucas 9:8).

Os *essênios* eram uma seita judaica ascética e quase mística dos séculos I e II.

Capítulo 12: A Sede da Sabedoria

137: *Rosa Mystica,* ou seja, "Rosa Mística", é um dos epítetos tradicionais da Virgem Santíssima.

A *Ladainha de Loreto* é uma ladainha tradicional católica romana em honra de... Virgem, frequentemente recitada na Bênção do Santíssimo Sacramento e con-

Machine Translated by Google

Consistia numa série de invocações a Maria, cada uma seguida da súplica: "Rogai por nós".

Pedro Damião (1007-72) foi um prior beneditino e cardeal bispo de Óstia.

De acordo com 1 *Reis* 10:18, Salomão “fez um grande trono” (veja o texto abaixo).

Nota 1: A *Bíblia* parece ter *condenado* Salomão, por exemplo, em 1 Reis 11:9.

Citando uma tradução francesa desta passagem, o autor usou o “Nome” divino *Yahweh:* “Je me rappelle dans la nuit ton Nom, *Yahvé,* afin que j'observe ta Loi”.

138: Nota 3: Novamente *Yahvé* aparece no francês para *Senhor.*

139: *Magnificat* é latim para “magnificar” e é usado em referência às palavras da Virgem no Evangelho: “E disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor” (Lucas 1:46).

Vincit omnia Veritas—em latim , “a verdade tudo vence”—é uma máxima tradicional, frequentemente citada pelo autor, baseada nas palavras de 1 Esdras 3:12: *super omnia autem vincit veritas,* “Mas a verdade vence tudo” *(cf.* 1 Esdras 4:35, 41).

Nota 7: A *Vulgata,* a tradução latina da Bíblia mais frequentemente usada no Ocidente, é baseada na obra de *Jerônimo (c.* 342-420).

139-40: Nota 7: Na versão autorizada, 2 Crônicas 9:18 fala de um “escada de ouro”, não de um *cordeiro de ouro.*

140: Nota 7: Flávio *Josefo (c.* 37-c. 100), autor de uma obra intitulada "Antiguidades Judaicas", conquistou o favor de *Vespasiano,* que reinou de 69 a 79, ao profetizar que ele se tornaria imperador.

Capítulo 13: O Mistério das Duas Naturezas

145: *Honório I* (falecido em 638) foi Papa a partir de 625.

O *Sexto Concílio Ecumênico* (Constantinopla, 680) decretou que em Cristo

Machine Translated by Google

Não existem apenas duas naturezas, mas também *duas vontades* correspondentes , uma divina e outra humana.

O *Sétimo Concílio Ecumênico* (Niceia, 787) reafirmou a sentença do Sexto Concílio: "Será expulso da Santa Igreja de Deus e anatematizado Honório, que foi em tempos Papa da Roma Antiga".

Segundo o Credo Atanasiano, Cristo é *"verdadeiro Deus e verdadeiro homem,* de alma e corpo racionais, igual ao Pai em sua divindade e inferior ao Pai em sua humanidade".

Os monofisitas acreditam que existe apenas uma *physis,* ou "natureza", em Cristo — a saber, sua Divindade — enquanto *os monotelitas,* reconhecendo a existência de duas naturezas, ensinam que elas estão unidas em uma única *thelêma,* ou "vontade".

147: *Gregório de Nissa (c.* 330-c. 395) escreveu suas famosas "Orações Catequéticas" ou *Grande Catequese* como auxílio para aqueles que eram responsáveis pela instrução dos catecúmenos nas doutrinas básicas da fé, incluindo a natureza do pecado e seu remédio no Sacramento do Batismo.

150: Nota 5: O Livro de *Eclesiástico* também é tradicionalmente conhecido como "A Sabedoria de Jesus, Filho de Sirac".

Os *Upanishads,* também chamados de *Vedanta,* já que tradicionalmente eram colocados no "final" dos *Vedas* e são vistos por autoridades como Shankara (ver nota do editor para o Capítulo 1, pág. 1) como um resumo dos ensinamentos védicos, são escrituras hindus que contêm doutrinas metafísicas, místicas e esotéricas.

151: *O visnuísmo,* ou vaishnavismo, é uma seita teísta da religião hindu cujos membros adoram o deus Vishnu como a divindade suprema; a teologia vishnuíta de uma forma especificamente *ramanujaniana* vem do filósofo Ramanuja (1017-c. 1157), amplamente considerado o expoente clássico do *Vishishta Advaita,* isto é, o *darshana* hindu ou escola do "não-dualismo qualificado", no qual a ênfase é colocada na natureza pessoal de Deus.

152: A tradição *órfica* deriva de uma antiga religião de mistério grega, na qual Platão pode ter sido iniciado e sobre cujas regras ascéticas rigorosas ele escreve favoravelmente nas *Leis;* o orfismo era semelhante à *tradição pitagórica* ao ensinar uma doutrina de transmigração, cujos ecos podem ser encontrados no "Mito de Er" na *República de Platão;* ao oferecer aos seus adeptos

Machine Translated by Google

possibilidade de renascimento espiritual; e na distinção entre eles vários graus de realização iniciática.

Para informações sobre a *Estagirita,* veja a nota do editor no Capítulo 6, página 69.

Capítulo 14: Mistérios Crísticos e Virginais

155: *Ave Maria gratia plena, Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus:* estas são as palavras da Saudação Angélica, ou "Ave Maria", no Rosário Latino: "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus" *(cf.* Lucas 1:28, 42).

Nota 1: *Domingos* (1170-1221), fundador da Ordem dos Frades Pregadores, é por vezes considerado o instituidor da devoção do Rosário.

156: Nota 1: O título da obra anônima *La solide Dévotion du Rosaire* pode ser traduzido como "Verdadeira Devoção do Rosário".

160: *Pater* é a primeira palavra do latim *Pater Noster,* o "Pai Nosso" ou Oração do Senhor, que é recitado uma vez para cada dez recitações da *Ave Maria* no uso tradicional do Rosário.

Os cinco *Mistérios gozosos* são a Anunciação, a Visitação, o Nascimento de Cristo, a Apresentação de Cristo no Templo e o Encontro do Menino Jesus no Templo; os cinco *Mistérios dolorosos* são a Agonia no Getsêmani, a Flagelação, a Coroação de Espinhos, o Carregamento da Cruz e a Crucificação; os cinco *Mistérios gloriosos* são a Ressurreição, a Ascensão, a Descida do Espírito Santo no Pentecostes, a Assunção de Maria e a Coroação de Maria (ver Apêndice, pp. 185-86).

Nota 3: A formulação budista tibetana *Om mani padme hum* é um *mantra* que significa "Ó Joia no Lótus, salve".

Capítulo 15: A Cruz

161: "Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, *toma a tua cruz* e segue-me."
(Marcos 10:21).

Machine Translated by Google

Ofereça a outra face: “Aquele que te bater numa face, oferece-lhe também a outra” (Lucas 6:29).

“Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e *loucura para os gregos”* (1 Coríntios 1:23).

“Se viverdes *segundo a carne,* morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis” (Romanos 8:13).

Jesus como *o novo Adão:* “O primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante” (1 Coríntios 15:45).

162: “Por que me chamas bom? *Não há ninguém bom senão um, que é Deus”* (Mat. 19:17, Marcos 10:18, Lucas 18:19).

Nota 2: *Gregório Magno (c.* 540-604) foi Papa a partir de 590.

Beda (c. 673-735), intitulado "o Venerável", foi um monge erudito cuja *História Eclesiástica da Igreja e do Povo Inglês* foi concluída em 731.

163: “O meu reino *não é deste mundo”* (João 18:36).

“Dai, pois, a César o que é de César” (Mateus 22:21; *cf.* Marcos 12:17, Lucas 20:25).

Ofensa: “É impossível que não venham escândalos; mas ai daquele por quem eles vêm!” (Lucas 17:1).

Um cisco na trave: “Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, mas não reparas na trave que está no teu próprio olho?” (Mateus 7:3; *cf.* Lucas 6:42).

Perdoa tudo: “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:7).

“Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra” (João 8:7).

“O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes *de onde vem, nem para onde vai;* assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (João 3:8).

164: *Caminho largo, caminho estreito:* “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos ali estarão os que estão fora dela.”

Machine Translated by Google

que entram por ali; porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que a encontram" (Mateus 7:13-14).

Discernir espíritos: "Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. [...] A um é dada pelo Espírito a palavra da sabedoria [...] a outro, *o discernimento dos espíritos"* (1 Coríntios 12:4, 8, 10).

"Quem não receber o reino de Deus *como uma criança,* de modo nenhum entrará nele" (Marcos 10:15; *cf.* Lucas 18:17).

Nota 3: "Se alguém vier a mim e não *aborrecer* a seu *pai, e mãe,* e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14:26).

A única coisa necessária: "Uma só coisa é necessária" (Lucas 10:42).

164-65: *"O meu jugo é suave e o meu fardo é leve"* (Mateus 11:30).

165: Segundo a tradição, *Longino* foi o soldado que perfurou o lado de Cristo com sua lança (João 19:34).

Apêndice: Uma amostra de cartas e Outros materiais não publicados

167: Para o *dito patrístico: "Deus se fez homem para que o homem pudesse se tornar Deus",* veja a nota do editor para o Capítulo 1, p. 1.

Mestre *Eckhart* (ver notas do editor para o Capítulo 3, p. 36, Nota 9, Capítulo 5, p. 59, Nota 6 e Capítulo 10, p. 129, Nota 18) distinguiu entre *Gott* ou Deus, isto é, o Divino na medida em que se expressa como uma pessoa, e *Gottheit* ou *Divindade,* que é a divindade transpessoal do Absoluto como tal.

168: O autor apresenta tanto o *nome* grego quanto o latino de *"Jesus"* e *"Maria".*

"Orai sem cessar" (1 Tessalonicenses 5:17).

"O reino de Deus está dentro de vós" (Lucas 17:21).

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (João 1:1).

Machine Translated by Google

O autor apresenta tanto o grego quanto o latim para uma das formas da *Oração de Jesus,* "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de nós", para a *primeira frase da Oração do Senhor,* "Pai Nosso que estais nos Céus", e para a *Ave Maria* ou Saudação Angélica, "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"; a formulação mais curta, também em grego e latim, para o *Nome de Jesus* é "Senhor Jesus Cristo".

169: Para *os hesicastas,* veja a nota do editor no capítulo 1, página 3; o *"peregrino russo"* é o autor anônimo do clássico espiritual russo do século XIX, *O Caminho de um Peregrino.*

170: Para *São Bernardo* de Claraval, veja a nota do editor para o Capítulo 2, pág. 29, Nota 22.

171: O *"Esboço da Mensagem Crística"* do autor é o Capítulo 1 do presente volume.

Spiritus autem ubi vult spirat significa em latim "o vento sopra onde quer". (João 3:8).

"A beleza é o esplendor do verdadeiro" é um axioma que o autor atribui a Platão (ver nota do editor para o Capítulo 6, pág. 66).

172: O autor ensina que *para os cristãos a santidade é a porta de entrada para o esoterismo* na seguinte passagem: "No Islã não há, por assim dizer, santidade separada do esoterismo; no cristianismo não há esoterismo separado da santidade"; e acrescenta em nota: "Não há nada de absoluto nessas formulações, que em cada caso marcam uma predominância em vez de uma exclusividade de modo; no entanto, elas revelam nitidamente certas diferenças fundamentais entre as duas tradições em questão" *(Perspectivas Espirituais e Fatos Humanos,* trad.
PN Townsend [Pates Manor, Bedfont, Middlesex: Perennial Books, 1987], p. 87).

Santa Maria Madalena serviu a Cristo na Galileia (Lucas 8:2) e teve uma aparição dele após a sua ressurreição (Mateus 28:1-9, João 20:11-18); segundo a tradição, *Santa Maria do Egito* (século V) viveu quarenta e sete anos no deserto, onde foi visitada por um sacerdote, Zósimo, de quem recebeu a comunhão pouco antes de sua morte.

Os cabalistas são esoteristas e místicos judeus.

173: *Vishnuíta,* ou vaishnavita, refere-se a uma forma de *bhakti* hindu caracterizada pela devoção ao deus Vishnu, enquanto o hinduísmo *shivaíta,* ou shaivita, é um caminho de *jnâna* conectado ao deus Shiva.

174: Para o *filioque,* veja a nota do editor para o Cap. 4, p. 40.

Machine Translated by Google

175: Para *o Vishnuísmo de Ramanujan,* veja a nota do editor para o Capítulo 13, p. 151.

176-77: As letras gregas IHS—isto é, *iota, êta* e *sigma—são* uma abreviação de ÿÿÿÿ, ou *IÊSOUS,* o Nome de Jesus; Em outro trecho, o autor escreve a esse respeito: "A cifra das letras gregas IHS, que significa *Iesous,* mas interpretada em latim como *In Hoc Signo* ['Por este sinal (vencerás)'] ou como *Jesus Hominum Salvator* ['Jesus é o Salvador dos homens'] e frequentemente escrita em letras góticas, pode ser analisada em sua forma primitiva em três elementos — uma linha reta vertical, duas linhas verticais unidas e uma linha curva — e, portanto, contém um simbolismo ao mesmo tempo metafísico, cosmológico e místico; há nela uma notável analogia, não apenas com o nome *Alá* escrito em árabe, que também compreende as três linhas de que acabamos de falar (na forma do *alif,* os dois *lams* e o hâ), mas também com o monossílabo sânscrito *Aum,* que é composto por três *mâtrâs* (AUM), indicando um 'enrolamento' e, portanto, um retorno ao Centro. Todos esses símbolos marcam, em certo sentido, a passagem da 'coagulação' para a 'solução'" *(Stations). de Sabedoria* [Bloomington, Indiana: World Wisdom, 1995], pp. 131-32n).

177: O *Curé d'Ars* era São João Batista Maria Vianney (1786-1859), um pároco e confessor muito procurado da vila francesa de Ars, amplamente conhecido por seu dom de ler almas.

Ahmad *al-Alawi* (1869-1934), um famoso *xeique sufi argelino,* foi o mestre espiritual de Schuon.

"Não há água lustrosa como o Conhecimento" é um ensinamento hindu tradicional frequentemente citado pelo autor, baseado no *Bhagavad Gita,* 4:38.

178: A casa da *Bem-Aventurada Virgem Maria,* onde se diz que ela viveu nos seus últimos anos sob os cuidados de São João *(cf.* João 19:27), está localizada na cidade de *Éfeso.*

180: As palavras latinas da *Ave,* a "Ave Maria", são: *Ave Maria gratia plena, Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus* (ver cap. 14, pp. 155-57 e nota do editor para p. 155).

183: Para *São Bernardino de Siena,* veja a nota do editor para o Capítulo 1, pág. 3, Nota 3.

"O meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mateus 11:30).

184: *"O reino de Deus está dentro de vós"* (Lucas 17:21).

Machine Translated by Google

"O vento sopra onde quer" (João 3:8).

"Não existe direito superior ao da Verdade" é uma máxima hindu tradicional atribuída aos Marajás de Benares.

185-86: Os "Mistérios Gozosos" — começando com *a Anunciação* — *Os "Mistérios Dolorosos"* e os *"Mistérios Gloriosos"* são três conjuntos de meditações, cada um focado em cinco eventos da vida de Cristo ou da Virgem Maria. que compõem as quinze dezenas do Rosário Católico Romano (ver nota do editor para o Capítulo 14, pág. 160).

Machine Translated by Google

FONTES

As seleções desta antologia foram traduzidas das seguintes edições francesas da obra de Schuon. Informações bibliográficas também são fornecidas para traduções anteriores em inglês.

1. “Esboço da Mensagem Crística”: publicado como “Schéma du mes-sage christique” em *Racines de la condition humaine* (Paris: La Table Ronde, 1990), Parte II, *Perspectives fondamentales,* pp. Edições em inglês: “Esboço da Mensagem Cristã”, *Raízes da Condição Humana* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1991, 2002), Parte Dois, “Perspectivas Fundamentais”, pp.

2. “A Natureza Particular e Universalidade da Tradição Cristã”: publicado como “Nature particulière et universalité de la tradição chrétienne” em *De l'Unité transcendante des Religions* (Paris: Éditions du Seuil, 1979), Capítulo VIII, pp. Edições em inglês: “Universalidade e natureza particular da tradição cristã”, *The Transcendent Unity of Religions,* trad. Peter Townsend (Londres: Faber and Faber, 1953), Capítulo VIII, pp. 144-69; (Wheaton, Illinois: The Theosophical Publishing House, 1984, 1993), Capítulo 8, pp.126-48.

3. “'Nosso Pai que estás no Céu'”: publicado como “Notre Père qui êtes aux cieux” em *Avoir un centre* (Paris: Éditions Maison-Neuve, 1988), pp. 111-17; Edição em inglês: “'Our Father Who Art in Heaven'”, *To Have a Center* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1990), Parte Três: “Spiritual Perspectives”, pp. 121-29.

4. “Algumas Observações”: publicado como “Quelques aperçus” em *Sentiers de gnose* (Paris: La Place Royale, 1987), Parte III, *Christianisme,* pp. 143-62; Edição em inglês: “Alguns Pensamentos sobre Sua Natureza”, *Gnosis: Sabedoria Divina,* trad. GEH Palmer (Bedfont, Middlesex: Perennial Books, 1959, 1990), “A Tradição Cristã”, Capítulo 10, pp. 105-117.

5. “Delineations of Original Sin”: publicado como “Sur les traces du péché originalel” em *Le jeu des masques* (Lausanne: Éditions L'Âge

Machine Translated by Google

d'Homme, 1992), pp. 79-85; edição em inglês: “Delineations of Original Sin”, *The Play of Masks* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1992), pp. 55-60.

6. “O Diálogo entre Helenistas e Cristãos”: publicado como “Dialogue entre Hellénistes et Chrétiens” em *Regards sur les mondes anciens* (Paris: Les Éditions Traditionnelles, 1980), pp. Edições em inglês: “Diálogo entre Helenistas e Cristãos”, *Light on the Ancient Worlds,* trad. Lord Northbourne (Londres: Perennial Books, 1965; Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1984), Capítulo III, pp.

7. “A Complexidade do Dogmatismo”: publicado como “Complexité du dogmatisme” em *Approches du phénomène religieux* (Paris: Le Courrier du Livre, 1984), Parte II, *Christianisme,* pp. 61-67; Edição em inglês: “The Complexity of Dogmatism”, *In the Face of the Absolute* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1989, 1994), Parte Dois, “Cristianismo”, pp.

8. “Divergências Cristãs”: publicado como “Divergences chrétiennes” em *Approches du phénomène religieux* (Paris: Le Courrier du Livre, 1984), Parte II, *Christianisme,* pp. 68-89; Edição em inglês: “Divergências Cristãs”, *In the Face of the Absolute* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1989, 1994), Parte Dois, “Cristianismo”, pp.

9. “Keys to the Bible”: publicado como “Clefs de la Bible” em *Regards sur les mondes anciens* (Paris: Les Éditions Traditionnelles, 1980), pp. 167-72; Edições em inglês: “Chaves da Bíblia”, *A Espada da Gnosis: Metafísica, Cosmologia, Tradição, Simbolismo,* ed. Jacob Needleman (Londres: Penguin, 1974; Boston: Routledge e Kegan Paul, 1986), “Verdade Simbólica”, pp. 354-58.

10. “Evidence and Mystery”: publicado como “Evidence et mystère” em *Logique et transcendance* (Paris: Les Éditions Traditionnelles, 1972), pp. Edições em inglês: “Evidence and Mystery”, *Logic and Transcendence,* trad. Peter N. Townsend (Nova York: Harper and Row, 1975; Londres: Perennial Books, 1984), Capítulo 6, pp.

Machine Translated by Google

11. “Um Enigma do Evangelho”: publicado como “Une énigme de l'É-vangile” em *La transfiguration de l'homme* (Paris: Éditions Maisonneuve Larose, 1995), pp. 75-79; Edição em inglês: “An Enigma of the Gospel”, *The Transfiguration of Man* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1995), Parte Dois: “Man, Truth, and the Path”, pp.

12. “A Sede da Sabedoria”: publicado como “Le siège de la Sapience” em *Approches du phénomène religieux* (Paris: Le Courrier du Livre, 1984), Parte II, *Christianisme,* pp. Edição em inglês: “Sedes Sapientiae”, *In the Face of the Absolute* (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1989, 1994), Parte Dois, “Cristianismo”, pp.

13. “O Mistério das Duas Naturezas”: publicado como “Le mystère des deux natures” em *Forme et substance dans les religions* (Paris: Dervy-Livres, 1975), pp. 133-41; edições em inglês: “The Mystery of the Two Natures”, *Christianity/ Islam: Essays on Esoteric Ecumenicism,* trad.
Gustavo Polit (Bloomington, Indiana: World Wisdom Books, 1985), Parte Um, “Cristianismo”, pp. 55-66; “O Mistério das Duas Naturezas”, *Forma e Substância nas Religiões,* trad. Mark Perry e Jean-Pierre LaFouge (Bloomington, Indiana: World Wisdom, 2002), Capítulo 12, pp. 141-150.

14. “Mistérios Crísticos e Virginais”: publicado como “Mystères chris-tiques et virginaux” em *Sentiers de gnose* (Paris: La Place Royale, 1987), Parte III, *Christianisme,* pp. 163-70; edição em inglês: “Mysteries of Christ and the Virgin”, *Gnosis: Divine Wisdom,* trad. GEH Palmer (Bedfont, Middlesex: Perennial Books, 1959, 1990), “The Christian Tradition”, Capítulo 11, pp. 118-123.

15. “A Cruz”: publicado como “De la croix” em *Sentiers de gnose* (Paris: La Place Royale, 1987), Parte III, *Christianisme,* pp. 171-76; edição em inglês: “Of the Cross”, *Gnosis: Divine Wisdom,* trad. GEH Palmer (Bedfont, Middlesex: Perennial Books, 1959, 1990), “The Christian Tradition”, Capítulo 12, pp. 124-28.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

GLOSSÁRIO
DE TERMOS E FRASES ESTRANGEIRAS

'Abd (árabe): “servo” ou “escravo”; como usado no Islã, o servo ou adorador de Deus em Seu aspecto de *Rabb* ou “Senhor”.

Ad alterum (latim): literalmente, “em direção a outro”; definido em relação a algo mais, em contraste com *ad se.*

Ad se (latim): literalmente, “em direção a si mesmo”; definido unicamente por si mesmo ou em relação a si mesmo, em contraste com *ad alterum.*

Advaita (Sânscrito): interpretação “não dualista” do *Vedanta;* doutrina hindu segundo a qual a aparente multiplicidade das coisas é considerada produto da ignorância, sendo a única realidade verdadeira *Brahma,* o Uno, o Absoluto, o Infinito, que é o fundamento imutável da aparência.

Ahimsa (sânscrito): “não violência”, um princípio fundamental da ética hindu, também enfatizado no budismo e no jainismo.

Alter (latim): o “outro”, em contraste com o *ego* ou o eu individual.

Anamnese (grego): literalmente, uma "elevação da mente"; recordação ou lembrança, como na doutrina platônica de que todo conhecimento é uma recordação de verdades latentes na alma.

Ânanda (Sânscrito): “êxtase, bem-aventurança, alegria”; um dos três aspectos essenciais de *Apara-Brahma,* juntamente com *sat,* “ser”, e *chit,* “consciência”.

Apara-Brahma (Sânscrito): o *Brahma* “não supremo” ou penúltimo , também chamado *Brahma saguna;* no ensinamento de Schuon, o “Absoluto relativo”.

Ascese (do grego): “exercício, prática, treinamento”, como no caso de um atleta; um regime de autonegação, especialmente um que envolve jejum, prostrações e outras disciplinas corporais.

Âtmâ ou *Âtman* (sânscrito): o verdadeiro "Eu", subjacente ao ego e suas manifestações; na perspectiva do *Advaita Vedanta,* idêntico a *Brahma.*

Aum ou *Om* (sânscrito): a sílaba mais sagrada do hinduísmo, contendo toda origem e dissolução; considerada a “semente” de todos *os mantras,* seus três

Machine Translated by Google

Os mâtrâs, ou letras, são considerados simbólicos da *Trimûrti,* enquanto o silêncio em sua conclusão é visto como expressão da conquista de *Brahman.*

Avatâra (sânscrito): a "descida", encarnação ou manifestação terrena de Deus, especialmente de Vishnu na tradição hindu.

Ave Maria (em latim): "Salve Maria"; oração tradicional à Virgem Santíssima, também conhecida como Saudação Angélica, baseada nas palavras do Arcanjo Gabriel e de Santa Isabel em Lucas 1:28 e Lucas 1:42.

Avidyâ (Sânscrito): "ignorância" da verdade; ilusão espiritual, desconhecimento de *Brahma.*

Bâlya (Sânscrito): "infância", semelhança espiritual com uma criança; usado como expressão de humildade.

Barakah (árabe): "bênção", graça; no Islã, uma influência ou energia espiritual que emana originalmente de Deus, mas frequentemente associada a objetos sagrados e pessoas espirituais.

Bhakta (sânscrito): um seguidor do caminho espiritual do *bhakti;* uma pessoa cuja relação com Deus se baseia principalmente na adoração e no amor.

Bhakti, bhakti-mârga (sânscrito): o "caminho" espiritual *(mârga)* do "amor" *(bhak-ti)* e da devoção.

Bodhisattva (sânscrito, páli): literalmente, "ser iluminado"; no budismo *Mahayana ,* aquele que adia sua própria iluminação final e entrada no *Nirvana* para auxiliar todos os outros seres sencientes em sua busca pela iluminação.

Brahmâ (Sânscrito): Deus no aspecto de Criador, a primeira "pessoa" divina da *Trimûrti;* a ser distinguido de *Brahma,* a Realidade Suprema.

Brahma ou *Brahman* (Sânscrito): a Realidade Suprema, o Absoluto.

Brahma nirguna (sânscrito): *Brahma* considerado como transcendendo todas as "qualidades", atributos ou predicados; Deus como Ele é em Si mesmo; também chamado de *Para-Brahma.*

Brahma saguna (sânscrito): *Brahma* "qualificado" por atributos e predicados; Deus na medida em que pode ser conhecido pelo homem; também chamado *Apara-Brahma.*

Brâhmana (Sânscrito): "Brâmane"; membro da casta mais elevada das quatro castas hindus; sacerdote ou professor espiritual.

Buddhânusmriti (sânscrito): "lembrança ou atenção plena ao Buda", baseado na invocação repetida de seu Nome; central para a escola da Terra Pura do Budismo; conhecido em chinês como *nien-fo* e em japonês como *nembutsu.*

Machine Translated by Google

Buddhi (Sânscrito): “Intelecto”; a faculdade mais elevada do conhecimento, em contraste com *manas,* isto é, mente ou razão; veja *ratio.*

Chit (Sânscrito): “consciência”; um dos três aspectos essenciais de *Apara-Brahma,* juntamente com *sat,* “ser”, e *ânanda,* “bem-aventurança, alegria”.

Christe eleison (grego): “Cristo, tende piedade”; usado antifonalmente com as palavras *Kyrie eleison,* “Senhor, tende piedade”, no rito romano.

Creatio ex nihilo (latim): “criação a partir do nada”; a doutrina de que o próprio Deus é a causa suficiente do universo, não necessitando de mais nada; frequentemente contrastada com as cosmogonias emanacionistas.

Darshana (sânscrito): uma “perspectiva”, ponto de vista ou escola de pensamento espiritual; também a “visão” de uma pessoa, objeto ou lugar sagrado, juntamente com a bênção ou mérito resultante.

Dharma (Sânscrito): no hinduísmo, a “lei” ou “ordem” subjacente do cosmos, expressa em ritos sagrados e em ações apropriadas a diversas relações sociais e vocações humanas; no budismo, a prática e a realização da Verdade.

Dhikr (árabe): “lembrança” de Deus, baseada na invocação repetida de Seu Nome; central na prática sufi, onde a lembrança frequentemente consiste na palavra única *Allah.*

Dhyâni-Bodhisattva e *Dhyâni-Buda* (Sânscrito): Bodhisattva e Buda “da meditação”; um Bodhisattva ou Buda, como Amitabha (Amida em japonês), que aparece ao olho da visão contemplativa, mas não é acessível em uma forma histórica.

Ex cathedra (latim): literalmente, “do trono”; no catolicismo romano, ensinamento autorizado emitido pelo papa e considerado infalível.

Ex divinis (latim): literalmente, “das coisas divinas”; que provém do Divino, ou do Princípio divino; a forma plural é usada na medida em que o Princípio abrange tanto *Para-Brahma,* Além do Ser ou o Absoluto, quanto *Apara-Brahma,* o Ser ou o Absoluto relativo.

Ex divino (latim): “de Deus”; usado em conexão com a doutrina da criação *ex nihilo:* Deus cria “do nada”, exceto Ele mesmo, procedendo assim o universo “de Deus”.

Ex nihilo (latim): “do nada”; veja *creatio ex nihilo.*

Ex opere operato (latim): literalmente, “da obra realizada”; ensinamento cristão de que a graça divina é mediada pelos sacramentos em virtude de

Machine Translated by Google

os ritos correspondentes em si e independentemente dos méritos ou intenções daqueles que realizam os ritos; em contraste com *ex opere operantis,* "do trabalho daquele que trabalha".

Fanâ (árabe): "extinção, aniquilação, evanescência"; no sufismo, o estágio espiritual ou grau de realização em que todos os atributos individuais e As limitações desaparecem na união com Deus.

Faqr (árabe): "indigência, pobreza espiritual"; a virtude cultivada pelo Sufi *faqîr,* o "pobre", cuja abnegação testemunha a plenitude. Dependência de Deus e desejo de ser preenchido somente por Ele.

Filioque (latim): "e (do) Filho"; um termo acrescentado ao Credo Niceno. pela Igreja Ocidental para expressar a "dupla procissão" dos Santos Espírito do Pai "e do Filho"; rejeitado pela Igreja Ortodoxa Oriental. Igreja.

Gnose (grego): "conhecimento"; intuição espiritual, compreensão fundamental, sabedoria divina.

Hadith (árabe, plural *ahâdîth):* "dito, narrativa"; um relato do Palavras ou ações do Profeta Muhammad, transmitidas por meio de uma cadeia tradicional de intermediários conhecidos.

Haqîqah (árabe): "verdade, realidade"; no sufismo, a essência interior de uma coisa. correspondente a uma Verdade arquetípica em Deus.

Hic et nunc (latim): "aqui e agora".

Hipóstases (grego): literalmente, "substâncias" (singular, *hipóstase);* no Oriente Teologia cristã, um termo técnico para as três "Pessoas" da Trindade; O Pai, o Filho e o Espírito Santo são *hipóstases* distintas que compartilham uma única ousadia , ou essência.

In divinis (latim): literalmente, "em ou entre coisas divinas"; dentro do divino Princípio; a forma plural é usada na medida em que o Princípio abrange ambos *Para-Brahma,* Além-do-Ser ou o Absoluto, e *Apara-Brahma,* Ser ou o relativo Absoluto.

Intellectus agens (latim): "agente Intelecto"; em aristotélico e escolástico Epistemologia, a faculdade da mente responsável por abstrair formas inteligíveis a partir dos dados sensoriais.

Intellectus possibilis (latim): "Intelecto possível ou potencial"; em aristotélico e a epistemologia escolástica, a faculdade da mente acionada por formas inteligíveis e, portanto, impelida a um ato de compreensão.

Îshvara (sânscrito): literalmente, "aquele que possui poder", portanto, mestre; Deus sob...

Machine Translated by Google

Ele se apresentou como um ser pessoal, como Criador e Senhor; manifesto na *Trimûrti* como *Brahmâ, Vishnu* e *Shiva.*

Jagat (sânscrito): “mundo”; o universo existente ou manifestado.

Japa (sânscrito): “repetição” de um *mantra* ou fórmula sagrada, frequentemente contendo um dos Nomes de Deus; veja *buddhânusmriti, dhikr.*

Jejunium (latim): “jejum, abstinência de alimentos”.

Jiriki (japonês): literalmente, "poder do eu"; um termo budista para métodos espirituais que enfatizam os esforços individuais para alcançar o objetivo da libertação ou salvação, como por exemplo no Zen; em contraste com *tariki.*

Jîvanmukta (Sânscrito): aquele que é "libertado" enquanto ainda está nesta "vida"; uma pessoa que atingiu um estado de perfeição espiritual ou autorrealização antes da morte; em contraste com *videha-mukta,* aquele que é libertado no momento da morte.

Jnâna, jnâna-mârga (Sânscrito): o “caminho” *(mârga)* espiritual do “conhecimento” *(jnâna)* e da intelecção.

Jnânin (sânscrito): um seguidor do caminho do *jnâna;* uma pessoa cuja relação com Deus se baseia principalmente no conhecimento sapiencial ou *gnose.*

Jôdo (japonês): “terra pura”; o reino intocado e transcendente criado pelo Buda Amida (Amitabha em sânscrito), no qual seus devotos aspiram renascer em sua próxima vida.

Jôdo-Shinshû (japonês): “escola da verdadeira terra pura”; uma seita do budismo japonês da Terra Pura fundada por Shinran, baseada na fé no poder do Buda Amida e caracterizada pelo uso do *nembutsu.*

Khalifa (em árabe): literalmente, "sucessor"; um representante ou vigário, frequentemente usado em referência aos sucessores do Profeta Muhammad; no sufismo, todo homem é, em princípio, um *khalifa* de Deus.

Kshatriya (sânscrito): membro da segunda casta mais alta das quatro castas hindus; um guerreiro ou príncipe.

Latria (forma latinizada do grego *latreia):* literalmente, “servidão, serviço”; a obediência reverente devida somente a Deus; deve ser distinguida de *dulia,* o respeito demonstrado aos santos, e *hyperdulia,* a reverência prestada à Virgem Santíssima.

Machine Translated by Google

Lîlâ (Sânscrito): “brincadeira, esporte”; no hinduísmo, o universo criado é considerado resultado da brincadeira divina ou da ludicidade, produto da alegria e espontaneidade de Deus.

Logos (grego): “palavra, razão”; na teologia cristã, a Palavra divina e incriada de Deus *(cf.* João 1:1); o Princípio transcendente da criação e da revelação.

Mahâpralaya (sânscrito): no hinduísmo, a “grande” ou “dissolução” final do universo.

Mani (sânscrito): “joia”, frequentemente em forma de lágrima; nas tradições orientais, é considerada poderosa para remover o mal e as causas da tristeza; veja *Om mani padme hum.*

Mantra (Sânscrito): literalmente, “instrumento do pensamento”; uma palavra ou frase de origem divina, frequentemente incluindo um Nome de Deus, repetida por aqueles iniciados em seu uso correto como meio de salvação ou libertação; veja *japa.*

Materia prima (latim): “matéria primeira ou primordial”; na cosmologia platônica, a substância indiferenciada e primordial que serve como “receptáculo” para a força formadora das formas ou ideias divinas; potencialidade universal.

Mâtrâ (Sânscrito): literalmente, “medida, elemento”; um elemento ou partícula de som no *mantra* AUM.

Mâyâ (Sânscrito): “artifício, ilusão”; em *Advaita Vedanta,* o ocultamento sedutor de *Brahma* na forma ou sob a aparência de uma realidade inferior.

Mâyâ in divinis (sânscrito e latim): literalmente, “ilusão dentro ou entre as coisas divinas”; uma expressão do ensinamento metafísico de que a relatividade, e portanto um certo grau de ilusão, pode ser encontrada até mesmo dentro do Princípio divino, começando com o Deus pessoal ou “Absoluto relativo”; somente *Brahma,* o Absoluto em si, é plenamente real.

Namu-Amida-Bu ou *Namu-Amida-Butsu* (japonês): literalmente, “louvor ao Buda Amida”; formulação comum do *nembutsu* no Budismo Terra Pura.

Nembutsu (japonês): “lembrança ou atenção plena ao Buda”, baseado na invocação repetida de seu Nome; o mesmo que *buddhânusmriti* em sânscrito e *nien-fo* em chinês.

Nien-fo (chinês): igual a *Buddhânusmriti* em sânscrito e *nembutsu* em japonês.

Machine Translated by Google

Nirvâna (sânscrito): literalmente, "extinção, sopro"; nas tradições indianas, especialmente no budismo, é a extinção das chamas da paixão e o consequente estado de suprema bem-aventurança da libertação do egoísmo e do apego; compare com a ideia sufi de *fanâ.*

Om mani padme hum (Sânscrito): literalmente, “Ó joia no lótus, salve”; uma fórmula do budismo tibetano com inúmeros níveis de significado; a joia “masculina” pode ser interpretada como o Bodhisattva Avalokiteshvara (Chenrezig no Tibete) ou o próprio estado de Buda, e o lótus “feminino” pode ser visto como sua contraparte, Tara, ou a alma pura e humilde em estado de prontidão espiritual.

Oratio (latim): literalmente, “linguagem, fala”; no uso cristão, palavras dirigidas a Deus; oração.

Padme (sânscrito): “lótus”; no budismo, uma imagem de desapego e abertura primordial à iluminação, servindo simbolicamente como o trono dos Budas; veja *Om mani padme hum.*

Para-Brahma (Sânscrito): o *Brahma* “supremo” ou último , também chamado *Brahma nirguna;* o Absoluto em si.

Paramâtmâ ou *Paramâtman* (sânscrito): o “Eu supremo”.

Pneuma (grego): “vento, respiração, espírito”; na teologia cristã, a terceira Pessoa da Trindade ou a mais elevada das três partes ou aspectos do ser humano *(cf.* 1 Tessalonicenses 5:23); veja *rûh.*

Prakriti (sânscrito): literalmente, “fazer primeiro” (ver *materia prima);* a substância fundamental, “feminina”, ou causa material de todas as coisas; ver *Purusha.*

Prapatti (sânscrito): “buscar refúgio”; resignação piedosa e devoção a Deus.

Pro domo (latim): literalmente, “para (a própria) casa ou lar”; servindo aos interesses de uma determinada perspectiva ou para o benefício de um determinado grupo.

Purusha (sânscrito): literalmente, “homem”; o princípio que informa ou molda a criação; o demiurgo “masculino” ou criador do universo; veja *Prakriti.*

Quod absit (latim): literalmente, "o que está ausente de, opõe-se a ou é inconsistente com"; uma frase comumente usada pelos escolásticos medievais para chamar a atenção para uma ideia que é absurdamente inconsistente com os princípios aceitos.

Rabb (árabe): “Senhor”; no Islã, Deus em Seu aspecto de Soberano ou Governante; o complemento divino do homem como *'abd.*

Machine Translated by Google

Rahmân, Rahîm (árabe): “clemente”, “misericordioso”; encontrado no Islã na fórmula invocatória *bismi 'Llâhi 'r-Rahmâni 'r-Rahîm:* “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”, sendo *Rahmân* a compaixão de Deus na medida em que abrange todas as coisas, e *Rahîm* a beneficência de Deus na medida em que é dirigida aos homens de boa vontade.

Ratio (latim): literalmente, “cálculo”; a faculdade do pensamento discursivo, que se distingue de *intellectus,* “Intelecto”.

Religio (latim): “religião”, frequentemente em referência à sua dimensão exóterca.

Rosa Mystica (latim): “Rosa Mística”; epíteto tradicional da Virgem Maria, como encontrado na Ladainha de Loreto.

Rûh (árabe): “Espírito”; no sufismo, tanto o Espírito incriado de Deus quanto o espírito do homem; veja *pneuma.*

Samsâra (sânscrito): literalmente, "vagar"; no hinduísmo e no budismo, transmigração ou o ciclo de nascimento, morte e renascimento; também o mundo do aparente fluxo e mudança.

Sânkhya ou *sâmkhya* (sânscrito): literalmente, “enumeração, cálculo”; ensinamento cosmológico hindu no qual a natureza é entendida como resultado da união de *Purusha* e *Prakriti;* uma das seis *darshanas ortodoxas,* ou perspectivas, do hinduísmo clássico.

Sannyâsa ou *samnyâsa* (sânscrito): “renúncia”; na tradição hindu, a ruptura formal de todos os laços com a família, casta e propriedade no início da fase final da vida.

Sannyâsin (sânscrito): “renunciante”; na tradição hindu, aquele que renunciou a todos os laços formais com a vida social.

Sat (Sânscrito): “ser”; um dos três aspectos essenciais de *Apara-Brahma,* juntamente com *chit,* “consciência”, e *ânanda,* “bem-aventurança, alegria”.

Sat-Chit-Ânanda ou *saccidânanda* (sânscrito): “ser-consciência-bem-aventurança”; os três aspectos essenciais de *Apara-Brahma,* isto é, *Brahma* na medida em que pode ser apreendido na experiência humana.

Sedes Sapientiae (latim): “Trono da Sabedoria”; epíteto tradicional da Bem-Aventurada Virgem Maria, que é o “assento” sobre o qual seu Filho encarnado está entronizado; compare com *Padmé.*

Sephiroth ou *sefirot* (em hebraico): literalmente, “números”; na Cabala judaica, as dez emanações de *Ein Sof* ou Infinito divino, cada uma compreendendo um aspecto diferente da energia criativa.

Machine Translated by Google

Shâkya-Muni (sânscrito): “sábio dos Shakyas”; título tradicional de
Siddhartha Gautama, o Buda histórico.

Sharia (árabe): “caminho”; no Islã, o modo e a norma de vida adequados, o
caminho ou via desejada e traçada por Deus para o retorno do homem a Ele;
Direito muçulmano ou exoterismo.

Shruti (sânscrito): literalmente, “o que é ouvido”; na tradição hindu, uma categoria
de textos sagrados, incluindo os Vedas, entendidos como a revelação direta da Verdade eterna;
em contraste com *smriti.*

Shûdra (sânscrito): membro da casta mais baixa das quatro castas hindus; um
trabalhador braçal não qualificado ou servo.

Shughl (árabe): “trabalho”; no sufismo, exercício ou esforço espiritual.

Shûnyamûrti (Sânscrito): “a forma ou manifestação do vazio”; epíteto tradicional do Buda, em
quem está “encarnado” *o shûnyatâ,* o “vazio” último, ou seja, a ausência final de todo ser definido
ou individualidade.

Smriti (sânscrito): literalmente, “aquilo que é lembrado”; no hinduísmo, uma categoria.
de escritos sagrados entendidos como parte da tradição inspirada, mas não
revelado diretamente; em contraste com *shruti.*

Sofia (grego): “sabedoria”; na tradição judaica e cristã, a Sabedoria
de Deus, frequentemente concebida como feminina *(cf.* Provérbios 8).

Sophia Perennis (grego): “Sabedoria Perene”; a eterna, não formal.
A verdade está no cerne de todas as tradições religiosas ortodoxas.

Spiritus Sanctus (latim): o “Espírito Santo”; na teologia cristã, o terceiro
Pessoa da Trindade.

Sunnah (árabe): “costume, modo de agir”; no Islã, a norma estabelecida.
pelo Profeta Muhammad, incluindo suas ações e ditos (ver *hadith)*
e servindo como precedente e padrão para o comportamento dos muçulmanos.

Sutra (sânscrito): literalmente, “fio”; um texto sagrado hindu ou budista; em
No hinduísmo, significa qualquer verso curto e aforístico ou conjunto de versos, frequentemente
de estilo elíptico; no budismo, uma coleção dos discursos de Buda.

Tale quale (latim): “de tal tipo como, tal como”.

Tariki (japonês): literalmente, “poder do outro”; um termo budista para formas.
de espiritualidade que enfatiza a importância da graça ou da assistência celestial, especialmente
a do Buda Amida, como nas escolas da Terra Pura;
em contraste com *o jiriki.*

Machine Translated by Google

Tawhid (árabe): “unificação, união”; no Islã, a afirmação da união divina.
unidade expressa nas palavras: “Não há deus além de Deus” *(lâ ilâha illâ 'Lâh);* no sufismo, a doutrina da união mística; veja *fanâ.*

Teose (grego): “deificação”, participação na natureza de Deus *(cf.* 2 Pedro).
1:4); na teologia cristã oriental, o objetivo supremo da vida humana.

Torá (hebraico): “instrução, ensinamento”; no judaísmo, a lei de Deus, como
revelado a Moisés no Sinai e incorporado no Pentateuco (Gênesis,
Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio).

Trimûrti (Sânscrito): literalmente, "aquele que possui três formas"; na tradição hindu,
uma expressão triádica do Divino, especialmente na forma de *Brahmâ,* o criador.
Vishnu, o preservador, e *Shiva,* o transformador.

'Ulamâ (árabe, singular *'alîm):* “aqueles que sabem, estudiosos”; no Islã, aqueles
que são versados em matéria de direito e teologia; autoridades tradicionais para
todos os aspectos da vida muçulmana.

Unio mystica (latim): “união mística”; no cristianismo, o estágio final da
caminho espiritual.

Upâya (sânscrito): “meio, expediente, método”; na tradição budista, o
adaptação do ensinamento espiritual a uma forma adequada ao nível de compreensão auditiva de cada um.
ência.

Vacare Deo (latim): literalmente, “estar vazio para Deus”; estar em tempo livre para ou
disponível a Deus; na tradição monástica e contemplativa cristã, para
Reserve um tempo do trabalho para meditação e oração.

Vaisheshika (sânscrito): literalmente, “referente às distinções”; filosofia hindu da
natureza, incluindo uma análise das várias categorias e
Objetos da experiência sensorial; uma das seis *darshanas ortodoxas,* ou perspectivas,
do hinduísmo clássico.

Vedanta (sânscrito): “fim ou culminação dos Vedas”; um dos principais
escolas de filosofia hindu tradicional, baseadas em parte nos Upanishads,
tratados esotéricos encontrados na conclusão das escrituras védicas; veja *advaita.*

Viveka (Sânscrito): “discriminação, distinção”; em *Sânkhya,* a discriminação direta e intuitiva de *Purusha* em relação *a Prakriti;* em *Advaita Vedânta,* a distinção entre o que é eterno e o que não é eterno, *Âtmâ* e *Mâyâ.*

Walî (árabe): literalmente, “benfeitor, protetor”; usado no Alcorão especialmente para
se referir a Deus; no sufismo, um “amigo” de Deus ou santo.

Machine Translated by Google

Yahweh (hebraico): uma transliteração da suposta pronúncia, agora
perdido, do sagrado Nome de Deus na Bíblia Hebraica ou no Antigo Testamento Cristão
Testamento; revelado a Moisés no Sinai e frequentemente traduzido como “Eu Sou” ou
“Aquele que é” *(cf.* Êxodo 3:14).

Yin-Yang (chinês): na tradição chinesa, duas forças ou qualidades opostas, mas
complementares, cuja interpenetração origina o universo e tudo o que nele existe.
Emergem diversas formas; *o yin* corresponde ao feminino, ao ceder, ao
lua e liquidez; *yang* corresponde ao masculino, à resistência, ao
sol e solidez.

Yogin (sânscrito): literalmente, “aquele que está unido ou atrelado”; um praticante de
ioga, especialmente uma forma de *ioga* que envolve técnicas ascéticas destinadas a
Levar a alma e o corpo a um estado de concentração ou foco meditativo.

Para um glossário de todas as principais palavras estrangeiras usadas nos livros publicados pela World Wisdom,
Incluindo termos metafísicos em inglês, consulte:
www.DictionaryofSpiritualTerms.org.
Este dicionário online de termos espirituais oferece definições abrangentes, exemplos
e termos relacionados em outros idiomas.

Machine Translated by Google

Machine Translated by Google

ÍNDICE

'abd, 34n
Abraão, 11n, 14, 73, 78, 79n
Absoluto, 3, 71, 107, 112, 116, 127, 141, 170, 217; consciência de, 5, 65, 175; criativo, 109, 129n; puro, 37, 109, 126, 129; relativo, 108, 129n; e contingência, relatividade, 1, 2, 27, 62, 70, 105, 152-54, 169, 179; e o Pai, 37, 117, 174; e o *Logos,* 66; e Deus pessoal, 70; e o Si Mesmo *(Âtmâ),* 3, 125; e a Trindade, 117-18; 122n, 124, 168, 174, 176; e unidade, 125 Adão, 9, 58, 72, 83, 134n, 162, 201, 211, 216 adultério, 11 *Advaita Vedanta.* Veja *Vedanta* Agni, 210 *ahimsa,* 2 Ahriman, 6, 190 Ahura Mazda, 190 al-Alawi, Ahmad, 177, 219
alquimia, mística, 51, 110, 177 Alexandre VI, Papa, 212 Alexandre, o Grande, 175
Alexandria, escola de, 64, 197, 202 Alá, 11n, 34n, 79n, 219
Amida Buda, 21-22n, 27n, 193, 207
Amidismo, Amidistas, 78n, 82, 83, 97, 98
Amitabha, 21n, 78n, 193, 204
anamnese, 98
Ânanda, 37n, 115, 168
Anaximandro, 203
Anaxímenes de Mileto, 68n, 203
Saudação Angélica, 44-45, 155-56, 159-60, 168, 180-83, 198, 215, 218, 219
anjos, 58, 58n, 112, 201
Angelus Silesius, 211
Anglicanismo, Igreja Anglicana, 77n, 91, 93, 98, 206
Angra Mainyu, 190
animais, 8, 51, 73, 78, 140
Anunciação da Bem-Aventurada Virgem Maria, 185, 215, 220 antropomorfismo, 151
Antioquia, escola de, 64, 202
Apara-Brahma, 116
apeiron, 203
apologética, 202
Tomás de Aquino, 47n, 51, 122-23, 199, 208, 209, 210
arquétipos, 6n, 151; de pessoas de a Trindade, 126; e religiões, 81-82, 84, 89, 95, 98
Aristotelismo, 49, 152n
Aristóteles, 66, 67, 68, 69, 152, 201, 202
arte: abstrata, 67n; cristã, 41, 93, 139n; medieval, 84n; sacra, 93n, 94, 96, 151
Ascensão de Cristo, 186, 215 *ascese,* 33, 45 ascetismo, ascetas, 29n, 85, 97, 194 al-Ashari, Abu l-Hasan, 205
Escola Asharita do Islã, 87, 88, 205
Assunção da Bem-Aventurada Virgem, 186, 215
Credo Atanasiano, 214
Atanásio, 189, 210
ateísmo, 119
Athos, Monte, 29n, 194 *Âtmâ:*
distinto de *Mâyâ,* 5, 108n, 129, 167-70, 175, 177, 179, 184; infinitude de, 124; e *Brahma,* 116n; e esoterismo cristão, 167; e *Sat-Chit-Ânanda,* 125
Agostinho, 4, 9n, 13, 20n, 41n, 48, 83, 115, 118-19, 134n, 190, 191, 197, 199, 204, 210, 211 *Aum,* 219 *avatâra,* 32, 153, 170, 184, 193, 195 *Ave Maria. Veja* Saudação Angélica

Machine Translated by Google

avidyâ, 57
Torre de Babel, 58, 201
bâlya, 24n
Batismo, 11n, 18n, 19n, 42n, 81n, 90n, 156, 171, 197, 214 *barakah,*
94n
Arquitetura barroca, 84n, 93n
Basílio Magno, 17, 18n, 26n, 191
Beatriz, 207
beleza: desejada pela Verdade, 5; da Bem-aventurada Virgem, 156, 157, 158, 181, 182; do Lótus, 137; da alma, 157, 179, 181
Bede, 162n, 216
Ser, 73; criativo, 108, 118; divino, 1; natureza de, 58; necessário e possível, 2; e Além-do-Ser, 37, 40, 108, 128, 167; e Deus, 107; e a Trindade, 40
Bento de Núrsia, 26, 47, 199
Bernardo de Claraval, 29n, 47, 86, 97, 170, 190, 195, 199, 205, 207, 218

Bernardino de Siena, 3n, 183, 189, 219
Além do Ser, 37, 40, 108, 128, 167
bhakta, 22n
bhakti, 21, 22n, 51n, 64, 177, 180, 201-202, 218
bhakti-mârga, 18
Bíblia, Sagrada, 48, 101-104, 106, 127, 137, 137n, 184
Bispo de Roma. *Veja* papa
sangue, de Cristo, 32, 43, 44, 113-14, 138n, 146, 165, 205, 210; e o Espírito Santo, 127
Bodhisattva, 193
corpo: humano, 147; místico (Igreja), 157; ressurreição de, 78; de Cristo, 4, 24n, 32, 43, 87, 113-14, 138n, 146, 205, 210, 214
Bonaventure, 190
Bórgia, César e Lucrécia, 135, 212
Brahma, 1, 32, 37n, 57, 116n, 189, 200, 211
Brahmâ, 8
brâhmana, 151n, 152
Brahmanismo, 111, 135, 136, 209, 212
Bramante, Donato, 206
Buda, 135, 136, 137, 211
Budhânusmriti, 21n, 28n
buddhi, 37n, 116n, 167n
Budismo, 15, 21-22n, 28n, 78n, 82, 97n, 137
Bulgakov, Sérgio, 29n, 195
Bizâncio, 42, 81
Cabala, 192, 196
Cabalistas, 48, 139, 172, 218
César, 67, 163; Tibério, 135n, 136, 212
Caifás, 134-36, 211 Calvário,
41, 85-87, 197 Calvino, João,
86, 95n, 97, 205 Calvinismo, 91, 93, 94,
98 Padres Capadócios, 191
Cardinalato, 91 *caritas,* 64
Cassiano, João,
45n, 194,
198 castas, Hindu, 151n, 209
catecúmenos, 17-20, 214
Catarina de Ricci, 45, 198 Igreja
Católica. *Ver* Igreja, Católica
Catolicismo, 81, 84, 86, 88-89, 91, 96, 97, 98,
152n, 206 celibato dos sacerdotes, 90, 92 Celso, 191 cenobitismo, 25
Chaitanya, 21n, 193 caridade, 2,
24-25, 29, 45,
50-51, 53, 173. *Ver*
também amor Carlos
Magno, 135n, 212 criança, 47, 139, 164, 199, 217; de Deus, 31-34
China, imperadores de, 81 *Chit,*
37n, 115, 168 Cristo. *Ver* Jesus Cristo Crisóstomo, João,
19-20n, 29, 192 Igreja, 17, 19n,
77, 92n, 135;

Anglicano, 93; Católico (Latim,

Machine Translated by Google

Romano), 17, 25, 92, 96; Celta, 42n; Ortodoxo (Oriental, Grego), 4, 25, 45n, 77n, 86n, 90, 91, 92, 113n, 135n, 168, 179, 192, 206; Ocidental, 25, 90; como corpo místico de Cristo, 157; de Pedro, João, 41-42; e tradição iniciática, 25; e papado, 91n, 148-49n, 197 circuncisão, 10-11n Ordem Cisterciense, 44 Clemente de Alexandria, 19n, 43n, 197, 202 Comunhão, Santa. *Ver* concupiscência eucarística, 56, 157, 181 Mandato confucionista, 81 Consolata, Maria (de Testona), 45n, 198 Constantino, 135n, 212 Constantinopla, Concílio de. *Ver* Concílios, Consubstanciação Ecumênica, 85, 88, 205 Corredentora, 4, 138, 190 Coroação da Bem-Aventurada Virgem Maria, 215 cosmolatria, 128n cosmologia, 68, 76, 107 cosmos, 65, 112, 118 cosmosofia, 62 Concílios Ecumênicos: Constantinopla III (Sexta) Concílio), 145, 213; Éfeso (Terceiro Concílio), 195; Niceia I (Primeiro Concílio), 18n, 192; Niceia II (Sétimo Concílio), 91, 145, 206, 214 Contrarreforma, 96, 207 criação: doutrina da, 62, 65, 79, 105-107, 140; universal, 13, 36, 39, 157-58, 161, 175, 181 criacionismo, semítico, 62, 106, 110 cremação, 43n

Cronos, 201 Cruz: sinal de, 18-19n; simbolismo de, 40; e Crucificação, 46-47, 159, 161-65, 186, 215-16 Crucificação, 39, 41, 78, 186, 215 Cura d'Ars, 177, 219

Dédalo, 201 Daniel, 79 Dante Alighieri, 81, 101, 204, 207, 208 *darshanas,* Hindu, 140, 151, 214 Davi, 137, 139 morte: a vitória de Cristo sobre, 6; espiritual, 47, 158; de Cristo, 9, 44; para o mundo, 41; e a Cruz, 162; e o ego, 159, 181; e votos monásticos, 42-43

Decálogo, 40n, 196 deificação, 17, 29n, 127, 157n, 183 deformidade do homem, 33 Demócrito, 69, 203 dervixes, 28-29n, 195 Descartes, René, 51n, 200 Pais do Deserto, 25, 26n, 179-180, 194, 198 *dharma,* 57 Dharmakara, 193 *dhikr,* 21n, 28n, 169 *Dhyâni-Bodhisattvas,* 116n *Dhyâni-Budas,* 116n Diocleciano, 20n, 193 Diógenes de Apolônia, 68n, 203 Dionísio, o Areopagita, 17, 18n, 19n, 42n, 190, 192, 197 dogmas, 12, 13, 18n, 19n, 68, 75-77, 149, 151

dogmatismo, 68, 72, 113, 125, 130, 151, 176, 177, 202 Dominic, 155n Eckhart, Meister, 24n, 36n, 43, 59n, 101, 129n, 167, 180, 193, 196, 201, 208, 211, 217 egoísmo, 159, 164, 179 *Ein Sof,* 197 Elêusis, 10n, 191 Elias. *Veja* Elias, 212 emanacionismo, 106, 108 empirismo, empiristas, 68, 113, 203 Enciclopedistas, 94n Enoque, 58, 201 Éfeso, 178, 219; Concílio de. *Veja*

Machine Translated by Google

Conselhos Ecumênicos
Epicurismo, Epicuristas, 108, 203, 209
Epicuro, 69, 203
Er, Mito de, 214
esoterismo: Celta, Germânico, Mazdeano, Brahmanico, 66; Cristão, 171-72, 211; Cristão em relação ao judaísmo, islamismo, 2, 7, 13, 33, 49; Cristão e Comparação muçulmana, 172, 218; graus de, 173; evidência de em Cristianismo, 17, 17-20n; integral, plenário, puro, 167, 173, 175, 179; Judeus, 219; leis de, 15; muçulmanos, 27n, 65n; no mundo hindu, 34; de *gnose,* 177; e exoterismo, 7, 10, 59, 149, 173, 175, 180; e Lutero, Luteranismo, 96-97
Essênios, 97n, 212
éter, 71, 125
Eucaristia, 2-4, 10n, 12, 14, 20n, 22n, 28n, 42n, 43, 85-89, 113, 114, 146, 172, 184, 189, 193, 197, 198, 204-205, 206, 209, 210, 219; mal: ego como princípio de, 47;
problema de, 87n; vitória sobre, 6, 163; mundo como, 128; da Existência, 161; e Substância cósmica, 158; e Deus, 134; e manifestação, 109; evolução, evolucionismo, 66, 67n, 93, 103, 112; exoterismo:
cristão em relação a

Judaísmo, Islamismo, 7; esoterismo, 97; Definição de Guénon de, 12; imanência e transcendência em, 61;
judaico, islâmico, 7; semítico, 8n; como dogmatismo, 125; e Cristianismo, 7; e esoterismo, 7, 10, 59, 149, 173, 175, 180; e Lutero, Luteranismo, 96; e o Trindade, 118
fé: infantil, 70; justificação por, 20, 76, 192; poder salvador de, 76, 82-83, 207; como atitude contemplativa, 21-22; como disposição da alma, 22; como modo de conhecimento *(gnose),* 20, 39n; no Protestantismo, 84n, 98; e lei, 20n, 22n; e milagres, 23-24; e obras, 76 *fanâ,* 27n *faqr,* 24n, 27n,
169 *filioque,* 40, 92,
174, 196, 206, 218 Revolução Francesa, 94n Gamaliel, 95, 207 Gerizim,
Monte. *Veja* Sinai,
Monte Getsêmani, 185, 215 *gnose,* 39-40,
43n, 44-46, 49-51, 59,
63-66, 83, 87n, 97, 104, 153, 159, 161, 170, 173-74, 177, 202

gnóstico, 46, 48, 64, 71-73
Gnóstico (sectário), 87, 138, 174, 211
Deus: criança, filhos de, 32, 33, 34, 127; Cristo como, 43, 121, 145-48, 160, 161, 164; Espírito Santo como, 168; conhecimento de, 64, 112, 130; homem como imagem de, 36, 108, 109; manifestação de, 62, 98, 106; Mãe de, 12, 32; Nome de, 3, 28, 29n, 31, 159, 160, 183, 186; pessoal, 16, 70, 118; protótipo de Bem-Aventurado Virgem em, 108n; relatividade em, 127-28, 153, 154; lembrança de, 44, 159; salvação como união com, 17, 27, 159; Filho de, 12, 32, 127; Sabedoria de, 138; como autor de Escritura, 101; como Ser, 107; como Pai, 31, 127; como Objeto, 57; como Assunto, 3, 57; como Trindade, 115-17, 121n, 122, 123; como verdade, 49; em Judaísmo, 1; e criação, 105, 107; e o diabo, 134; e o mal, 134; e a lógica, 130; e o amor, 22, 24, 25, 33, 44, 45, 48, 53, 56, 64, 85, 135, 159

Divindade, 167, 197, 214, 217
Deus-Homem, 4, 9, 33, 145, 185n, 196
deuses, 61, 133, 201, 203, 211
Evangelho, 18, 24, 32, 45, 46, 92n, 133, 134, 150n, 206, 213
Evangelhos, 19n, 52, 108, 113n, 122n
graça, 156, 159, 161, 183, 186; Eucarística, 86, 184; salvação por, 65, 84, 155; santificando, salvando, 39, 40, 142, 160; caminho de, 15, 18; em

Machine Translated by Google

Agostinianismo, 83; de Amida
Buda, 21n; do Nome divino, 178; e intelecção, 71-72
Igreja Grega. *Veja* Igreja Ortodoxa.

Gregos: antigos, 63, 65-66, 69, 139n, 201-203, 216; do Oriente Cristão, 42, 147
Gregório de
Nissa, 147, 214 Gregório Palamas,
27n, 194 Gregório Magno, Papa,
162n, 216 Guénon, René, 12n *hadîth,* 11n, 31n,
148n Ave Maria. *Veja*
Saudação Angélica al-Hallaj,
Mansur, 14, 136, 191 *hanîf,* 11 *haqîqah,* 13
coração, 56, 137, 141, 155, 176, 184,
185; presença divina em, 36; endurecido, 159, 181; Nome de Jesus em, 3n, 29-30, 45, 183; oração de, 45n, 159, 189, 198; do homem, 26, 104, 143, 186; e Hesicasmo, 3, 35, 96n

Céu, 34, 50, 51n, 55, 69, 82, 85,
89, 103, 159, 171; abençoado em, 10n, 17, 22, 178; Cristo levado para, 79n, 175; graça de, 70, 82; reino de, 47n; mandato de, 81, 82, 90; jugo de, 20

Hélio, 61
inferno, 9, 42, 77, 78n, 85, 135, 197, 204
Helenismo, Helenistas, 61, 63-64, 69-73, 147n, 152, 202
Heráclito, 68n, 203 heresia,
55, 81, 122n, 145, 148n, 149, 151n, 201, 202, 210 eremitas, 26, 194

Hesicasmo, Hesicastas, 3, 23, 25-26, 28, 29n, 35, 96n, 169, 172, 189, 193, 194 *hesíquia,* 189, 194

Hinduísmo, tradição hindu, 27, 34, 75n, 82, 97, 116n, 125, 140, 204, 212, 219

Hindus, 8, 14, 18, 57, 68, 76, 78

Honório I, Papa, 145, 148, 148-49n, 152, 213 esperança,
29, 141
humanismo, humanista, 66-67n, 135
humildade, 24n, 46-48, 50n, 156-58, 182, 199
hipóstases, 6n, 37, 116n, 118, 119, 121n, 123, 154, 173-76
Ícaro, 58, 201
ícones, iconografia, 3, 4, 41, 139n
Inácio de Antioquia, 44, 198
Imaculada Conceição, 32, 56n, 148, 167, 195 imanência:
e transcendência, 35, 36, 57, 58, 61, 97, 141 impanação, 88, 205

Encarnação, 1, 9, 9-10n, 39, 41, 117, 138, 147, 155, 157-59, 161, 177; indivíduo,
humano: 71, 121, 163, 183; ponto de vista de, 13; alma de, 11, e coletividade, 93; individualismo, 50, 67n,
69, 151, 186
Indra, 210
indulgências, 76, 94n
Infinito (Infinitude divina), 108, 154, 155, 164; encontro com o finito, 27; e o Absoluto, 142, 168; e linguagem humana, 102; iniciação, iniciados, 3n, 8n,
10n, 12, 15, 17, 18-20, 23, 25-27, 32, 42n, 81n, 171-72, 185

Inocêncio I, Papa, 20n, 193
Inquisição, 95n
Intelecto, 36, 49, 59n, 71, 126, 147, 201; Cristo como, 48, 51; criador, 151n; divino, 5, 13, 58, 70, 130; primazia de, 72; puro, 3n, 36, 70, 104; universal, 5, 39, 104, 167; no homem, 39, 68, 153; e razão, 59
intelecção, 49, 67, 68, 110, 111, 123n, 131; e *gnose,* 202; e graça, 71-72; e revelação, 104, 109, 112, 153 *intellectus: agens, possibilis,* 110,
209 invocação, 3n, 20-22n, 27-29, 45n, 168, 172, 179-80, 183-85

Sabedoria jônica, 68, 202

Machine Translated by Google

Irineu, 179, 189, 210 *Îshvara,*
37n, 167 Islamismo,
65n, 173, 178, 205, 210; divergência de sunitas e xiitas, 90; metafísica de, 40n, 125; teologia unitária de, 124-25; em relação ao judaísmo, cristianismo, 2, 13, 23, 34, 76, 180, 218; e morte de Cristo, 9, 79; e imagens, 4n; e Igreja Ortodoxa, 77n; e oração, 86; e duas naturezas de Cristo, 148 Israel, 1, 33-34, 102, 136, 211-12 Jacó de Voragine, 198
Jagat, 167 Jallabert, P.-J., 9, 191 *japa,* 21n *jejunium,*
44-45 *Jesus Maria,* 45n, 168 Jesus Cristo:
corpo e sangue de, 24n, 32,
43, 113, 114,
138n, 165, 205; central para
o cristianismo,
1, 5, 66; cósmico e
histórico, 9; morte de, 9,
78-79; divindade de, 18n, 41, 43, 87, 121, 135, 183; ética de, 25; humanidade como imagem de, 39; João como irmão de, 41-42; mensagem de salvação, 106; milagres de, 23, 43; Nome de, 3n, 22n, 27-30, 44, 45, 159, 160n, 168, 172, 179-83, 189, 218, 219; ensinamentos sobre humildade, 47n; terrestre, 122n; duas naturezas de, 5, 32, 45, 145-48, 152; vitória de, 6; como criança no Templo, 185, 215; como Intelecto, 39; como Luz, 39; como novo Adão, 161, 216; como único salvador, 65, 72, 175; como Oriental, 113; como profeta, 2, 136; como sacrifício, 45, 76; e abandono, 47, 159; e a Virgem Santíssima, 4, 32, 44, 127, 139, 148n, 155, 160, 167-68, 172, 174, 198; e paternidade de Deus, 31-32, 127; e Judas, 133, 134n; e Redenção, 10, 165, 186; e a Palavra, 9, 157; Oração de Jesus, 26, 28n, 45n, 168, 172, 179, 189, 194, 218; Judeus, 11n, 18n, 34, 49, 135, 136n, 147n, 207, 211, 212
jiriki, 22n
jîvanmukta, 56n
jnâna, 64, 171, 218
jnânin, 22n, 32, 171, 178
Jôdo-Shinshû, 21-22n, 97
João: o Batista, 10n, 191; Igreja de, 41-42; o Evangelista, 10n, 121n, 197, 219
João Damasceno, 28, 89, 194, 205
Josefo, Flávio, 140n, 213
Judaísmo, 1, 2, 4n, 7n, 40n, 49, 97, 103, 136, 180
Judas, 133-35
justificação, 20, 25, 76, 192, 204
Kali Yuga, 209
Kali, 22n, 193
Kant, Emanuel, 51, 200
khalîfah, 34n
Reino de Deus, 3, 34-35, 56, 58, 97, 103-104, 168, 173, 184, 189, 191, 196, 200, 208, 217-18, 220
conhecimento: agostiniano-platônico doutrina de, 51n; teoria empirista de, 203; fé como modo de, 20, 22; falso, 164; intelectual, 24, 63; metafísico, 37, 39n, 51, 62, 103, 182; puro *(jnâna),* 64; caminho de, 15, 50; na hierarquia de graus espirituais, 140, 142; da encarnação, redenção, 9-10n; de *Mâyâ,* 177; de si mesmo, 183; e libertação, 20, 65-66, 177; e amor, 24, 25, 50, 63, 64; e razão, pensamento discursivo, 110, 112; e revelação, 111; e ceticismo, cientificismo, 68, 104, 200

Alcorão, 4n, 9, 11n, 31n, 58, 85n, 201, 205; e a Crucificação, 78; e Jesus, 147-48; e a Trindade, 124n

Krishna, 21n, 27n, 32, 193, 195
kshatriya, 151n, 152n
idioma, humano, 57, 102, 201
Última Ceia, 133
Concílio de Latrão, Quarto, 113, 209
latria, 154

Machine Translated by Google

leitourgia, 197
Lemnos, 10n, 191
Îîlâ, 56n, 136
liturgia, 18n, 19n, 20n, 31n, 41, 180, 192, 197, 206, 210 lógica,
50n, 68n, 107-11, 129-30
Logotipos, 5, 66, 104, 127, 170
Longino, 165, 217
Loreto, Ladainha de, 137, 212
Lossky, Vladimir, 23n, 193
lótus, simbolismo de, 137, 160, 160n, 167, 194, 215
Luís IX, 43n, 197
amor: legado por Cristo, 29;
Cristianismo como perspectiva de, 35, 49-50; divino, 29, 31, 141, 181; esoterismo de, 49; existência como, 24; Deus como, 22-23, 24, 45, 53, 159; intenção de, 170; puro, 39, 53; caminho de *(bhakti),* 18, 21, 45, 51; como *hipóstase* divina , 37; como participação em Deus, 24; na hierarquia de graus espirituais, 140, 142; de inimigos, 163; de Deus, 24, 25, 33, 44, 48, 56, 85, 135, 181, 198, 199, 207; e fé, 21n; e o Espírito Santo, 51; e humildade, 48; e conhecimento, *gnose,* 24, 25, 50, 63-64; e natureza de Cristo, 158 Lucas, 4
Lutero,
Martinho, 83, 85-87, 93, 95n, 96-97, 204, 205, 207 Luteranismo,
91, 96, 98, 195 macrocosmo, 36,
39 Madalena, Maria.
Veja Maria Madalena
mahâpralaya,
8n Malik b. Anas,
191 homem: adoção
pelo *Logos,* 127;
visão agostiniana e luterana de, 83, 96; média, 173; Cristo como, 47, 145-46, 148; deificação, deificação, divindade de, 58, 71, 90, 127, 186; Edênico, 42n; Deus como, 4, 9, 33, 127, 170; casado, 43n; postura e linguagem de, 57; Filho de, 18n, 189; espiritual, 11; como filho de Deus, 31, 32; como ego, 49; como forma, 149; como imagem de Deus, 36, 107-108; como encarnação e crucificação, 39; como pecador, 55, 162; como pensamento, 111; como vigário de Deus, 34n; em relação ao Absoluto, 1, 3n, 65; e oração, 37, 170
Mani, 211
mani, 167
Maniqueísmo, 128, 211
manifestação: Crístico, 14, 136; cósmico, 5, 62, 151; fundamental para Cristianismo, 116, 167; nível de, 116n; necessidade de, 62; universal, 58n; mundo como, 61, 62, 106, 109; como *Trimûrti,* 116n, 118; em relação a Princípio, 25, 27, 28, 106, 141, 169; do Absoluto como Filho, 117; da possibilidade islâmica, 89; do Vazio, 149; da Palavra *(Logos),* 9, 66; e Essência, 119; e o Espírito Santo, 40, 75 *mantra,*
194, 215
Manu, Lei de, 78n, 204
casamento, 97, 207
Maria, Virgem Santíssima: Assunção e Coroação de, 215; culto de, 32; divina, 4, 139, 190; casa de, 219; mistérios de, 158; Nome de, 4, 44, 168, 172, 179, 183, 212-213, 217; retrato de, 4; como Corredentora, 4, 138; como Mãe de Deus, 12, 32, 195; como *Sedes Sapentiae,* 137, 139; no Alcorão, 32n, 124; em Protestantismo, 32n; e divino Feminilidade, 137, 138; e milagres de cura, 178; e o Santo Espírito, 40, 138, 168, 174; e Jesus, 4, 32, 44, 127, 139, 148n, 155, 160, 167-68, 172, 174, 198; e *Mâyâ,* 167; e *Padme,* 167; e alma santificada, 156, 158; e *Sofia,* 138
Maria Madalena, 172, 218
Maria do Egito, 172, 179, 218
Missa, Católica Romana, 19n, 20n, 86-90, 92, 198
matéria prima, 158

Machine Translated by Google

matéria , 219;
e éter, 125; e o Eucaristia, 146; e a Encarnação, 165; e Maniqueísmo, 211
Máximo, o Confessor, 209
Mâyâ, 108n, 109, 141; distinto de *Âtmâ,* 5, 108n, 129, 154, 167-70, 175, 177, 179, 184; divino, 108, 143; *in divinis,* 124; celestial e subcelestial, 5-6n; e esoterismo cristão, 167; e necessidade da criação, 62; e polarização da Substância divina, 116n; e a Trindade, 123
misericórdia divina, 15, 16, 19, 20, 31, 51, 76, 77, 149, 164, 168, 169, 179, 184
metacosmo, 26
metafísico, 178, 180
metafísica, 106, 108, 110, 125, 133, 150, 201, 202; Cristão, 5; puro, 169, 172-73, 175, 179; Trinitário, 40, 48, 120; do Judaísmo e do Islamismo, 40n; e teologia, 133, 152
Michelangelo, 94, 206
microcosmo, 24, 26, 34, 36, 39, 40, 156-57, 160, 186
Milesianos, 202
milagres, 23-24, 43, 178
Mishná, 103, 208
modalismo, 116, 210
monges, 26n, 29, 42, 45n, 97, 170, 189, 194, 197, 207
monofisismo, 146
monoteísmo, 62, 76, 78, 108, 125
monotelitas, 145, 214
Montfort, Luís Maria Grignion de, 190
Mosaico, 173
Moisés, 49n, 103, 135, 136, 196, 200, 208; lei de, 162
Mãe de Deus, 12
Muçulmanos, 123-24, 178; e Cristo, 9, 78; e purgatório, 77
mistérios, 10n, 17, 19n, 20n, 49n, 64, 152, 172; maior e menor, 3, 43, 114n, 160; do Nome, 43, 168; do Rosário, 158, 160, 185-86, 215, 220
misticismo, 72, 97n, 177
Nome: divino, 27, 35, 178, 182, 184-85, 213; de Amida (Amitabha), 21-22n, 193, 204; de Deus, 3, 31, 159, 160, 184; de Jesus, 3n, 22n, 27-30, 44, 45, 159, 160n, 168, 170, 172, 179-83, 189, 218, 219; da Palavra manifestada, 27; de Maria, 4, 44, 170, 179, 183
Namu-Amida-Bu, 21n
naturalismo, artístico, 66, 139n
nembutsu, 21n, 22n,
28n
Niceia, Concílios de. *Veja* Concílios Ecumênicos
Credo Niceno, 196, 206
nien-fo, 21n, 28n
nirvâna, 27n, 193
não-dualismo, 173-74, 214
nada, 13, 25, 78, 106, 164, 182
números: pitagórico, 140, 142; e Trono de Salomão, 140
Ohrmazd, 6, 190
oratio, 44
Origem, 8n, 190, 196, 202
Orfismo, 214
Ortodoxia Oriental, 88, 98, 206; *Veja também* Igreja Ortodoxa
doutrina palamita, 27, 194
panteísmo, 62, 69, 106
papado, 81, 92, 150
Paraíso, 77, 104, 178; de Amitabha, 78n, 193, 204
Paramâtmâ, 151n, 154
paixões, 12, 39, 48, 49, 51, 52, 75, 83, 108
Paulo, 2, 7, 9n, 10n, 11n, 39n, 64, 85, 86, 108, 192, 199, 205, 207
paz, espiritual, 52, 84, 85, 141, 163; e a Bem-Aventurada Virgem, 158, 181
penitencialismo, 76
perenialismo, 173
perfeição, 127, 157, 158, 181, 183; ativa e passiva, 140; conselhos

Machine Translated by Google

de, 197; Mariano, 156, 182; físico, 32; primordial, 57, 156; espiritual, 26, 27, 32, 42n; da fé, 39
Pessoa: Deus como, 70, 217; de Cristo, 32-33, 145, 196
Pessoas: da Trindade, 115, 116n, 117-18, 120-23, 126, 210
Pedro, 42, 198, 207; Igreja de, 41
Pedro Damião, 137, 213
Pedro, o Grande, 94, 136n, 206
Fariseus, 135, 136
filosofia, 50, 65-66, 68-69, 106, 108, 161, 200, 202, 209
Pilatos, 134-35, 211
Pio V, Papa, 92n
Platão, 4, 67, 75n, 106, 111, 152, 179, 190, 202, 208, 214
platonismo, platônicos, 65, 68, 72, 106-107, 109, 110
pneuma, 138, 174
polarização ontológica, 116n, 128, 153, 174
politeísmo, 119
papa, 42, 81, 90, 91n, 92n, 94, 148-49n, 206
possibilidade divina, 133, 134, 140-41, 154
pobreza, espiritual, 43, 197; Sufic, 2, 24n, 27; voto de, 170
Prakriti, 68n, 116n
prapatti, 76
Praxeas, 18n, 192
oração: jaculatória, 45n, 98, 160, 170; Eucarística, 210; Jesus, 2, 28n, 45n, 168, 172, 179, 189, 194, 218; Lord's, 127, 159, 168, 172, 184, 215, 218; muçulmano, 86; pessoal, 184; incessante, 2, 28, 168, 194; do Coração, 45n, 159, 189; do Rosário, 159; jejum, 44; e Nomes divinos, 3, 29, 44
predestinação, 83, 87n
Apresentação de Cristo, 185, 215
orgulho, 108, 164, 182
Princípio: criativo, 36, 154; divino, 15, 61, 154; Pai como, 120; infinitude de, 108; personificação de, 3n; Supremo, 3n, 27-28, 61; transcendência de, 62, 158; como um e múltiplo, 61; como Sujeito, 129; da bondade, 130; e o *Logos,* 5; e manifestação, 11n, 25, 106, 109, 141, 169; e *Mâyâ,* 5-6n
Prometeu, 58, 201
Protágoras de Abdera, 69, 203
Protestantismo, Protestantes, 32n, 81, 84, 89-91, 93, 95-96, 98, 195; liberal-al, 85, 93; e amidistas, 82; e a Eucaristia, 87; e modernismo, 94; e purgatório, 76-78
psicologismo, 67n, 103 purgatório, 76-78, 135, 164 *Purusha,* 116n
Pitágoras, 67n, 202 *Rabb,* 34n *Rahîm,* 34n
Rahmân, 34n Rama, 27n, 32, 193, 195
Ramakrishna, 22n, 193
Ramanuja, 151n, 214 *ratio,* 123
racionalismo, 69 Presença Real, 85-87, 114n, 137, 156-57, 160, 180, 185-86, 204-205. *Veja também* Realidade Eucarística: 128; graus de, 37, 107, 123, 173, 175; divino, 5, 24, 69, 159, 179, 182-83, 186; suprassensorial, 11; transcendente, 122; realização, espiritual, 15, 24n, 26, 32, 39n, 108, 160, 172, 182; razão, 57, 107, 110-12, 123, 200; e Intelecto, 59
Redenção, 1, 6, 9-10, 13, 34, 41, 72-73, 82, 84, 134-35, 155
Reforma Protestante, 93, 97;
reencarnação, 78;
religião,
49n; religião ascética, 97; essência da, 1; propósito da, 75; simbolismo da, 79; e Além-do-Ser, 37; e dogma, 75; e lógica, 111; e *upâya,* 149, 151

Machine Translated by Google

Renascimento, 42, 93-95, 135-36, 152n, 206
Ressurreição: de Cristo, 6, 28, 186, 215, 218; do corpo, 78
Apocalipse, Cristo, 23; e o
Bíblia, 101, 103; e inspiração, 14n; e intelecção, 104, 109, 112, 153; e Verdade, 75 Roma: e Bizâncio, 42, 81-82
Rosa Mística, 137, 212 Rosário, 155-56n,
159-60, 215, 220 *Rûh,* 118
Sabelianismo. *Veja* modalismo

sacramentos, cristãos, 3n, 5, 42, 88n, 153, 156, 185, 192, 197; natureza esotérica de, 13; do Islã, 86; e invocação, 179
sacrifício, de Cristo, 43, 45, 87, 159
salvação, 17, 64, 136; pela graça, 65; fora do cristianismo, 10; e o Eucaristia, 2-3; e metafísica, 37, 62

Samotrácia, 10n, 191
samsâra, 8n, 167
Sinédrio, 103, 207, 208
sânkhya, 68
sannyasa, 43n
sannyasin, 32
Satanás, 11, 133, 190
Sat-Chit-Ânanda, 116, 125
Schelstrate, Emmanuel, 18n, 192
cientificismo, 67n, 104, 112, 152n
Escritura, Escrituras, 20, 32, 49, 72, 87, 101, 115, 127, 133, 159, 175, 201; quatro sentidos de, 102; hindu e budista, 78, 214; inspiração de, 14n; interpretação de, 18n, 202; Semítico, 150n; e Protestantismo, 90, 93
Sedes Sapientiae, 137, 139n, 143, 223
Eu (divino, supremo), 3, 36, 39, 44, 47, 57, 58, 59, 65, 71, 129, 141
sentimento, 50, 84n, 174
sentimentalismo, 84n, 130
Sephiroth, 40n, 197
sexos: e criação, 108n
sexualidade, 97
Shâkya-Muni, 21n, 22n
Shankara, 56n, 189, 211, 214
sharî'ah, 13
Xiismo, xiitas, 90, 97
Shinran, 97, 207
Shiva, 218
shruti, 14n
shûdra, 151n
shughl, 29n
Shûnyamûrti, 149
sin, 47, 56, 78n, 83, 147, 150n, 155, 161, 162n, 204; original, 42n, 55-59, 81, 147, 163, 195; contra o Espírito Santo, 169; de Adão e Eva, 134n, 162, 211
Sinai, Monte (Monte Gerizim), 49, 97, 200, 207
smriti, 14n
Sócrates, 66, 67, 202, 203
Salomão, 28n, 137n, 138, 139, 140, 141
Filho de Deus, 12, 189, 194, 205
Filho do Homem, 18n,
189 *sophia,* 50; divino,
138 *sophia perennis,*
75 Sofistas, 69, 108, 203, 209
alma, 37, 40, 42n, 44, 47, 164; sensorial ou passional, 34, 48; do gnóstico, 46; e a Bem-Aventurada Virgem, 127, 155-60; e a Essência divina, 24, 57; e o Intelecto, 59n; e o Rosário, 180-82, 185-86; e transmigração, 8n Sozomen, 18n, 192
espaço, simbolismo
de, 140n, 141-42 Espírito, 58, 118, 148,
157, 160; Sagrado, 17, 36, 40, 51, 72, 89, 101, 109, 117, 124n, 127, 167, 174, 184, 196, 206, 215; humano, 26, 50, 108, 127, 198; pecados contra, 169; e a Virgem Santíssima, 138, 168
Estagirita. *Veja* Aristóteles
sofrimento, 45, 46, 84,
162, 164 Sufi, 27n

Machine Translated by Google

sol, 61, 78n, 87, 119, 140, 155, 156
Sunnah, 85
Sunitas, 90
surrealismo, 67n
sutras, 21n
al-Suyuti, Jalal al-Din, 191
Suzuki, Daisetz Teitaro, 22n, 193
simbolismo, 15, 24, 79; antigo, 68n; de números, 140-41; e o Bíblia, 101, 103; e o Nome de Jesus, 219
símbolos, 3, 57n, 175, 183
sincretismo, 177
Talmud, 31n, 91, 136n, 195
Taoístas, 128, 140
tariki, 22
tawhîd, 27
Templo: de Jerusalém, 97, 185, 215
Tentzelius, 18n, 192
Tertuliano, 18n, 42n, 192, 197
Tales, 68n, 203
Teodoreto, 18n, 192
teologia: Cristã, 125, 135; cão- mático, 37, 173, 184; monoteísta, 78, 125; muçulmano, 124; "novo", 151; trinitário, 33, 115, 124-25; vishnuíta, 214; como *upâya,* 150; e pensamento grego antigo, 62, 202; e esoterismo, *gnose,* metafísica, 133, 172-75, 179 *teose,* 32 teosofia, 146 *Theotokos,* 195 tomismo, 51n, 84n, 123
Tiberíades, Mar de, 41, 197 Tibério. *Veja* César Titãs, 58, 201 Torá, 31, 49n, 103, 200 tradição, 91; arcaico, 75n; hindu, 140; iniciático, 25-27; místico, 75n; e Escritura, 90
transcendência, 35, 110, 141, 156; objetivo e subjetivo, 57; e imanência, 36, 58, 61, 97 transmigração, 8n, 77-78, 214 transubstanciação, 85-89, 113-15, 146, 205, 209
Conselho de Trento, 96n, 207
Trimûrti, 116n, 118
Trinitarismo, 110, 116, 122n, 123, 124n
Trindade, 12, 13, 18n, 107, 108n, 116, 127, 152, 167; Corânico, 124n; em três planos, 118; teologia de, 115; vertical e horizontal, 37, 117; e Unidade, 124
triteísmo, 88
Trovadores, 97n
verdade, 20, 46, 47, 49, 52n, 69, 79, 101, 130, 140, 141, 163, 169; expressão antinômica de, 116n; contrastante para cristãos e gregos, 63; divino, 36, 102, 104, 107; esotérico, 13, 14, 146; essencial, puro, total, incondicional, 8, 10, 51n, 62, 75, 112, 119, 128, 150; metafísico, 5, 58, 170, 173, 179, 184; parcial, 63, 110, 149; religioso, 8; do Absoluto, 1, 153; e Aristóteles, 67; e beleza, 5; e budistas, 73, 76, 149; e a Cruz, 164-65; e o Espírito Santo, 101, 208; e Platônicos, 106; e taoístas, 128
Turcos, 136n
união (contemplativa, mística, espiritual), 26-27, 27n, 36, 86, 141, 157n, 159, 175, 179; e salvação, 3
singularidade: da Bem-Aventurada Virgem, 140n; de Deus, 119; do Verbo, 182-83;
unitarismo, islâmico, 124n;
unidade: divina, 13, 40n, 108n, 122, 123n, 124-25, 153; da natureza de Cristo, 145; do Pai e do Filho, 119-20; Pitagórico, 142
universo: 61, 68, 79, 105, 109, 129, 140n, 157, 158; divindade de, 128; Guardiões de, 116n; como dimensão de Deus, 154; e Intelecto, 39, 63
Upanishads, 150n, 212, 214 *upâya,* 32n, 76, 123, 124, 125, 128, 149, 150, 151, 152n

Machine Translated by Google

Vaisheshika, 68
Varuna, 210
Vayu, 210
Vedânta, 65n, 125, 179, 214; *Advaita,* 172, 174, 189; e Escrituras Semíticas, 150n
Vedantistas, 62, 67n
Vespasiano, 140n, 213
Vianney, Jean-Baptiste Marie. *Veja* Curé d'Ars

Vicente de Lérins, 206
virtude, 84n, 97, 171; distinta do legalismo, 85n; como beleza da alma, 179; de humildade, 46, 199; e inteligência, 49; e piedade, 85; e santidade, 86 virtudes, 77, 169, 185;
compreendida por amor de Deus, 48; teológico, 24; como condições da oração, 27, 183
Vishnu, 193, 214, 218
Vishnuísmo, 152n, 173, 214, 218; Ramanujan, 151, 175
viveka, 175
walî, 34
água: simbolismo de, 116n, 158, 181; e Tales, 68n
caminho (espiritual, místico, esotérico), 42n, 45, 84, 169, 170, 180; Cristão distinto de outros caminhos, 15, 18-19, 23
vontade: de Cristo, 87; de Deus, 16, 34, 41, 75, 89, 119, 133, 134, 176, 183; do homem, 49, 51, 63, 72, 142, 177
vontades: divina e humana em Cristo, 32- 33, 145
sabedoria, 37, 49, 51, 66, 109, 150; Bem-aventurada Virgem como, 124n, 138-39, 143; dimensões, estações de, 141-42; Grego ou Hindu, 105; Platônico, 49, 75n; pré-socrático, Jônico, 68; assento, trono de, 137-43; segundo a carne, 63, 108; em trindade com Poder, Amor, 37; de Cristo contrastado com o mundo, 75n; do Pai, 39, 120; da Grécia, 72; dos santos, 150n; das serpentes, 49; de Salomão, 138n, 141; e o Nome divino, 185; e santidade, 39n, 41 mulheres; e budismo, 78n obras, 83; e fé, 20, 21n, 39n, 76, 82
Javé, 31, 213
Yama, 210
yin-yang, 36
iogue, 32
Zeus, 201
Zoroastro, 211
Zoroastrismo, 190
Zosimus, 218
Zwingli, Ulrich, 85, 204

Machine Translated by Google

NOTAS BIOGRÁFICAS

FRITHJOF SCHUON

Nascido em Basileia, Suíça, em 1907, Frithjof Schuon foi o porta-voz mais proeminente do século XX da escola perenialista. pensamento religioso comparado.

O tema central da obra de Schuon foi prenunciado em um encontro.

durante sua juventude com um marabu que o acompanhou alguns membros de sua aldeia senegalesa para Basileia com o propósito de demonstrando sua cultura africana. Quando Schuon conversou com ele, o venerável ancião desenhou um círculo com raios no chão e explicou: “Deus é o centro; todos os caminhos levam a Ele.” Até sua última aparição. Durante anos, Schuon viajou muito, da Índia e do Oriente Médio para América, vivenciando culturas tradicionais e estabelecendo laços para a vida toda. amizades com hindus, budistas, cristãos, muçulmanos e americanos. Líderes espirituais indianos.

Um filósofo na tradição de Platão, Shankara e Eckhart, Schuon era um artista e poeta talentoso, além de autor de mais de 100 obras. vinte livros sobre religião, metafísica, arte sacra e espiritualidade caminho. Descrevendo seu primeiro livro, *A Unidade Transcendente das Religiões,* T. S. Eliot escreveu: "Não encontrei trabalho mais impressionante no estudo comparativo das religiões oriental e ocidental", e o renomado estudioso de religião Huston Smith disse sobre Schuon que “O homem é uma maravilha viva; intelectualmente pertinente à religião, igualmente Em profundidade e amplitude, o paradigma do nosso tempo”. Os livros de Schuon Foram traduzidas para mais de uma dúzia de idiomas e são respeitadas. por autoridades acadêmicas e religiosas.

Mais do que um acadêmico e escritor, Schuon foi um guia espiritual para Buscadores de diversas religiões e origens de todo o mundo. Ele faleceu em 1998.

Machine Translated by Google

JAMES S. CUTSINGER (PhD, Harvard) é professor de Teologia e Pensamento Religioso na Universidade da Carolina do Sul e secretário da Fundação para Estudos Tradicionais.

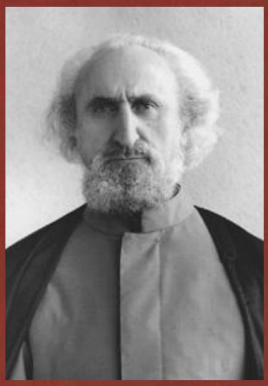
Escritor amplamente reconhecido sobre a *Sophia Perennis* e a escola perenialista, o Professor Cutsinger é cristão ortodoxo e uma autoridade em teologia e espiritualidade do Oriente cristão. Suas publicações incluem " *Conselhos ao Buscador Sério: Meditações sobre os Ensinamentos de Frithjof Schuon", " Reivindicando a Grande Tradição: Evangélicos, Católicos e Ortodoxos em Diálogo", " Não Deste Mundo: Um Tesouro do Misticismo Cristão"* e *"Caminhos para o Coração: Sufismo e o Oriente Cristão".*

A Plenitude de Deus é o primeiro volume de uma série de novas antologias compiladas a partir de escritos publicados e inéditos de Schuon, com introdução e anotações do Professor Cutsinger.

ANTOINE FAIVRE é Professor Emérito de Estudos Religiosos na École Pratique des Hautes Études e Cátedra de História das Correntes Esotéricas na Europa Moderna e Contemporânea (Sorbonne). Os livros do Professor Faivre em inglês incluem *Access to Western Esotericism, The Golden Fleece and Alchemy, The Eternal Hermes* e *Theosophy, Imagination, Tradition;* ele é editor (com Jacob Needleman) de *Modern Esoteric Spirituality.*

Machine Translated by Google

Religião/ Cristianismo



"Acho que Schuon tem exatamente a visão correta… Eu o admiro cada vez mais… [e] sou muito grato pela oportunidade de estar em contato com pessoas como ele."

—Thomas Merton (de uma carta a Marco Pallis em *Hidden Ground of Love, de Merton)*

"Frithjof Schuon é amplamente reconhecido como um dos maiores metafísicos do século XX e como o expoente mais sábio e profundo do Tradicionalismo. Este livro, contudo, revela algo bem diferente. Mostra que Schuon, o metafísico, era também um teólogo cristão de excepcional profundidade e compreensão, capaz de penetrar brilhantemente o dogma e o mistério cristãos a partir de dentro. Este não é um livro 'sobre' o cristianismo; é o próprio cristianismo. É uma obra de teologia mística da mais alta qualidade… que continuamente convence o leitor com a verdade viva e a luminosidade de suas percepções."

—Christopher Bamford, autor de *A Voz da Águia: O Coração do Cristianismo Celta*

"Schuon… questiona as certezas fáceis. Ele medita profundamente sobre os grandes mistérios… Ele nos deixa inquietos ao percebermos o quão pouco sabemos sobre os profundos mistérios da fé."

—Reverendo Dr. Graeme Ferguson, ex-diretor do United Theological College, Sydney, Austrália

"Nesses ensaios radiantes, o mestre metafísico de nosso tempo expõe as características distintivas do cristianismo e as relaciona aos princípios imutáveis que compõem a essência de todas as tradições integrais. Em um momento em que a mensagem cristã é mais amplamente incompreendida e distorcida do que nunca, a obra de Schuon convida a um retorno às fontes de uma autêntica espiritualidade cristã. Os leitores encontrarão nesta antologia primorosamente produzida um verdadeiro tesouro de sabedoria cristã, bem como orientação prática no caminho espiritual."

—Harry Oldmeadow, Universidade La Trobe, autor de *Tradicionalismo: A Religião à Luz da Filosofia Perene*

"Uma coisa é certa: se os leitores desejam compreender objetivamente o que é o cristianismo e como redescobrir seu significado mais profundo para amá-lo e vivê-lo, a leitura destes textos de Schuon será uma fonte maravilhosa de renovação e iluminação."

—Jean-Pierre Lafouge, Universidade Marquette

James S. Cutsinger é professor de Teologia e Pensamento Religioso na Universidade da Carolina do Sul.

Sabedoria Mundial

$ 19,95

ISBN 0-941532-58-5

51995>

9 780941 532587